



2024 caderno de resumos

Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo



CAFÉ COM PESQUISA 2024

caderno de resumos

apresentação e edição

Filipe Maciel Paes Barreto
Lara Brisante Fernandes

identidade visual

Ana Paula Cascaes Rodrigues
Filipe Maciel Paes Barreto
Lara Brisante Fernandes
Lauderico Ferreira Bastos Neto
Luís Gustavo Bet

projeto gráfico

Lara Brisante Fernandes

revisão

Guilherme Alves de Souza
Mariana Borges Oliveira

dados e mensurações

Lara Brisante Fernandes

apoio

serviço de pós-graduação

Ana Paula Sampaio Fregona
Flávia Cavalcanti Macambyra
Vilma Del Grossi Coutinho

biblioteca

Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo

seção técnica de informática

Evandro César Bueno
Marcelo Cseh
Paulo Victor Souza Ceneviva

CARDERNO DE RESUMOS DA 19ª edição do Café com Pesquisa | 2024

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP

Prof. Carlos Gilberto Carlotti Junior (Reitor)
Profª. Maria Arminda do Nascimento Arruda (Vice-Reitora)
Prof. Rodrigo do Tocantins Calado de Saloma Rodrigues (Pró-Reitor de Pós-Graduação)
Prof. Adenildo da Silva Simão (Pró-Reitor Adjunto de Pós-Graduação)

INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO - IAU

Prof. João Marcos de Almeida Lopes (Diretor)
Profª. Associada Akemi Ino (Vice-Diretora)
Prof. Tomás Antônio Moreira (Presidente da Comissão de Pós-Graduação)
Profª. Eulalia Portela Negrelos (Vice-presidente da Comissão de Pós-Graduação)
Prof. Paulo César Castral (Presidente da Comissão de Pesquisa e Inovação)
Profª. Kelen Almeida Dornelles (Vice-Presidente da Comissão de Pesquisa e Inovação)
Profª. Simone Helena Tanoue Vizioli (Presidente da Comissão de Cultura e Extensão)
Prof. Luciano Bernardino da Costa (Vice-Presidente da Comissão de Cultura e Extensão)
Prof. Bruno Luís Daminelli (Presidente da Comissão de Graduação)
Prof. Anja Pratschke (Vice-Presidente da Comissão de Graduação)

COMISSÃO ORGANIZADORA CAFÉ COM PESQUISA 2024

Ana Paula Cascaes Rodrigues	Luís Gustavo Bet	Pedro Plácido Teixeira
Filipe Maciel Paes Barreto	Marcos Vinicius da Silva Ferreira	Priscila Laís Blanck
Guilherme Alves de Souza	Mariana Borges Oliveira	Tafate Maria Giovaneis de Oliveira
Lara Brisante Fernandes	Marielle Vieira Felix Rocha	
Lauderico Ferreira Bastos Neto	Patrícia Cereda de Azevedo	

Catálogo na Publicação

Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

C122

Café com pesquisa (19.: 2024 : São Carlos, SP)

Caderno de resumos [recurso eletrônico] : café com pesquisa / apresentação e edição: Filipe Maciel Paes Barreto, Lara Brisante Fernandes -- São Carlos: IAU/USP, 2025.
238 p.

ISBN 978-85-66624-43-4

I. Arquitetura. 2. Urbanismo. 3. Pesquisa. I. Barreto, Filipe Maciel Paes, *ed.* II. Fernandes, Lara Brisante, *ed.* Título.

CDD 711.063

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2: Brianda de Oliveira Ordonho Sigo Iô - CRB - 8/8229

Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - IAU.USP

Avenida Trabalhador São Carlense, nº 400.
Parque Arnold Schmidt, São Carlos - SP. CEP: 13566-590.
(16) 3373-9294
www.iau.usp.br

agradecimentos

A Comissão Organizadora da 19ª edição do Café com Pesquisa agradece a todos e todas que contribuíram com a realização deste evento.

Agradecemos ao **Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU.USP)** pelo apoio, com a disponibilização dos recursos e da infraestrutura para a realização do evento e pelo incentivo à realização do Café. Agradecemos ao professor **Tomás Antônio Moreira** e à professora **Eulália Portela Negrelos**, presidente e vice-presidente da Comissão de Pós-Graduação.

Por todo o cuidado, dedicação e auxílio com comunicação, realização dos cafés e divulgação, agradecemos à **Ana Paula Sampaio Fregona**, à **Flávia Cavalcanti Macambyra** e à **Vilma Del Grossi Coutinho**, responsáveis pela Secretária de Pós-Graduação.

Pelo suporte técnico, agradecemos ao **Evandro César Bueno**, ao **Marcelo Cseh** e ao **Paulo Victor Souza Ceneviva**, equipe responsável pela Seção Técnica de Informática do IAU.

Agradecemos ainda à **Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo**, pelo apoio na organização da estrutura de catalogação da publicação deste Caderno de Resumos.

Por fim, agradecemos a todos que participaram deste evento, como pesquisadores e orientadores, confiando em compartilhar suas experiências e pesquisas com a comunidade do IAU, e também àqueles que participaram como ouvintes e contribuíram para as discussões e diálogos proporcionados durante as sessões.

Muito obrigada!

A Comissão.

SUMÁRIO

o PPG-IAU.USP	9
a Comissão.....	11
o Café com Pesquisa e a 19ª edição	12
o panorama de participantes	14

sessão 1 16

A Flâneuse e a cidade: um levantamento bibliográfico sobre a figura feminina na representação da cidade moderna e contemporânea	17
Cecília Pietra Avelar Diniz Ana Carolina Fróes Ribeiro Lopes	
Estudo das experiências nos espaços públicos de conjuntos habitacionais: o caso do Conjunto Habitacional João Domingos Netto em Presidente Prudente/SP	21
João Pedro Pereira Thamine de Almeida Ayoub Ayoub	
As fachadas ecléticas das moradias de São Carlos	26
Gisely Dramis Quirino Simone Helena Tanoue Vizioli	
Documentação digital de patrimônio arquitetônico: HBIM em diferentes contextos históricos	31
Tafate Maria Giovaneis de Oliveira Márcio Minto Fabricio	

sessão 2 36

A produção de apartamentos modernistas no Rio de Janeiro, 1930-1964	37
Priscila Junqueira de Souza Felipe Anitelli	
Os Escritórios Populares e Negócios Impacto: a nova modalidade de atuação na moradia popular	42
Tatiane Boisa Garcia Lucia Zanin Shimbo	
Uma história da habitação social no sul do Brasil – Santa Catarina	47
Aline Vicente Cavanus Tomas Antonio Moreira	
De Sevilha à Paulista: dois concursos e os caminhos da produção contemporânea da arquitetura brasileira	52
Tatiani Amadeu de Freitas Francisco Sales Trajano Filho	

sessão 3**57**

- Projeto Highrise, Urbano Vertical, narrativas digitais em São Paulo e Lyon** 58
Ligia Maria Campos Juliano, Julia Kanomata Bones, Pedro Falha Saraiva
Manoel Rodrigues Alves, Camila Ferreira Guimarães
- Espaço Público e Patrimônio, Narrativas Cartográficas** 63
Ana Iacope, Julia Delfino Costa Maia, Luísa Bagatim Rodrigues Nunes
Manoel Rodrigues Alves, Camila Ferreira Guimarães
- Costuras do (In)visível: memórias e territorialidades negras no distrito de Santa Eudóxia** 68
Gerlânia Bezerra da Costa
Joana D'Arc de Oliveira
- Caminhando por paisagens em Juiz de Fora: o bairro de Santa Terezinha** 73
Carolina Cardi Pifano de Paula
Luciano Bernardino da Costa
- Parque do Ingá: o imaginário instituído** 78
Amanda Cari Fahur
Luciano Bernardino da Costa
- As "Máquinas de Ver" de Jaider Esbell** 82
Mariana Abramo Fugagnolli
Ruy Sardinha Lopes
- De Moema à Duhigó: As experiências de visibilidade do MASP sobre o corpo indígena de 2013 a 2023** 87
Camila R. Delano de Castro
Ruy Sardinha Lopes

sessão 4**92**

- Modelagem da Informação da Construção de formas complexas. Edifício de estudo de caso: Hospital Universitário da UFSCar** 93
Giulia Maria Gomes Jardim de Lima
Marcio Minto Fabricio
- Efemeridade e auto-organização: design paramétrico na concepção de equipamentos públicos temporários** 97
Caio Muniz Nunes
Marcelo Claudio Tramontano
- Protocolo de documentação e mapeamento 3D do patrimônio eclético de São Carlos** 103
Maíra Vicentini Pieri
Simone Helena Tanoue Vizioli
- Patrimônio Cultural e Investimento Simbólico** 108
João Gonçalves Neto
Paulo César Castral
- Educação patrimonial em São Carlos-SP: identificando referências culturais na universidade e na escola** 113
André Frota Contreras Faraco
Simone Helena Tanoue Vizioli
- Imerscionismo em Williamsburg: produção estética diluída na produção do espaço** 118
Ana Paula Guaratini
Ruy Sardinha Lopes
- Megaestrutura à prova de futuro** 122
Danilo Cazentini Medeiros
Anja Pratschke
- Indícios e vestígios da Arquitetura Desconstrutivista no Brasil** 127
Guilherme Gasques Rodrigues
Paulo Yassuhide Fujioka

sessão 5 **132**

Lina Bo Bardi e o ofício do ensino	133
Maria Alice Messias Aline Coelho Sanches	
Sérgio Ferro e os Estudos de Produção: propostas pedagógicas para uma nova arquitetura	138
Lara Melotti Tonsig João Marcos de Almeida Lopes	
Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin da Universidade de São Paulo - Estudo Analítico do Projeto de Arquitetura e Construção	142
Mariana de Oliveira Pereira Paulo Yassuhide Fujioka	
Entregadores de mercadoria, plataformas digitais e espoliação urbana: novas relações territoriais de trabalho em SP	147
Bruno Sangali Cibele Saliba Rizek	
Avanços tecnológicos na construção civil: sistemas construtivos adotados por grandes empresas construtoras e situação do emprego formal no setor	152
Giovana Grandim de Almeida Lucia Zanin Shimbo	
Trajetórias de vida: transformações nas condições de trabalho e na experiência urbana dos trabalhadores de plataformas local based	157
Yuri Ramos Martins Cibele Saliba Rizek	
Tecelagem no Triângulo Mineiro e Resistência: suas interlocuções com a Arte, o Design e a Arquitetura	162
Ariel Luís Romani Lazzarin Carlos Alberto Ferreira Martins	

sessão 6 **167**

Uma aventura na cidade - Volume 2 da Cartilha da Cidade	168
Brenda de Castro França, Gabriela Correia Silva, Sabrina Helena de Freitas Miguel Antonio Buzzar	
Centro Aberto: As Estratégias Públicas de Requalificação da Área Central de São Paulo	173
Priscila Soares Batista Manoel Rodrigues Alves	
Certificação ambiental de edifícios no Brasil: LEED® e suas relações com os portfólios de Fundos de Investimento Imobiliário	178
Isabela Martins Fernandes Lucia Zanin Shimbo	
As contradições na industrialização da construção e a pré-fabricação leve como alternativas para as cidades de pequeno porte	183
Renan Duarte Specian João Marcos de Almeida Lopes	
Estranha convivência: assentamentos de reforma agrária e parques eólicos	188
Jéssica Bittencourt Bezerra João Marcos de Almeida Lopes	

sessão 7 **193**

Necessidades habitacionais e lançamentos residenciais em cidades médias do interior paulista	194
Letícia Kiatake Creppe Lucia Zanin Shimbo, Everaldo Santos Melazzo	

Arquitetura contemporânea em São Paulo: habitação social, espaços de sociabilidade e a produção da cidade	199
Beatriz Varani Eleutério Givaldo Luiz Medeiros	
Análise de projetos de habitação assinados por escritórios de arquitetura: a atuação da Magik JC	204
Daniel Nardini Marques Lucia Zanin Shimbo	
História da Habitação de Interesse Social: Classe, Gênero e Raça	209
Beatrice Volpato Teixeira Aline Coelho Sanches, Joana D’Arc de Oliveira	
Cidade que Educa - Transformando ruas, bairros e pessoas	214
Joana Regina de Lima Ramos, Julia Beatriz Estevan Amanda Saba Ruggiero	
Arquitetura e as Cidades Educadoras	219
Guilherme Alves de Souza Amanda Saba Ruggiero	
A luta pelo direito à cidade nas ocupações por moradia na cidade de São Carlos	224
Alice de Paula Gomes Lúcia Zanin Shimbo	
A Paisagem como Alimento na Cidade Contemporânea: Um Estudo dos Fundos de Vale em Bauru-SP	229
Ryller Chrystian de Andrade Veríssimo Luciana Bongiovanni Martins Schenk	
Cidade e água na Amazônia: urbanização das áreas úmidas em Macapá-AP	234
Ana Paula Cascaes Rodrigues Jeferson Cristiano Tavares	

O PPG-IAU.USP

O Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo (PPGAU-IAU) tem um percurso e potencialidades bastante particulares, que se manifestam em sua contribuição decisiva para o aprofundamento da pesquisa, do ensino, da formação e da capacitação tanto no campo da teoria e história da arquitetura e do urbanismo quanto no campo das relações entre tecnologia, arquitetura e urbanismo.

Atualmente, o Programa é dividido em duas grandes áreas de pesquisa, que abrangem seis linhas de pesquisa apresentadas abaixo:

Área: Arquitetura, Urbanismo e Tecnologia

1. Desenvolvimento e Avaliação de Produtos, Sistemas e Processos

Esta linha de pesquisa tem como um de seus objetivos o desenvolvimento de materiais e compósitos ecológicos (tais como bambu, terra, madeira, concretos e argamassas especiais contendo aditivos e adições, entre outros). Busca também a análise do desempenho de produtos, sistemas e processos construtivos, bem como do desenvolvimento de novos métodos para avaliação técnica e da satisfação dos usuários em relação aos edifícios e sistemas construtivos.

DOCENTES:

Prof^a. Akemi Ino

Prof^a. Anja Pratschke

Prof. Bruno Luís Damineli

Prof. Javier Mazariegos Pablos

Prof. João Marcos de Almeida Lopes

Prof^a. Kelen Almeida Dornelles

Prof. Marcio Minto Fabricio

2. Projeto, Inovação e Sustentabilidade

Esta linha de pesquisa busca soluções projetuais e metodológicas (projeto e produção do ambiente construído) e estuda novos materiais e sistemas construtivos com características inovadoras para a construção de edifícios e infraestruturas (urbanos e rurais), considerando as questões ambientais de contaminação (emissões ao ar, água e terra) e as questões relacionadas ao conforto ambiental, à eficiência energética e à análise de ciclo de vida. Ainda nessa linha estão as pesquisas voltadas a inovações tecnológicas e gerenciais no processo de projeto e produção, contemplando estudos de gestão e coordenação de projetos, projeto paramétrico, BIM e fabricação digital.

DOCENTES:

Prof^a. Akemi Ino

Prof^a. Anja Pratschke

Prof. Bruno Luís Damineli

Prof. David Moreno Sperling

Prof. Javier Mazariegos Pablos

Prof. João Marcos de Almeida Lopes

Prof^a. Karin Maria Soares Chvatal

Prof^a. Kelen Almeida Dornelles

Prof^a. Lucia Zanin Shimbo

Prof. Marcelo Claudio Tramontano

Prof. Marcio Minto Fabricio

Área: Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo

1. Arquitetura, Cidade e Paisagem no Brasil e na América Latina

Esta linha de pesquisa busca estabelecer as bases conceituais e históricas para compreender os processos e momentos de configuração dos edifícios, cidades, paisagens e territórios, tanto a partir das práticas dos campos disciplinares da arquitetura, do urbanismo, do paisagismo e da planificação quanto dos processos estético-culturais e técnico-construtivos em que estão inseridos e frente aos quais adquirem sentido. Nos campos da história da arquitetura, da paisagem ou da história da cidade e do urbanismo, busca aprofundar a investigação e a produção de conhecimento sobre as culturas técnicas e profissionais, trajetórias profissionais, instituições e seus papéis nos processos de conformação da cultura urbana e das representações da cidade.

DOCENTES:

Prof^a. Aline Coelho Sanches Corato

Prof. Carlos Alberto Ferreira Martins

Prof^a. Eulalia Portela Negrelos

Prof. Francisco Sales Trajano Filho

Prof^a. Luciana Bongiovanni Martins Schenk

Prof. Manoel Rodrigues Alves

Prof. Marcelo Claudio Tramontano

Prof. Miguel Antônio Buzzar

Prof. Paulo Yassuhide Fujioka

Prof^a. Sarah Feldman

2. Territórios e Cidades: Transformações, Permanências, Preservação

Esta linha de pesquisa busca estabelecer bases conceituais para a compreensão da questão urbana e territorial. Nela abrigam-se a pesquisa e a compreensão histórica e contemporânea da cidade, do urbano e seus territórios em seus processos de produção sócio-espacial, técnica, socioeconômica, política e cultural. Nela se desenvolverá a produção analítica e de pesquisa que permita compreender processos de transformação urbana e territorial, assim como permanências e processos de intervenções voltadas para a preservação no âmbito de uma abordagem imersa numa ótica que aproxima a produção conceitual e histórica de cidades e territórios e a produção conceitual e histórica dos enfoques que permitem sua leitura e compreensão.

DOCENTES:

Prof^a. Aline Coelho Sanches Corato

Prof^a. Amanda Saba Ruggiero

Prof^a. Cibele Saliba Rizek

Prof. Jeferson Cristiano Tavares

Prof^a. Luciana Bongiovanni Martins Schenk

Prof. Manoel Rodrigues Alves

Prof. Marcel Fantin

Prof^a. Maria Angela P. de Castro e Silva Bortolucci

Prof. Miguel Antônio Buzzar

Prof^a. Sarah Feldman

Prof. Tomas Antonio Moreira

3. Habitação e Infraestrutura na Cidade e no Território: Produção e Políticas Públicas

Esta linha de pesquisa tem como objetivo pesquisar, historicizar, analisar e problematizar a produção habitacional e da infraestrutura urbana e territorial, bem como investigar sua articulação no contexto das Políticas Públicas e do Planejamento Urbano e Territorial, tendo como pressupostos os processos políticos, sociais, culturais, econômicos e tecnológicos envolvidos e suas implicações na arquitetura e no urbanismo, nos modos de morar e nos processos de transformação da vida nas diferentes escalas da cidade e do território.

DOCENTES:

Prof^a. Akemi Ino

Prof^a. Cibele Saliba Rizek

Prof^a. Eulalia Portela Negrelos

Prof. Jeferson Cristiano Tavares

Prof. João Marcos de Almeida Lopes

Prof^a. Lucia Zanin Shimbo

Prof. Marcel Fantin

Prof. Miguel Antônio Buzzar

Prof. Tomas Antonio Moreira

4. Cidade, Arte e Cultura

Esta linha de pesquisa busca estabelecer bases teóricas e conceituais para compreensão das dimensões culturais da cidade, da arquitetura e do design, problematizadas nas diferentes formas de manifestações artísticas e processos de representação, considerando as dimensões históricas, sociais, técnicas e políticas. Busca também de constituir um campo aberto à experimentação de elementos da linguagem para o desenvolvimento de alternativas práticas de observação dos fenômenos ligados à imagem.

DOCENTES:

Prof^a. Amanda Saba Ruggiero

Prof^a. Anja Pratschke

Prof^a. Cibele Saliba Rizek

Prof. David Moreno Sperling

Prof. Fábio Lopes de Souza Santos

Prof. Francisco Sales Trajano Filho

Prof. Joubert José Lancha

Prof. Luciano Bernardino Costa

Prof. Manoel Rodrigues Alves

Prof. Marcelo Claudio Tramontano

Prof. Paulo César Castral

Prof. Ruy Sardinha Lopes

Prof^a. Simone Helena Tanoue Vizioli

A COMISSÃO

Aqui apresentamos a Comissão Organizadora do 19º Café com pesquisa. Formada por mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do IAU/USP, a comissão foi responsável pela estruturação e realização do evento, avaliação e revisão dos resumos submetidos e pela organização e editoração deste Caderno de Resumos.



Ana Paula Cascaes Rodrigues
mestranda, ingressante em 2023, sob
orientação de Jeferson Tavares, membra do
PexUrb

ARTES



Filipe Maciel Paes Barreto
mestrando, ingressante em 2024, sob
orientação de Marcel Fantin

ARTES



Guilherme Alves de Souza
mestrando, ingressante em 2024, sob
orientação de Amanda Saba Ruggiero, membro
do NEC

BANCAS



Lara Brisante Fernandes
mestranda, ingressante em 2024, sob
orientação de Ruy Sardinha Lopes, membra do
NEC

ARTES



Lauderico Ferreira Bastos Neto
doutorando, ingressante em 2024, sob
orientação de Marcel Fantin

ARTES | BANCAS



Luís Gustavo Bet
doutorando, ingressante em 2024, sob
orientação de Marcel Fantin

ARTES



Marcos Vinicius da Silva Ferreira
doutorando, ingressante em 2024, sob
orientação de Marcel Fantin

SECRETARIA



Mariana Borges Oliveira
doutoranda, ingressante em 2024, sob
orientação de Márcio Minto Fabricio, membra
do Arquitec

SECRETARIA



Marielle Vieira Felix Rocha
doutoranda, ingressante em 2024, sob
orientação de Bruno Damineli, membra do
Habis

BANCAS



Patrícia Cereda de Azevedo
doutoranda, ingressante em 2024, sob
orientação de Luciana Schenk

SECRETARIA



Pedro Plácido Teixeira
doutorando, ingressante em 2023, sob
orientação de Marcelo Tramontano, membro do
Nomads.usp

REDES



Priscila Laís Blanck
doutoranda, ingressante em 2024, sob
orientação de Manoel Antonio Lopes Rodrigues
Alves, membra do LEAUC

SECRETARIA | REDES



Tafate Maria Giovaneis de Oliveira
mestranda, ingressante em 2024, sob
orientação de Márcio Minto Fabricio, membra
do Arquitec

SECRETARIA

O CAFÉ COM PESQUISA

O Café com Pesquisa, carinhosamente chamado apenas de “Café”, é um evento organizado desde 2005 por mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU.USP). O Café tem como objetivo a divulgação de pesquisas desenvolvidas, principalmente dentro do IAU, além de proporcionar a interação, o diálogo e o debate entre seus participantes, possibilitando um maior contato entre o corpo discente do Instituto e os trabalhos de seus colegas.

A apresentação dos trabalhos acontece em sessões abertas ao público, organizadas em momentos expositivos e momentos de discussão coletiva, buscando enriquecer os trabalhos e processos de pesquisa a partir do diálogo. Na edição de 2024, foram realizadas sete sessões, com 46 participantes apresentando trabalhos em diversos níveis, incluindo Graduação (com pesquisas de Iniciação Científica e projetos de Cultura e Extensão) e Pós-Graduação (com pesquisas de Mestrado e Doutorado). Além de aproximar pesquisadores de diferentes níveis, a participação de alunos tanto da Graduação quanto da Pós-Graduação aumenta a difusão de diversas pesquisas realizadas no Instituto. Ainda, essa integração estimula a continuidade de projetos iniciados na Graduação e incentiva o ingresso na carreira acadêmica para diversos participantes.

O presente Caderno de Resumos contém os resumos expandidos das pesquisas apresentadas ao longo deste ano no Café com Pesquisa.

a linguagem visual

A identidade visual da 19ª edição do Café com Pesquisa foi desenvolvida de forma coletiva pelo grupo de trabalho de Artes do Café. Todo o processo se deu através de uma série de reuniões de “chuva de ideias” para criar o conceito desenvolvido. Por meio dessas conversas internas, refinou-se a proposta escolhida para caracterizar o Café com Pesquisa em 2024.

A intenção da identidade visual deste ano foi fazer menção direta à planta *Coffea arábica*, como uma forma de trazer à memória a origem dessa bebida tão apreciada pelos brasileiros e que nomeia o nosso evento.

O desenho que compõe a marca principal foi fortemente inspirado nos “*kamon*” (brasões das famílias japonesas), com geometria muito marcada no contraste de linhas espessas e com forte simetria, quebrada apenas pela coloração das folhas e frutos, que emprestam dinamismo à forma mais estática. Estão representados, em uma síntese pictórica, vários elementos que compõem a espécie vegetal como as folhas, a flor e os frutos do café.

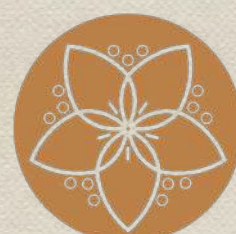


Para reforçar o conceito, foi desenhado também um logotipo que compõe com o emblema principal. A *Coffea arábica* carrega no nome sua origem territorial; por esse motivo, a parte escrita “café” faz referência ao alfabeto arábico, com uma tipografia que se estende horizontalmente com curvas e retas que lembram a forma de escrita do sistema abjad (sistema silábico, grafado da direita para a esquerda). Além disso, há uma sutileza presente no acento agudo “´” de “café”: ele é composto a partir de dois pontos com formato de losango, forma de acentuação da língua árabe que modifica a pronúncia das sílabas.

Para a escolha das cores e forma de aplicação da marca, optou-se por trazer a história do desenvolvimento de um grão de café como uma analogia ao desenvolvimento do próprio ano letivo que se seguiria, com pesquisas e pesquisadores que viriam a passar por diversas etapas ao longo do ano: dos tons de verde que representam o broto que nasce da semente na terra, o caule e folhas que vão se tornando mais escuras, o fruto que toma o lugar da flor e vai amadurecendo, mudando seus tons de vermelho até ser colhido, cuja semente, que possui um tom “cru”, passa a ser torrada, variando entre tons de marrom. Finalmente, o grão torrado é moído e infundido, criando assim a tão apreciada bebida: o café, de cor preta.

Outros elementos também entraram na identidade final: texturas de fundo que brincam com os elementos da planta separados – a folha, a flor e o fruto – mas também composições geométricas espelhando, invertendo e girando a porção tipográfica da marca, que gera módulos inter cruzados criando interessantes arabescos a sublinhar ainda mais o conceito adotado.

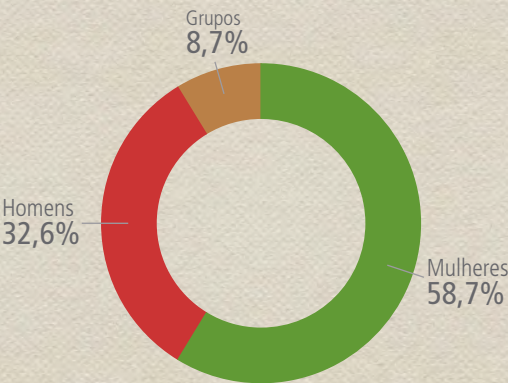
Esperamos que tenha sido um ano de grande desenvolvimento, não só pessoal de cada participante, mas também acadêmico para a própria instituição e para a produção científica pública ali gerada. Tal qual uma semente nasce, cresce, se desenvolve e gera belos frutos que animam e dão nova energia e esperança para a sociedade!



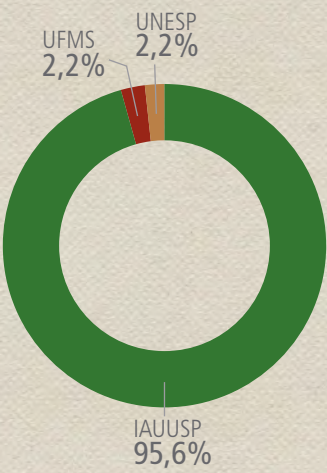
panorama da edição

Abaixo, apresentamos um panorama geral desta edição do Café com Pesquisa. A partir dos gráficos, podemos observar algumas estatísticas da edição, como o gênero dos expositores, seus níveis acadêmicos, instituições de origem, áreas de concentração, linhas e grupos de pesquisa e o estágio das pesquisas. Os dados foram informados no momento da inscrição e os gráficos foram elaborados posteriormente pela Comissão.

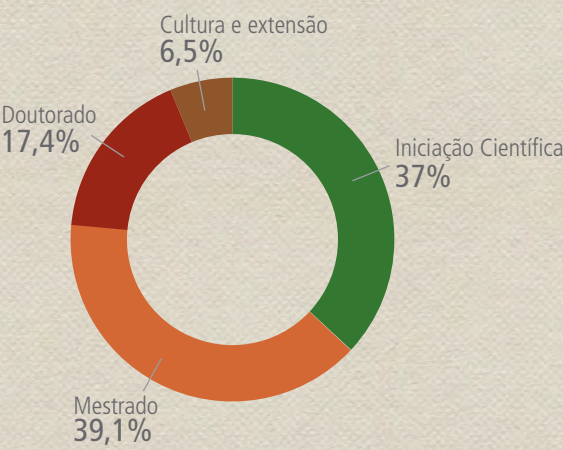
gênero dos expositores



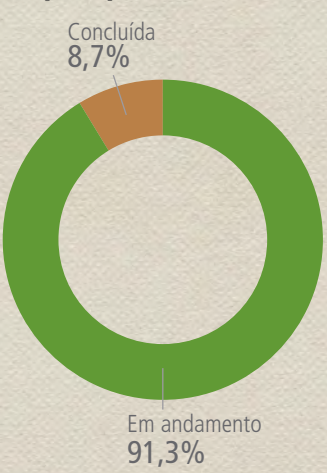
vínculo institucional



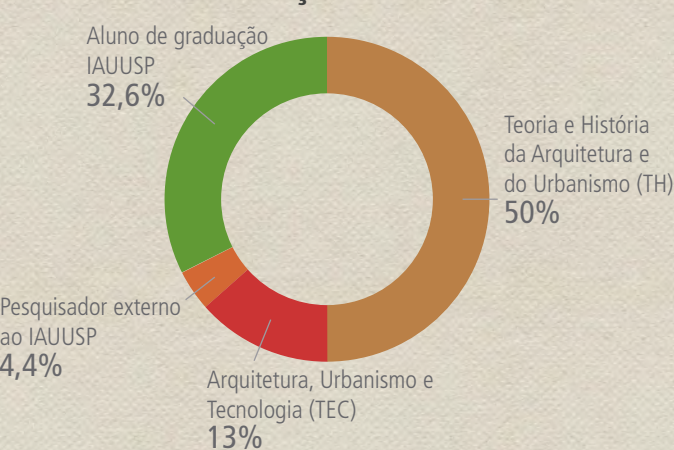
nível acadêmico



estágio de pesquisa



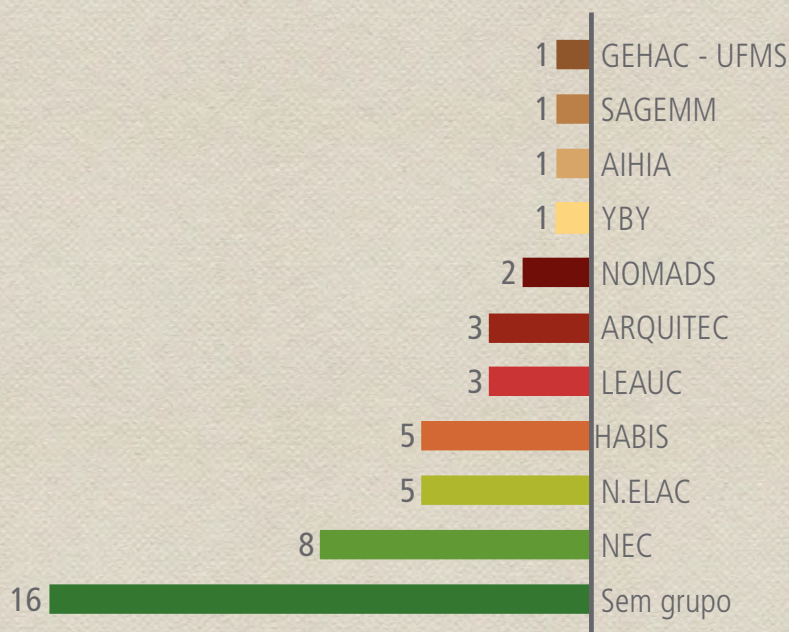
área de concentração



linha de pesquisa



grupo de pesquisa



AIHIA - Ateliê de Investigação em História da Arquitetura

ARQUITEC - Arquitetura, Inovação e Tecnologia

GEHAC.UFMS - Grupo de Estudos sobre Habitação Coletiva (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

HABIS - Grupo de Pesquisa em Habitação e Sustentabilidade

LEAUC - Laboratório de Estudos do Ambiente Urbano Contemporâneo

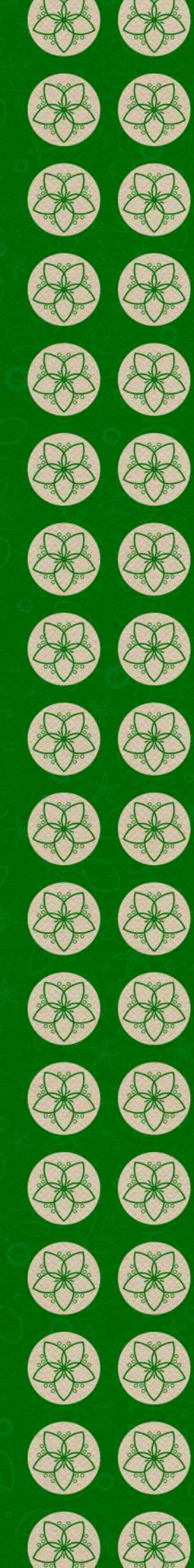
NEC - Núcleo de Estudos das Espacialidades Contemporâneas

N.ELAC - Núcleo de Pesquisa em Estudos de Linguagem em Arquitetura e Cidade

NOMADS - Núcleo de Estudos de Habitares Interativos

SAGEMM - Social Activities, Gender, Markets And Mobilities from Below (Latin America)

YBY - Grupo de Estudos Fundiários, Políticas Urbanas, Produção do Espaço e da Paisagem



SESSÃO 1

29 mai 2024

A FLÂNEUSE E A CIDADE: UM LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE A FIGURA FEMININA NA REPRESENTAÇÃO DA CIDADE MODERNA E CONTEMPORÂNEA

The Flâneuse and the City: A Bibliographic Survey on the Female Figure in the Representation of the Modern and Contemporary City

La Flâneuse y la Ciudad: Un Relevamiento Bibliográfico sobre la Figura Femenina en la Representación de la Ciudad Moderna y Contemporánea

Palavras-chave: Flâneuse; Feminismo; A Culher e a Cidade; Cidade Feminista;

Cecília Pietra Avelar Diniz

Estudante de graduação em Arquitetura e Urbanismo do IAU.USP

E-mail: cissapietra@usp.br

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3588089466861732>

Ana Carolina Fróes Ribeiro

Doutora em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP

Professora Doutora no IAU.USP

E-mail: anacfribeiro@sc.usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3898585119672099>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8094-1120>

1. INTRODUÇÃO

Este projeto de iniciação científica surgiu do interesse em estudar a figura feminina na representação da cidade moderna e contemporânea por meio da figura da flâneuse, versão feminina do flâneur.

O flâneur, popularizado por Charles Baudelaire em "O Pintor da Vida Moderna" (1863), é retratado como um andarilho urbano que, livre das pressões do cotidiano, explora os labirintos da cidade de forma anônima. Baudelaire não só descreve o flâneur como alguém que encontra prazer nos passeios de forma física, mas atribui ao personagem e suas caminhadas um caráter filosófico, observando a vida urbana à sua própria maneira.

"A multidão é seu universo, como o ar é o dos pássaros, como a água, o dos peixes. Sua paixão e profissão é desposar a multidão. Para o perfeito flâneur, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. [...] O observador é um príncipe que frui por toda parte do fato de estar incógnito." (Baudelaire, 1995, p. 857)

Walter Benjamin, mais tarde, apropria-se da figura do flâneur em sua obra "Passagens" (1892), para discutir questões políticas, o retratando como alguém que renuncia o mundo do trabalho e adota uma vida de lazer, desafiando as normas da sociedade capitalista.

Esta representação do flâneur como símbolo da modernidade faz dele uma figura importante nos estudos sobre a cidade, não só na Europa, mas em todo o mundo. Surge então, um interesse crescente pelo tema no meio acadêmico e literário, porém, com o protagonismo da visão masculina na construção dessas representações da modernidade. Nesse contexto, Janet Wolff, pesquisadora britânica, argumenta que a "separação de esferas" da cidade moderna limitou a visibilidade das mulheres na cidade e as confinou a espaços privados, enquanto os homens dominavam o espaço público.

"Primeiro, as instituições eram dirigidas por homens, para homens [...] e eram dominadas por homens em sua operação e estrutura hierárquica. Em segundo lugar, o desenvolvimento da fábrica e da burocracia coincide com esse processo [...] de 'separação de esferas' e a crescente restrição das mulheres à esfera privada do lar e do subúrbio. [...] A esfera pública [...] era um domínio masculino." (Wolff, 1985, p. 34 e 35)

Além disso, a memória das mulheres no espaço urbano foi amplamente apagada, resultando em uma narrativa histórica que marginaliza suas experiências. Michelle Perrot, historiadora brasileira, destaca na edição de 1989 da Revista Brasileira de História como os arquivos históricos, muitas vezes escritos por homens e focados em homens, silenciaram as vozes e as memórias femininas, principalmente aquelas presentes no espaço público.

Na literatura, o ato de flunar aparece como um ato prazeroso e de liberdade, além de político. Virginia Woolf (1882-1941) surge como uma flâneuse que se aventurava pelas ruas de Londres entre 1920 e 1930. Suas experiências como flâneuse aparecem em suas produções literárias, como em "Os Anos", "Street Haunting", "Mrs. Dalloway" e "Cenas

Londrinás”. Suas pautas feministas incluíam questionar os modos diversos com que os homens e as mulheres eram autorizados a usar o espaço (Elkin, 2022, p. 108).

“Para Woolf, poder andar sozinha pela cidade era, até então, um tipo inconcebível de liberdade; embora a mudança tenha ajudado a convertê-la em escritora profissional, eram suas caminhadas que lhe davam assunto para escrever. As ruas lhe davam tudo que precisava. Enquanto andava pela cidade, reescrevia mentalmente as cenas; a vida que via em torno de si parecia “um imenso bloco opaco de material que eu ia transpor para seu equivalente de linguagem.”” (Elkin, 2022, p. 96)

O desenvolvimento do projeto permite uma maior proximidade com a temática da flânerie e com as experiências urbanas modernas e contemporâneas sob uma perspectiva de gênero, a fim de compreender melhor as dinâmicas sociais e as experiências intrinsecamente femininas na cidade.

2. OBJETIVOS

Os objetivos gerais da pesquisa são analisar a presença da figura feminina na representação da cidade moderna e contemporânea através da flâneuse, por meio do levantamento bibliográfico e da sistematização de referências literárias que abordam os temas da flâneuse e da relação entre a mulher e a cidade.

Os objetivos específicos, por sua vez, incluem o desenvolvimento de um mapa conceitual para facilitar a compreensão das relações estabelecidas entre a figura da flâneuse e outros temas, a elaboração de um quadro das principais referências bibliográficas, considerando suas filiações teóricas, abordagens específicas e contextos históricos particulares, e a realização de um balanço crítico das principais referências levantadas.

3. METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa baseou-se em um processo de leituras e fichamentos, que foram sistematicamente organizados em uma tabela com critérios previamente estabelecidos, incluindo título, autoria, tipo de referência bibliográfica, ano de publicação, eixo temático e palavras-chave. Esse processo permitiu uma categorização das fontes, facilitando a identificação e o acesso às informações mais relevantes.

As leituras realizadas desempenharam um papel fundamental não apenas na ampliação das referências bibliográficas, mas também no aprofundamento e no refinamento de conceitos e noções correlatas ao tema. Esse processo orientou o desenvolvimento da pesquisa, permitindo a descoberta de novos títulos que dialogam com diversas áreas do conhecimento, transitando entre obras literárias e filosóficas, além de estabelecer conexões importantes com os campos da história, antropologia e geografia urbana.

4. RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades acadêmicas e de pesquisa desenvolvidas ao longo do período seguiram o cronograma previsto, com foco em leituras, busca por novas fontes, fichamentos e a sistematização de uma tabela de referências. As leituras, acompanhadas de fichamentos, permitiram uma melhor compreensão dos textos analisados, e as reuniões semanais com a professora orientadora foram de importância para avaliar os resultados e identificar novas fontes. Além disso, foi elaborado um mapa conceitual para organizar os principais eixos temáticos do projeto. A participação no 19º Café com Pesquisa do Instituto de Arquitetura e Urbanismo - USP foi um marco importante, contribuindo para a ampliação do projeto e o compartilhamento de ideias.

O projeto terá continuidade, e como parte do aprofundamento do processo de pesquisa, será desenvolvido um recorte geográfico e cronológico para o projeto. Este recorte abordará um levantamento bibliográfico acerca da figura da flâneuse e da relação entre a mulher e a cidade em São Paulo, nas décadas de 1920 e 1930. Ao se concentrar nesse período e cidade específicos, a pesquisa buscará analisar como as mulheres vivenciaram o espaço urbano e quais foram as transformações sociais e culturais que influenciaram suas interações com a cidade, levando em consideração um contexto histórico brasileiro.

REFERÊNCIAS

- BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**: o pintor da vida moderna. Organizador: Teixeira Coelho. 6. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2007.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- BRANDELLERO, Sara. **A flâneuse na literatura brasileira**: espaços e temporalidades contestados. Brasília, 2020.
- BRESCIANI, Maria Stella. Apresentação. **Revista Brasileira de História**. Nº 18. A mulher e o espaço público. Agosto de 1989.
- ELKIN, Lauren. **Flâneuse**: Mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres. São Paulo: Fósforo Editora, 2022.
- KERN, Leslie. **Cidade feminista**: A luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.
- PERROT, Michelle. **Práticas da memória feminina**. Nº 18. A mulher e o espaço público. Agosto de 1989.
- WOFF, Janet. **The Invisible Flâneuse**: Women and the Literature of Modernity. Princeton University Press, 1989.
- WOOLF, Vingínia. **Street haunting**: A London adventure. In *Selected Essays* (pp. 177–187). Oxford, UK: Oxford University Press. (Original work published 1927), 2009.

ESTUDO DAS EXPERIÊNCIAS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE CONJUNTOS HABITACIONAIS: O CASO DO CONJUNTO HABITACIONAL JOÃO DOMINGOS NETTO EM PRESIDENTE PRUDENTE\ SP

Study of experiences in public spaces of housing complexes: the case of the João Domingos Netto Housing Complex in Presidente Prudente-SP

Estudio de experiencias en espacios públicos de conjuntos habitacionales: la Caso del Conjunto Habitacional João Domingos Netto en Presidente Prudente-SP

Palavras-chave: Conjuntos habitacionais; experiências; cartografias.

João Pedro Pereira

Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela FCT UNESP
E-mail: joao.p.pereira@unesp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1066105103057524>
Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-4464-3484>

Thamine de Almeida Ayoub Ayoub

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP
Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo na FCT UNESP
E-mail: thamine.ayoub@unesp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3001474152059313>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3036-7589>

1. INTRODUÇÃO

Historicamente, os espaços públicos dos conjuntos habitacionais brasileiros são renegados nos procedimentos projetuais dos loteamentos, caracterizando-se como espaços residuais (Ayoub, 2014). Os espaços públicos são concebidos sem que seja levada em consideração a dimensão social inerente a eles. Especialmente os espaços de lazer e os equipamentos públicos podem dar suporte às relações sociais entre os moradores e abrigar diferentes atividades de sociabilidade e recreação da comunidade, estimulando a apropriação coletiva e individual dos moradores, produzindo experiências físicas, psicológicas e sensoriais, e fortalecendo o sentimento de pertencimento e territorialidade.

Porém, com um desenho urbano que muitas vezes deriva de fragmentos da malha urbana com a falta de um projeto urbanístico adequado e a negligência na manutenção por parte do poder público, e outros processos sociais, esses espaços podem ser subutilizados, tornando-se pouco convidativos e não promovendo a apropriação (Gomes; Martin, 2017).

2. OBJETIVO

Diante do contexto desenvolvido acima, este trabalho se propõe a realizar um primeiro recorte sobre as dinâmicas que envolvem as relações corporais e afetivas com as praças do Conjunto Habitacional João Domingos Netto, realizando, a partir do estudo do comportamento ambiental, o registro do levantamento das manifestações de personalização e rastros de apropriação e de questões subjetivas do ambiente.

3. METODOLOGIA

Adota-se o Estudo de Caso como método para a pesquisa, tendo em vista que se pretende analisar o fenômeno das relações de uso e apropriação de moradores nos espaços livres públicos de lazer do bairro onde residem em um contexto concreto e contemporâneo/atual e real. “[...] o estudo de caso consiste em uma estratégia interessante quando as características do contexto podem ser ‘altamente pertinentes ao seu fenômeno de estudo’” (Yin, 2001, p.32).

Como ferramenta metodológica do estudo de caso, foram realizados trabalhos de campo estruturados em três eixos: o primeiro baseado na estrutura físico-espacial, o segundo na experiência, e o terceiro ligado aos estímulos sensoriais. O eixo físico-espacial foi concebido com base no conceito de espaços saudáveis proposto por Whyte (1980). A partir dele, foi possível identificar os elementos que compõem a morfologia e os componentes das praças. O eixo da experiência baseou-se em dois conceitos: o primeiro é o comportamento ambiental, também fundamentado em Whyte (1980), e o segundo é o conceito de territorialidade proposto por Gifford (1996). Este eixo volta-se para um levantamento do

sensível, identificando os rastros e expressões corporais, bem como as formas de apropriação do espaço.

O levantamento dos estímulos sensoriais surge da necessidade de registrar aspectos subjetivos, processos que podem ser vistos, mas também sentidos através de outros sentidos, como olfato, audição, tato e paladar. A percepção das pessoas tem grande relevância para o estudo do comportamento ambiental, pois esses estímulos influenciam diretamente a forma de apropriação e a experiência no espaço. Portanto, buscamos registrar os estímulos sensoriais vivenciados nas praças (visuais, sonoros, olfativos, gustativos e táteis), bem como os transbordamentos que vêm do entorno, como o som das pessoas trabalhando em casa, a água saindo de uma mangueira em um lote ou o cheiro que vem da panela de pressão.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Fenomenologia do lugar

Tuan (1977) define "lugar" como as percepções humanas dos espaços vivenciados, moldadas pelas experiências individuais. Vivenciar ativamente e passivamente esses lugares é essencial, pois são construídos a partir da experiência física, mental, sensorial e psicológica no espaço vivido. Um espaço livre público ativo deve estabelecer uma relação significativa na vida das pessoas, oferecendo experiências sensoriais que influenciam diretamente o comportamento no lugar (Tuan, 1977). Podemos considerar que as sensações influenciam diretamente o comportamento das pessoas no lugar, podendo atrair ou repelir o uso do espaço.

Jacques (2008) concebe o corpo como uma cartografia das experiências urbanas, sintetizando as interações corporais com o lugar, denominando este processo como corpografia. A corpografia, marcada pela temporalidade, pode definir os lugares e refletir nas vivências e comportamentos corporais no ambiente urbano (Jacques, 2018).

4.2 Apropriação, comportamento e territorialidade

Gifford (1996) explora o conceito de "territorialidade" para explicar padrões de comportamento ligados à apropriação e controle de espaços físicos. Para o autor, a territorialidade ainda é o padrão do comportamento e atitudes mantidos por um indivíduo ou grupo, que é baseada na percepção, tentativa\experimentação ou controle real de um espaço físico definível, objeto ou ideia que pode envolver ocupação habitual, densidade, personalização e marcação dele, personalização significa marcar maneiras que indiquem uma identidade.

Britto e Jacques (2017) discutem a apropriação como a interferência no espaço através de diferentes modos de atuação, como formas de reinventar o cotidiano e envolver-se corporeamente com os objetos. A experiência da apropriação redefine as dinâmicas urbanas,

correlacionando-se com a territorialização resultante da apropriação e personalização do espaço.

Whyte (1980) destaca a influência do espaço construído no comportamento humano. Ele propõe que um espaço público de qualidade atende aos critérios de "espaços saudáveis", contribuindo para a felicidade dos moradores e promovendo uma vida cotidiana significativa. Espaços públicos atraentes promovem a interação social e o bem-estar das comunidades, considerando aspectos como exposição solar adequada, presença de vegetação, elementos de água, assentos e possibilidade de alimentação, como indicado por Whyte (1980).

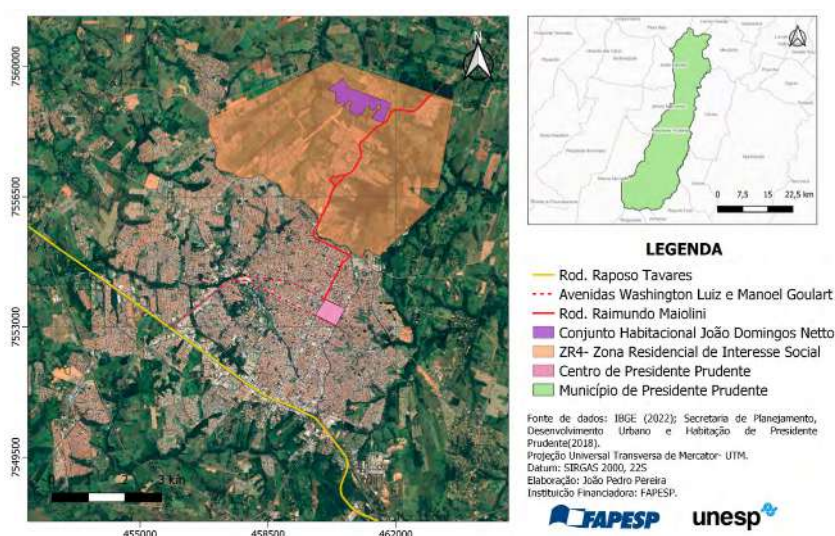
Essas ideias destacam a importância das experiências, percepções e interações humanas no ambiente urbano, influenciando tanto a forma como nos apropriamos dos espaços quanto a maneira como esses espaços moldam nosso comportamento e bem-estar coletivo.

5. CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

O Conjunto Habitacional João Domingos Netto, situado em Presidente Prudente, no sudoeste do estado de São Paulo, é inserido em um município com território de 560,637 km² e uma população de 225.668 habitantes (IBGE cidades, 2022). A partir de 1990, observou-se um padrão de implantação dos grandes conjuntos habitacionais nas áreas periféricas da cidade, especificamente na zona norte, evidenciando traços de segregação socioespacial no município.

O Conjunto Habitacional João Domingos Netto situa-se a 7 km do centro da cidade (Figura 1), próximo à rodovia Raimundo Maiolini, que conecta Presidente Prudente ao distrito de Montalvão. O projeto ocupa uma área de 950.581,63 m² e abriga 2.343 unidades residenciais, com uma população de aproximadamente 10 mil pessoas.

Figura 1: Localização do Conjunto Habitacional João Domingos Netto na malha urbana de Presidente Prudente.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

6. CORRELAÇÕES INICIAIS

A partir de trabalhos de campo realizados até o momento, foi possível realizar um prévio levantamento que indicou uma série de conflitos relacionados aos processos de territorialização das praças do CHJDN. O estudo de comportamento ambiental revelou que as praças apresentam baixa frequência de usos ligados à recreação ou lazer, atividades estas que promovem a permanência dos moradores nos espaços públicos. O uso mais comum das praças é para passagem, sendo que os moradores utilizam as calçadas, áreas pavimentadas como local de passagem, o que revela um padrão de fluxo que utiliza a praça como via intermediária para as ruas principais. Ainda é possível correlacionar aspectos físicos e subjetivos que contribuem para a ausência da permanência das pessoas nas praças. O desenho das praças e sua relação com o entorno e a topografia são elementos importantes que não tornam as praças convidativas à apropriação, assim como a falta de muitos componentes físicos, principalmente a vegetação, considerando as altas temperaturas da cidade, além da falta de manutenção das praças. Os aspectos subjetivos também têm influência; a falta de desenvolvimento sensorial, a baixa relação entre o tempo e as memórias do lugar, contribuem para a baixa frequência de apropriação das praças. Apesar da baixa apropriação ainda é possível observar manifestações e rastros de usos, como as expressões artísticas gravadas nas paredes, mudas de plantas sendo plantadas, personalização de mobiliários, pipas presas nas fiações etc., sendo elementos que nos mostram algum grau de territorialização, evidenciando o conflito que os territórios das praças abrigam, tendo uma influência direta na experiência cotidiana das pessoas nos espaços livres públicos.

REFERÊNCIAS

- AYOUB, T. A. A. **Conjuntos habitacionais e espaços livres**: correlações socioespaciais e orientações projetuais. Dissertação (Mestrado em Metodologia de Projeto) Universidade Estadual de Maringá ; Universidade Estadual de Londrina, Centro de Tecnologia e Urbanismo, Londrina, 2014.
- BRITTO, F. D; JACQUES, P. B. **Corpocidade**: Gestos Urbanos. Salvador: EDUFBA, 2017.
- GIFFORD, R. **Environmental Psychology**. Boston: Allyn & Bacon, 1996.
- GOMES, M. R; MARTIN, E. S. **Degradação das Praças Públicas e os Fatores de Riscos para a População**: Exemplos para a Cidade de Natal/RN. Niteroi: UFF, 2017.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**: Presidente Prudente. IBGE, 2023.
- JACQUES, P. B. Corpografias Urbanas. Arqutextos, **Vitruvius**, 2008. Disponível em: < <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/08.093/165>>. Acesso em: 5 março. 2024.
- TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. 1977. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1983.
- WHYTE, W. **The social life of small urban spaces**. Washington: The Conservation Foundation, 1980.
- YIN, R. K. **Estudo de Caso, planejamento e métodos**. 2.ed. ed. São Paulo: Bookman, 2001.

AS FACHADAS ECLÉTICAS DAS MORADIAS DE SÃO CARLOS

The eclectic facades of são carlos houses

Las fachadas eclécticas de las casas de são carlos

Palavras-chave: Ecletismo; Moradias; Fachadas; São Carlos; Tecnologias digitais 3D

Gisely Dramis Quirino

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo
Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP
E-mail: giselydquirino@usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4916924315479798>
Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-6930-9472>

Simone Helena Tanoue Vizioli

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela FAU.USP
Professora Doutora do IAU.USP
E-mail: simonehtv@usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3326184726476427>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7057-6836>

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa discorre sobre a potencialidade das tecnologias de mapeamento digital 3D, em específico a fotogrametria e o escaneamento a laser, no registro de patrimônio cultural. Para isso, possui como objeto de estudo fachadas ecléticas de moradias populares e de classe média de São Carlos, a partir de um recorte da tese de Bortolucci (1991). No levantamento de Bortolucci (1991), o grupo de moradia popular possui quinze residências e o de classe média quatorze, totalizando em vinte e nove edificações documentadas. Entretanto, foi realizado um levantamento em 2024, para conferir a existência delas, e se constatou que atualmente há apenas quatro moradias da classe popular e nove da classe média construídas. Assim, os objetos de estudos somam treze residências.

Com base em Oliveira (2008), tem-se a documentação do patrimônio cultural como um processo essencial para a preservação da história e imagem do bem. Além de ser uma reserva (parcialmente, pois nada pode substituir por total o objeto em si), a documentação servirá como propagação de ensino sobre seus conceitos históricos e como instrumento para intervenções e conservações futuras.

Com a necessidade de uma documentação completa, os métodos têm evoluído, conforme apresentam Vizioli e Silva (2021). Diante deste desenvolvimento, surgem e são adaptadas ao patrimônio cultural as tecnologias de mapeamento 3D, discorre Erichson, Bauer e Hayes (2013). São meios vantajosos por razão de não necessitar de contato físico com o bem, possuir extrema precisão de medidas, levantamento automático e velocidade em todo o processo, apresenta Ippolito (2017). De acordo com Groetelaars (2015), as técnicas que demonstram o estado da arte desses métodos são a fotogrametria e o escaneamento a laser.

Ademais, o objeto de estudo é símbolo de patrimônio cultural e da linguagem eclética. Linguagem caracterizada por um sistema universal de formas e estilos, no qual são expressados conforme a individualidade de cada arquiteto, apresenta Patetta (1987). O ecletismo foi inserido no Brasil no século XIX, com o avanço tecnológico que proporcionou a construção de ferrovias em todo o país, possibilitando a venda de materiais importados e a migração. Assim, os imigrantes se tornaram grandes influentes na arquitetura, introduzindo o ecletismo, discorre Lemos (1979). Do mesmo modo, de acordo com Bortolucci (1991), ocorre na cidade de São Carlos, em São Paulo, onde o ecletismo foi fortemente influenciado pelos italianos e assim incorporado nas construções.

Dessa forma, o problema da pesquisa centra-se no estudo de moradias ecléticas de classe média e popular que foram construídas em São Carlos entre 1890 e 1930 e são consideradas de interesse patrimonial, porém, encontram-se em estado crítico de conservação. Soma-se a este fato, que sendo construções ecléticas mais simples e de portes menores, não têm sido adequadamente valorizadas, estudadas e documentadas. Além disso, parte-se da justificativa que para a documentação de bens é essencial que se utilize tecnologias eficientes e adequadas, conforme indicados pelas Carta de Veneza (1964) e Carta de Londres (2006).

Assim como os métodos de mapeamento digital 3D, a fotogrametria e o escaneamento a laser, promovendo acurácia e agilidade para a documentação, retrata Bastian (2015).

2. OBJETIVOS

Diante dessa conjuntura, o presente trabalho pretende contribuir para a elaboração e documentação de registros e estudos sobre a arquitetura das fachadas ecléticas de residências de classe popular e média de São Carlos. Com as tecnologias de mapeamento digital 3D, fotogrametria e escaneamento a laser, que representam o estado da arte da documentação, tem-se o objetivo da complementação dos documentos patrimoniais da cidade, acrescentando leituras de abordagem científica sobre sua estética e técnica construtiva, a fim de identificar a influência dos estilos arquitetônicos italianos.

Além disso, também possui o intuito social de proporcionar conhecimento público para a população reconhecer o bem como parte de sua cultura. Pois, assim como apresentado, a documentação também pode e deve ser utilizada para divulgar à população sobre a história, elementos e importância do bem cultural, visto que é essencial que a população valorize seu patrimônio.

3. MÉTODO

Para o alcance dos objetivos deste trabalho, adota-se uma metodologia mista qualitativa-quantitativa, pois trata-se de uma análise das características dos objetos de estudos a partir de desenhos vetoriais e modelos 3D e ao mesmo tempo possui um universo amostral quantitativo inicial de vinte e nove residências, porém somente treze ainda existem.

Assim, parte-se de uma pesquisa bibliográfica, na qual se utiliza fontes primárias (textos) e secundárias (fotografias e imagens), a fim de compreender o contexto histórico das moradias e as técnicas utilizadas. Ademais, adota-se a técnica de pesquisa de documentação direta, adquirindo os dados através de uma pesquisa em campo, por meio de um levantamento por fotogrametria e escaneamento a laser. Também se subdivide em experimental, pois com os dados coletados se busca confirmar a hipótese que as edificações possuem influências dos estilos italianos. Além do mais, possui como método de procedimento comparativo, pois busca verificar similitudes e explicar divergências entre as moradias de classe média e popular (Marconi e Lakatos, 2003).

4. RESULTADOS OBTIDOS

A pesquisa se encontra no início, sendo realizado o estudo bibliográfico, a fim de compreender o contexto histórico da linguagem eclética e das moradias populares e de classe média de São Carlos, assim como também tem averiguado os procedimentos

metodológicos para a fotogrametria e o escaneamento a laser. Em conjunto, vem se realizando o levantamento das fachadas, por meio da fotogrametria e do escaneamento a laser. A partir da fotogrametria estão sendo realizados arquivos com o objetivo de visualizar o estado da construção, seu uso e suas patologias. Ademais, com o levantamento do escaneamento a laser vêm sendo realizados modelos como base para desenhos bidimensionais produzidos no AutoCAD, a fim de documentar a fachada e seus ornamentos com exatidão. Assim, ambas técnicas se complementam para uma documentação completa. Na Figura 1 foi selecionado alguns dos resultados obtidos com a fotogrametria e o escaneamento a laser de uma moradia popular.

Figura 1: Produtos realizados com a fotogrametria e o escaneamento a laser



Fonte: Autores (2024).

5. RESULTADOS ESPERADOS

Como resultados esperados, se tem a continuação da pesquisa bibliográfica e dos levantamentos arquitetônicos e as próximas etapas da pesquisa, que trata-se da sistematização e da análise das fachadas e seus ornamentos, a fim de observar se há influência da arquitetura italiana. Busca comparar as moradias populares e de classe média demonstrando divergências e similitudes de suas arquiteturas. Além do desenvolvimento de materiais explicativos sobre o contexto histórico e a arquitetura das moradias, com o intuito de conscientizar a população local sobre sua importância. Assim como também resulta na promoção de conteúdo acadêmico e prático para futuras pesquisas e projetos de intervenção ou conservação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pesquisa em seu estado inicial, ainda há muito para se desenvolver e assim poder criar uma conclusão de seus resultados. Representa o desenvolvimento de uma análise e uma documentação arquitetônica completa de um patrimônio cultural que está em uma situação crítica de abandono e em constante demolições. Para isso, utiliza de técnicas que representam o estado da arte da documentação, a fotogrametria e o escaneamento. Assim, apresenta as tecnologias e procura desenvolver uma documentação para a preservação e a

realização de uma análise arquitetônica dos ornamentos e da influência italiana. Além de promover um conteúdo educativo para a população e áreas profissionais da arquitetura de São Carlos.

REFERÊNCIAS

- BASTIAN, Andrea Verri. **Métodos e técnicas de baixo custo para levantamento métrico de sítios históricos**. Salvador: UFBA, 2015.
- BORTOLUCCI, Maria Angela P. C. S. **Moradias urbanas construídas em São Carlos durante o período cafeeiro**. São Paulo, 1991.
- ERICKSON, M.; BAUER, J.; HAYES, W. The Accuracy of Photo-Based Three-Dimensional Scanning for Collision Reconstruction Using 123D Catch. **SAE Technical Papers**, v. 2, abr. 2013.
- GROETELAARS, Natalie Johanna. **Criação de modelos BIM a partir de “nuvem de pontos”**: estudo de métodos e técnicas para documentação arquitetônica. Salvador: UFBA, 2015.
- IPPOLITO, A. **Handbook of Research on Emerging Technologies for Architectural and Archaeological Heritage**. Hershey: IGI Global, 2017.
- LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Arquitetura brasileira**. São Paulo: Melhoramentos; Edusp, 1979.
- MARCONI, Marina de A; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- OLIVEIRA, M. M. DE. **A documentação como ferramenta de preservação da memória**. Brasília, DF: IPHAN / Programa Monumenta, 2008.
- PATETTA, Luciano. **Considerações sobre o Ecletismo na Europa**. In: FABRIS, Annateresa. Ecletismo na Arquitetura Brasileira. São Paulo, Nobel, 1987, pp. 8-27
- VIZIOLI, S. H. T.; SILVA, G. R. O modelo tridimensional e a Arquitetura: do físico ao digital. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)**, [S. l.], v. 19, p. 79-95, 2021. DOI: 10.11606/1984-4506.risco.2021.174479.

DOCUMENTAÇÃO DIGITAL DE PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO: HBIM EM DIFERENTES CONTEXTOS HISTÓRICOS

Digital Documentation of Architectural Heritage: HBIM in Different Historical Contexts

Documentación Digital del Patrimonio Arquitectónico: HBIM em Diferentes Contextos Históricos

Palavras-chave: HBIM; Documentação Digital; Patrimônio Histórico-Cultural.

Tafate Maria Giovaneis de Oliveira

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFMT
Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP
E-mail: tafateoliveira@usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8900099441725990>

Márcio Minto Fabricio

Doutor em Engenharia Civil pela Escola Politécnica da USP
Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo no IAU.USP
E-mail: marcio@sc.usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0618509402775224>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1515-6086>

1. INTRODUÇÃO

A documentação digital de patrimônios arquitetônicos tem se mostrado essencial na preservação, conservação e comunicação das características desses edifícios. O uso de metodologias como o HBIM (Heritage Building Information Modeling) permite a criação de modelos digitais que não apenas representam as estruturas físicas, mas também ajudam a documentar as técnicas construtivas, os materiais utilizados e as histórias associadas a esses espaços. Esse método pode ser descrito como “the reverse engineering process creating full 3D models including detail behind the object’s surface concerning its methods of construction and material make-up.” (Murphy; McGovern; Pavia, 2009, p. 325). Nesse contexto, a documentação digital é definida como o processo de captura, organização e preservação de dados históricos por meio de tecnologias digitais, facilitando o acesso e a análise desses dados em um ambiente virtual. A importância do patrimônio histórico vai além do seu valor estético; ele carrega consigo a memória de uma sociedade, refletindo sua cultura, história e identidade. Documentar esses bens não se limita apenas a um registro visual, mas envolve a criação de uma base de dados que pode ser consultada para futuras intervenções, estudos e preservação.

Entretanto, a documentação digital de edifícios históricos apresenta desafios significativos, principalmente quando se trata de elementos não parametrizados, que são comuns em construções anteriores ao século XX. A dificuldade de representar essas características em softwares BIM, projetados para edificações novas e convencionais, exige adaptações específicas. A modelagem desses elementos não parametrizados, como paredes irregulares, estruturas e materiais não convencionais, exige um esforço adicional para garantir que as informações sejam registradas de forma precisa e completa.

Além disso, a falta de documentação sobre a concepção original de muitas edificações anteriores ao século XX torna a tarefa mais desafiadora. Para edifícios mais recentes, como os exemplares da arquitetura modernista, que possuem documentos sobre a concepção de projeto e maior simplicidade formal, o processo de documentação é mais direto, uma vez que há mais informações disponíveis sobre suas características e métodos construtivos. Por outro lado, muitas edificações históricas anteriores ao século XX não têm documentação formal, o que requer uma análise mais profunda de vestígios materiais e registros históricos para reconstruir digitalmente essas características.

O objetivo principal é analisar as diferenças na documentação de um edifício da arquitetura modernista e do Museu Republicano de Itu, uma edificação histórica anterior ao século XX, segundo Vanini et al., 2023. Este trabalho, ao explorar a documentação digital de diferentes períodos históricos no Brasil, busca não só comparar as especificidades de edificações de diferentes períodos históricos, mas também oferecer soluções para as dificuldades encontradas na aplicação do HBIM. A pesquisa propõe metodologias que integrem o uso de tecnologias como escaneamento a laser e fotogrametria, fundamentais na coleta de dados

precisos, para permitir a modelagem digital desses elementos complexos. Além disso, visa contribuir para a criação de bibliotecas digitais que possam armazenar e disponibilizar informações sobre materiais e técnicas construtivas menos difundidas, como o adobe, ampliando o alcance da documentação digital de patrimônios históricos.

2. OBJETIVO

Este trabalho tem como objetivo central analisar e comparar os processos de documentação digital de edificações históricas pertencentes a diferentes períodos no Brasil, empregando a metodologia HBIM. Busca-se compreender as dificuldades enfrentadas na modelagem de elementos arquitetônicos não parametrizados e no tratamento de informações históricas, propondo estratégias para mitigar esses desafios e facilitar a utilização do HBIM em diferentes contextos. Além disso, o estudo visa explorar o potencial do HBIM como ferramenta para a organização e comunicação de dados sobre patrimônio arquitetônico.

3. MÉTODO

A pesquisa adotará uma abordagem metodológica mista, combinando elementos qualitativos e quantitativos, fundamentada na natureza aplicada e nos objetivos exploratórios do estudo. A abordagem qualitativa, conforme Gerhard e Silveira (2022, p. 34 *apud* Fonseca, 2002, p. 20), será voltada para estudos de caso, com o objetivo de compreender fenômenos relacionados à aplicação do HBIM. Já a abordagem quantitativa consistirá na coleta de dados para avaliar a precisão das medições e a eficiência dos métodos empregados. O estudo incluirá dois casos representativos: um edifício da arquitetura modernista, ainda a ser definido, e o Museu Republicano de Itu. O processo metodológico inclui as seguintes etapas principais:

3.1. Levantamento documental

Pesquisa em acervos e fontes históricas sobre as edificações selecionadas, com foco em informações arquitetônicas e técnicas.

3.2. Coleta de dados digitais

Aplicação de tecnologias de escaneamento a laser e fotogrametria para capturar a geometria e detalhes das edificações.

3.3. Modelagem HBIM

Construção de modelos tridimensionais paramétricos no ambiente HBIM, com ênfase na organização de dados não convencionais.

3.4. Análise comparativa

Identificação das principais diferenças e desafios enfrentados nos processos de documentação e modelagem das duas edificações.

3.5. Proposição de soluções

Desenvolvimento de diretrizes para melhorar a documentação digital e a integração de dados no HBIM, com base nos resultados obtidos.

4. RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se que o estudo evidencie as diferenças e semelhanças nos processos de documentação digital entre edificações da arquitetura modernista, que contam com registros documentais da concepção do projeto e simplicidade formal, e edificações anteriores ao século XX, geralmente desprovidas de registros de concepção e caracterizadas por maior complexidade formal. O estudo também visa identificar os desafios técnicos e conceituais envolvidos na modelagem de elementos não convencionais. A pesquisa pretende demonstrar como o HBIM pode ser utilizado de forma eficaz para superar limitações na organização de dados históricos, contribuindo para a criação de bibliotecas digitais de materiais e técnicas construtivas menos difundidas, como o adobe.

Além disso, prevê-se que o trabalho forneça subsídios para práticas mais acessíveis e aplicáveis de documentação digital, promovendo o uso de metodologias avançadas mesmo em contextos com recursos limitados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

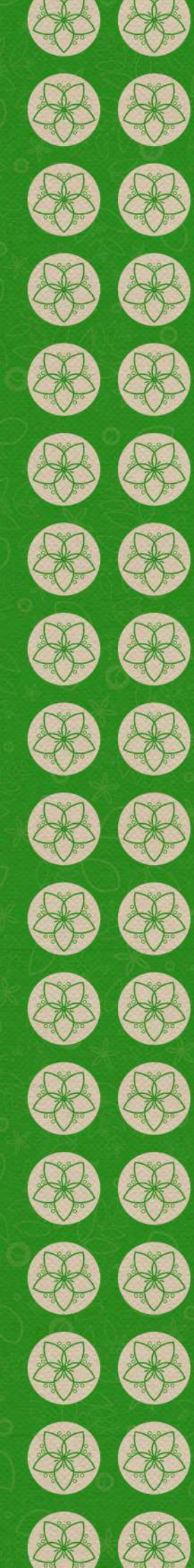
Este trabalho busca ampliar o entendimento sobre a aplicação do HBIM na documentação de patrimônio arquitetônico, destacando sua relevância para a preservação e gestão do patrimônio cultural. As conclusões da pesquisa deverão contribuir para o avanço das metodologias de documentação digital, propondo soluções para desafios específicos relacionados à modelagem de dados históricos. Em última análise, espera-se que os resultados colaborem para tornar o HBIM uma ferramenta mais acessível e eficaz para profissionais e pesquisadores da área de arquitetura e patrimônio.

REFERÊNCIAS

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

MURPHY, Maurice; MCGOVERN, Eugene; PAVIA, Sara. Historic building information modelling (HBIM). **Structural Survey**, [s. l.], v. 27, n. 4, p. 311–327, 2009.

VANINI, Gustavo Natalino *et al.* **A construção da linha do tempo do Museu Republicano “Convenção de Itu” a partir de processos de investigação para produção tecnológica e digital**. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, [s. l.], v. 31, p. 1–29, 2023.



SESSÃO 2

05 jun 2024

A PRODUÇÃO DE APARTAMENTOS MODERNISTAS NO RIO DE JANEIRO, 1930-1964

The production of modernist apartments in Rio de Janeiro, 1930-1964

La producción de apartamentos modernistas en Río de Janeiro, 1930-1964

Palavras-chave: habitação coletiva; modernismo; teoria e história da arquitetura; projeto de apartamentos

Priscila Junqueira de Souza

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul — UFMS

E-mail: priscila_junqueira@ufms.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4871626500422166>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6296-1005>

Felipe Anitelli

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP

Professor adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

E-mail: felipe.anitelli@ufms.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4756532167393423>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9821-5912>

1. INTRODUÇÃO

A habitação coletiva no Rio de Janeiro surgiu inicialmente como uma solução para os desafios habitacionais enfrentados pelas classes populares. A proletarianização das camadas mais marginalizadas da sociedade resultou em significativas mudanças sociais, levando aqueles com baixos recursos financeiros a ocuparem áreas menos privilegiadas, como encostas e morros. Nesse cenário, surgiram habitações precárias, como os cortiços, um tipo de moradia coletiva que apresentava diversos problemas relacionados à salubridade, privacidade e conforto. Paralelamente, o mercado imobiliário aumentou a construção de edifícios residenciais, especialmente a partir da década de 1930, período marcado pela consolidação da arquitetura moderna no Brasil. Contudo, os apartamentos produzidos eram direcionados exclusivamente às classes média e alta.

Segundo Rolnik (2009), um dos obstáculos para garantir o acesso à moradia se dá pelos preços exorbitantes de imóveis e aluguéis e a falta de acesso à terra, manifestando-se principalmente em grupos mais vulneráveis da sociedade. Como as mulheres, que muitas vezes só têm acesso à moradia através do casamento (Helene, 2019). A questão se torna ainda mais complexa quando a financeirização da moradia tende ao alto índice de concentração fundiária. Assim, as camadas mais populares são cada vez mais afastadas dos centros das cidades, muitas vezes em áreas de risco, o que desintegra a inserção urbana e impõe barreiras - nem sempre invisíveis - de acesso à vida na cidade (Maricato, 2017). Consequentemente, enfrentar a irregularidade urbana exige entender suas causas (Fernandes, 2007).

A década de 1930, marcada pelo desenvolvimentismo no Brasil, reflete uma combinação de necessidades sociais, limitações econômicas e inovações na arquitetura. Nos projetos promovidos pelos Institutos de Aposentadoria e Pensões (IAPs), havia uma preocupação significativa com a qualidade das construções cujas unidades habitacionais eram amplas, bem detalhadas e construídas com cuidado (Bondoki, 1994). Este período coincide com o auge do modernismo no Brasil, e exemplares como o Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes (1946-1952), do arquiteto Affonso Eduardo Reidy, serve como modelo de habitação popular até a atualidade.

A partir de 1964, as demandas de habitação foram organizadas pelo Banco Nacional de Habitação (BNH) e pelo Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU). Dessa maneira, o período caracteriza pelas novas experimentações arquitetônicas, as quais apontam em outras direções, o papel do arquiteto na concepção da edificação, em tantos casos, quase desaparece.

O tema central são os apartamentos projetados durante o movimento moderno na cidade do Rio de Janeiro, nas décadas de 1930 a 1964. Como capital do Brasil até 1960, o modernismo

se intensificou durante a década de 1930, impulsionado pelo crescimento populacional e pela demanda por moradias. O cenário da construção civil carioca representava progresso econômico para o país. Isso foi acompanhado por uma alta demanda no setor da construção de edifícios de apartamentos, dando início ao processo de verticalização e o aumento do trabalho dos arquitetos, fatores estes que impulsionaram a arquitetura moderna brasileira.

2. OBJETIVO

O presente trabalho objetiva compreender características projetuais de exemplares de habitação coletiva, realizados por arquitetos modernos, no Rio de Janeiro, entre 1930 e 1964. O foco de estudo pautar-se em empreendimentos do setor privado, produzidos por incorporadoras imobiliárias, ou pela fase comumente chamada rentista. Para que por meio dessa análise, seja possível instrumentalizar projetos mais adequados a demandas populacionais contemporâneas.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Para atingir os principais objetivos deste trabalho, a metodologia adotada pauta-se na pesquisa bibliográfica de exemplares de habitação coletiva moderna no Rio de Janeiro, elaboração de um banco de dados, na seleção de exemplares, no redesenho de projetos selecionados e na análise de dados.

Para todas as etapas do trabalho foram realizadas revisões bibliográficas a respeito do tema. Sendo consultados artigos científicos, periódicos do acervo de Bibliotecas de Universidades Federais como a Universidade Federal do Rio de Janeiro, Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, livro e revisões de literatura que abordam o tema. Para compor a planilha, foram averiguados estudos já realizados, como teses de doutorado, dissertações de mestrado, artigos científicos, relatórios e livros. Elaborado o banco de dados, foi selecionado o exemplar com características mais adequadas para compor a análise que segue neste estudo. Após a seleção do exemplar de estudo, foi redesenhada a planta arquitetônica para análise. Por fim, foram analisadas as informações para compreender características projetuais de exemplar de habitação coletiva, durante o modernismo no Rio de Janeiro, entre 1930 e 1964.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Seguindo os parâmetros metodológicos já apresentados, dos cinquenta empreendimentos de coleta, foi selecionado um edifício para análise, apresentado neste tópico. Para compreender os arranjos espaciais do empreendimento. São realizadas análises sobre a setorização dos usos, apresentando a disposição desses ambientes, hierarquias e zoneamentos.

Localizado próximo à praia de Copacabana, o edifício jardim Santa Clara (Figura 1), foi projetado em 1960 por Alvaro Vital Brasil, e apresenta dez pavimentos com vinte apartamentos, sendo dois por pavimento. Com um programa de quatro quartos, sendo uma suíte, e um para empregada, três banheiros, dependências, sala de estar, cozinha, sala de jantar e área de serviço. Posicionado em um terreno de esquina, o desenho da planta se faz com necessidades bastante complexas. São adotados pátios internos com paredes de cobogó, que conferem ventilação aos ambientes internos do edifício. A setorização é bem demarcada, podendo ser dividida em setor social e setor íntimo próximos à fachada e setor de serviços ao fundo do terreno. Enquanto no setor social as largas aberturas conferem boa ventilação e ambientes bem iluminados, já no setor de serviços, situado o quarto para funcionária, não há abertura de ventilação, o posicionamento ao fundo do terreno confere um ambiente enclausurado, que compromete a circulação de ar e a entrada de luz natural.

Figura 1: Planta tipo do edifício Jardim Santa Clara (1960), projetado por Alvaro Vital



Fonte: Autoria própria, (2024).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo, pode-se observar que os apartamentos modernos no Rio de Janeiro caracterizam-se pela modernização da moradia e pela adoção de novas técnicas, atributos estéticos e arranjos espaciais. O Estado funcionou como papel normativo, na proibição de cortiços e na produção em massa de habitações, lançando na arquitetura a habitação

popular padronizada. Já os edifícios de apartamentos, dirigiu-se para o mercado de alto poder aquisitivo, na construção de habitações de luxo, o sistema de produção de incorporadoras, funcionou como principal articulação da alta de preço dos imóveis. A segregação socioespacial presente nos edifícios de apartamentos, acontece através da demarcação dos ambientes, na setorização bem demarcada que expõe barreiras históricas. Conclui-se que o arranjo espacial dos edifícios de apartamentos modernos dos anos 1964 a 1934, atenderam a uma condição econômica de aburguesamento da moradia, que estão presentes na arquitetura enquanto desenho e projeto, implicando em novas adoções formais e funcionais.

REFERÊNCIAS

BONDUKI, Nabil Georges. **Origens da Habitação Social no Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FERNANDES, Edésio. **Políticas de regularização fundiária**: confrontando o processo de crescimento informal das cidades latino-americanas. In: XV Congresso Internacional de Direito Registral, Espanha. 2007.

HELENE, Diana. Gênero e direito à cidade a partir da luta dos movimentos de moradia. **Cadernos Metrópole**, v. 21, n. 46, 2019.

MARICATO, Ermínia. **O impasse da política urbana no Brasil**. Editora Vozes Limitada, 2017.

ROLNIK, Raquel. **Direito à moradia**, 2009.

OS ESCRITÓRIOS POPULARES E NEGÓCIOS IMPACTO: A NOVA MODALIDADE DE ATUAÇÃO NA MORADIA POPULAR

Popular offices and impact businesses: the new form of action in social housing

Oficinas populares y empresas de impacto: el nuevo modo de actuación en la vivienda popular

Palavras-chave: Negócios de impacto social; empreendedorismo social; finanças sociais; moradia popular; melhoria habitacional;

Tatiane Boisa Garcia

Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UEM
Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela IAU.USP
E-mail: tatianegarcia@usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5213458787893358>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2616-3409>

Lúcia Zanin Shimbo

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela EESC.USP
Professora Livre-Docente do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - IAU.USP
E-mail: luciashimbo@usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3448342105966223>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1097-8091>

1. INTRODUÇÃO

Uma das primeiras iniciativas de negócios de impacto na habitação nasceu do Programa Vivenda, que começou a trabalhar melhorias habitacionais individuais de baixa complexidade em casas de favelas da zona sul de São Paulo a partir de 2014¹. Eles, bem como muitos outros negócios que surgiram nos anos posteriores, estruturaram uma nova forma de atuação focando em demandas e ações individualizadas em casas nas favelas e territórios populares.

Este texto tem como enfoque a nova modalidade de atuação de profissionais de arquitetura na moradia popular: negócios de impacto social e os escritórios populares de arquitetura. Na pesquisa, tenho trabalhado com o argumento de que o surgimento e estruturação de novos grupos técnicos em meados da década de 2010 com uma matriz distinta daquelas já consolidadas e advindas das décadas de 1960 e 1980, que consolidaram na defesa da Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social (ATHIS) (Garcia, 2023).

2. OBJETIVO

Neste texto, proponho apresentar resumidamente e analisar os negócios de impacto a partir de cinco dimensões de análise que têm norteado a pesquisa: agentes; narrativas; práticas; estruturas financeiras; territórios.

3. MÉTODO

Para tal, a pesquisa tem abordagem empírica, pautando-se nos seguintes métodos: da pesquisa documental e da pesquisa de campo, por meio de revisão bibliográfica, observação participante, observação direta e entrevistas.

4. OS NEGÓCIOS DE IMPACTO NA MORADIA POPULAR

O levantamento realizado identificou 57 organizações que se identificam como negócios de impacto social com foco na moradia popular². Trata-se de **agentes** com um perfil, predominantemente, de jovens entre 25 e 35 anos, recém formados, com número mais

¹ A solução proposta vinha da identificação de uma lacuna na política pública habitacional, concentrada historicamente na produção em escala de novas unidades. Mesmo no contexto do déficit qualitativo, eles observaram que os programas federais de urbanização de favelas - e outros territórios populares com inadequações - não alcançaram as demandas das unidades habitacionais autoconstruídas “da porta para dentro” (Assad, 2012).

² Na pesquisa documental eletrônica, foi possível identificar outras 14 organizações que apesar de terem sido concebidas, não conseguiram efetivamente implementar alguma prática e logo deixaram de existir.

expressivo de mulheres, com etnias ou raças bastante diversas, bem como de diversas classes socioeconômicas, incluindo profissionais que acessaram as instituições de ensino superior por intermédio de políticas públicas. A profissão dos fundadores é majoritariamente arquitetura e urbanismo, sendo verificada também engenharia civil, marketing e alguns cursos técnicos.

Como apontado o Programa Vivenda foi um dos pioneiros, mas a grande maioria dos grupos foram se constituindo após 2017. Esses jovens não se viam trabalhando em escritórios “tradicionais” voltados para uma arquitetura apenas para as classes de maior renda. Seja por suas experiências acadêmicas ou pessoais, buscaram um desenhar um escritório que alcançasse a realidade mais comum de nossas cidades. O desenho de atuação do Programa Vivendo, que vinha sendo disseminado pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo, inspirou e orientou muitos desses grupos emergentes.

Ao se autoidentificarem como negócios de impacto social, inserem seus discursos e **narrativas** no campo do empreendedorismo social, sendo muito frequente passagens por incubadoras e aceleradoras. Em suma, tem defendido modelos de negócio que não apenas buscam um retorno financeiro, mas também um impacto positivo na sociedade e no ambiente.

No que tange às **práticas**, grande parte desses negócios analisados surgem com a proposta de serem escritórios populares de arquitetura e construção civil que buscaram adentrar nas demandas habitacionais individuais de comunidades e territórios populares oferecendo “com preços acessíveis”³ serviços de projetos de arquitetura, regularização de imóveis e reformas ou melhorias. Esse último serviço foi o que mais se consolidou⁴, são especialmente melhorias habitacionais individuais de baixa complexidade em casas que apresentam problemas e espaços precários, cuja renovação - a partir de pequenos “KIT reforma” de cozinha, banheiro, quarto ou ainda solução de umidade ou elétrica - ocorre em um cômodo ou um problema por vez considerando o recurso limitado. Para alcançar as famílias de baixa renda, há um empacotamento do serviço completo - que contempla apoio profissional, materiais de construção e mão de obra qualificada - e da solução financeira em propostas com valores que variam de 5 a 10 mil reais⁵.

Esses grupos têm buscado uma diversidade de modelos, agentes intermediários, investidores e fontes de recursos para que possam viabilizar o trabalho voltado para famílias de menor renda. Entretanto, de antemão, é possível compreender a **estrutura financeira** a partir de

³ A ideia de “preço acessíveis”, “que cabem no seu bolso”, “preço justo”, “uma arquitetura acessível” é recorrente nas descrições elaboradas pelos grupos em suas redes sociais e profissionais que buscam evidenciar que seu serviço quer alcançar classes de menor poder aquisitivo.

⁴ Ainda que as melhorias habitacionais tenham sido o serviço de maior ênfase, poucos efetivamente se estruturaram exclusivamente para esse setor, frente a necessidade das organizações de alcançarem alguma sustentabilidade financeira a partir de uma maior abrangência de serviços e público alvo.

⁵ Valores observados durante o período de 2017 e 2022.

dois principais agrupamentos, a ideia de “obras vendidas” e “obras doadas”, ou ainda, na linguagem dos negócios, proposta focadas no “B2C” e “B2B”⁶. O B2C [1] – traduzindo, “empresa para consumidor” –, que aponta para transações diretas entre a empresa e o consumidor final, buscando vender um produto - ou um serviço, nesse caso – para quem irá de fato utilizá-lo, que nesse caso já está diretamente atrelada ao **microcrédito**. O microcrédito com baixos juros e para esse público não se mostrou viável em bancos convencionais, por isso novos arranjos financeiros estão sendo criados para garantir o microcrédito para as reformas, tal como a criação da primeira Debenture de impacto social do Brasil. Já o B2B [2] – ou seja, “de empresa para empresa” – trata-se de uma proposta que as empresas vendem soluções a outras organizações, para posteriormente, alcançar o consumidor final. Isso significa que as reformas são garantidas por meio de **doações**. Amparando-se na perspectiva da filantropia de impacto e discursos de ESG, essas doações têm sido feitas principalmente por grandes grupos econômicos, com destaque para indústrias e empresas atreladas a construção civil e infraestrutura.

Quanto à sua **inserção territorial**, evidenciou-se maior concentração desses agentes nas regiões sudeste, sul e nordeste, e em capitais, com destaque para as regiões metropolitanas de Recife, São Paulo, Belo Horizonte, Brasília e Fortaleza. Há uma maior dificuldade nos negócios que nascem fora desses grandes centros, estando atrelado principalmente às menores oportunidades de alcançar recursos de investidores e doadores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar o surgimento desses novos grupos de arquitetura atuando na moradia popular, bem como suas narrativas, práticas e estruturas financeiras é preciso ver que se trata de movimento que vai muito além do movimento de arquitetos pela habitação popular e pela garantia da ATHIS. Trata-se de enxergar um processo que envolve outras narrativas e agentes do setor financeiro e econômico que começaram a circular e a fazer novas conexões e coalizões no Brasil que tornaram isso possível.

Esta pesquisa tem se desdobrado para evidenciar que a origem dessa nova modalidade - negócios de impacto social na habitação - tem uma matriz surgindo da intersecção de dois movimentos: arquitetura “social” e do empreendedorismo “social”, que trouxeram e articula novas narrativas, agentes, instrumentos da economia e das finanças. Essa articulação tem sido endossada também pelo avanço das finanças sociais (Rosenman, 2027).

Trata-se de um contexto de disseminação de narrativas a favor do crédito (Mader, 2014) como solução para problemas de famílias de baixa renda e, paralelamente, pela promoção da ideia de ESG e finanças sociais com investimentos de impacto no setor habitacional, especialmente a partir da década de 2010 (Barki, Comini, Torres, 2019; Santoro, Chiavone,

⁶ As siglas são nativas do “ecossistema” de negócios.

2020; Haddad, 2022). Além disso, a entrada de agentes do mercado de capitais, atores intermediários, de incubadoras e aceleradoras e grandes corporações da indústria da construção civil tem introduzido ferramentas, linguagens e instrumentos financeiros em setores antes pouco explorados. Trata-se de uma experimentação de ideias e estruturas de finanças sociais no setor habitacional no Brasil, destacando novas fronteiras, especificamente, com seus limites e contradições nesse processo ainda em construção.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo financiamento a essa pesquisa.

REFERÊNCIAS

ASSAD, F. A. **Negócios sociais no Brasil: oportunidades e desafios para o setor habitacional**. 2012. 143 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

BARKI, E.; COMINI, G. M.; TORRES, H. G. (org.) (2019) **Negócios de impacto socioambiental no Brasil: como empreender, financiar e apoiar**. Rio de Janeiro. FGV Editor. 376 p.

HADDAD, A. M. C. N. F. (2022) **Não repara a bagunça: um estudo sobre iniciativas em melhorias habitacionais**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo. Área de concentração: Habitat. 267p.

LOPES, João Marcos. **Sobre arquitetos e sem-tetos: técnica e arquitetura como prática política**. Livre-docência-IAU/USP. São Carlos, 2011.

GARCIA, Tatiane Boisa. **Origens da aproximação dos arquitetos na moradia popular: práticas, narrativas e estruturas em evidência**. In: 17º Café com Pesquisa da USP, 2022, IAU-USP, São Carlos, 2022.

GARCIA, Tatiane Boisa; SHIMBO, Lúcia. **As distintas origens das práticas da arquitetura no campo da moradia popular no Brasil**. In: XX Encontro Nacional da ANPUR, Belém, 22 a 26 mai. 2023.

MADER, P. (2014) Financialisation through Microfinance: Civil Society and Market-Building in India, **Asian Studies Review**, 38:4, 601-619, DOI: 10.1080/10357823.2014.963507

ROSENMANN, Emily. The Geographies of Social Finance: Poverty Regulation through the 'Invisible Heart' of Markets. **Progress in Human Geography** 40 (5): 610–28. <https://doi.org/10.1177/0309132517739142>. 2017

SANTORO, P. F.; CHIAVONE, J. **Impact business and social housing: a new frontier of capital financialized?** [Original: Negócios de impacto e habitação social: uma nova fronteira do capital financeirizado?] *Cad. Metrop.* [online]. 2020, vol. 22, no. 49, pp. 683-704. ISSN: 2236-9996. <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2020--4902>.

UMA HISTÓRIA DA HABITAÇÃO SOCIAL NO SUL DO BRASIL – SANTA CATARINA

A history of social housing in southern Brazil – Santa Catarina

Una historia de la vivienda de interés social en sur de Brasil – Santa Catarina

Palavras-chave: habitação de interesse social; história da habitação; Santa Catarina.

Aline Vicente Cavanus

Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela USP
Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP
E-mail: aline.cavanus@usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0525885832376639>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9508-2859>

Tomás Antonio Moreira

Doutor em Estudos Urbanos pela Université du Québec à Montréal
Professor Associado - Livre-docente do IAU.USP
E-mail: tomas_moreira@sc.usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7348817908541292>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3061-1745>

1. INTRODUÇÃO

Habitação de Interesse Social (HIS) é aquela voltada à população de baixa renda que não possui acesso à moradia formal ou condições para contratar os serviços de profissionais. As origens deste tipo de habitação remontam às vilas e cidades operárias do século XIX durante a Revolução Industrial e ao período entreguerras europeu (1918-1939), quando a demanda por habitação era alta e o modernismo estava se consolidando como movimento. Além disso, a origem da habitação de interesse social esteve ligada à urbanização e aumento da demanda por habitação de baixo custo (BENEVOLO, 2001).

Falar de HIS é também falar de *déficit* habitacional e inadequação, já que o conceito de *déficit* habitacional envolve habitação precária, ônus excessivo com aluguel, adensamento excessivo e coabitação involuntária. No Brasil a estimativa de *déficit* habitacional é de 6,21 milhões de domicílios e a inadequação, envolvendo a carência de infraestrutura, a inadequação fundiária, o adensamento excessivo nos domicílios próprios e domicílios sem banheiro, é de 26,51 milhões de domicílios (FJP, 2024). Ou seja, ainda hoje a questão da habitação social é um debate fundamental para a arquitetura em nosso país.

Bonduki (2014) faz uma classificação histórica da HIS no Brasil por períodos: o primeiro período, de 1889 a 1930, é marcado pela concepção de que o Estado não deveria intervir diretamente na questão da moradia. O segundo período, de 1930 a 1964, é quando há o reconhecimento da habitação como questão de Estado, com um processo de construção da política pública de habitação do Brasil. O terceiro período, de 1964 a 1986, é o período da ditadura militar, em que é criado o Banco Nacional da Habitação – BNH e Sistema Financeiro de Habitação – SFH. O quinto período, de 1986 a 2002 é o período da redemocratização, quando ocorre a extinção do BNH. É um período de rupturas, com maior participação dos estados, municípios e sociedade organizada, mas pequena expressão quantitativa. O sexto período, de 2003 a 2010 é o da criação do Ministério das Cidades, há um novo modelo de financiamento, subsídio e um novo desenho institucional e a criação do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV). Esse período poderia se estender de 2010 até os dias atuais, com a extinção do MCMV, a criação do Programa Casa Verde Amarela e nova edição do MCMV.

Uma importante referência sobre história da habitação social no Brasil é a coleção: Os pioneiros da Habitação Social, organizada por Nabil Bonduki e Ana Paula Koury (2014). No volume 2 dessa coleção há um inventário da produção pública no Brasil entre 1930 e 1964. Dos 322 projetos presentes no livro, apenas 4 deles são no estado de Santa Catarina, número semelhante ao de projetos de cidades do estado de São Paulo como Araraquara, por exemplo. O que acontecia em Santa Catarina nesse período? As políticas habitacionais catarinenses tinham particularidades frente as políticas nacionais?

Santa Catarina é um estado localizado na Região Sul do Brasil, com 295 municípios, e faz fronteira ao norte com o Paraná, ao sul com o Rio Grande do Sul, a Leste com o Oceano Atlântico e a oeste com a Argentina. Segundo o último censo demográfico, possui uma população de 7.609.601 habitantes e uma densidade de 79,49 habitantes por quilômetro quadrado, possuindo um território de 95.730,690 km², com 2.530,00 km² de área urbanizada (IBGE, 2023). Mesmo que o processo de urbanização catarinense tenha acontecido de modo semelhante a outros estados brasileiros (SANTOS, 2013), ainda assim tem suas particularidades na ocupação do território e formação espacial: como a predominância nas pequenas propriedades e com uma diferença em relação a maior parte do Brasil: a maior cidade do estado não é a capital.

Vasta é a literatura sobre habitação e habitação social no Brasil (D'OTTAVIANO, 2021; ROLNIK, 2015; SHIMBO, 2010; VILLAÇA, 1986), contudo esse volume de produção é, muitas, vezes, concentrado nas grandes cidades ou na região sudeste do país. Quando nos debruçamos sobre outras regiões do Brasil, encontramos menções a algumas experiências ou períodos específicos. O presente trabalho pretende contar uma história da habitação social em uma parte do Brasil ainda pouco explorada na literatura: o estado de Santa Catarina.

2. OBJETIVO

O objetivo geral dessa pesquisa é compreender a política habitacional no estado de Santa Catarina de 1889 a 2020, tendo como objetivos específicos:

- Entender os impactos das políticas habitacionais no espaço urbano catarinense;
- Investigar os rumos da habitação social no estado de Santa Catarina;
- Verificar as sobreposições das políticas de Santa Catarina com as nacionais.

3. MÉTODO

A presente pesquisa trabalhará com o método de pesquisa histórica, que busca trazer à tona algo do passado, mas não somente as evidências, assim como uma interpretação desse passado. A “Pesquisa histórica normalmente é pensada por meio de evidências obtidas por fontes de arquivos ou até mesmo artefatos, já que a questão da mesma se concentra em cenários ou circunstâncias do passado.” (WANG, 2013). Já Paul Veyne (1987) nos provoca ao afirmar uma não-existência de um método histórico, mas sim uma crítica da história,

destacando que os documentos além de nos trazerem respostas nos suscitam perguntas. A pesquisa trabalhará também com o método hipotético-dedutivo, tendo um caráter teórico e empírico. Com base em leituras críticas sobre habitação social no Brasil, por meio de análise de fontes, entrevistas e trabalho de campo pretende-se apurar a validade da hipótese. A dialética e o materialismo histórico são bases importantes da metodologia, entendendo a importância do caminho concreto – abstrato – concreto. Deste modo, será estudado o contexto real de situações concretas combinado à observação, às entrevistas semiestruturadas e à análise secundária.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da habitação social em Santa Catarina, mesmo tendo pontos de convergência com a linha do tempo no Brasil, tem suas próprias características. Deste modo, a assim chamada “história da habitação social no Brasil” na verdade é ainda uma história da habitação social dos grandes centros, e, a partir do estudo específico da habitação em Santa Catarina podemos trazer novos aspectos à disciplina.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

REFERÊNCIAS

BENEVOLO, Leonardo. **História da arquitetura moderna**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

BONDUKI, Nabil. **Os Pioneiros da Habitação Social**. Volume 1. - Cem anos de política pública no Brasil. Editora UNESP. 2014.

BONDUKI, Nabil; KOURY, Ana Paula. **Os Pioneiros da Habitação Social**. Volume 2. – Inventário da produção pública no Brasil entre 1930 e 1964. Editora UNESP. 2014.

Fundação João Pinheiro. **Deficit Brasil e Regiões 2022** / Fundação João Pinheiro. Belo Horizonte: FJP, 2024.

D’OTTAVIANO, Camila. **Habitação, autogestão e cidade**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Portal Cidades@**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/florianopolis/panorama>, Acesso em: 15 ago.2023.

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos lugares**: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Edusp, 2013.

SHIMBO, Lucia. **Habitação social, habitação de mercado:** a confluência entre Estado, empresas construtoras e capital financeiro. Tese de doutorado Universidade de São Paulo – USP São Carlos, 2010.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história.** Lisboa: Edições 70, 1987.

VILLAÇA, Flávio. **O que todo cidadão precisa saber sobre habitação.** 1986.

WANG, David. **Architectural research methods.** John Wiley & Sons: Hoboken, New Jersey, 2013.

DE SEVILHA À PAULISTA: DOIS CONCURSOS E OS CAMINHOS DA PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA DA ARQUITETURA BRASILEIRA

From Seville to Paulista: two competitions and the ways of contemporary production of Brazilian Architecture

De Sevilla a Paulista: dos concursos y los caminos de la producción contemporánea de la arquitectura brasileña

Palavras-chave: arquitetura brasileira, arquitetura contemporânea paulista; concurso; Expo 92' Sevilha; Instituto Moreira Salles.

Tatiani Amadeu de Freitas

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário de Votuporanga - UNIFEV

Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela IAU.USP

E-mail: t.amadeuf@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5325604287751535>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-8033-4509>

Francisco Sales Trajano Filho

Pós Doutor pela UFPB e Doutor pelo IAU.USP

Professor Doutor do IAU.USP

E-mail: sales@sc.usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1487455197254682>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3594-6878>

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa propõe investigar a produção arquitetônica brasileira e, sobretudo, paulista, tendo em vista o andamento dos debates no campo da arquitetura na virada do século XX para o XXI. Na tentativa de elaborar um discurso sobre esta produção, se faz necessário estabelecer certas aproximações e contradições entre a arquitetura nacional do período e a produção internacional. Para isso, se tomam como momentos críticos e marcos balizadores de investigação a ocasião de dois concursos realizados com duas décadas de diferença: o concurso para a escolha do pavilhão brasileiro na Expo Sevilha 92' em 1991, e o da nova sede do Instituto Moreira Salles, em São Paulo, realizado em 2011. Esses concursos são aqui compreendidos como instâncias de condensação do debate arquitetônico pelo feixe de questões que neles convergem, desde as questões de ruptura pós-moderna, permanências de um legado moderno e o andamento da arquitetura contemporânea nacional e internacional.

O marco inicial escolhido possui forte relação com a cultura arquitetônica da chamada escola paulista, projetado pela equipe de arquitetos liderada por Angelo Bucci, na qual as quatro empenas cegas em concreto aparente convergiam para a própria forma arquitetônica cara à arquitetura moderna brasileira desde os anos 1940. Enquanto que no marco final, tem-se a leveza proporcionada pela pele de vidro translúcida nas quatro fachadas, projetado por Andrade Morettin Arquitetos, uma mudança estática e estética da arquitetura, conforme aponta Figura 1. Ambos os concursos tiveram grande repercussão entre a crítica arquitetônica, foram vencidos por equipes paulistas, permitem delinear características importantes sobre a arquitetura da época em que estão inseridos e o debate em torno do objeto arquitetônico.

Figura 1: À esquerda, maquete do projeto vencedor para a Expo Sevilha 92', e à direita, maquete do projeto vencedor para o Instituto Moreira Salles paulista



Fonte: GrupoSP, 1992; Andrade Morettin, 2012; compilação da autora, 2024.

Para a construção da narrativa que separam os concursos de Sevilha e do IMS-Paulista, parte-se do pressuposto que há mudanças significativas na produção arquitetônica paulista,

marcadas por uma herança moderna brutalista consolidada, mas que busca uma rearticulação entre a produção local e entre estratégias projetuais características do campo de reflexão internacional do final do século XX.

No intuito de estabelecer as condições de partida da produção que toma corpo na arquitetura brasileira no final do século XX para o início do século XXI, parte-se de uma leitura do estado da arte da arquitetura nesse período, juxtapondo o cenário internacional e nacional, considerando o momento de abertura política e rearranjo após décadas de isolamento do país, condensados na chamada produção “Pós-Brasília” (Bastos, 2003). Propondo assim, investigar possíveis rebatimentos, modos de recepção entre o debate arquitetônico internacional desse período no campo de reflexão e prática brasileira.

No período que antecede o primeiro concurso, no horizonte da arquitetura brasileira dos anos de 1990, podem ser compreendidos como um período de rearticulação entre a produção nacional e internacional. Em um cenário marcado pela pluralidade, a coexistência de várias vertentes de prática projetual não conseguia ser traduzida em uma única corrente ou modo, impossibilitando a garantia de uma unidade. Em suma, o conceito de pluralismo “passou pela quebra da ideia de universalização e padronização da arquitetura moderna” (Bastos, 2003, p. 122). Soma-se a isso, a análise da crítica argentina Marina Waisman (1990), desde que o projeto moderno foi deslocado do “centro”, nada conseguiu ocupar o seu lugar, ficando a arquitetura sem modelos universais com uma produção arquitetônica de caráter pluralista que se recusava a reconhecer qualquer pauta unificadora e compromissos de largo escopo.

É nesse contexto que se nota um esforço para se pôr em dia por parte da geração de profissionais formados à sombra de uma cultura arquitetônica forjada sobre bases teóricas e formais consolidadas em meados do século XX, e da qual alguns dos próceres mantinham-se atuantes e produzindo obras emblemáticas, como o Museu Brasileiro da Escultura (MuBE), de 1987, de Paulo Mendes da Rocha, e o Memorial da América Latina, projetado por Oscar Niemeyer ao final dessa década. E a problemática desta pesquisa emerge: que identidades arquitetônicas se podem construir frente a trajetórias tão centrais à produção moderna nacional?

Assim, sobressai a geração mais jovem de arquitetos e arquitetas, que será “muito ativa em concursos nacionais de arquitetura”, muitos representantes dessa geração serão protagonistas tanto do concurso para o pavilhão brasileiro na Exposição Universal de Sevilha (1992), quanto do concurso para a nova sede do Instituto Moreira Salles, em São Paulo (2011) (Guerra, 2011, p. 9). Essa geração, mesmo com continuidades inegáveis da produção moderna que emergem, encontra-se pautada em reavaliações críticas da produção paulista, que vão buscar esse empenho de atualizações trazidas pela prática contemporânea. Para Milheiro, essa geração, que mais tarde culminara na exposição “Coletivo”, demonstra que “não se trata de infringir uma ética, mas de expandir os seus territórios” (2006, p.94).

2. OBJETIVO

Esta pesquisa objetiva investigar a produção arquitetônica brasileira e, sobretudo paulista entre o final do século XX e início do século XXI, quanto aos usos, sentidos e intenções compreendidos na perspectiva de uma mudança na produção e na reflexão arquitetônica, sinalizada no tratamento à forma e à lógica de construção entre os dois concursos usados como balizas. Os objetivos específicos pretendem: conectar os concursos como catalisadores de uma produção e de um debate na virada do século para repensar a produção arquitetônica brasileira, em específica a paulista; analisar certas convergências e aproximações teóricas e projetuais entre essa produção em torno do debate arquitetônico internacional neste período e suas implicações na prática projetual brasileira.

3. MÉTODO

Por meio do método de pesquisa histórica, a pesquisa utiliza de revisões bibliográficas para compreender o estado da arte no contexto nacional e internacional do período compreendido pela pesquisa, além de análises de projeto. É válido ressaltar o uso das revistas especializadas em arquitetura (AU, Projeto e Monolito) como fontes secundárias, que oferecem ambiente necessário para investigar o debate em torno dos concursos e sua repercussão. Desenvolvendo, assim, uma aproximação em profundidade às condições históricas em que esses fatos, ou seja, as obras de arquitetura, se produziram. A partir das evidências obtidas e associadas as revisões bibliográficas, os fatos são analisados e cruzados para a construção de uma narrativa, assim como propõe Groat e Wang (2013). Os projetos de ambos os concursos, utilizados como marcos balizadores, são casos de estudo para compreender o momento da produção arquitetônica brasileira.

4. RESULTADOS OBTIDOS/ESPERADOS

Em um primeiro momento, por meio das revistas especializadas em arquitetura, foi possível compreender o debate acerca dos rumos da arquitetura entre as duas décadas que separam os concursos de Sevilha e do IMS-Paulista. A aproximação com as condições históricas apresentadas por historiadores e críticos ofereceram uma maior compreensão da arquitetura produzida no recorte temporal proposto. Em relação aos concursos utilizados como marcos, espera-se que seja possível revelar o empenho de atualização das práticas arquitetônicas locais, no caso paulista, a partir das significativas mudanças observadas enquanto pensamento projetual e lógica construtiva.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, a partir dos temas da produção arquitetônica que foram retomados em Sevilha, fica claro a importância da contribuição para a historiografia da arquitetura brasileira acerca de uma reavaliação da produção moderna paulista. A partir de uma geração de profissionais marcados por uma herança moderna brutalista consolidada, mas que vão encontrar um caminho (re)articulado com a produção local, em um caráter de continuidade, e com agenciamentos à cena internacional dos anos 90, culminando no contexto do concurso para o IMS-Paulista.

AGRADECIMENTOS

Ao orientador Prof. Sales pela orientação precisa e pelo rico debate. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), que financia este projeto.

REFERÊNCIAS

ANELLI, Renato; GUERRA, Abílio; DINIZ, Fernando Moreira; XAVIER, Alberto; LEONÍDIO, Otávio. **Críticos respondem a enquête sobre a arquitetura brasileira**. [Entrevista cedida a] Revista Projeto, São Paulo, n. 371, jan. 2011.

BASTOS, Maria Alice Junqueira. **Pós-Brasília: rumos da arquitetura brasileira - discurso, prática e pensamento**. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2003.

GROAT, Linda N.; WANG, David. **Architectural research methods**. 2ed. Hoboken, 2013.

MANFREDO, Tafuri. There is no criticism, only history. **Design Book Review**, Berkeley, n.9, p. 8-11, Spring, 1986.

NOBRE, Ana Luiza; WISNIK, Guilherme; MILHEIRO, Ana Vaz. **Coletivo - 36 projetos da arquitetura paulista contemporânea**. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

WAISMAN, Marina. O centro se desloca para as margens. **Revista Projeto**, São Paulo, n. 129, p. 73-76, jan/fev. 1990. ISSN: 0101-1766.



SESSÃO 3

31 jul 2024

PROJETO HIGHRISE, URBANO VERTICAL, NARRATIVAS DIGITAIS EM SÃO PAULO E LYON

Highrise project, vertical urban, digital narratives in São Paulo and Lyon

Proyecto Highrise, urbano vertical, narrativas digitales en São Paulo y Lyon

Palavras-chave: urbanização, cidade inclusiva, verticalização e ferramentas digitais.

Júlia Kanomata Bones

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU.USP)

E-mail: juliakbones@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9950773128322628>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-0228-5121>

Lígia Maria Campos Juliano

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU.USP)

E-mail: ligiamcj000@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9395973344742432>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-8368-1012>

Pedro Falha Saraiva

Graduando em Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU.USP)

E-mail: pedrofalhasaraiva@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7306111143145647>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0925-4958>

Manoel Rodrigues Alves

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela FAU.USP

Professor em Arquitetura e Urbanismo do IAU.USP

E-mail: mra@sc.usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7815309672113678>

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-6935-0477>

Camila Ferreira Guimarães

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP

Professora da Universidade de Brasília

E-mail: camilafguimaraes@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7623330251944001>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6776-588X>

INTRODUÇÃO

A verticalização é um fenômeno urbano que marcou cidades globalmente e continua a transformar bairros, paisagens e a experiência urbana. Esse processo está ligado a políticas públicas, ao mercado imobiliário e aos agentes envolvidos. O projeto "Highrise, Living and the Inclusive City", em seu oitavo ano de desenvolvimento, segue questionando, criticamente, até que ponto a verticalização pode criar cidades inclusivas e acessíveis.

Considerando cinco escalas de análise (*Continental; Regional; Local; Intraurbana e Empreendimento e Entorno*)¹, as iniciações científicas² que continuam o projeto debruçam-se sobre a quarta e quinta, estudando o tecido urbano de São Paulo (ao longo das avenidas Rebouças e Santo Amaro e em parte do bairro do Tatuapé) e Lyon (nos bairros de Gerland-Girondins; La Duchère e Vénissieux). A seleção destas áreas parte de um interesse em estudar a verticalização atrelada a unidades territoriais de análise e instrumentos legislativos específicos: no caso brasileiro, as UDHs (Unidades de Desenvolvimento Humano) e os Eixos de Estruturação e Transformação Urbana (EETU); no caso francês, as *Zones d'Aménagement Concerté (ZAC) (Zonas de Desenvolvimento Orientado)* e os *Projet de Renouvellement Urbain (PUR) (Projetos de Renovação Urbana)*.

O estudo parte da análise do tecido urbano considerando sua heterogeneidade, valendo-se das bases de dados de entidades públicas a fim de produzir fichas de análise com cartografias e infográficos que caracterizam adequadamente a área de estudo. Valendo-se dos métodos desenvolvidos pelo projeto, utilizou-se chaves de leitura (*Ver, Viver e Verticalização*) para orientar estudos sobre os territórios, produzindo questões que foram e serão verificadas em atividades de campo. Estas, por sua vez, tem a finalidade de coleta de material audiovisual capaz de compor narrativas digitais que sumarizam e contam sobre o fenômeno e suas particularidades em cada um dos contextos estudados.

Atualmente, as iniciações científicas encontram-se em etapas finais de desenvolvimento, ainda que, dadas limitações de cronograma, as atividades de campo não tenham sido ainda desenvolvidas (o que justifica a continuidade do trabalho no contexto de São Paulo). Ainda assim, produziu-se vasto material temático sobre as áreas estudadas (sumarizados nas Fichas Síntese) das três áreas de Lyon e também da área que engloba a Avenida Rebouças, além de coleta de material audiovisual de Gerland-Girondins e La Duchère³.

¹ Estas cinco escalas de análise são explicadas com maior acurácia no artigo *Questões da Verticalização Urbana na França e no Brasil: Projeto Highrise*, publicado na revista *Risco* em 2020.

² São elas: "Projeto Highrise, Linha do Tempo e Navegações no Urbano Vertical de São Paulo", financiada pela FAPESP e de número de protocolo 2021/17132-0, desenvolvida por Pedro Falha Saraiva desde 2022; "Leitura e Navegação no Urbano Vertical: Experimentação e Captação das Interfaces Verticalizadas na Cidade de São Paulo", atrelada ao Programa Unificado de Bolsas (PUB), desenvolvida por Julia Kanomata Bones desde 2023 e "Leitura e navegações no urbano vertical: análise e composição de narrativas digitais sobre a verticalização em São Paulo e Lyon", atrelada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) desenvolvida por Ligia Maria Campos Juliano também desde 2023.

³ A área relacionada a Vénissieux não pôde ser visitada em função da ausência de um representante social da área que pudesse apresentar e inserir o pesquisador no contexto do bairro e de seus moradores. Em função do curto período de estadia, optou-se por focar nas outras duas áreas de fácil acesso e captura de material.

O projeto, em fase de publicização, continua investigando as questões suscitadas pelo fenômeno da verticalização, sobretudo em meio a revisões de planos diretores e políticas que incentivam, cada vez mais, esse modelo de cidade. Nestes novos contextos, são feitas velhas perguntas: a verticalização ainda é um processo de produção de cidades inclusivas e acessíveis?

1. OBJETIVO

Enquanto desdobramentos do projeto “Highrise Living and the Inclusive City”, as pesquisas de iniciação científica valem-se dos métodos de análise do urbano vertical com o objetivo de dar seguimento aos produtos da quarta e quinta escalas de análise (“Intraurbana” e “Empreendimento e Entorno”), refinando-os à medida que novos contextos da verticalização surgem, bem como novas formas de representação são exploradas para trazer a tona questões sensíveis sobre a experiência das vivências em torno de “highrises”. Estes desdobramentos têm como finalidade explorar áreas em São Paulo e Lyon a fim de reforçar e atualizar o vínculo entre os dois contextos.

2. MÉTODO

O desenvolvimento das três pesquisas deu-se de maneira conjunta, havendo um compartilhamento de métodos e materiais com o objetivo de proporcionar um ambiente colaborativo. Será descrito, aqui, os processos de **contextualização e revisão bibliográfica** (por parte das bolsistas, na familiarização com o projeto e por parte do pesquisador, com o contexto de Lyon); os métodos de **leitura e análise do território urbano**, por meio das quais foi possível o entendimento das áreas de estudo; o processo de **composição das narrativas digitais**, que se encontram ainda em desenvolvimento, e, por fim, uma síntese da **transferibilidade de processos** necessária para o trabalho em Lyon.

2.1. Contextualização e revisão bibliográfica

No contexto de um grupo de pesquisa, foram organizados workshops pelo pesquisador com a finalidade de contextualizar as novas pesquisadoras em torno do trabalho desenvolvido até 2023, bem como sobre o funcionamento e manutenção das plataformas digitais utilizadas. Estes encontros eram feitos presencialmente durante o segundo semestre de 2023 e online no primeiro semestre de 2024, considerando as atividades em curso em Lyon.

Em paralelo, a revisão bibliográfica concentrou-se em materiais já produzidos pelo Projeto Highrise, gerando familiarização com a temática, questionamentos e métodos. Além disso, o acompanhamento do cenário de referência contemporâneo enquanto forma de manter o grupo atualizado sobre novas alterações, por exemplo, em instrumentos legislativos.

2.2. Análise e leitura do território

Para análise da quarta escala (Intraurbana, que se refere a escala do município e suas unidades territoriais de análise), foram geradas cartografias multitemáticas a partir das diferentes bases de dados disponibilizadas publicamente, além da captura de série histórica por imagens de satélite e da plataforma Google Street View. Também foram coletados dados sociodemográficos. Este material foi sintetizado em pranchas chamadas Fichas Síntese com o objetivo de reunir uma leitura geral sobre a área de estudo e permitir questionamentos a partir de chaves de leitura preestabelecidas pelo projeto.

2.3. Composição de narrativas

A criação de narrativas transforma a leitura urbana em produtos audiovisuais e digitais. O processo começa com as Fichas Síntese e requer uma compreensão aprofundada do objeto de estudo. Atividades de campo são realizadas nas áreas selecionadas, orientadas pelas chaves de leitura, para verificar e levantar novas questões pelo contato direto com o espaço. Fotografias, vídeos, áudios e outros registros são coletados, processados digitalmente e montados em narrativas para divulgação.

2.4. Transferibilidade de processos

É importante destacar a transferibilidade dos processos para Lyon, considerando as diferenças políticas e de urbanização, além da disponibilidade de informações, como referências bibliográficas e dados georreferenciados. O contato com o professor orientador Christian Montés, coordenador do Projeto Highrise, foi essencial. Os encontros semanais ajudaram na inserção do pesquisador em Lyon, tanto para obter bibliografia quanto para acessar informações sobre as áreas de estudo. O acompanhamento dele foi fundamental para validar as metodologias usadas em Lyon, baseando-se no que já foi feito em São Paulo.

3. RESULTADOS OBTIDOS E ESPERADOS

As pesquisadoras se familiarizaram com as temáticas e ferramentas do projeto, analisando e sistematizando o urbano em plataformas digitais. Isso foi comprovado pela criação da Ficha Síntese de quatro UDH-M na Avenida Rebouças, em São Paulo. Também participaram da edição do livro *Producing and Living the High-Rise: New Contexts, Old Questions?*, lançado em fevereiro de 2024. A continuidade da pesquisa prevê o desenvolvimento de mais Fichas Síntese e atividades de campo para narrativas.

Durante a Bolsa Estágio para Pesquisa no Exterior em Lyon, entre março e junho de 2024, reforçou-se o vínculo entre as equipes por meio de levantamento de dados e análise

territorial. As atividades de campo e a coleta de material audiovisual contribuirão para narrativas digitais a serem divulgadas nas plataformas do projeto Highrise.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As recentes revisões no PDE em São Paulo, que alteram políticas como os EETU e promovem a verticalização nos miolos das quadras, destacam a importância de estudar a capacidade de criar uma cidade inclusiva para a diversidade social de São Paulo. Dinâmicas semelhantes ocorrem em outras partes do mundo, como Lyon, evidenciando esse fenômeno como parte da urbanização contemporânea global. A análise multitemática permite uma compreensão mais sensível dessas dinâmicas. Portanto, é essencial continuar este debate, utilizando recursos digitais e analógicos para narrar como o urbanismo afeta a vida na sociedade.

AGRADECIMENTOS

Expressamos nossos profundos agradecimentos às instituições de fomento que viabilizaram as pesquisas, sendo elas a FAPESP, o CNPq e as Pró-Reitorias da Universidade de São Paulo, que organizam e viabilizam o PUB-USP. Agradecemos, também, ao espaço cedido pela comissão organizadora do Café com Pesquisa 2024 para expormos nosso trabalho.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1995-1997. Mil Platôs. **Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34. 715 pp.

NOLD, Christian. 2009. **Emotional Cartography: technologies of the self**. Space: Creative Commons.

PERES, H. **As narrativas audiovisuais do vídeo digital: uma leitura a partir de Walter Benjamin**. Cadernos Walter Benjamin, v. 20, p. 81-101, 2018.

PREECE, J; ROGERS, Y; SHARP, H. **Design de Interação: Além da Interação Humano Computador**. Bookman, Rio Grande do Sul, 2013.

RODRIGUES, M. A.; APPERT, M.; MONTÈS, C. et al. **Producing and living the high-rise** New contexts, old questions? Series in Built Environment Bridging Languages and Scholarship. Vernonpress, 502p, 2024.

RODRIGUES, M. A.; CAMARGO, C.; CARDOZO, L. Questões da Verticalização Urbana na França e no Brasil: Projeto Highrise. In: **Revista Risco**, número 18, vol. 2, p.138-166. São Carlos, 2020.

RODRIGUES, M. A.; DAITX, M. Observations on Inclusiveness, Equality and Equity in the Urban Space in the city of São Paulo. In: MANNISI, A.; TAPIA, C. **'Reciprocidad. Design Diplomacy in Seville'**. Recolectores Urbanos Editorial, Málaga, 2021, p.95-110.

ESPAÇO PÚBLICO E PATRIMÔNIO, NARRATIVAS CARTOGRÁFICAS

Public Space and Heritage, Cartographic narratives

Espacio Público y Patrimonio, Narrativas Cartográficas

Palavras-chave: Espaço Público, Patrimônio, Narrativas, Atmosferas espaciais, Paraisópolis

Ana Clara Sena Iacope

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU - USP

E-mail: anaiacope@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7535386607358271>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-0358-653X>

Julia Delfino Costa Maia

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU - USP

E-mail: juliadelfinocm@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1036430204498242>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-0762-3656>

Luisa Bagatim Rodrigues Nunes

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU - USP

E-mail: luisabagatim@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0591576854814942>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-4908-6107>

Manoel Rodrigues Alves

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela FAU.USP

Professor em Arquitetura e Urbanismo do IAU.USP

E-mail: mra@sc.usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7815309672113678>

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-6935-0477>

Camila Ferreira Guimarães

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP

Professora da Universidade de Brasília

E-mail: camilafguimaraes@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7623330251944001>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6776-588X>

1. INTRODUÇÃO

A Praça Coronel Paulino de Arruda Botelho em São Carlos/SP representa um importante espaço público na cidade, tal importância é ressaltada por sua classificação enquanto patrimônio cultural. Já o Parque do Kartódromo, sem a classificação enquanto patrimônio, se configura enquanto um espaço representativo das dinâmicas cotidianas dos habitantes, embora sua função tenha sido alterada ao longo da história. No caso de Paraisópolis, uma das maiores comunidades de São Paulo, marcada pela segregação socioespacial e pelo forte movimento de resistência, os espaços públicos são majoritariamente as ruas e as calçadas, afastando-se da ideia tradicional das praças. Nesta perspectiva, as formas de usos e apropriações destes espaços refletem tanto os aspectos decorrentes da patrimonialização quanto àqueles relacionados à produção da cidade contemporânea. Neste sentido, teve-se como finalidade investigar e comparar as dinâmicas socioespaciais decorrentes da condição do espaço público enquanto patrimônio e o espaço público sem tal classificação. Além disso, narrativas cartográficas foram desenvolvidas, a partir do método da cartografia do sensível, como forma de analisar as relações simbólicas, as potencialidades e os conflitos presentes no espaço.

2. OBJETIVO

O projeto teve como objetivo geral analisar os desdobramentos do processo de tombamento do Antigo Jardim Público – Praça Coronel Paulino Carlos de Arruda Botelho em São Carlos – SP, frente às práticas socioespaciais contemporâneas, comparando com os espaços públicos sem a classificação como patrimônio, o Parque do Kartódromo em São Carlos-SP e Paraisópolis, em São Paulo, relacionando-os com a composição histórica, social, cultural e econômica do espaço, que são essenciais para a sua caracterização, a fim de analisar em que medida a definição oficial de patrimônio cultural interfere nas formas de uso e apropriação do espaço. Especificamente, objetiva-se mapear as práticas socioespaciais nos três territórios; identificar as relações entre a construção da praça enquanto patrimônio, suas temporalidades e as formas e usos a partir de uma abordagem fenomenológica. Além disso, teve-se como objetiva a produção das cartografias sensíveis, relacionadas aos usos, conflitos e apropriações dos espaços selecionados.

3. MÉTODO

3.1 Análise conceitual e teórica: revisão bibliográfica, levantamento de dados históricos e levantamentos quantitativos

A primeira etapa contemplou a revisão bibliográfica acerca dos principais conceitos presentes no projeto (atmosfera espacial, espaço público, cartografia e patrimônio), o levantamento históricos da Praça Coronel Paulino Carlos, do Parque do Kartódromo e de Paraisópolis-SP, e o levantamento de dados quantitativos das áreas estudadas, a fim de

contribuir para o momento da produção das cartografias críticas sensíveis, contrastando e complementando para a análise do local. Através dessa etapa, pode-se definir as apreensões e abordagens utilizadas no mapeamento e no momento da produção das cartografias.

3.2 Estudo empírico e mapeamento

Para os espaços públicos em São Carlos (Praça Coronel Paulino de Arruda Botelho e Parque do Kartódromo), como método, a pesquisa de campo foi utilizada, analisando e compreendendo a produção dos espaços pesquisados. Assim, fotografias e observação do participante foram realizadas como forma de etapa inicial da produção dessas narrativas, enfatizando o papel do pesquisador na interpretação e no acompanhamento de processos, explorando as sensações e percepções sentidas no local pesquisado. Já em São Paulo (Paraisópolis), a visita de campo foi inviabilizada, dessa forma, a análise do espaço foi feita a partir de fotos já registradas em pesquisas anteriores, e pelo uso do Street View.

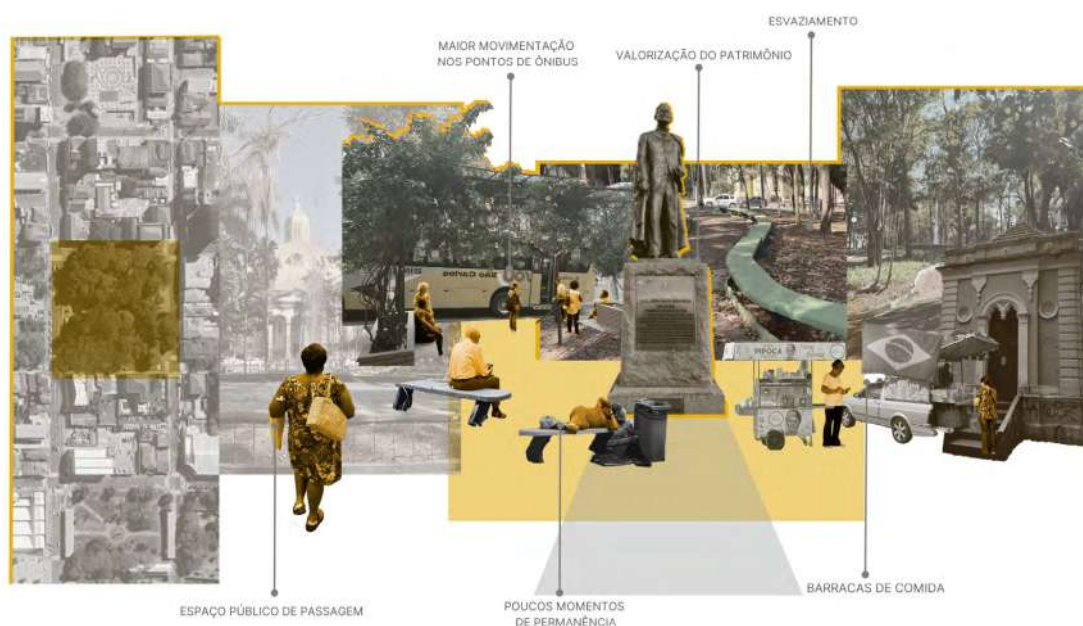
Assim, a fim de produzir cartografias críticas e sensíveis, formas, usos, apropriações dos espaços, pertencimentos e resistências foram analisados, sempre considerando o conhecimento de sua história e dando importância tanto para o estudo das práticas socioespaciais desses espaços no passado, quanto no presente, identificando as alterações de seu uso, potencialidades e conflitos ao passar do tempo.

3.3 Sistematização e análise interpretativa e reflexiva

A produção das cartografias (Figura 1) foi realizada a partir de temáticas já estabelecidas, demonstrando todas as transformações e continuidades ocorridas nos espaços públicos estudados, mapeando e expressando as percepções, emoções e as práticas cotidianas, que muitas vezes são invisíveis no habitual, sempre entendendo a cartografia como um ato de acompanhar processos (BARROS, KASTRUP, 2020). Essas narrativas cartográficas, permitiram expressar as diversas camadas que compõem a atmosfera espacial do local, caracterizando os espaços públicos a partir da sobreposição de elementos sensoriais e imateriais, junto às experiências moldadas por processos culturais e econômicos, destacando os conflitos observados na análise.

Por fim, a análise reflexiva final foi realizada, explorando a relação desses espaços com os indivíduos e o território ao seu entorno, ampliando o repertório sobre o tema e os valores simbólicos relacionados aos espaços, identificando suas apropriações e ocupações.

Figura 1: Cartografia sensível sobre usos e práticas socioespaciais na Praça Coronel Paulino Carlos



Fonte: Autoria do grupo, 2024

4. RESULTADOS OBTIDOS/ESPERADOS

A pesquisa revela resultados significativos sobre a utilização e a percepção do espaço público através de cartografias sensíveis. Cartografias essas que contemplam o processo exploratório dos objetos de estudo, realizadas a partir de visitas em campo e uso da ferramenta do Street View, que possibilitaram a análise de como os ambientes são utilizados pela comunidade. As cartografias revelam os aspectos sobre o patrimônio cultural e histórico, promovendo uma reflexão profunda sobre a importância desses espaços no contexto urbano e revelando as dinâmicas dos usos, as práticas e a presença de elementos patrimoniais que se relacionam com a sociabilidade e a identidade local.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa possibilitou uma compreensão aprofundada das dinâmicas socioespaciais em espaços públicos com e sem a classificação de patrimônio cultural. Através da análise comparativa da Praça Coronel Paulino de Arruda Botelho, do Parque do Kartódromo, e de Paraisópolis, evidenciou-se as diferentes formas como são percebidos e utilizados pela comunidade. As cartografias sensíveis desenvolvidas no estudo se mostraram ferramentas importantes no estudo de uso e simbolismo que permeiam esses espaços, permitindo identificar seus conflitos e potencialidades. Por fim, esse trabalho também reafirma a importância de unir abordagens objetivas e sensíveis, permitindo uma compreensão mais rica dos objetos empíricos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Manoel Rodrigues. **Public Spaces, spaces of public domain**: Icons of a contemporary simulacrum?. 2020.
- ARROYO, Julio. **El espacio público**: entre afirmaciones y desplazamientos. Ediciones UNL, 2020.
- BRASH, Julian. **Public Space, Legitimacy and Democracy**. 2019.
- BRIGHENTI, Andrea. **The publicness of public space**: On the public domain. 2010.
- BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E. et al. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2020. pp. 52-75.
- DELGADO, Manuel. El espacio público como representación. Espacio urbano y espacio social en Henri Lefebvre. In: **Conferência en la Ordem dos Arquitectos de Oporto**. 2013.
- DELGADO, Manuel. El Fetichismo del Espacio Público. **Cidades**, v. 11, n. 19, 2014.
- BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E. et al. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2020. pp. 52-75.
- GUIMARÃES, C. **Atmosferas patrimoniais**. Espaços públicos patrimonializados em Minas Gerais. Tese de Doutorado. São Carlos: IAU-USP, 2023.
- LIMA,IVALDO. **O discurso da Paisagem Urbana**. Entre a estética da periferia e a ética territorial. 2020.
- OLIVEIRA, Joana D. **Da senzala para onde?** Negros e negras no pós-abolição em São Carlos-SP (1880-1910). 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- ROCHA, Eduardo et al. **Cartografias sensíveis na cidade**: Experiência e resistência no espaço público da Região Sul do RS. 2017.
- ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís B (orgs). **Verbolário da caminhografia urbana**. Pelotas. RS: Editora Caseira, 2024.
- SMITH, Laurajane. **El "espejo patrimonial"**: ¿ilusión narcisista o reflexiones múltiples?. Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología, n. 12, p. 39-63, 2011.

COSTURAS DO (IN)VISÍVEL: MEMÓRIAS E TERRITORIALIDADES NEGRAS NO DISTRITO DE SANTA EUDÓXIA

Seams of the (In)visible: black memories and territorialities in the district of Santa Eudóxia

Costuras de lo (In)visible: memorias y territorialidades negras en el distrito de Santa Eudoxia

Palavras-chave: Santa Eudóxia; Territórios Negros; Memórias Negras; Patrimônio Cultural Afro-brasileiro.

Gerlânia Bezerra da Costa

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP

E-mail: gerlania.costa@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8703210535987455>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-7373-4202>

Joana D'Arc de Oliveira

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP

Pós-doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela FAU.USP

E-mail: joanadarcoliveira@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9412303406727941>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4122-0523>

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é vinculada ao Projeto de Pós-Doutorado “Patrimônio Cultural Afrobrasileiro: Casas e Quintais Negros Urbanos como Espaços de Resistências”, que foi desenvolvido pela orientadora Joana D’Arc de Oliveira no programa de Pós-Doutorado do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP - IAU/USP. O trabalho consistiu no mapeamento dos territórios negros urbanos que emergiram no contexto do pós-abolição em cidades do interior paulista, como formas de resistência às legislações urbanas, projetos urbanísticos e às ações de apagamento, exclusão e discriminação das culturas negras empreendidas pelo Estado e pela elite branca nacional, com base no Racismo Científico, em voga na Europa desde o final do século XIX (Schwarcz, 2007). Nesta pesquisa de iniciação científica, buscamos mapear a presença negra e os seus territórios no distrito de Santa Eudóxia, localizado em São Carlos-SP. Para tal, buscamos ampliar o arcabouço teórico, interseccionando os conceitos de raça, território, espaço urbano e arquitetura, paralelamente ao levantamento de campo composto por entrevistas, levantamentos documentais, fotográficos e arquitetônicos dos territórios negros, sendo estes representados pelas casas, quintais, espaços religiosos e culturais mantidos e preservados pelos povos negros nas cidades e que foram organizados como espaços de resistência e preservação das culturas africanas e afro-brasileiras.

2. OBJETIVOS

Esta pesquisa tem como objetivo principal investigar a presença negra e seus territórios no distrito de Santa Eudóxia, localizado no município de São Carlos-SP. Objetivamos mapear, em diálogo contínuo e participativo com os sujeitos ali inseridos, as histórias, os saberes, as práticas culturais e as formas com que esses sujeitos se apropriam dos seus espaços de morar e da cidade.

3. MÉTODO

A pesquisa estrutura-se a partir de contínua revisão bibliográfica, levantamento documental em arquivos públicos e privados, e atividades de campo exploratórias aos territórios negros urbanos de Santa Eudóxia. Na pesquisa de campo, são empregados instrumentos da pesquisa qualitativa, mais especificamente o método da história oral; nesta fase, realizamos entrevistas, a partir de um roteiro semiestruturado, com as famílias previamente selecionadas. Esta etapa também contempla a realização de levantamentos arquitetônicos e fotográficos das casas e quintais negros dos depoentes e levantamentos documentais, tanto nos acervos pessoais das famílias, quanto em arquivos públicos. Em fase complementar, o material coletado passa por processo de organização, transcrição, sistematização e análise,

assim, sendo continuamente confrontado com apoio na bibliografia consultada, permitindo que ambas as frentes se retroalimentem durante o desenvolvimento da pesquisa.

4. DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS PARCIAIS

De início, deve-se destacar que, durante boa parte do período de vigência da bolsa, foi necessário trabalhar com fontes primárias e secundárias para construir e consolidar uma base teórica acerca do recorte de estudo e desse modo, obter insumos que pudessem embasar e orientar a continuidade das outras etapas previstas. Inicialmente, por meio da revisão bibliográfica e do levantamento documental, buscou-se compreender aspectos referentes à toponímia¹ e à formação histórica do distrito de Santa Eudóxia.

Durante essa etapa, centrada em estudos e levantamentos documentais referentes aos séculos XVIII e XIX, emerge a figura de Roque José Florêncio -“Pata Seca”-, cuja história é muito presente no imaginário da população local. De acordo com os relatos, Roque nasceu na cidade de Sorocaba-SP (1827-1958) e foi vendido ainda jovem, em 1849, para o latifundiário Francisco da Cunha Bueno (Souza, 2016). Acredita-se que, devido às suas características físicas (2,18 m de altura, forte e possuidor de canelas finas), ele foi escolhido para exercer a função de escravo reprodutor da fazenda, gerando mais de 200 filhos (Souza, 2016). No entanto, a análise e o cruzamento de diversos documentos consultados nos permitem questionar essa narrativa de que Roque teria vivido mais de 100 anos e ocupado a função de escravo reprodutor. Comparando os dados do Recenseamento populacional de São Carlos em 1907, da habilitação de casamento e da certidão de óbito de Roque, pode-se constatar que ele nasceu em 1879 e faleceu aos 79 anos de idade. Ou seja, Roque teria nascido após a Lei do Ventre Livre² e nove anos antes da promulgação da Lei Áurea³; portanto, em tese, ele não teria nascido na condição de escravizado e ainda que tivesse sido, não haveria tempo hábil para se tornar um escravo reprodutor e com mais de 200 filhos.

Instigadas pela história de Roque e interessadas em dar continuidade à compreensão da presença negra em Santa Eudóxia no pós-abolição, além de obter insumos para traçar paralelos com o cenário atual, decidimos nos debruçar sobre os volumes do Recenseamento

¹Há uma série de especulações, presentes na memória da população local, que fazem referência à presença de escravizados fugidos e quilombos na região, em um período anterior à demarcação da Sesmaria do Quilombo (1812). Segundo os rumores, a denominação “Sesmaria do Quilombo” seria uma referência à presença desses quilombos, e os corpos d’água, como o Rio do Quilombo e o Ribeirão dos Negros, também seriam indicativos dessa presença (Massarão, s.d.).

² Brasil. **Lei nº 2.040, de 28 de setembro de 1871**. Declara de condição livre os filhos de mulher escrava que nascerem desde a data desta lei [...]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim2040.htm. Acesso em: 31 jan 2024.

³ Brasil. **Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888**. Declara extinta a escravidão no Brasil. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim3353.htm. Acesso em: 31 jan 2024.

populacional de São Carlos em 1907. Após consultarmos os oito volumes, identificamos o intervalo dos registros de Santa Eudóxia e a partir disso, tabulamos um inventário da população negra do distrito⁴, considerando apenas os indivíduos registrados como pretos ou mulatos. Com a construção do inventário e a tabulação de outras informações do Recenseamento, foi possível cruzar os dados e estruturar um perfil da população negra de Santa Eudóxia em 1907, além de elaborar um mapeamento dos núcleos familiares negros presentes na mesma época. Esse mapeamento foi elaborado como um material que pode ser revisitado e complementado com outras informações que forem obtidas, e foi realizado com o intuito de auxiliar na busca por descendentes dessas famílias, tendo em vista que poderia facilitar a identificação das famílias negras que residem há bastante tempo em Santa Eudóxia.

Além da necessidade de se aproximar do recorte da pesquisa, também enfrentamos uma série de desafios até, de fato, conseguirmos identificar e estabelecer vínculos com as famílias negras que poderiam contribuir com o estudo; as entrevistas e levantamentos previstos puderam ser iniciados apenas em junho de 2024. Deve-se pontuar que as entrevistas são imprescindíveis para o andamento da pesquisa, uma vez que, ancorados nos estudos de Hampaté Bâ (1979), observamos que a tradição oral, que se manifesta no cotidiano e convivência coletiva das civilizações e culturas africanas, é fundamental na cadeia de transmissão de valores e saberes de geração a geração. Como discute Oliveira (2018), a partir da oralidade é possível coletarmos histórias, crenças, costumes, tradições e compreendermos como o negro, na cidade de São Carlos, consolida-se no território, lida com a vida em liberdade e como este cenário se desdobra para os dias atuais.

Até o presente momento, foram realizadas quatro entrevistas, que estão em processo de transcrição e revisão. Entrevistamos as irmãs Eudóxia da Silva Moraes (62 anos), Olga Maria da Silva (66 anos) e Aparecida Maria da Silva (69 anos), além de Maria Madalena Florêncio (70 anos), neta de Roque José Florêncio. Além das entrevistas, foi possível consultar parte do acervo fotográfico de Madalena e realizar o levantamento arquitetônico e fotográfico da sua moradia. Paralelamente, também iniciamos a digitalização do acervo fotográfico da família de Eudóxia Moraes.

As entrevistas, levantamentos e consultas aos acervos familiares estão nos permitindo coletar os indícios das memórias e resistências materializadas no âmbito doméstico, visto que as vivências - circunscritas às casas e quintais negros-, se distinguem do cenário de discriminações que esses sujeitos relatam experienciar ao longo dos seus deslocamentos pelo espaço urbano. De modo geral, observamos como esses espaços de moradia despontam como importantes territórios de resistência, uma vez que congregam as famílias negras e possibilitam a manifestação, preservação e transmissão dos seus saberes para a

⁴ Deve-se destacar que a produção do inventário foi facilitada por sistematizações elaboradas pela orientadora durante o desenvolvimento de sua pesquisa de doutorado.

posteridade (Oliveira, 2018). Além do aspecto agregador da casa, deve-se destacar o caráter de subsistência e sociabilidade dos quintais, que frequentemente abrigam plantações, criação de animais e também são palco para os encontros e as práticas das famílias.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda em andamento, a pesquisa vem coletando elementos para a composição de um importante acervo, que fornece insumos para futuras investigações e contribui para o reconhecimento do patrimônio cultural afro-brasileiro, tanto material quanto imaterial. Com a aprovação da prorrogação da bolsa de pesquisa, nas próximas etapas pretende-se dar continuidade às atividades de campo e, conseqüentemente, ao aprofundamento das análises decorrentes do cruzamento do referencial bibliográfico, levantamento documental, entrevistas e outros dados coletados em campo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento desta pesquisa de iniciação científica (processo nº 2023/06366-9). As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade da autora e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.

Agradeço também a todos colaboradores e entrevistados por aceitarem contribuir com a pesquisa, e à docente Joana D'Arc de Oliveira por todo apoio e orientação.

REFERÊNCIAS

Brasil. **Lei nº 2.040, de 28 de setembro de 1871**. Declara de condição livre os filhos de mulher escrava que nascerem desde a data desta lei [...]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim2040.htm. Acesso em: 31 jan 2024.

Brasil. **Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888**. Declara extinta a escravidão no Brasil. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim3353.htm. Acesso em: 31 jan 2024.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. **A palavra, memória viva da África**. O correio da Unesco, n. 10-11, 1979.

MASSARÃO, Leila Maria. **Distrito de Santa Eudóxia - São Carlos**. Disponível em: https://www.promemoria.saocarlos.sp.gov.br/acervo-files/historias-sc/santa_eudoxia.pdf. Acesso em 15 jan 2024.

OLIVEIRA, Joana D'Arc de. **Da senzala para onde? Negros e negras na pós-abolição em São Carlos - SP (1880-1910)**. São Carlos: FPMSC, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Dos males da Dádiva: sobre as ambiguidades no processo de Abolição Brasileira**. In: Gomes, Flávio dos Santos e Cunha, Olívia Maria Gomes. (organizadores). *Quase Cidadão: histórias e antropologias do pós-emancipação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SOUZA, Marinaldo Fernando de. **Além da escola: reflexões teórico-metodológicas com base na análise de práticas educativas alternativas descobertas em áreas rurais da região de São Carlos-SP**. 2016. 194p. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado)-UNESP, Araraquara/SP.

CAMINHANDO POR PAISAGENS EM JUIZ DE FORA: O BAIRRO DE SANTA TEREZINHA

Walking through landscapes in Juiz de Fora: the neighborhood of Santa Terezinha

Paseo por paisajes en Juiz de Fora: el barrio de Santa Terezinha

Palavras-chave: empiria delicada; corpo-paisagem; paisagem urbana; caminhar

Carolina Cardi Pifano de Paula

Arquiteta e Urbanista pela UFJF

Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela IAU.USP)

E-mail: carolinapifano@usp.br

Currículo Lattes: Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2045874396832449>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0046-2689>

Luciano Bernardino da Costa

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela FAU.USP

Professor Doutor do IAU.USP

E-mail: lbcosta@sc.usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3195698207234373>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3292-2697>

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa foi motivada por um desconforto enunciador de perguntas sobre as relações entre corpo e paisagem ao se deslocar por entre espaços e perceber estranhamentos em relação a noções de paisagem consolidadas no senso comum. Tal desconforto pareceu se vincular ao descompasso de um possível retorno a uma paisagem não mais reconhecível. A causa desta inquietação foi a passagem pelos arredores de um dos maiores empreendimentos imobiliários localizados no bairro de Santa Terezinha, o condomínio Park Quinet em Juiz de Fora (MG). A presença impositiva desse projeto, incompatível com o lugar em termos de escala e de infraestrutura urbana, fez refletir sobre o estranhamento da identidade de Santa Terezinha. Identidade construída no cruzamento entre afetações e referências paisagísticas localizadas no bairro que a fizeram ser tal como a guardei em minha memória, atravessando a maneira como agora vejo sua paisagem.

Isso remete a um ponto de sensibilidade para a paisagem engajada com uma duração pessoal no tempo e feita de *dobras*¹, para usar a expressão de Besse (2014). Uma sucessão de posições como em um exercício ambulatorio no qual o fenômeno da paisagem, não mais descortinada unicamente como um panorama totalizador, passa a ganhar sentido e potência à medida em que as distâncias são alteradas por um conjunto de referências em deslocamento no espaço e no tempo.

Um desejo de compreender o que o corpo sabe conduzido por um entendimento sobre a “paisagem como parte integrante do indivíduo que nela se reconhecia” (Veras, 2014, p.17)² dentro de um meio comum partilhado (Berque, 2010). E, ainda, da vontade que nos leva à caminhada (realização do percurso no espaço físico) em forma de inquietação e de estado atento à maneira de manter um campo de afetações ativo com a paisagem pensada desde o corpo (e, principalmente, com o corpo). Nesse sentido, propondo um encantamento renovado perante aquilo que fora rompido no cotidiano e excluído pela realidade urbana.

Observamos que “para a maioria dos humanos, se somos seres-no-mundo somos na cidade. Cada um em seu mundo. Cada mundo em cada um de nós” (HOLZER, 2017). Emerge daí uma paisagem como “superfície que não se deixa perpassar” (PEIXOTO, 1999), um tipo de desorientação e trânsito permanente por entre fragmentos urbanos sobrepostos em camadas de material histórico e afetivo. Essa impenetrância contrária a um tempo lento de uma atenção contemplativa (Han, 2017) submete-se à uma lógica utilitária e alienante suplantada à itinerários mecanizados da experiência

¹ A palavra *dobra* está sendo usada como é discutido no capítulo *Nas dobras do mundo. Paisagem e Filosofia segundo Péguy* (p.98 – 108) em *Ver a Terra: cinco ensaios* (2006) de Jean Marc-Besse. *Dobra* se refere ao ponto sensível de observação da paisagem, convite entre o longe e o perto para apreender “o infinito no finito” da paisagem como uma sucessão de pontos de vistas descobertos aos poucos. Em seu outro livro, *O gosto do mundo: exercícios de paisagem* (2014), *dobra* aparece, geralmente, no sentido de ação enquanto verbo para qualificar uma dinâmica ou dialética interna da paisagem que lhe confere forma, textura, materialidade e função segundo modalidades temporais mediadas pelo olhar de quem a contempla. De modo geral, essa palavra pode ser entendida como um potencial de transformação e reformulação do entendimento sobre a paisagem, uma condição de devir ou algo na iminência de emergir à superfície. E, ainda, sugere uma percepção feita ao nível do solo e ordenada de maneira transitória por um corpo situado no espaço.

² Nessa citação, Veras (2014) faz referência à Berque (2010).

urbana. Apesar de estar ao alcance das mãos, a legibilidade cessa e vemos apontar uma paisagem onde nada vive.

2. OBJETIVO

Com o objetivo de qualificar dinâmicas de apreensão da paisagem tecido entre as relações sensíveis e as relações históricas inerentes ao bairro Santa Terezinha (Juiz de Fora/MG) como camadas temporais que lhe conferem sentidos. Para isso a pesquisa apoia-se em teóricos como Augustin Berque, Jean-Marc Besse, Éric Dardel entre outros.

A paisagem é entendida nesta pesquisa como um meio de relações humanas com o espaço, onde temporalidades sociais e culturais específicas constroem um registro histórico dinâmico sobre um substrato preexistente. E, nesse sentido, onde se realiza a relação concreta entre corpo e espaço extraída do cotidiano, ativando no indivíduo um processo de despertar dos sentidos à observação delicada dos fenômenos da paisagem no aqui e no agora. O reconhecimento dessa relação concreta entre a percepção sensível e o conhecimento histórico pode ser fundamental para o reconhecimento de um tempo lento esvaziado no mundo contemporâneo face a paisagens urbanas que escapam às leituras habituais do cotidiano da cidade.

Nesse sentido, a noção de paisagem apoia-se na compreensão desta como o lugar do *entre*, *espaço dialógico* onde é possível (re)pensar os sentidos de *pertencimento* e relacioná-los à categorias mais amplas sobre o habitar. Éric Dardel (1952) com o conceito de *geograficidade*; Augustin Berque (2011) através da noção de *mediância*, *trajecção* e *ecúmena*; Kenneth White (2012), Rachel Bouvet (2016), Régis Poulet (2022) no campo geopoético, pensam, de certa maneira, a paisagem em termos geográficos. Isto é, a implicação das formas de organização humana, bem como das noções estruturantes do pensamento de paisagem (ser humano e natureza; meio de subsistência e meio de contemplação; medida humana e extensão terrestre; limite e horizonte; tempo, espaço e corpo, por exemplo) enquanto expressão da experiência terrestre. A noção de Terra, nesse sentido, coloca-se como realidade material e horizonte de abertura ao *devir*, aquilo que condiciona a vida e coisa comum que conecta as pessoas dentre as diferenças e entre escalas (do indivíduo ao cosmos, do local ao planetário, do vernacular ao político ...).

3. MÉTODO

Partindo da exploração teórica sobre o tema da empiria delicada da paisagem, a pesquisa direciona a investigação para o objeto empírico, o bairro Santa Terezinha na cidade de Juiz de Fora, localizada na Zona da Mata do estado de Minas Gerais.

Propõem-se a leitura do bairro, orientada segundo camadas tanto do processo histórico de construção de sua paisagem quanto das percepções de observação direta associada ao

caminhar ou de entrevistas com moradores do bairro como práticas que dão acesso à essas qualidades da paisagem. Ao articular essas duas camadas, espera-se produzir registros cartográficos entre a palavra e a imagem para qualificar um tempo lento de percepção da paisagem tecido entre as relações sensíveis e as relações históricas inerentes ao bairro Santa Terezinha como camadas temporais que lhe conferem sentidos.

Ao fim da pesquisa, espera-se ter material que expresse graficamente os procedimentos metodológicos intelectuais e práticos elaborados. Os quais são reconhecidos pelo procedimento da montagem que associa imagens para construir narrativas sobre a historicidade de objetos cada vez mais complexos, por exemplo, de reminiscências da experiência urbana aos projetos modernizadores da cidade. A montagem aparece em Aby Warburg com o *Atlas Mynemosine* (1924 e 1929), em Marcel Proust com *Em busca com tempo perdido* (1913) e em Walter Benjamin com *Rua de Mão Única* (1928). Atualmente, o procedimento de montagem é revisitado como montagem urbana para os estudos em arquitetura e urbanismo por Poala Berenstein Jacques e Rita Velloso.

Benjamin opera sua abordagem a partir da imagem de constelação, na qual os pontos identificados na montagem expressam extremos singulares e tratam de apresentar um pensamento descentralizado. Pensar por constelações, segundo Velloso (2018), é utilizar, dentro procedimento da montagem, a imagem constelacional como ferramenta para tratar de fenômenos singulares agrupados segundo conceitos de classificação e representação de ideias. Assim, a pesquisa desenvolvida insere-se dentro desse tipo de abordagem, inspirando-se pela imagem de Constelação operada por Benjamin.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação sobre a noção corpo-paisagem se mostra relevante para observar a condição de pulsão sensível acerca daquilo que nos envolve enquanto possibilidade de reformulação de pensamentos predominantes. Contribuição para uma compreensão mais ampla, afetiva e histórica da paisagem urbana que nos permite compreender, de modo geral, uma paisagem e aquilo que é visto e reavivado em nosso interesse político para sua fruição. O reconhecimento dessa relação concreta entre a percepção sensível e o conhecimento histórico pode ser fundamental para a sobrevivência de um tempo lento esvaziado no mundo contemporâneo face a paisagens urbanas que escapam às leituras habituais do que venha a ser paisagem.

REFERÊNCIAS

BERQUE, Augustin. A ecúmena: medida terrestre do Homem, medida humana da Terra. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo (coord.). **Filosofia da Paisagem: uma antologia**. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra. Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2006

BESSE, Jean-Marc. As cinco portas da paisagem – ensaio de uma cartografia das problemáticas paisagísticas contemporâneas. In: **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 201. p. 11 – 66.

BOUVET, Rachel. Como habitar o mundo de maneira geopoética? Pernambuco: **Revista Interfaces Brasil/Canadá**, v. 12, n.1., p. 9 - 16, 2012. Disponível em:
<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/interfaces/article/view/7200> Acesso em: 12 maio. 2023.

CABRAL, A. S. C.; BARTALINI, V. Caminhar e desvelar paisagens. **RUA**, Campinas, SP, v. 25, n. 1, 2019. DOI: 10.20396/rua.v25i1.8654443. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8654443>. Acesso em: 21 maio. 2023.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. 1 ed. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzner. São Paulo: Perspectiva, 2015.

POULET, Régis. **A geopoética ou como abrir o mundo**. Trad. Camila Gomes Sant’Anna e Liranda Gomes. Institut Geopoetique: 2022. Disponível em:
<https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/281-a-geopoetica-ou-como-abrir-um-mundo> Acesso em: 12 maio. 2023.

VERAS, Lúcia. Primeira Porta: A invenção da cidade como paisagem. In: VERAS, Lúcia [et. al]. **Cadernos de arquitetura e urbanismo: Cidade-Paisagem**. Recife: Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Pernambuco; João Pessoa: Patmos Editora, 2017.

VERAS, Lúcia. **Paisagem Postal: a imagem e a palavra na compreensão de um Recife Urbano**. Tese. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco, 2014.

WHITE, Kenneth. **O grande campo da geopoética**. Trad. Márcia Marques-Rambourg. Institut Geopoetique: 2016. Disponível em:
<https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/56-o-grande-campo-da-geopoetica> Acesso em: 12 maio. 2023.

PARQUE DO INGÁ: O IMAGINÁRIO INSTITUÍDO

Parque do Ingá: The instituted imaginary

Parque do Ingá: El imaginario establecido

Palavras-chave: Parque urbano; imaginário; paisagem; imagem

Amanda Cari Fahur

Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP

E-mail: amandafahur@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0739175902360523>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-6412-286X>

Luciano Bernardino da Costa

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela FAU.USP

Professor Doutor do IAU.USP

E-mail: lbcosta@sc.usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3195698207234373>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3292-2697>

1. O PARQUE DO INGÁ / O PARQUE EM MARINGÁ - PR

Neste pequeno recorte da pesquisa, introduzimos nosso objeto de estudo, o Parque do Ingá, em Maringá - PR (imagem 01), para isso, emprestaremos algumas perguntas de Jeanne Marie Gagnebin em “Lembrar, escrever, esquecer”, porque nos instigam a pensar sobre como nos situamos dentro da história que iremos contar. Nesta obra, em especial no início de um dos ensaios apresentados, de nome “Verdade e memória do passado”, a autora questiona: Por que falamos tanto em memória, em conservação, em resgate? E por que dizemos que a tarefa dos historiadores é a de estabelecer a verdade do passado? No decorrer do texto, estabelece diferenças entre a história descritiva e uma outra, nova história, onde menciona as declarações de Walter Benjamin, que questionam a busca pelos fatos e verdades de uma ciência historicista e burguesa, atenta apenas a descrições “exatas e exaustivas”. Benjamin diz que devemos articular historicamente o passado para conhecê-lo, mas que isso não significa saber exatamente como ele o foi. Mais a frente, Gagnebin nos coloca que a história está mais próxima de uma *poiesis* do que de descrições positivas, seguindo as reflexões de Paul Ricoeur, e nos introduz ao conceito de “rastro”. Neste ensaio, o rastro nos leva a memória:

“Porque a reflexão sobre a memória utiliza tão frequentemente a imagem – o conceito – de rastro? Porque a memória vive essa tensão entre a presença e a ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente. Riqueza da memória, certamente, mas também fragilidade da memória e do rastro. (...) Se as “Palavras” só remetem às “coisas” na medida em que assinalam igualmente sua ausência, tanto mais os signos escritos, essas cópias de cópias como diz Platão, são, poderíamos dizer deste modo, o rastro de uma ausência dupla: da palavra pronunciada (do fonema), e da presença do “objeto real” que ele significa” (Gagnebin, 2006).

Nessa premissa, podemos dizer então que seguiremos um dos rastros deste espaço na história da cidade de Maringá, adentrando o campo de estudos onde a força das representações é identificada como estrutura capaz de instituir ou manter um imaginário de cidade, onde a escolha dos espaços de preservação da vegetação remanescentes, por vezes também definidos como áreas de lazer desde a implantação, reforçam o caráter indispensável de um lugar desde seu primeiro desenho, sua forma: o parque como pulmão. Nesta parte da pesquisa, em uma leitura crítica, optamos por introduzir o objeto de estudo (o Parque do Ingá) ao trabalhar a potência da imagem simbólica do pulmão quando associada a esta fração da paisagem urbana produzida, entre suas contradições, limitações e possibilidades. A citação acima, escolhida para justificar a escolha dos caminhos percorridos nesta narração, nos lembra ainda de que esta é mais uma das narrativas possíveis a percorrer, um dos rastros que nos apresenta a riqueza da memória simbólica presente na cidade, uma das “palavras” para remeter a uma das “coisas”. “Lutar contra o esquecimento e a denegação também é lutar contra a repetição” (Gagnebin, 2006).

Este rastro duplo de ausências, a ausência entre o que nos foi dito em determinado momento sobre o parque, e o que permaneceu das imagens passadas associadas a ele, e a ausência de imagens presentes e que refletem sobre seu momento presente, ao termos consciência deste passado. Preencher as lacunas e percorrer a sombra dos rastros trás à tona as ausências que por vezes retratam o que não pode morrer, imagens que precisam ser transmitidas:

“(…) Todo o trabalho de pesquisa simbólica e de criação de significação talvez também é um trabalho de luto (…) trabalho de luto que nos deve ajudar, nós, os vivos, a nos lembrarmos dos mortos para melhor viver hoje. Assim, a preocupação com a verdade do passado se completa na exigência de um presente que, também possa ser verdadeiro” (Gagnebin, 2006).

O parque como pulmão

Figura 1: Vista aérea do Parque do Ingá



Fonte: Kenji Ueta, Acervo Maringá Histórica

O parque como pulmão toma lugar neste trabalho como um despertar, em um reanimar de significados e descobertas em torno de um espaço há tanto tempo visitado e percorrido. “Proust inicia com uma apresentação do espaço daquele que desperta.” (Benjamin, Livro das Passagens, 1982). Iniciamos então a apresentação deste espaço que desperta para nós. “Se de uma casa fazemos poema, não é raro que as mais intensas contradições nos venham despertar” (Bachelard, 1958). Dentro de nossa abordagem, a imagem simbólica é “a transfiguração de uma representação concreta através de um sentido para sempre abstrato” (Durand, 1964), ou então, a representação de um plano urbanístico inicial de cidade, que,

contendo a forma de dois pulmões verdes, os transfigura em sentidos para sempre abstratos, ou melhor, o transfigura, visto que iremos destacar e estudar apenas um deles, em uma memória mantida, perseguida - fazendo aparecer sentidos secretos, se recolhendo as figurações do mundo visível, as nossas recordações, constituintes de nossa biografia e presentes na linguagem (Durand, 1964).

O planejamento urbano de Maringá - PR se formou sob o valor de natureza, utilizando das formas orgânicas da geografia da paisagem original para produção de um empreendimento fruto da idealização da qualidade de vida moderna. A imagem dos pulmões viajou no tempo desde esta primeira representação urbana instituída, aparecendo em anúncios e notícias sobre a cidade ainda hoje associadas aos discursos de preservação da natureza, acompanhada das noções de sustentabilidade, modernidade, tecnologia, turismo e qualidade de vida, que cercam a imagem da cidade utilizando do marketing urbano, esquecendo da dimensão social (Andrade; Cordovil, 2008).

Pensamos que nomear os parques como pulmões verdes interfere na vivência da cidade de forma positiva, mas carrega também contradições. No que se refere ao Parque do Ingá, é como se olhássemos ainda para este espaço estando atrelados a estas narrativas e representações passadas, suspendendo-o no tempo. Inferimos que este modo operatório de produzir cidade reflete ainda hoje na maneira como interpretamos nossa história construída em tempo presente, e nos perguntamos se esta imagem cristalizada do Parque, acaba por reverberar na compreensão e utilização deste equipamento, interferindo diretamente no imaginário coletivo da cidade.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

CORDOVIL, Fabíola Castelo de Souza; ANDRADE, Carlos Alberto Monteiro de. **A cidade de Maringá - PR. O plano inicial e as "requalificações urbanas"**. Disponível em: <<https://raco.cat/index.php/ScriptaNova/article/view/115451>> Acesso em 27 de fevereiro de 2024.

CORDOVIL, Fabíola Castelo de Souza. **A construção da cidade de Maringá – 1947 a 1982**. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/13625>> Acesso em 27 de fevereiro de 2024.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1993.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GARCIA, Carla Fernanda da Rocha; CORDOVIL, Fabíola Castelo de Souza. **Maringá e o mito da cidade planejada**. Disponível em: <<https://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/1560/1539>> Acesso em 27 de fevereiro de 2024.

AS “MÁQUINAS DE VER” DE JAIDER ESBELL

The “seeing machines” of Jaider Esbell

Palavras-chave: arte contemporânea brasileira; arte indígena; Jaider Esbell

Mariana Abramo Fugagnolli

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP

E-mail: mariana.fugagnolli@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0032552857555008>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2059-9351>

Ruy Sardinha Lopes

Doutor em Filosofia pela USP

Professor Doutor no IAU.USP

E-mail: rsard@sc.usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4355973632621156>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0469-0729>

1. INTRODUÇÃO

A visibilização e o debate acerca das produções de artistas indígenas na arte contemporânea e do lugar por eles ocupado nas instituições museológicas, seja como artistas ou curadores, mostra-se relevante no contexto brasileiro ao observar o crescente aumento de exposições, mostras e teorias críticas de suas produções. Em uma breve retomada, verifica-se que a partir dos anos 2010 há um crescente protagonismo de tais artistas em museus, universidades e centros culturais, configurando uma certa “guinada indigenista” na arte contemporânea brasileira: “Reflexos da Ancestralidade” (UERJ, 2012); “¡MIRA! Artes Visuais Contemporâneas dos Povos Indígenas” (UFMG, 2013); 34ª e 35ª Bienais de São Paulo (2021, 2023) e “Véxoa: Nós sabemos”, (São Paulo, 2021). Partindo do reconhecimento que artistas e curadores indígenas brasileiros vêm obtendo no cenário artístico nacional, a presente pesquisa de Iniciação Científica, volta-se para um de seus principais expoentes, o artista macuxi Jaider Esbell (1979-2021).

Em sua breve e potente arte-vida, Jaider debruçou-se sobre questões identitárias e sociais, utilizando o suporte artístico como máquina de visibilizar as lutas e os corpos indígenas brasileiros; além de ter um papel fundamental na estruturação do termo “arte indígena contemporânea” (AIC). Frente às armadilhas coloniais do mundo da arte, a AIC emerge em sua potência político-artística, capaz de tensionar os paradigmas hegemônicos. Visto que tal intuito não é isento de porosidades e contradições, a pesquisa visa analisar as tensões existentes entre as produções de Jaider e as instituições de arte brasileiras.

2. OBJETIVO

A pesquisa tem como objetivo geral qualificar a “guinada indigenista” na arte brasileira e as questões que norteiam o trabalho destes artistas dentro do panorama da arte contemporânea, e melhor compreender o papel de Jaider Esbell no estabelecimento e fortalecimento de tal guinada. Dentre os objetivos específicos, estão a análise das mostras e curadorias de Jaider Esbell na Galeria Millan, na Bienal de São Paulo e no Museu de Arte Moderna de São Paulo; além da análise da contribuição do artista macuxi para a constituição do movimento “Arte indígena contemporânea”.

3. MÉTODO

Financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), a pesquisa desenvolvida no Núcleo de Estudos das Espacialidades Contemporâneas – NEC-IAU.USP partiu de uma análise bibliográfica e iconográfica a respeito da presença de artistas indígenas nas instituições artísticas do Brasil e do mundo, sobretudo, de materiais a respeito da vida e obra de Jaider Esbell. Para além de análises teóricas, a pesquisa foi construída através da visita a museus, exposições, entrevistas e participação em cursos.

4. RESULTADOS

A presente pesquisa compreendeu o movimento de ascensão de artistas e curadores indígenas como parte de um movimento global da arte contemporânea marcada pelo debate de questões identitárias, sociais e decoloniais, como analisado no “multiculturalismo” de Guasch (2009). Segundo a autora, a virada da arte moderna para a arte contemporânea entre os séculos XX e XXI é influenciada por uma série de movimentos políticos e sociais que indicavam um giro democrata tanto na Europa quanto na América - como a queda do muro de Berlim, a proliferação de movimentos nacionalistas e o fim de ditaduras. Tal abertura possibilitou a valorização das práticas artísticas periféricas à centralidade europeia - ainda que carregada de disputas e porosidades - como o surgimento das “Bienais periféricas” e a guinada da arte indígena no Brasil e no mundo. (BISHOP, 2008)

Este giro decolonial¹ levou à indagação sobre como se deu a relação entre os museus e a história da arte em relação aos povos subalternizados. Por séculos, a produção artística dos povos indígenas brasileiros ficou restrita à categoria de “artefato” quando abrigada em museus antropológicos e etnográficos; a “artesanato” quando expostas em feiras e comercializadas; e a “referência de um passado” nas obras modernistas. Portanto, ao consolidar-se nos museus contemporâneos, os artistas da guinada tensionam o próprio conceito de arte e de artista através de uma cosmovisão distinta - do fazer artístico indígena:

O nosso corpo faz parte da arte, nossas pinturas corporais fazem parte da arte. E os ocidentais também usam isso, porque não existe separação da arte e da vida na arte contemporânea. Esses conceitos de arte, artesanato e artefato são somente palavras. Porque se vocês (ocidentais) fazem arte sem a separação com a vida, nós sempre fizemos isso. (BORGES, 2023)

Como um dos principais expoentes desta guinada, Jaider Esbell compreende a “Arte Indígena Contemporânea” partindo da ideia de que as produções indígenas em sua riqueza, possuem uma história artística complexa, com movimentos, tempos e espaços análogos, porém distintos da história da arte ocidental. (BERBERT in Catálogo da mostra “Moquém_Surari”, 2021.) O artista refere-se ao termo sob diferentes perspectivas, dentre elas: (1) a AIC como catalisador de visibilidade a artistas indígenas, e (2) como ferramenta de tradução entre as cosmovisões indígenas e as demais culturas no contexto global por meio da arte, dado o trânsito e o alcance de suas obras:

Makunaima e decolonização soam termos soltos no meio da multidão, ou seja, o povo, aquele a quem nós midiáticos buscamos. Ou não? Acontece que Makunaima expôs-se em Makunaíma para ser parte da cultura disponível. Uma vida inteira a esse propósito é

¹ “Giro decolonial” conceito utilizado originalmente por Maldonado-Torres (2005 apud Ballestrin, 2013), de resistência à modernidade e à colonialidade. O termo “decolonial”, ao contrário da “pós-colonialidade”, considera a colonialidade do poder como algo presente nos países da América, Ásia e África.

anunciada para a contextualização mínima. A minha relação com meu avô será o nosso passeio. Makunaima no círculo que este texto alcança é, ou poderia ser, minimamente conhecido por sua parte exposta antes na arte, no mundo. (ESBELL, 2018, p.13)

Por fim, Jaider entende a AIC como (3) “armadilha para pegar armadilhas” (ESBELL, 2020), visto que utiliza de um mecanismo ocidental - as próprias instituições de arte - para desmascará-lo e apropriar-se deste instrumento. Na exposição “Apresentação: Ruku” na Galeria Millan o artista apresentou-se e engatilhou a armadilha da AIC para cultivar neste meio a cultura e as lutas indígenas, entendendo os mecanismos deste “sistemão”. (BERBERT, 2024) É em torno do Pajé Ruku (Jenipapo) que as obras se materializam, sejam nas pinturas em painéis “Jenipapal”, nas esculturas “Vovô e vovó”, e nas performances, como “Cajado do Pajé”. (ESBELL, 2021) Diante da pluralidade de obras do artista, escritor, curador e arte-educador, Jaider abarca tanto debates sociais e éticos em suas obras, quanto discussões acerca do fazer artístico e da plasticidade das obras.

A pesquisa também destacou a participação de Jaider durante a 34ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo “Faz escuro mas eu canto” (2021) e na exposição “Moquém_Surarî”. De imagens representativas na arte moderna brasileira, ao hackeamento de Denilson na 33ª Bienal, o sistema de arte brasileiro evidencia pela primeira vez a presença de artistas indígenas entendidos como contemporâneos e participando ativamente da Bienal. Num recorte de tempo relativamente curto, identifica-se um processo de mudança que se insere no cenário global da guinada decolonial da arte contemporânea. (REINALDIM, 2023)

Figuras 1 e 2: Vida e obra de Jaider Esbell.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que Jaider tenha lançado sua “armadilha” decolonial e anti sistêmica visando questionar o conceito de “arte” e explicitar zonas de exclusão desse conceito, há uma contradição estruturante nessa relação, uma vez que foi o próprio sistema que incorporou esse discurso e criou novos nichos de mercado através da guinada indigenista, favorecendo seus próprios interesses. Apesar disso, na Bienal de Veneza de 2024, evidenciou-se o impacto da AIC na historiografia da arte como um todo, a partir da ocupação de artistas indígenas enquanto expositores e em espaços de poder na organização do pavilhão e nas tomadas de decisões. (ALZUGARAY, 2024)

Seria a arte que acredito fazer meu escudo ou seria ela minha curandeira? Seria eu uma espécie de piya’san, um pajé, um curador? Eu sinto essa cura cada vez que ponho uma peça “de arte” no mundo. Será que a arte que a gente opera cura quem não está mais em si? Poderia a arte dos indígenas devolver a alma dos herdeiros dos invasores? (ESBELL, 2021)

REFERÊNCIAS

ALZUGARAY, Paula. **Bienal de Veneza, terra indígena**. Revista Select, 2024.

BERBERT, Paula. **Entrevista concedida a Mariana Abramo Fugagnolli e Ruy Sardinha Lopes**, feita remotamente em maio de 2024.

GUASCH, Anna Maria. **El arte del siglo XX en sus exposiciones**. 1945 - 2007. Ediciones del Serbal, 2009.

BORGES, Kássia de Oliveira. **Seminário Histórias Indígenas**, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, 2023.

ESBELL, Jaider. Makunaima, o meu avô em mim! **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 11-39, jan-jul 2018.

ESBELL, Jaider. **A Arte Indígena Contemporânea como Armadilha para Armadilhas**, 2020.

Moquéim_Surari: arte indígena contemporânea. Catálogo. Jaider Esbell et al. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2021.

REINALDIM, I. **Curso do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand**, MASP ESCOLA, 2023.

DE MOEMA À DUHIGÓ: AS EXPERIÊNCIAS DE VISIBILIDADE DO MASP SOBRE O CORPO INDÍGENA DE 2013 A 2023

From Moema to Duhigó: Masp's experiences of visibility on the indigenous body from 2013 to 2023

De Moema a Duhigó: Las experiencias de visibilidad del Masp sobre el cuerpo indígena del 2013 al 2023

Palavras-chave: Regimes de visibilidade; arte contemporânea; arte indígena;

Camila R. Delano de Castro

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela IAU.USP

E-mail: camiladelano@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0112264454741122>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-5311-7909>

Ruy Sardinha Lopes

Doutor em Filosofia pela FFLCH.USP

E-mail: rsard@sc.usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4355973632621156>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0469-0729>

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa apresenta o recorte elaborado do projeto intitulado *Corpos que (não) importam: MASP e a arte indígena contemporânea*. Procuramos investigar as intenções no projeto de visibilidade discursiva inferido pelo MASP em relação à arte indígena atual e vivente. A partir disso, relacionamos as análises como as de Judith Butler e Michel Foucault sobre construções discursivas e processos de assujeitamento na conformação de regimes artísticos de (in)visibilidade. De 2013 a 2023 o museu esteve em profundos tensionamentos, em especial, tomando parte de um discurso de representatividade e decolonialidade. Dessa forma, observamos a presença do corpo indígena e a forma com que foi convidado a ocupar esse espaço. É fundamental pensar o lugar de uma das principais instituições de arte do país neste percurso, no que diz respeito às suas estratégias e suas intencionalidades, para compreender as experiências relacionais entre um paradigma estético e sociedade.

2. OBJETIVO

Analisar o papel institucional no giro decolonial na arte brasileira. Analisar os limites e alcances da guinada indigenista do Museu de Arte de São Paulo e sua relação com as transformações e tendências internacionais e nacionais do mundo da arte

3. MÉTODO

A pesquisa terá um caráter descritivo e interpretativo, tendo como base um levantamento documental, bibliográfico e iconográfico e posterior análise e sistematização dos dados obtidos.

4. RESULTADOS OBTIDOS/ESPERADOS

Analisando como se dá a presença da arte indígena no Masp, vemos uma trajetória complexa que se inicia junto ao próprio museu no plano de trabalho de Lina. Nesse recorte, partimos com a aquisição da obra *Moema*, quadro de 1866 de Victor Meirelles, pela instituição, numa presença mais recente de como o corpo indígena é representado. Marcado pela ausência da sua própria visibilidade, não é quem representa e nem se vê naquele representado, é tomado por um outro idealizado habitando um *não ser*. Os tensionamentos marcantes, se dão no modo como essa mesma instituição 10 anos depois exhibe uma mostra exclusiva de uma artista indígena, Duhigó, representando cenas das sensibilidades culturais de seu povo. O projeto investiga como se constrói esse discurso de decolonialidade em rompimento com algo que estava imbricado na própria instituição.

A partir de discussões que se colocam com Foucault (1966) e são coroadas por Butler (1993), podemos iniciar a discussão com a formulação crítica do lugar do *ser* e do *não ser*. Esse segundo, esse outro, é dito como a negação do sujeito ideal criado por um poder regulatório, que molda e disciplina corpos de forma reiterada a partir de um discurso. Essa construção se dá enquanto restrição constitutiva, a marcação da diferença por aspectos materiais. Essas práticas normativas são materializadas por um poder produtivo, que demarca, circula e diferencia os corpos que controla. Na existência de um discurso colonial ao qual se constituiu o mundo que conhecemos, o corpo indígena é colocado como um abjeto. Fadado às zonas inabitáveis da vida social que são densamente povoadas por aqueles que não alcançam o estatuto de sujeito, mas que se fazem como necessárias enquanto circunscrevem o domínio do sujeito e justificam as práticas reiterativas. As normas se materializando trabalham de forma performativa, significa que pela prática reiterativa, ela produz efeitos os quais o discurso nomeia. Não se cria uma descrição estética do que é, mas condições pelas quais o *sujeito* é viável ou não, é qualificar o corpo para a vida dentro do domínio da inteligibilidade cultural.

Construindo um paralelo, podemos compreender o objeto de arte enquanto um sistema de representações das formas com as quais se dão relações como sensibilidade e sociabilidade. Ele se traduz como um instrumento, que pode ser utilizado de forma a materializar o discurso hegemônico. A arte brasileira rege-se historicamente por um habitus de ordem eurocêntrica, como é exposto por Fernanda Pitta em *A “breve história da arte” e a arte indígena: a gênese de uma noção e sua problemática hoje* (2021) justificando que a referência de arte para o Brasil estava até então no exterior, reprodução de modelos e técnicas que diziam respeito a uma paisagem e um tecido cultural completamente diferente, o olhar para o que há em seu próprio território é muito recente. O poder circula, e a visibilidade estava sob o saber fazer e cultural europeu. Dessa forma, se dá o domínio da pensabilidade, projetando seu potencial e seus limites a partir da leitura da sociabilidade retratada pela estética como um dispositivo de saber.

A partir de *Moema* (1866), obra referência para nossa análise como representativa da visibilidade moldada pelo ideal regulatório adquirida pelo Masp em 2013, observamos um momento de inflexão no museu paulista que com a entrada do curador Adriano Pedrosa, a frente de um grande projeto para o museu, parte-se para o sua inflexão decolonial. A participação de Duhigó na exposição *Histórias Indígenas* (2023) marca o recorte de nossa análise como um símbolo. Ela faz a presença pela primeira vez no museu de uma mulher indígena representando uma mulher indígena. No quadro *Nepũ Arquepũ “Rede Macaco”* (2019), obra que garantiu sua entrada no Masp, retrata um momento de dar a luz a uma nova vida, dentro de uma composição com referências diretas às práticas e formas de perceber o mundo ao olhar de sua cultura. Assim, contrasta com a obra de que partimos, uma representação de um corpo que faz referência a um terceiro ausente, fora da representação e do que é representado, uma descrição colonizadora romantizada na sua

morte. Essas mudanças no regime de visibilidade, além de serem impulsionadas pelos tensionamentos políticos do Brasil, também incorpora um movimento recente da perspectiva do mundo das artes.

Figura 1 e 2: à esquerda, *Moema* (1866) e à direita, *Rede Macaco* (2019)



Fonte: Acervo do MASP, 2024

No artigo *Nós prometemos descolonizar o museu: uma revisão crítica da política museal contemporânea* (2019) de Brenda Caro Cocotle, coloca-se sobre a condição dos museus atualmente como uma instituição fossilizada que necessita de justificar sua existência e permanência. Pode-se inferir que é nesse sentido que se impulsiona os interesses na aproximação entre a instituição e grupos sociais que continuamente vem lutando por seu direito de existência e permanência. Quando fazemos um paralelo com o apoio epistêmico do trabalho de Walter D. Mignolo junto à Pedro Pablo Gómez em *Estéticas Decoloniales* reconhece-se a “necessidade de desmontar a lógica colonial instaurada pelo privilégio do olho - isto é, pelos modos de ver e categorias estéticas herdadas da historiografia da arte ocidental e das instituições artísticas - suas formas de controle e seus mecanismos de constituição de diferenças” (PAIVA, 2022, p. 08). Os museus nesse sentido, ao imbricar nesse discurso, se colocam em desconstrução de sua própria constituição.

Dessa forma, analisamos a reafirmação do componente político, dada a partilha de sensibilidades, fundamental da arte e o modo como o museu articula as relações de poder e valor. Difere ele, a arte relacional da representação objetualizada? E ainda, será que o museu não se aproveita de uma fonte que o pode impulsionar para ser validado como as instituições de primeiro mundo? Os questionamentos que podemos levantar sobre esse processo são diversos e complexos, mas só evidenciam a potencialidade da arte indígena contemporânea como um insurgente emblemático de nosso tempo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse percurso é representativo de um movimento emblemático no cenário das artes brasileiro. A voz indígena quebrou as barreiras do MASP e foi até a Bienal de Veneza de 2024, com curadoria de Adriano Pedrosa, onde se inicia uma discussão ao escalão das grandes casas de arte do mundo sobre o que é novidade e as produções *não vistas* do Sul. Essas práticas artísticas se relacionam inteiramente com a arte enquanto dissenso e ruptura em questionar as formas de sensibilidades conhecidas. A arte indígena contemporânea enquanto discurso estético responde diretamente às questões atuais, intervindo e buscando transformar a monológica dos modos de ver e de se relacionar com o mundo, num tensionamento muito forte das instituições museais e da desconstrução dos regimes de visibilidade.

REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.

BANIWA, Denilson; LAGNADO, Lisette; MENEZES, Renato. **Como fazer a crítica da Arte Indígena Contemporânea**. FESTA. Flip + seLect, 2021c. Disponível em: . Acesso em: 3 Jan. 2022

BUTLER, J. **Bodies that Matter**. On the discursive limits of “sex”. New York, Routledge, 1993

COCOTLE, Brenda J. Caro. Nós prometemos descolonizar o museu: uma revisão crítica da política museal contemporânea. **MASP Afterall**, São Paulo, v. 6, 2019. Disponível em: <https://masp.org.br/arte-e-descolonizacao/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2017

PAIVA, Alessandra. A hora e a vez do decolonialismo na arte brasileira. **Revista visuais**, n.12,v.7, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistavis/article/view/43694/36480>

_____. **A virada decolonial na arte brasileira**. 1. ed. Bauru, SP: Mireveja, 2022. 240 p. ISBN 978-65-86638-31-8.

PITTA, F. M. A ‘breve história da arte’ e a arte indígena: a gênese de uma noção e sua problemática hoje. MODOS: **Revista de História da Arte**, Campinas, SP, v. 5, n. 3, p. 223–257, 2021. DOI:10.20396/modos.v5i3.8666380. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8666380>.

RAMOS, Pedro H.V. **Modernidade e regime estético das artes**. AISTHE. Vol VIII, n.12,2014. Disponível em <https://revistas.ufri.br/index.php/Aisthe/article/download/10511/7835>

TORRANO, Luísa Helena. O Campo da ambivalência: **Poder, sujeito, linguagem e o legado de Michel Foucault na filosofia de Judith Butler**. 2010. 134f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SESSÃO 4

28 ago 2024

MODELAGEM DA INFORMAÇÃO DA CONSTRUÇÃO DE FORMAS COMPLEXAS. EDIFÍCIO DE ESTUDO DE CASO: HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DA UFSCAR

Building Information Modeling of complex shapes. Case study building: UFSCar University Hospital

Modelado de Información de la Construcción de formas complejas. Edificio de estudio de caso: Hospital Universitario de la UFSCar

Palavras-chave: BIM; João Filgueiras Lima; Arquitetura Hospitalar; Formas Complexas.

Giulia Maria Gomes Jardim de Lima

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP

E-mail: giuliajardim@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3002906994120733>

Márcio Minto Fabrício

Doutor em Engenharia Civil pela Escola Politécnica USP

Professor Titular do IAU.USP

E-mail: marcio@sc.usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0618509402775224>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1515-6086>

1. INTRODUÇÃO

A arquitetura tem se tornado cada vez mais complexa, demandando soluções inovadoras e tecnológicas. O Building Information Modeling (BIM) se destaca como uma ferramenta crucial para integrar e entender projetos e processos construtivos. No século passado, João Filgueiras Lima, conhecido como Lelé, incorporou formas complexas e a industrialização na arquitetura de equipamentos de saúde, enfatizando aspectos técnicos, estéticos e psicológicos. Este estudo utiliza o Hospital Universitário da UFSCar como caso para explorar a obra de Lelé através do BIM, utilizando o software Revit para entender como tecnologias passadas e contemporâneas se conectam.

2. OBJETIVO

O objetivo principal é aprofundar a compreensão sobre a aplicação do BIM em projetos arquitetônicos de saúde com formas complexas, utilizando o Hospital Universitário da UFSCar como estudo de caso.

Objetivos Específicos:

1. Analisar a produção arquitetônica de Lelé, focando na arquitetura hospitalar;
2. Entender os requisitos normativos e regulamentares para Estabelecimentos Assistenciais de Saúde (EAS), como a Resolução RDC nº 50/2002;
3. Aperfeiçoar conhecimentos em BIM e Autodesk Revit;
4. Estudar sistemas construtivos aplicados ao caso;
5. Avaliar as estratégias de projeto de Lelé em termos de materiais, conforto térmico e industrialização.

3. MÉTODO

A pesquisa foi dividida em três etapas: Contextualização, Capacitação e Levantamentos.

1. **Contextualização:** Análise de regulamentos e diretrizes para projetos hospitalares e estudo de obras de Lelé. Revisão das normas NBR ISO 16950 e NBR 15965;
2. **Capacitação:** Criação de modelo CAD do terreno usando CadMapper e importação para o Revit. Desenvolvimento de um manual de modelagem colaborativa no Revit;
3. **Levantamentos:** Análise das pranchas do projeto do Hospital da UFSCar e desenvolvimento do modelo BIM abrangendo arquitetura e estrutura, acessível via Autodesk Drive.

4. RESULTADOS OBTIDOS

- Compreensão detalhada do projeto do Hospital da UFSCar e do trabalho de Lelé;
- Aplicação das diretrizes técnicas de BIM, utilizando o Autodesk Revit;
- Análise das normas para modelagem de objetos BIM.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstra a importância do BIM em projetos arquitetônicos complexos, exemplificados pelo Hospital da UFSCar. Destaca-se a abordagem de Lelé, focada na industrialização, conforto ambiental e humanização. O BIM se mostra uma ferramenta essencial para uma visão integral do projeto e para a criação de ambientes sustentáveis e agradáveis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao orientador, Márcio Minto, pelo apoio e dedicação; ao grupo de pesquisa Arquitec; e à bolsista FAPESP Bianca Travaini, pela ajuda ao longo dos 11 meses de pesquisa.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASILEIRA DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL (Brasília, DF). **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação** – CIP: Guia 2 – Classificação da informação no BIM. 1. ed. [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: Guia BIM. Acesso em: 27 ago. 2023.

ANDRADE, Nivaldo; LUKIANTCHUKI, Marieli; EKERMAN, Sergio; MINHO, José Fernando; PINHEIRO, Haroldo. *ELE, LELÉ*. [S. l.], 2022. Disponível em: ELE, LELÉ. Acesso em: 26 ago. 2023.

EBSERH - Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares. **Hospitais Universitários Região Sudeste HU-UFSCar** - Hospital Universitário da UFSCar. Disponível em: EBSERH HU-UFSCar. Acesso em: 26 ago. 2023.

EBSERH. **Plano Diretor Estratégico 2021-2023**. Hospital Universitário da Universidade Federal de São Carlos – HU-UFSCar. São Carlos, SP, 2021.

GUIMARÃES, Ana Gabriella Lima. **A obra de João Filgueiras Lima**: no contexto da cultura arquitetônica contemporânea. 2010. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: Tese USP. Acesso em: 29 ago. 2023.

MARQUES, André Felipe Rocha. **A obra de João Filgueiras Lima, Lelé**: projeto, técnica e racionalização. 2012. 306 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

PEREIRA, Debora Verniz. **Industrialização das construções complexas**: estudo de obras hospitalares. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura, Urbanismo e Tecnologia) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2012. doi:10.11606/D.102.2012.tde-01022013-110636. Acesso em: 26 ago. 2023.

RUSCHEL, Regina C. **To BIM or not to BIM.** ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, v. 3, p. 1-12, 2014.

EFEMERIDADE E AUTO-ORGANIZAÇÃO: DESIGN PARAMÉTRICO NA CONCEPÇÃO DE EQUIPAMENTOS PÚBLICOS TEMPORÁRIOS

*Ephemerality and Self-Organization: Parametric Design in the Conception of
Temporary Public Equipment*

*Efemeridad y Autoorganización: Diseño Paramétrico en la Concepción de
Equipos Públicos Temporales*

Palavras-chave: Design paramétrico; Arquitetura temporária; Equipamentos públicos; Processo de projeto.

Caio Muniz Nunes

Arquiteto e Urbanista pela UFES
Mestrando em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP
E-mail: caiomn@usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7072847821985842>
Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-4209-4387>

Marcelo Claudio Tramontano

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela USP
Professor Associado do IAU.USP
E-mail: tramont@sc.usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1999154589439118>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0044-4432>

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se apresenta como parte de um exame crítico a respeito das apropriações no Sul global, em especial do Brasil, de tecnologias digitais de projeto desenvolvidas pelo Norte. Neste exame, entendemos que o binômio design paramétrico e fabricação digital enseja possibilidades formais e metodológicas ainda pouco exploradas, especificamente em seu emprego para projetos de equipamentos públicos no contexto enunciado. Esses equipamentos poderiam funcionar como instrumentos de uma política pública de requalificações urbanas em áreas vulneráveis da cidade. Sendo leves e de rápida montagem, eles podem ser úteis para abrigar atividades de caráter efêmero ou temporário.

Supomos que essas tecnologias digitais podem auxiliar na proposição de tais equipamentos temporários. Ademais, acreditamos que eles têm potencial de alterar a conformação de um espaço público e de engendrar um processo de ressignificação de áreas degradadas ou desatendidas pelo poder público. Deste modo, propomos com esta pesquisa a construção de um conhecimento sobre a aplicação do design paramétrico e da fabricação digital na concepção de equipamentos públicos temporários. Para isso, baseamo-nos em uma interlocução entre três temas fundamentais: o binômio design paramétrico e fabricação digital (Dunn, 2012; Kolarevic, 2003; Woodbury, 2010), arquiteturas temporárias (Kronenburg, 2000; Paz, 2008; Price, 2003) e equipamentos de uso público (Lydon; Garcia, 2015; PICO Colectivo, 2017). Busca-se o entendimento dessa interlocução, do processo de projeto e da inserção do equipamento no espaço público através de uma abordagem sistêmica e à luz do pensamento complexo (Morin, 2008; Von Bertalanffy, 1975).

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo geral

A pesquisa tem como objetivo geral explorar processos de projeto que se utilizam do design paramétrico e da fabricação digital para a produção de equipamentos temporários de uso público, integrando sistemas de equipamentos públicos. Busca-se compreender o emprego de modelagem paramétrica e de fabricação digital na concepção e produção destes equipamentos de modo que possam compor um sistema.

2.2. Objetivos específicos

Como objetivos específicos, podemos elencar: (1) Consolidar um entendimento sistêmico e complexo do processo de projeto, fabricação e construção, e da sua organização; (2) Explorar a compreensão do processo de projeto com design paramétrico e fabricação digital à luz do pensamento complexo; (3) Construir, analisar e disponibilizar ao acesso público um banco de

dados de projetos de construções de pequeno porte, com ênfase em estruturas temporárias; (4) Ampliar a compreensão de processos de projeto, produção de componentes e montagem com o uso do design paramétrico e fabricação digital; (5) Estabelecer critérios para a concepção e produção de equipamentos públicos temporários utilizando-se do design paramétrico e fabricação digital; (6) Entender a requalificação do espaço público através de construções temporárias, com o desenvolvimento de um pensamento avançado sobre a produção e o impacto destas no território urbano.

3. MÉTODO

Em geral, trata-se de uma pesquisa exploratória (Gil, 2002). Ela baseia-se em revisão bibliográfica, com o intento de realimentar a reflexão teórica e trazer novas discussões sobre os temas da pesquisa; na construção e estudo de um banco de projetos, para se melhor compreender as vicissitudes de projeto, produção e montagem das construções abordadas por este estudo; e na experimentação prática, que visa construir um conhecimento compartilhado entre os participantes e qualificar a práxis a ser discutida neste estudo.

Como principais procedimentos metodológicos adotados neste trabalho, tem-se: (1) Consulta a fontes primárias, com documentos que auxiliem a compreensão sobre a construção de equipamentos públicos e/ou temporários, especialmente se concebidos com design paramétrico e fabricação digital; (2) Consulta a fontes secundárias, que abarca uma revisão bibliográfica sobre o embasamento teórico da pesquisa e demais temas pertinentes; (3) Estudo de projetos, no qual serão realizadas análises de pavilhões de pequeno porte, para melhor compreensão sobre a concepção, produção e montagem destes objetos arquitetônicos, com a montagem de um banco de dados; (4) Experimento prático, que contempla a concepção e produção de um objeto arquitetônico em escala 1:1, produzido por um coletivo de pesquisadores do grupo Nomads.usp e outros atores interessados.

4. RESULTADOS OBTIDOS

O experimento teve início em dezembro de 2023, período no qual foram feitas as primeiras discussões a respeito de como ele viria a ser desenvolvido. Foi definido que o processo de projeto com modelagem paramétrica partiria de um algoritmo pré-definido de geração de formas complexas, diretamente baseado em princípios matemáticos bem explicitados. Posteriormente, foi realizada a capacitação de todo o coletivo de pesquisadores, tanto no algoritmo, organizado como um *script* no programa *Grasshopper*, quanto em técnicas de fabricação digital.

O processo de projeto ocorreu em duas etapas principais. A primeira ocorreu por meio de um curso de difusão (Figura 1), realizado no mês de maio de 2024, no qual foi proposto que

os participantes desenvolvessem, ao longo de três encontros, um projeto de um pavilhão de pequeno porte. Este desenvolvimento se deu através da exploração do algoritmo de modelagem paramétrica mencionado anteriormente, que foi implementado com os participantes para a execução desta atividade. Como problema de projeto, foi estabelecido que tal pavilhão deveria ser desmontável e remontável, em decorrência da presente pesquisa, e deveria incluir uma vedação que funcionasse como um sistema integrado à estrutura.

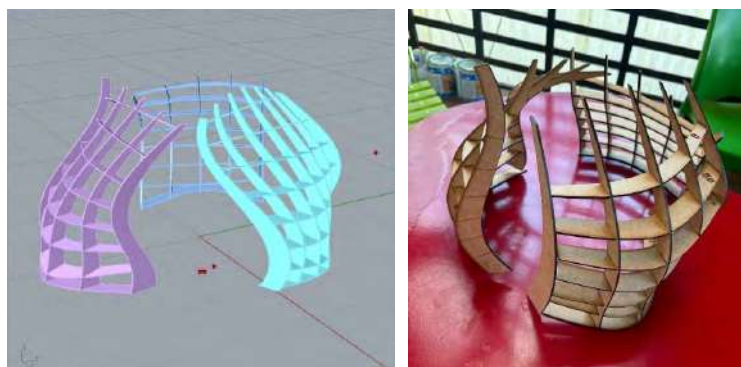
Figura 1: Imagens do curso de difusão. À esquerda, implementação do algoritmo do curso. À direita, participantes do curso explorando o algoritmo.



Fonte: Autor, 2024.

Em uma segunda etapa, em decorrência dos dados obtidos neste primeiro curso, foi desenvolvido pelos pesquisadores do grupo o projeto de um pavilhão (Figura 2), partindo do mesmo algoritmo do curso, e com os mesmos preceitos projetuais de desmontabilidade, remontabilidade e vedação como sistema. Os componentes do pavilhão foram produzidos com técnicas híbridas, que incluíram fabricação digital e técnicas convencionais de construção. O pavilhão veio a ser construído em junho de 2024, também por meio de um curso de difusão que contou com participantes externos (Figura 3).

Figura 2: Imagens do desenvolvimento do projeto do pavilhão. À esquerda, modelo digital. À direita, modelo reduzido fabricado em MDF.



Fonte: Autor, 2024.

Figura 3: Imagens do pavilhão. À esquerda, processo de montagem dos componentes. À direita, estrutura finalizada do pavilhão.



Fonte: Autor, 2024.

5. PRÓXIMOS PASSOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A execução do experimento visa a construção de um conhecimento sobre o objeto de estudo a partir do conceito de práxis, uma interlocução do campo teórico com o campo prático. Este conceito considera tais campos como partes indissociáveis e em constante correlação na produção de conhecimento científico. Dessa forma, testamos na prática construtiva a produção de um objeto arquitetônico desmontável e remontável, reunindo as preocupações sobre a concepção e produção desse objeto em um processo de projeto.

O experimento terá continuidade no segundo semestre de 2024 e no início de 2025, com a finalização da vedação do pavilhão, sua desmontagem e posterior remontagem, com registro de todas as etapas. Estes dados serão utilizados para realizar as análises e discussões fundamentais à pesquisa, com o cotejo da revisão bibliográfica e do estudo de projetos com a experiência prática. Buscamos, ao final deste trabalho, construir um conhecimento baseado na práxis, visando elencar diretrizes e recomendações a respeito da produção destes objetos arquitetônicos temporários, e sua aplicabilidade enquanto partes constituintes de um sistema de equipamentos públicos.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

REFERÊNCIAS

DUNN, N. **Digital fabrication in architecture**. London: Laurence King Publishing, 2012.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos De Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

KOLAREVIC, B. (org.). **Architecture in the digital age: design and manufacturing**. New York, NY: Spon Press, 2003.

KRONENBURG, R. **Portable Architecture**. 2nd. ed. Boston: Architectural Press, 2000.

LYDON, M.; GARCIA, A. **Tactical Urbanism**: Short-term Action for Long-term Change. Washington, DC: Island Press, 2015.

MORIN, E. **O método 1**: a natureza da natureza. Tradução: Ilana Heineberg. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PAZ, D. Arquitetura efêmera ou transitória. Esboços de uma caracterização. **Arquitextos**, São Paulo, v. 09, n. 102.06, 2008. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.102/97>. Acesso em: 26 set. 2023.

PICO COLECTIVO. **Proyecto de interés comunal_Infraestructuras de empoderamiento social**: contextos emergentes en Venezuela. Caracas, Venezuela, 2017. Disponível em: https://issuu.com/aparatoscontingentes/docs/projecto_de_inter__s_comunal__infra. Acesso em: 31 out. 2023.

PRICE, C. **Re:CP**. Basel: Birkhauser, 2003.

VON BERTALANFFY, L. **Teoria geral dos sistemas**. 2a. ed. Petropolis: Vozes, 1975. (Teoria dos sistemas).

WOODBURY, R. **Elements of parametric design**. London: Routledge, 2010.

PROTOCOLO DE DOCUMENTAÇÃO E MAPEAMENTO 3D DO PATRIMÔNIO ECLÉTICO DE SÃO CARLOS

Documentation and 3D mapping protocol of São Carlos' eclectic heritage

Protocolo de documentación y de mapping 3d del patrimonio ecléctico de São Carlos

Palavras-chave: Documentação arquitetônica; Mapeamento 3D; Patrimônio; Fotogrametria; Escaneamento a laser

Maíra Vicentini Pieri

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela IAU.USP

E-mail: mairavicentinipieri02@usp.br

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3620606806453508>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-6206-2490>

Simone Helena Tanoue Vizioli

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela FAU.USP

Professora Doutora do IAU.USP

E-mail: simonehtv@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3326184726476427>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7057-6836>

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está vinculada ao Núcleo de Apoio à Pesquisa em Estudos de Linguagem em Arquitetura e Cidade (N.ELAC - IAU USP) e conta com o acordo de cooperação com a Università Sapienza di Roma, parceria esta que resultou no Projeto Regular FAPESP n°. 2021/14765-5, intitulado “Documentação, Representação e Comunicação do Patrimônio Histórico de São Carlos por meio de tecnologia digital 2D e 3D”. A atual pesquisa busca a documentação patrimonial de São Carlos a partir de tecnologias avançadas que permitam fazer o levantamento de edifícios ecléticos da cidade, preservando-os e tornando-os acessíveis a todos. A documentação arquitetônica tem a finalidade de preservar o patrimônio, garantindo que este sirva como referência para a sociedade e proteja a memória coletiva (Oliveira *et al.*, 2020). Nesse sentido, as últimas décadas trouxeram avanços tecnológicos que revolucionaram as técnicas de documentação, permitindo a transição do bidimensional ao tridimensional. Novas ferramentas como a fotogrametria e a varredura a laser possibilitam a criação de modelos 3D detalhados, melhorando as análises e a compreensão das edificações. A digitalização do processo de documentação, por meio de tecnologias como o sensoriamento remoto e o escaneamento a laser, facilita o registro, a conservação e o restauro do patrimônio cultural. Esses métodos superam as limitações das técnicas tradicionais de medição direta, proporcionando precisão na coleta de dados e flexibilidade nos resultados, além de reduzir o tempo de trabalho em campo. No entanto, o uso dessas tecnologias exige equipamentos de alta qualidade e workstations profissionais, o que torna o processo caro e de difícil acesso. Esse novo método de documentar, apesar de usufruir de tecnologias avançadas, requer uma abordagem crítica e analítica para garantir a leitura e interpretação das informações coletadas (Dezen-Kempton *et al.*, 2015; Groetelaars, 2015; Campiotto, 2023; Vizioli *et al.*, 2023; Klein e Becerik-Gerber, 2012).

2. OBJETIVO

O objetivo geral deste trabalho é documentar o patrimônio histórico dos edifícios ecléticos da cidade de São Carlos, construídos entre o final do século XIX e meados do século XX, por meio de um levantamento integrado que combina diversas técnicas, como fotogrametria e escaneamento a laser. Além disso, busca a democratização da informação obtida na pesquisa, abrangendo a documentação patrimonial, desenho e história, e promovendo a comunicabilidade dos resultados com a sociedade. Os objetivos específicos incluem um estudo aprofundado do processo de escaneamento a laser e da fotogrametria digital; o desenvolvimento de modelos CAD, representações científicas 2D e representações 3D georreferenciadas - mesh e nuvem de pontos - do patrimônio de São Carlos; a democratização do acesso às produções científicas geradas pelo trabalho; e a aprendizagem da pesquisadora na usabilidade dos recursos digitais.

3. MÉTODO

O trabalho foi estruturado em três procedimentos metodológicos, desenvolvidos ao longo de doze meses de pesquisa, de acordo com o processo de documentação e comunicação do patrimônio cultural (Vizioli *et al.*, 2023). Primeiramente, houve a condensação de repertório e a revisão bibliográfica, que incluiu um estudo sobre temas relacionados à pesquisa e um planejamento do levantamento, identificando os objetos de estudo. Esta fase também envolveu consulta aos acervos municipais e aos documentos da Fundação Pró-Memória, incluindo plantas, cortes e elevações dos edifícios. Em seguida, foi realizada a etapa experimental, que abrangeu o reconhecimento e a familiarização com softwares (Agisoft Metashape, Autodesk RECAP PRO e Autodesk AUTOCAD), além do processo de levantamento em campo com a tomada fotográfica e as varreduras a laser dos objetos de estudo escolhidos. Por último, a fase de comunicação e espaço de reflexão inclui a avaliação do levantamento e elaboração da nuvem de pontos 3D com as devidas representações 2D científicas e 3D georreferenciadas, e disseminação do conhecimento técnico adquirido durante a pesquisa em outros ambientes.

Figura 1: Etapas da documentação do patrimônio, desde a coleta de dados em campo à representação gráfica



Fonte: Autora, 2024

4. RESULTADOS OBTIDOS/ESPERADOS

Durante esta pesquisa foi elaborado um protocolo que reúne informações técnicas para a documentação arquitetônica do patrimônio histórico, utilizando tecnologias avançadas como a fotogrametria e o escaneamento a laser, bem como os empecilhos encontrados no decorrer do processo. As tecnologias utilizadas possibilitam uma análise histórica e cultural precisa e detalhada dos edifícios e da cidade, capturando sua forma, estrutura e detalhes com alta fidelidade, por se tratar de um modelo 'as is', registrando a forma real do objeto, inclusive com detalhamento de suas irregularidades e imperfeições, como desgastes naturais ao longo dos anos. Entre os principais resultados alcançados, destacam-se a criação de representações 2D científicas, como desenhos e ortofotos (imagens que não apresentam as deformações perspectivas), e representações 3D georreferenciadas, como mesh (mapeamento de textura) e nuvens de pontos, dos edifícios de estilo eclético de São Carlos.

Apesar dos desafios enfrentados, como as limitações de armazenamento e a necessidade de máquinas computacionais mais potentes para reduzir o tempo de processamento dos dados, este projeto representa um avanço significativo na preservação do patrimônio histórico por meio da documentação e representação digital. A partir dessas tecnologias, é possível desenvolver projetos para fins de restauro, educação e preservação da memória histórica.

Figura 2: Esquema dos resultados finais do processo de fotogrametria e escaneamento a laser



Fonte: Autora, 2024

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A referida pesquisa contribui para a valorização e acessibilidade do patrimônio cultural de São Carlos, ao mesmo tempo em que promove o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos interdisciplinares, envolvendo arquitetura, história, tecnologia e ciência. Esse enfoque interdisciplinar fortalece a compreensão das obras e impulsiona novas formas de análise e preservação. Por fim, espera-se que esta pesquisa sirva como base para a continuidade na documentação de novos edifícios e para a exploração de outras tecnologias que possam aprimorar a precisão dos modelos e a interoperabilidade de softwares para obtenção dos mais variados produtos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa Unificado de Bolsas (PUB) pela concessão da bolsa de pesquisa de iniciação científica, e à minha orientadora Prof. Simone Helena Tanoue Vizioli, pelo direcionamento e por compartilhar seus conhecimentos que contribuíram para minha formação acadêmica.

REFERÊNCIAS

BORTOLUCCI, M. A. P. C. S. **Moradias urbanas construídas em São Carlos no período cafeeiro**. 1991. 380 f. Dissertação (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-01022022-160215/pt-br.php>

BORTOLUCCI, M.A.P.C.S. **Ecletismo em São Carlos**. 1987.

CAMPIOTTO, Renata. **Técnicas de documentação, levantamento e diagnóstico do patrimônio edificado: o caso do Museu do Ipiranga**; São Paulo, 2023.

DEZEN-KEMPTER, E. et al. Escaneamento 3D a laser, fotogrametria e modelagem da informação da construção para gestão e operação de edificações históricas. **Gestão e Tecnologia de Projetos**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 113-124, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/gtp.v10i2.102710>. Acesso em: 04 fev. 2024.

FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CARLOS. **Os primeiros tempos e a formação de São Carlos** (Final do século XVII e século XIX). São Carlos: FPMSC, 2006. Disponível em: <https://www.promemoria.saocarlos.sp.gov.br/acervo-files/historias-sc/historico-saocarlos-%28XVIII-XIX%29.pdf>

FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CARLOS. **Ramos de Azevedo, Ecletismo e a poligonal histórica**. Consultado em 02 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://promemoria.saocarlos.sp.gov.br/acervo-files/historias-sc/ecletismo-em-saocarlos.pdf>

GROETELAARS, N. J. **Criação de modelos BIM a partir de "nuvens de pontos"**: estudo de métodos e técnicas para documentação arquitetônica. 2015. 372 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

KLEIN, L.; LI, N.; BECERIK-GERBER, B. Imaged-based verification of as-built documentation of operational buildings. **Automation in Construction**, v. 21, p. 161-171, jan. 2012. DOI: 10.1016/j.autcon.2011.05.023. Disponível em: https://www.academia.edu/19245947/Imaged_based_verification_of_as_built_documentation_of_operational_buildings

LUHMANN, T. et al. **Close range photogrammetry: principles, methods and applications**. Dunbeath: Whittles publishing, 2006.

OLIVEIRA, Tarcísio; *et al.* A preservação do patrimônio arquitetônico e suas relações com o planejamento e desenvolvimento urbano. **Revista Missioneira**, Santo Ângelo, v. 22 n. 1, p.23-34, jan./jun. 2020.

TRUZZI, Oswaldo. **Café e Indústria, São Carlos: 1850-1950**. São Carlos: Ufscar, 1986.

VIZIOLI, Simone Helena Tanoue; IPPOLITO, Alfonso; MARTINS, Gisele; PAZETI, Gabriel; FERREIRA, Giovana Alves; LIMA, Eduardo Galbes Breda de. As interoperabilidades no processo da documentação e comunicação do patrimônio cultural. **Gestão & Tecnologia de Projetos**, São Carlos, v. 18, n. 2, p. 27-48, 2023.

PATRIMÔNIO CULTURAL E INVESTIMENTO SIMBÓLICO

Cultural Heritage and Symbolic Investment

Patrimonio Cultural e Inversión Simbólica

Palavras-chave: Educação patrimonial; Escola (Arquitetura); Patrimônio cultural.

João Gonçalves Neto

Graduado em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP
Mestrando em Arquitetura e Urbanismo pela IAU.USP
E-mail: joao.goncalves.neto@usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6097747510359768>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9856-0564>

Paulo César Castral

Doutor em Multimeios pela Unicamp
Professor Doutor no IAU.USP
E-mail: pcastral@sc.usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9617775996397577>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6329-7847>

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, investiga-se uma conjunção entre arquitetura escolar e patrimônio cultural. Foca-se no caso do edifício da Escola Municipal de Ensino Fundamental Deputado Leônidas Pacheco Ferreira, construído em 1913 para sediar o Grupo Escolar de São João de Bocaina no interior paulista (Wolff, 2010). Essa obra arquitetônica foi tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat), em função de seus valores arquitetônicos, culturais e históricos, representando simultaneamente a construção de obras pelo poder público e o modelo educacional adotado no início do período republicano (São Paulo, 2010; Condephaat, 2009). Identificam-se representações valorativas do espaço do edifício, realizadas por seus usuários, servidores municipais da Secretaria da Educação de Bocaina.

Os “discursos do patrimônio cultural”, presentes em todas as modernas sociedades nacionais, florescem nos meios intelectuais e são produzidos e disseminados por empreendimentos políticos e ideológicos de construção de “identidades” e “memórias”, sejam de sociedades nacionais, sejam de grupos étnicos, ou de outras coletividades. Esses discursos podem estar associados, ora a grupos dominantes, e centrados em valores tais como “civilização” e “cultura” pensados enquanto valores espirituais e imateriais; ora associados a grupos e categorias situados nos estratos inferiores da sociedade e centrados em valores que podem ser reinterpretados a partir daqueles e centrados em dimensões materiais e corporais da existência (Gonçalves, 2007, p. 141).

Considerando-se que o modo pelo qual o espaço é representado relaciona-se a como ele é percebido e produzido (Lefebvre, 1991), nesta pesquisa exploram-se valores atribuídos por quem trabalha nesse espaço cotidianamente, comparando-os aos valores oficiais relativos a seu tombamento, porque “o informacional transmite representações confundidas em partes com saber e em outras com simples constatações no espaço das representações” (Lefebvre, 1983, p. 96, tradução nossa).

2. OBJETIVO

O objetivo central desta pesquisa é identificar ausências e presenças representadas através de uma obra arquitetônica oficialmente reconhecida como patrimônio cultural paulista. Com essa finalidade, comparam-se cartas patrimoniais adotadas pelo Condephaat e entrevistas realizadas com usuários do edifício.

3. MÉTODO

Utiliza-se a estratégia de pesquisa qualitativa (Groat; Wang, 2013), realizando análise documental (Cellard, 2008) em dois conjuntos de ações: 1) pesquisa documental (May, 2004) em documentos normativos oficiais sobre patrimônio cultural, as cartas patrimoniais (Farah, 2016); e 2) entrevistas semiestruturadas (May, 2004), realizadas com 30 servidores públicos

que frequentam esse edifício escolar tombado. A partir da categorização das propriedades verificadas na lógica interna dos documentos, os dois conjuntos foram comparados, possibilitando a identificação de padrões entre os valores atribuídos à obra por meio de representações.

4. RESULTADOS OBTIDOS

Bocaina é um município criado no início do século XX na região de Jaú. Atualmente, está contido em 363,9 km², onde habitam 10.859 pessoas (IBGE, 2010). A zona urbana do município abriga 92% da população e 14 bens culturais tombados pelo Condephaat: 1) um conjunto de treze telas de tema religioso, pintadas por Benedito Calixto na década de 1920, localizadas na Igreja Matriz de São João; e 2) o edifício do Grupo Escolar de São João da Bocaina, projetado em 1909 por José van Humbeeck, arquiteto-engenheiro belga que atuou no Departamento de Obras Públicas do Estado de São Paulo entre 1901 e 1915. Sendo reconhecidos como patrimônio cultural paulista, esses bens são, constitucionalmente, “portadores de referências à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade” (São Paulo, 1989).

O Condephaat segue as cartas patrimoniais, disponibilizadas no site do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, decorrentes de acordos políticos e jurídicos, publicadas, internacional e nacionalmente, em acordos que têm o Brasil como Estado-membro. A Organização das Nações Unidas (ONU) e suas agências especializadas, sobretudo, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e os membros do Comitê do Patrimônio Mundial, composto por: União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN), Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (Icomos) e Centro Internacional de Estudos para a Conservação e Restauro de Bens Culturais (Iccrom), reúnem Estados-membros em Assembleias Gerais para discussão de recomendações acerca do patrimônio cultural. Destaca-se que dentre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da *Agenda 2030* (ONU, 2015), a salvaguarda do patrimônio cultural é condição para a produção de cidades sustentáveis, sendo que os indicadores dessa meta são relativos aos investimentos financeiros realizados sobre bens tombados.

As pessoas que responderam as entrevistas identificaram-se, em sua maioria, como mulheres (87,5%), brancas (81,25%), casadas (75%), católicas (71,88%), residentes em Bocaina (87,5%), no mesmo bairro da escola (30,3%). Questionando sobre cinco características lembradas da obra arquitetônica, obtiveram-se 159 respostas, divididas em três grupos: 1) 86 termos únicos, 2) 58 subjetivos qualificados e 3) 15 orações. De modo sintético e exemplificado por grupo, as respostas tratam sobre espacialidades do edifício (“salas”, “pátio espaçoso”, “a estrutura que se mantém até os dias de hoje”), temporalidades (“centenário”, “merenda/recreio”, “estudei aqui durante seis anos”) e percepções sensíveis (“bem localizado”, “imponente”, “antigo, mas conservado”). Os espaços que esses usuários

ocupam variam em função de seus cargos e, apesar de 43,75% ter respondido que ocupam as salas de aula por maior tempo cotidianamente – o que indica ser o caso de professoras –, profissionais da limpeza e da alimentação frequentam lugares próprios. No caso das merendeiras, a cozinha aparece com maior frequência nas características lembradas, e no caso das faxineiras, uma percepção ampliada do conjunto de construções que compõem a totalidade da escola.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cartas patrimoniais representam um patrimônio cultural abstrato, produzindo essa categoria nos discursos institucionais, porque reconhecendo práticas e produtos culturais, é possível captar recursos e realizar investimentos financeiros visando objetivos turísticos e econômicos. Por outro lado, usuários da EMEF Deputado Leônidas Pacheco Ferreira representam um espaço de vivência, onde estabelecem relações que produzem o espaço reconhecido como patrimônio cultural, cujas memórias são lembradas e relembradas por meio do espaço onde suas ações e identidades acontecem.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

- CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CONDEPHAAT. **Processo 24929/ 1986**. Estudo de tombamento de 162 escolas. São Paulo (SP): Condephaat, 2009. 9v.
- FARAH, A. P. **Cartas patrimoniais: implicações em seu entendimento**. CAU/SP, 2016. Disponível em: <https://www.causp.gov.br/?p=27311>. Acesso em: 17 fev. 2022.
- GONÇALVES, J. R. S. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: IPHAN, Ministério da Cultura, 2007. (Coleção Museu, memória e cidadania).
- GROAT, L. N.; WANG, D. **Architectural research methods**. Second Editioned. Hoboken, NJ: Wiley, 2013.
- IBGE. Sinopse do Censo Demográfico 2010 São Paulo. 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=35&dados=6>. Último acesso em: 20 out. 2024.
- LEFEBVRE, H. **La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones**. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1983.
- LEFEBVRE, H. **The production of space**. Oxford, OX, UK ; Cambridge, Mass., USA: Blackwell, 1991.

MAY, T. **Pesquisa Social**: Questões, Métodos e Processos. 3. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.

ONU. **Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. [S. l.], 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel>. Último acesso em: 20 ago. 2024.

SÃO PAULO. Resolução SC n. 60, que dispõe sobre o tombamento de um conjunto de escolas construídas pelo governo do Estado de São Paulo entre 1890 e 1930, de 21 de julho de 2010. Dispõe sobre o tombamento de um conjunto de escolas construídas pelo governo do Estado de São Paulo entre 1890 e 1930. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**, Seção 1, p. 112–114, 11 nov. 2010.

SÃO PAULO. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Constituição Estadual, de 5 de outubro de 1989. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**, Suplemento 1, p. 1–48, 6 out. 1989. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/constituicao/1989/compilacao-constituicao-0-05.10.1989.html>. Acesso em: 22 nov. 2021.

WOLFF, S. F. S. **Escolas para a república**: os primeiros passos da arquitetura das escolas públicas paulistas. São Paulo: Edusp, 2010.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM SÃO CARLOS-SP: IDENTIFICANDO REFERÊNCIAS CULTURAIS NA UNIVERSIDADE E NA ESCOLA

Heritage Education in São Carlos: identifying cultural references at university and school

Educación Patrimonial en São Carlos: identificando referencias culturales en la universidad y la escuela

Palavras-chave: Educação Patrimonial; Referências Culturais; Universidade; Escola; São Carlos-SP.

André Frota Contreras Faraco

Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP
Doutorando em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP
E-mail: frotafaraco@usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8343735003422228>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4121-7647>

Simone Helena Tanoue Vizioli

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela FAU.USP
Professora Doutora do IAU.USP
E-mail: simonehtv@usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3326184726476427>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7057-6836>

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho são apresentadas duas experiências de Educação Patrimonial que foram desenvolvidas no Núcleo de Apoio à Pesquisa em Estudos de Linguagem em Arquitetura e Cidade (N.ELAC) do Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU) da Universidade de São Paulo (USP), entre 2021 e 2023. As experiências tiveram início durante a dissertação de mestrado “Educação Patrimonial: processo participativo de identificação de referências culturais dos universitários do campus USP São Carlos” (FARACO, 2022).

Educação patrimonial são os processos educativos (formais ou informais) que fazem uso do patrimônio cultural como recurso para que os educandos compreendam a própria trajetória sócio-histórica, com o objetivo de construir conhecimento de forma dialógica e coletiva sobre os bens culturais a partir da identificação das referências culturais – que são os sentidos, os significados que os sujeitos envolvidos atribuem aos bens culturais e é uma chave para interpretação do patrimônio cultural (FARACO, 2022).

Esta conceituação de Educação Patrimonial é corroborada pela Portaria nº 137 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), de 28 de abril de 2016:

Para os efeitos desta Portaria, entende-se por Educação Patrimonial os processos educativos formais e não formais, construídos de forma coletiva e dialógica, que têm como foco o patrimônio cultural socialmente apropriado como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais, a fim de colaborar para seu reconhecimento, valorização e preservação (IPHAN, 2016, p. 6).

Educar “não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 25). Diante disso, vale explicitar também o aquilo que não é educação patrimonial: não é uma metodologia, e sim um processo educativo que pode recorrer a variadas metodologias conforme especificidades do contexto local e da comunidade abordada; também não é uma forma de transmissão do conhecimento produzido pelos técnicos do patrimônio cultural à população, uma vez que os valores dos bens culturais são sempre atribuições elaboradas pelos sujeitos sociais – isso está presente inclusive na Constituição Federal de 1988, que define que o patrimônio cultural brasileiro são os bens portadores de referência à identidade, à ação e memória dos diversos grupos formadores (FARACO e VIZIOLI, 2023; BRASIL, 2023).

Assim, a primeira experiência apresentada é a @INVENTARIO.USP.SC, realizada no contexto de uma disciplina optativa de graduação ofertada pelos autores no IAU, denominada “Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária”, em São Carlos, estruturada em duas ações, uma no segundo semestre de 2021, outra no segundo semestre de 2022. A segunda é “Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos”, a qual consistiu em duas ações de educação patrimonial realizadas em escolas públicas do município de São Carlos. Essas ações fazem parte de um projeto financiado pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP (projeto nº 2526).

2. @INVENTARIO.USP.SC

Essa experiência contempla duas ações que ocorreram entre os anos de 2021 e de 2022. Em 2021, foi realizada uma ação com um grupo de 20 alunos de forma remota e síncrona, ainda devido às circunstâncias da pandemia de covid-19, em que a USP ainda não havia retornado às atividades presenciais. Já em 2022, foi realizada uma ação com um grupo de 32 alunos de forma presencial. As ações foram realizadas no contexto de uma disciplina de graduação optativa ofertada pelos autores no Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU), denominada “Patrimônio cultural e representação: por uma identificação das referências culturais da vida universitária”, em São Carlos, no segundo semestre de 2021 e no segundo semestre de 2022, a todos os alunos do campus.

O objetivo da ação de educação patrimonial foi oportunizar aos alunos que desnaturalizassem o cotidiano da universidade sob a perspectiva do patrimônio cultural, de forma a identificar, interpretar e representar as referências culturais que se manifestam nele: os lugares, as práticas, as habilidades, os costumes, as crenças e os valores da vida dos universitários, ou seja, aquilo que é portador de referência à ação, à memória, à identidade dos universitários e constitui o seu patrimônio cultural. Os educandos foram autonomizados para que se reconhecessem como produtores culturais, detentores das próprias referências culturais e do próprio patrimônio cultural. E o resultado do processo, que consiste em um inventário participativo, foi disponibilizado na rede social Instagram.

O processo educativo foi desenvolvido em três etapas. Etapa 1 – Mobilização dos conhecimentos, experiências e vivências dos alunos, a fim de estabelecer a visão do mundo dos educandos e o universo temático dos universitários. Etapa 2 – Construção dialógica e coletiva do conhecimento, em que o universo temático foi devolvido aos educandos como problema, relacionando-o aos conhecimentos teóricos e práticos já sistematizados pela ciência, a fim de exercer uma reflexão crítica sobre a realidade, de forma a compreender que o Patrimônio Cultural é aquilo que é portador de referência à identidade, à ação e à memória – portanto, está no cotidiano. Etapa 3 – Organização e sistematização do conhecimento construído e finalização do processo para que os educandos pudessem teorizar o seu universo e suas práticas culturais, comunicando-as por meio de um Inventário Participativo de referências culturais dos universitários disponibilizado no Instagram.

3. RECONHECIMENTO E VALORIZAÇÃO DA CULTURA E DA CIÊNCIA: UMA ARTICULAÇÃO ENTRE A UNIVERSIDADE E A SOCIEDADE EM SÃO CARLOS

A experiência faz parte do projeto financiado pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP (projeto nº 2526). As ações tiveram como objetivo engajar a universidade em ações voltadas para a valorização da cultura local e valorização do conhecimento científico em um contexto de ensino e aprendizagem, fortalecendo o diálogo

com os diferentes agentes envolvidos, da universidade e da comunidade. Elas foram desenvolvidas junto à Escola Estadual Bento da Silva Cesar, com alunos do 3º ano do Ensino Fundamental, e à Escola Estadual Professor Aduar Kemell Dibo, com alunos do 3º ano do Ensino Médio.

As ações foram estruturadas para ocorrerem em dois encontros com cada turma de alunos de cada escola em abril de 2023. Para desenvolvê-las, os proponentes recorreram ao método de desenho em camadas, que é uma abordagem do consolidado inventário participativo. O método foi concebido pelo Comitê Científico Nacional de Interpretações, Educação e Narrativas Patrimoniais do *International Council of Monuments and Sites* – Brasil (CCBrInt-ICOMOS-Brasil). Nesse método, tem-se

o desenho como principal meio de ação [...] com a intenção de instigar as crianças e os adolescentes a explorarem por si mesmos a Cultura e a Identidade de suas próprias comunidades, documentá-las e divulgá-las para o mundo. Assim, o Desenho em Camadas foi pensado em etapas inspiradas em categorias de Referências Culturais, que devem ser entendidas como a construção de uma representação do viver em um determinado contexto cultural e temporal. Para cada categoria foi criada uma pergunta-geradora, que resulta em desenhos a partir dos seus sentidos, construindo-se um percurso mediado pela compreensão de patrimônio, sensibilizando o reconhecimento de cada desenhador enquanto sujeito produtor de cultura. Dessa forma, perguntas e desenhos fazem emergir patrimônios por meio de uma interpretação da realidade experienciada (NITO et al., 2022, p. 390).

4. CONSIDERAÇÕES

As experiências de Educação Patrimonial consistiram em processos planejados e desenvolvidos por meio da concepção *freireana* de que educar não é transferir conhecimento, mas sim criar as possibilidades para a construção de conhecimento. Dessa forma, nas duas experiências, tanto na universidade quanto na escola, os educandos foram os sujeitos do processo e os educadores promoveram uma mediação realizada a partir da problematização e reflexão.

Dessa forma, os educandos puderam identificar as referências culturais presentes no seu cotidiano, interpretando-as e comunicando-as – seja na forma de Inventário Participativo, seja na forma de desenho. Com isso, fica evidente que essas experiências consistiram em processos de Educação Patrimonial dialógicos, participativos e democráticos, construídos de forma horizontal e considerando todos os saberes – tanto os da vivência e experiência dos educandos quanto os já sistematizados pela ciência.

Vale dizer ainda que as experiências aqui apresentadas oportunizaram aos autores-educadores o exercício da práxis *freireana*, uma vez que foi estabelecido um dinamismo entre teoria e prática, ação e reflexão, porque os autores-educadores, subsidiados pelo referencial teórico-conceitual, colocaram-no em prática no processo educativo, na ação e, a cada encontro com os educandos, em ambas experiências, refletiram sobre a própria prática. E essa reflexão, como forma de pensar a prática, possibilitou a

construção de conhecimento teórico, o qual, a cada encontro seguinte, se traduziu em prática: uma prática pedagógica como ação transformadora, para o educando e para o educador.

As experiências aqui mencionadas estão melhor detalhadas na publicação “Educação Patrimonial em São Carlos-SP: identificando referências culturais na universidade e na escola” (FARACO e VIZIOLI, 2023).

AGRADECIMENTOS

Agradecimento à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP pelo apoio financeiro ao projeto “Reconhecimento e valorização da cultura e da ciência: uma articulação entre a universidade e a sociedade em São Carlos” (nº 2526).

REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2023]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 28 nov. 2022.

FARACO, André Frota Contreras. **Educação Patrimonial**: processo participativo de identificação de referências culturais dos universitários do campus USP São Carlos. 2022. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2022.

FARACO, André Frota Contreras; VIZIOLI, Simone Helena Tanoue. **Educação patrimonial em São Carlos-SP**: identificando referências culturais na universidade e na escola. Universidade de São Paulo. Instituto de Arquitetura e Urbanismo, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/9786586810707>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.p. 25.

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Portaria nº 137, de 28 de abril de 2016. Estabelece diretrizes de Educação Patrimonial no âmbito do Iphan e das Casas do Patrimônio. Brasília, DF: Diário Oficial da União, seção 1, n. 81, p. 6, 29 abr. 2016. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Portaria_n_137_de_28_de_abril_de_2016.pdf. Acesso em: 7 fev. 2020.

NITO, Mariana Kimie da Silva; FARACO, André Frota Contreras; SOSTER, Sandra Schmitt; RAMPIM, Sônia. Desenho em camadas como abordagem de Inventário Participativo: as ações educativas em Nova Olinda (CE) e Santa Bárbara d'Oeste (SP). **Revista Sillogés**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 390-414, 2022. Disponível em: <http://historiasocialecomparada.org/revistas/index.php/silloges/article/view/189>. Acesso em: 30 ago. 2022.

IMERSIONISMO EM WILLIAMSBURG: PRODUÇÃO ESTÉTICA DILUÍDA NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO

Williamsburg Immersionism: aesthetic production diluted in the production of space

Inmersionismo en Williamsburg: producción estética diluida en la producción del espacio

Palavras-chave: Imersionismo; Williamsburg; Pós-Modernismo; Cultura; Espaço Urbano.

Ana Paula Guaratini

Graduação em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU-USP

Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU-USP

E-mail: ana.guaratini@usp.br

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0019657018254123>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9285-3710>

Ruy Sardinha Lopes

Doutor em Filosofia pela USP

Professor Doutor no IAU.USP

E-mail: rsard@sc.usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4355973632621156>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0469-0729>

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho é um esforço para contribuir com o campo de estudos que articula mudanças na cultura e no espaço urbano. Desde a virada do capitalismo tardio, a cultura ganha maior importância para garantir a reprodução do capital, enquanto as regiões centrais do capitalismo passam pela saída do chão de fábrica de seus territórios e a transição para um espaço produtivo de serviços, comércio e finanças. Isso impacta na organização espacial da produção dessas aglomerações urbanas e nas condições de vida e de trabalho de seus habitantes.

Dentre os impactos dessa ampla reconfiguração produtiva, a pesquisa enfoca como objeto o estabelecimento de uma crescente população de artistas e criativos ao longo da década de 1990 no bairro de Williamsburg, em Nova York. Essa ocupação foi cunhada pelos próprios artistas como “Immersionism”, definida por um de seus integrantes, Ethan Petit, como “um movimento cultural que tomou forma em Williamsburg, Brooklyn, no início dos anos 1990. Tem alguma afinidade com as ideias de Buckminster Fuller, com a Estética Relacional, o paganismo e a arte multimídia”¹ (PETIT, 2012).

2. OBJETIVO

Interessa neste estudo abordar as alterações da paisagem urbana no bairro, as reconfigurações da produção artística, e os discursos produzidos para legitimar tal produção.

3. MÉTODO

O trabalho pauta-se numa abordagem metodológica materialista, buscando compreender a realidade concreta do fenômeno a partir do mapeamento da totalidade. Ora, em diversos momentos da pesquisa, convocamos outros períodos históricos para compreensão do nosso estudo de caso, ao mesmo tempo entendendo que os processos estudados têm diferentes graus de ligação com processos de maior escala.

A coleta de dados sobre o caso de Williamsburg baseou-se majoritariamente em materiais iconográficos (fotografias e peças gráficas digitalizadas) e materiais do período referido, escritos pelos artistas em Williamsburg. Esses materiais foram encontrados em plataformas de redes sociais e sua maior parte foi publicada em tais plataformas pelos próprios artistas.

¹ Do original: “a cultural movement that took shape in Williamsburg, Brooklyn in the early 1990s. It bears some affinity to the ideas of Buckminster Fuller, to Relational Aesthetics, paganism, and multi-media art.” Tradução própria.

4. RESULTADOS OBTIDOS

A chegada de um expressivo contingente de artistas a Williamsburg está associada a um processo histórico que acontece na cidade ao longo de todo o século XX. De fato, é possível encontrar locais que concentram populações de artistas desde pelo menos a década de 1910 em Nova York, com o estabelecimento de uma “colônia” de artistas, intelectuais e escritores em Greenwich Village, muitos dos quais eram imigrantes da Europa Ocidental em busca de refúgio das Grandes Guerras. Posteriormente, na década de 1960, ocorre uma nova ocupação nos antigos lofts industriais do SoHo. A década de 1980 possui uma breve ocupação em Lower East Side e, por fim, a década de 1990 tem em Williamsburg seu polo de produção cultural.

Esse fenômeno urbano de movimentação de uma população de artistas pelo território de Nova York está ligado a altas do custo dos imóveis nos bairros onde esses artistas estão, e em grande parte, como todo o extrato da classe trabalhadora, eles moram onde conseguem pagar. Quando não conseguem mais, então são obrigados a procurar outras localidades para estabelecerem suas moradias. Na década de 1990, Williamsburg era essa localidade para os artistas que habitavam Nova York.

Mas há algo que diferencia os artistas dentro desse grande extrato de classe. Dentro de cada um desses momentos em que eles se estabelecem em localidades diferentes, existe a tentativa por parte dos artistas de legitimar sua própria produção em relação às produções anteriores ocorridas nos lugares anteriores. E muitas vezes essa produção de discursos está atrelada aos próprios lugares em que esses artistas se inserem.

Assim, primeiramente trazemos um levantamento sobre os discursos de legitimação que os artistas de Williamsburg produzem, ligando tal produção à produção discursiva da boemia, que alega rejeitar um sistema que na realidade já havia negado à esmagadora maioria dos aspirantes a artistas desde a entrada da arte num sistema de mercado, o que data pelo menos desde o século XIX. Entretanto, a produção discursiva e de imagens da boemia passa a ter uma função na segunda metade do século XX, uma vez que a produção de imagens e discursos torna-se fundamental para justificar a produção acelerada de bens de consumo que cada vez mais pareçam novidades.

Em um segundo momento, confrontamos a produção discursiva através de um levantamento das condições concretas de vida e de trabalho dos artistas em Williamsburg, especialmente as formas que eles encontravam como fomento para sua produção e manutenção de seus espaços. Nesse ponto, encontramos o Estado como um importante regulador da produção artística. No nosso estudo de caso, essa regulação ocorre principalmente através da agência nacional fundada na década de 1960, a National Endowment for the Arts (NEA). Mais especificamente, o caso de Williamsburg já está em um momento de consolidação de

políticas neoliberais, que empurram esses artistas a manterem os espaços artísticos como negócios rentáveis ao invés de fornecer subsídio para que os artistas utilizem livremente, como ocorrera no primeiro momento da agência.

Por fim, essas mudanças de produção no circuito artístico ligam-se também à alterações no espaço urbano de Williamsburg, que durante a maior parte do século XX abrigou atividades industriais e várias etnias de operários que trabalhavam nessas indústrias, até a crise fiscal da década de 1970, que deixou grande parte desses edifícios vaga e por deteriorar-se no tempo. Para os artistas deslocados de Manhattan, esses edifícios eram uma oportunidade de abrigar suas atividades. Conforme essa nova geração de artistas que não mais podia viver em Lower East Side atravessava a ponte para alojar-se no Brooklyn, sua produção artística e seu “modo de vida” cada vez mais chamavam atenção da mídia. De quebra, essa mídia passou a propagar para um grande público não apenas os artistas e sua produção artística em si, mas também os discursos produzidos para a legitimação de sua produção no lugar em que produziam.

Curiosamente, tais discursos foram posteriormente utilizados por agentes imobiliários, tanto públicos quanto privados, como uma espécie de publicidade para justificar o encarecimento dos mesmos lugares e atrair pessoas com poder aquisitivo mais elevado enquanto iam “limpando” o bairro ao longo da década de 1990. E assim, a criação desses discursos foi usada como uma justificativa para o encarecimento dos imóveis na localidade, forçando muitos desses artistas a procurarem outros lugares para morar.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos à CAPES pelo financiamento do projeto de pesquisa, ao meu orientador professor Ruy Sardinha Lopes, e ao meu antigo orientador Fábio Lopes de Souza Santos.

REFERÊNCIAS

GOOCH, Brad. The new bohemia: portrait of an artists' colony in Brooklyn. **New York Magazine**, Nova York, v. 25, n. 25, p. 24-31, 22 jun. 1992.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997.

PETIT, Ethan. **Immersionism**. Ethan Petit Gallery Blog, 15 mar. 2012. Disponível em: < <https://ethanpettit.blogspot.com/2012/03/immersionism.html> >. Acesso em 9 mai. 2023.

ZUKIN, Sharon. **Loft Living**: culture and capital in urban change. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1982.

MEGAESTRUTURA À PROVA DE FUTURO

Future-Proof Megastructure

Megaestructura a Prueba de Futuro

Palavras-chave: Megaestruturas; Década de 1960; Flexibilidade; Monumentalidade; Sustentabilidade

Danilo Cazentini Medeiros

Arquiteto e Urbanista pela UNISEB

Mestrando em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP

E-mail: Dan.Medeiros@usp.br

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7546949898123957>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4068-9378>

Anja Pratschke

Livre Docente pelo IAU.USP

Professora Doutora, Associada em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP

E-mail: pratschke@sc.usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9669955733350604>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7126-2871>

1. INTRODUÇÃO

As megaestruturas arquitetônicas surgiram como respostas ambiciosas às demandas urbanas e sociais do século XX, propondo soluções inovadoras para a organização do espaço urbano. Nos anos 1960, um grupo de arquitetos visionários explorou esse conceito em profundidade, propondo projetos que desafiavam as convenções da época. Estas megaestruturas não eram apenas grandes em escala, mas também ambiciosas em suas concepções, tentando integrar diversas funções urbanas dentro de uma única estrutura monumental. Este estudo concentra-se em quatro projetos desse período, oriundos de diferentes continentes: o *Lower Manhattan Expressway (LoMEx)* de Paul Rudolph (América do Norte), *La Ville Spatiale* de Yona Friedman (Europa), *Helix City* de Kisho Kurokawa (Ásia), e os Superblocos de Brasília de Rino Levi (América do Sul). Inicialmente, cada projeto foi estudado em seu contexto histórico e geográfico, com atenção às condições sociais, políticas e econômicas que influenciaram suas concepções. Em seguida, foram analisadas as soluções construtivas, formais e funcionais propostas por cada arquiteto, destacando as inovações e as limitações de suas abordagens. A dissertação está estruturada em capítulos que correspondem a cada arquiteto e seu respectivo projeto, com uma introdução sobre o conceito de megaestruturas e uma análise final que conecta esses projetos ao contexto contemporâneo. A análise comparativa permitiu identificar as características comuns e divergentes entre os projetos, bem como as maneiras pelas quais cada um deles abordou questões de sustentabilidade, flexibilidade e adaptabilidade. Além disso, a dissertação busca refletir sobre a relevância dessas propostas no contexto contemporâneo, a partir da retomada do conceito megaestrutural nos dias de hoje, com destaque ao desenvolvimento da megaestrutura *The Line* na Arábia Saudita, previsto para 2030. O tema central desta pesquisa é a capacidade dessas megaestruturas de resistir ao tempo e se adaptar às mudanças sociais, tecnológicas e ambientais, algo que a dissertação denomina como "prova de futuro". Ao investigar as propostas de Rudolph, Friedman, Kurokawa e Levi, a dissertação examina como esses projetos anteciparam questões que ainda são relevantes nas discussões urbanísticas contemporâneas, como sustentabilidade, flexibilidade e integração tecnológica.

2. OBJETIVO

A pesquisa busca compreender como as ideias desses arquitetos pioneiros influenciaram e continuam a influenciar a prática arquitetônica e urbanística atual, além de explorar o impacto e a viabilidade dos projetos megaestruturais propostos na década de 1960. O estudo visa identificar as características das megaestruturas que as tornam resilientes e adaptáveis, analisando como essas soluções arquitetônicas responderam aos desafios contemporâneos e investigando as razões para suas diferentes trajetórias de implementação, permitindo que elas possam ser vistas como soluções à prova de futuro.

2.1 Objetivos Específicos

- Examinar as Definições e Conceitos do Movimento Megaestrutural;
- Analisar o Contexto Histórico e Cultural dos Projetos;
- Avaliar as Propostas e Soluções dos Projetos Específicos;
- Comparar e Contrastar as Propostas de Diferentes Arquitetos e Contextos;
- Explorar a Influência dos Projetos Megaestruturais na Arquitetura Contemporânea.

3. MÉTODO

A metodologia adotada nesta dissertação envolve uma análise comparativa das propostas arquitetônicas selecionadas. Trata-se de um estudo analítico e observacional de seguimento retrospectivo e prospectivo a respeito da compreensão e inter-relação da produção do movimento megaestruturalista, assim como suas relações com o processo de projeto contemporâneo. O recorte temporal abrange a década de 1960.

- Pesquisa Bibliográfica e Documental: coletar e revisar literatura acadêmica, livros, artigos e documentos históricos sobre o movimento megaestrutural;
- Estudo de caso: aprofundamento em projetos específicos selecionados para a melhor análise e compreensão do processo de projeto megaestrutural;
- Compreensão do Contexto Histórico e Cultural: compreender o contexto histórico e cultural dos países onde os projetos foram propostos;
- Análise e Interpretação dos Dados: Sintetizar as informações obtidas para responder às questões de pesquisa e validar ou refutar as hipóteses formuladas;
- Análise e acompanhamento de dados produzidos a partir de experimento prático: relatório de observação sobre a reprodução de projetos utópicos dentro de interfaces digitais contemporâneas, desde sua compreensão até a reprodução em formato físico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As megaestruturas, concebidas nas décadas de 1950 e 1960, estão retomando relevância no cenário arquitetônico contemporâneo. Originalmente, essas estruturas foram propostas como soluções visionárias para os desafios urbanos emergentes, mas agora são revisadas e atualizadas para responder às complexas demandas das cidades modernas, cada vez mais urbanizadas e tecnologicamente avançadas. Hoje, o conceito de megaestrutura é discutido como uma estratégia de design que integra multifuncionalidade, sustentabilidade e adaptação às mudanças climáticas e sociais.

Paul Rudolph, com o *LoMEx*, propôs uma estrutura monumental e multifuncional em Nova York, utilizando concreto e aço para enfrentar desafios urbanos como tráfego e habitação. Yona Friedman, em *La Ville Spatiale*, idealizou uma cidade tridimensional elevada, onde

moradores configurariam seus próprios espaços, refletindo a flexibilidade e participação necessárias na reconstrução pós-guerra na Europa. Kisho Kurokawa, com *Helix City*, adotou uma visão orgânica e evolutiva do urbanismo, baseada no Metabolismo japonês, com módulos habitacionais flexíveis. Rino Levi, nos Superblocos de Brasília, integrou modernidade e tradições locais, criando espaços habitacionais funcionais e esteticamente impactantes.

Os projetos desses arquitetos emergiram em um período de transformação global, marcado pela necessidade de desenvolvimento urbano, mudanças tecnológicas e tensões políticas. Cada um enfrentou desafios específicos de seu contexto, propondo soluções construtivas inovadoras que refletem a evolução das técnicas e materiais da época. A monumentalidade, flexibilidade e sustentabilidade são características comuns entre esses projetos, que romperam com as tipologias urbanas tradicionais e redefiniram a paisagem urbana.

A influência do pensamento utópico foi fundamental na criação dessas megaestruturas, inspirando soluções arquitetônicas que ainda hoje encontram ressonância na era das cidades inteligentes e da sustentabilidade urbana. Arquitetos como Friedman e Kurokawa imaginaram cidades que poderiam evoluir organicamente, adaptando-se às necessidades dos habitantes e às transformações tecnológicas ao longo do tempo. Esse ideal utópico, inicialmente distante da realidade prática, agora ganha terreno nas discussões sobre o futuro das cidades.

A produção megaestrutural e sua revisão constante oferecem lições valiosas para o desenvolvimento arquitetônico contemporâneo e futuro. Esses projetos pioneiros lançaram as bases para uma arquitetura que transcende as limitações do espaço urbano tradicional. Iniciativas contemporâneas, como *The Line* na Arábia Saudita, exemplificam essa nova fase do movimento megaestrutural resgatando e ampliando muitas das ideias e visões utópicas exploradas pelos arquitetos do passado, buscando não só responder às demandas do presente, mas também antecipar as necessidades futuras.

O impacto e importância das megaestruturas é inegável. A relevância desse legado e sua revisão conceitual contínua são fundamentais na arquitetura e urbanismo contemporâneos, oferecendo um entendimento mais profundo das possibilidades e limitações do urbanismo moderno. Em última análise, as megaestruturas servem como um lembrete do potencial transformador da arquitetura, contribuindo para a criação de cidades mais sustentáveis, eficientes e humanas, consolidando o termo “megaestrutura” como uma solução à prova de futuro.

REFERÊNCIAS

- ABLEY, I.; SCHWINGE, J. **Manmade Modular Megastructures**. New Jersey: Wiley (Academy Press), 2006.
- BANHAM, R. **Megastructure: Urban Futures of the Recent Past**. New York: The Monacelli Press, 2020.
- BEANLAND, C. **Unbuilt: Radical Visions of a Future that Never Arrived**. London: Batsford, 2021.
- CABRAL, C. P. C. De volta ao Futuro: Revendo as Megaestruturas. Vitruvius, **Arquitextos**, 082.07, ano 07, mar. 2007. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.082/266.CABRAL>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- CABRAL, C. P. C. Rino Levi e a Megaestrutura. Vitruvius, **Arquitextos**, 260.02, ano 22, jan. 2022. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/22.260/8382>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- CAÚLA, A. **Trilogia das Utopias: Urbanismo, HQ's e Cinema**, Salvador: Universidade de Federal da Bahia, 2008. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32069/1/trilogia-das-utopias-urbanas.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- FRAMPTON, K. **História Crítica da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FRAMPTON, K. Megaforma e Relevô como uma estratégia possível. **RUA: Revista de Urbanismo e Arquitetura**, V.6,n. Cidade: Desenhos, Desejos e Destinos, p.80 – 85, Salvador, set. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rua/article/view/3119/2236>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- FRIEDMAN, Y. **L'Architecture Mobile: Vers une cité conçue par ses habitants (1958 – 2020)**. Paris: L'éclat Poche, 2020.
- GALILEE, B. **Radical Architecture of the Future**. New York: Phaidon Press, 2021.
- GARDNER, W. **The Metabolist Imagination: Visions of the City in a Postwar Japanese Architecture and Science Fiction**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2020.
- GONÇALVES, R. F. **Utopias, Ficções e Realidades na Metrópole Pós-Industrial**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-15102014-162051/pt-br.php>. Acesso em: 22 ago. 2024.
- KOOLHAAS, R.; OBRIST, H. U. **Project Japan: Metabolism Talks....** Barcelona: Taschen, 2011.
- KUROKAWA, K. **Metabolism in Architecture**. London: Studio Vista, 1977.
- KUROKAWA, K. **Philosophy of Symbiosis**. New Jersey: John Wiley & Sons, 1994.
- LIN, Z. **Kenzo Tange and the Metabolist Movement: Urban Utopias of Modern Japan**. London: Routledge, 2010.
- MAKI, F. **Investigations In Collective Form**. St. Louis: Washington University School of Architecture, 1964.
- NYLAS, A. **Beyond Utopia: Japanese Metabolism Architecture and the Birth of Mythopia**. New York: Routledge, 2018.
- VAN DER LEY, S.; RICHTER, M. **Megastructure Reloaded: Visionary Architecture and Urban Planning of the 1960s Reflected by Contemporary Artists**. Berlin: Hatje Cantz Verlag, 2008.

INDÍCIOS E VESTÍGIOS DA ARQUITETURA DESCONSTRUTIVISTA NO BRASIL

Clues and traces of Deconstructivist Architecture in Brazil

Claves y huellas de la Arquitectura Deconstructivista en Brasil

Palavras-chave: Desconstrutivismo; Exibição *Deconstructivist Architecture*; Projeto Desconstrutivista;

Guilherme Gasques Rodrigues

Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela FAAC.UNESP
Doutorando em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP
E-mail: guigasques@usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4719137365270751>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7267-0455>

Paulo Yassuhide Fujioka

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela FAU.USP
Professor e orientador pelo IAU.USP
E-mail: pfujioka@sc.usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2324840218928687>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2113-6778>

1. INTRODUÇÃO

A Exposição *Deconstructivist Architecture* foi realizada no Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA - *Museum of Modern Art*), nos dias 23 de junho a 30 de agosto de 1988. Com a curadoria de Philip Johnson e Mark Wigley, foram expostos dez projetos arquitetônicos ao todo, com a participação de sete escritórios, sendo representados por nomes conhecidos na Arquitetura Contemporânea, são eles: Frank Gehry; Daniel Libeskind; Rem Koolhaas; Peter Eisenman; Zaha Hadid; Wolf Prix e Helmut Swiczinsky (Coop Himmelblau); e Bernard Tschumi.

No prefácio do catálogo, Johnson (1988) escreveu que a Arquitetura Desconstrutivista não foi um movimento com regras ou credo, e não se resumia nos sete escritórios selecionados. E, sim, que ali foram expostos os projetos que surgiram em meados dos anos 1980 e que possuíam semelhanças nas formas arquitetônicas. O curador ainda enfatizou que os projetos foram chamados de desconstrutivos porque os arquitetos expositores possuíam a habilidade de perturbar o pensamento das pessoas em relação à forma arquitetônica. Com base nisso, surgiu a hipótese de que essas formas possivelmente retomaram o pensamento do construtivismo russo, inspirado por artistas vanguardistas das décadas de 1920 e 1930, como Kazimir Malevich, El Lissitzky e Rodchenko. Johnson também apontou um elemento presente nas obras desses artistas: a sobreposição diagonal, a torção de planos retangulares e trapezoidais, criando uma configuração estrutural peculiar.

Wigley (1988), ao escrever no catálogo da exposição, opta por um viés teórico em vez de uma percepção empírica como Johnson, explicando de onde surgiu essa forma, de maneira a destacar que, em geral, os arquitetos buscam uma forma estável e pura, evitando qualquer instabilidade ou desordem. O curador da exposição demonstrou que essa busca por uma abordagem com regras compositivas remonta à antiguidade, onde se evitava conflitos de junção entre formas, como a combinação de retângulo e círculo, por exemplo. Essa abordagem buscava manter a pureza das formas como garantia de estabilidade, sem permitir desvios na ordem estrutural. A ruptura com as formas tanto modernas quanto pós-modernas ocorreu por meio dos projetos apresentados na exposição. Wigley não discorda de Johnson, porém adiciona que os arquitetos possuem “qualidades desconstrutivas”.

Aqui podemos também considerar o trabalho prévio de Wigley com a filosofia, e entender que por mais que a Exposição não foi de cunho filosófico e nem debatido sobre a filosofia da desconstrução no catálogo, ela percorre nas entrelinhas dos projetos. Em sua tese, Tina Di Carlo (2016), se aprofunda diretamente na Exposição *Deconstructivist Architecture* como um produto cultural. De caráter investigativo e de pesquisa histórica, a autora examina o contexto filosófico e histórico; mapeia a transferência do termo *deconstruction* da filosofia para um estilo e discute a exposição como um fenômeno e aparelho cultural. O termo no título da exibição deixa claro um gatilho de pensamentos sobre o que é, e, o que não é a Exposição, se ela é uma continuação do modernismo (De+Construtivismo) ou não é, se ela é

uma ruptura com o pós-modernismo, ou não é. E isso nos faz pensar de uma maneira mais ampla sobre o tema, e não categorizar os projetos e arquitetos - esse é o objetivo da filosofia da desconstrução - desta maneira reforça-se o pensamento que a exposição foi um aparato crítico sobre os limites da arquitetura e sobre os limites do pensamento arquitetônico.

No Brasil a tradução do catálogo da Exposição *Deconstructivist Architecture* chegou primeiramente pela Revista Caramelo nº 5 de 1992. Em outras publicações, como na Revista AU nº 36 em 1991 e na Revista Projeto nº 210 de 1997, a temática foi abordada demonstrando o significado e alguns projetos e arquitetos participantes da exibição. Sabe-se que o cenário nacional nas décadas de 1970 e 1980 foi diferente. Em 1980, o país estava passando por uma redemocratização, uma nova constituição e crise econômica. Além disso, mudanças emergiram na teoria e prática arquitetônica, onde uma arquitetura modernista passava por uma “revisão” e uma arquitetura pós-modernista aparecia timidamente. A comunicação nestes anos turbulentos era realizada principalmente por revistas e catálogos que informavam os eventos, bienais e acontecimentos. Uma narrativa sobre a Exposição *Deconstructivist Architecture* que demonstre as relações entre o Brasil e a Europa-EUA ainda não foi delineada, sendo assim, ainda existe uma lacuna na teoria e história da arquitetura para ser preenchida. Visto que foram essas mídias físicas que alimentavam ou criavam debates nos meios acadêmicos e de escritórios, como foi a recepção da exposição *Deconstructivist Architecture* no Brasil? Até onde ela percorreu teoricamente e como prática projetual?

Como recepção inicial da teoria da Arquitetura Desconstrutivista encontra-se a exposição “Malhas, Escalas, Rastros e Dobras na obra de Peter Eisenman: catálogo de exposição” organizada por Anne Marie Sumner (1993) e realizada no MASP. No catálogo da exposição encontram-se textos referentes à produção de Eisenman. Estes foram elaborados por Sumner, Sophia Telles(19xx), Otília Arantes e Nicolau Sevcenko, o qual entrevistou Eisenman. Também há a publicação do texto do arquiteto “O Fim do Clássico: o Fim do Começo, o Fim do Fim”. Em suma, Sumner (1993) apresenta ao Brasil o pensamento da Arquitetura Desconstrutivista por meio de Peter Eisenman, arquiteto protagonista e pertinente à teoria e à prática.

2. OBJETIVO

O objetivo geral da tese é construir uma narrativa sobre a Arquitetura Desconstrutivista no cenário nacional. Como objetivos específicos a pesquisa busca mapear a projeção, os atores da recepção da *Deconstructivist Architecture* no Brasil, seja em eventos, em exposições, em publicações sobre o tema; comparar o contexto histórico internacional (Europa Ocidental e EUA) com o nacional em quesitos culturais, sociais, econômicos e políticos, sendo a exposição *Deconstructivist Architecture* o ponto de equilíbrio do recorte temporal; e identificar projetos que possuam reflexos da Arquitetura Desconstrutivista, seja por um viés formal e/ou filosófico.

3. MÉTODO

Para cumprir os objetivos, a tese centra-se no método histórico. Como autor chave da pesquisa, os procedimentos apresentados por Julio Aróstegui (2006) serão utilizados. Além de outros como Jorge Grespan (2008), Linda Groat e David Wang (2013), e Paul Veyne (1998).

É necessário captar o objeto de estudo (A Exibição *Deconstructivist Architecture*) por meio de conceitualizações sobre os coletivos e sobre os indivíduos; abordar os acontecimentos além do objeto; levar em consideração o passar do tempo. Assim, é essencial analisar e criticar os documentos históricos. Comparar processos simultâneos de âmbitos diversos.

Para realizar tais procedimentos, as ferramentas de cunho qualitativo são utilizadas, como: a observação documental, seja em arquivos, na imprensa, em publicações oficiais e textos bibliográficos; análise filológica dos conteúdos; e entrevistas com os possíveis arquitetos brasileiros envolvidos na temática. Já de caráter quantitativo, técnicas para organizar, tabular e indexar os dados serão utilizados para elaborar fichas; além de técnicas gráficas como a produção de uma linha do tempo.

4. RESULTADOS ESPERADOS

No Brasil, a Arquitetura Desconstrutivista não obteve uma disseminação do mesmo alcance que o cenário internacional europeu e estadunidense. Pautas culturais, políticas, sociais e econômicas são indicadores que demonstram contrastes para que projetos fossem construídos ou que a teoria fosse aderida por muitos arquitetos ou escritórios. Alguns projetos apresentam similaridades formais como a guarita e alguns prédios do campus II da Universidade de São Paulo (USP), na cidade de São Carlos.

5. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Compreende-se até o presente momento que os indícios e vestígios da Arquitetura Desconstrutivista no Brasil são poucos. Como indícios, sendo algo que não se vê fisicamente, Ane Marie Sumner identifica e reconhece a teoria do tema. Como vestígios, sendo de caráter físico, além de alguns possíveis projetos, temos a exposição sobre Eisenman no Brasil.

AGRADECIMENTOS

Ao orientador desta pesquisa, Paulo Yassuhide Fujioka. Aos colegas e aos professores da disciplina de Métodos de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, Aline Coelho Sanches e Tomás Antônio Moreira.

REFERÊNCIAS

ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru: Edusc, 2006.

DI CARLO, Tina. **The Construction of an Exhibition within Architecture Culture: Deconstructivist Architecture** The Museum of Modern Art, 1988. Tese (Doutorado) - The Oslo School of Architecture and Design, 2016.

GRESPLAN, Jorge. **Considerações do método**. In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

GROAT, Linda N.; WANG, David. **Architectural research methods**. New Jersey: John Wiley & Sons, 2013.

GUATELLI, Igor. **Arquitetura desconstrutivista** - um ensaio. Revista Projeto. São Paulo, n. 210, p. 100-103. jul. 1997.

JÁUREGUI, Jorge Mario. Arquitetura e filosofia da desconstrução. **Revista AU**. São Paulo, nº 36, p. 62-63, ,jun./jul. 1991.

JOHNSON, Philip; WIGLEY, Mark. **Deconstructivist Architecture**. Museum of Modern Art, Little Brown and Company; 1st edition, 1988.

SUMNER, Anne Marie (Org.). **Malhas, Escalas, Rastros e Dobras na obra de Peter Eisenman**: catálogo de exposição. São Paulo, MASP, 1993, p. 5-8.

WIGLEY, Mark. Arquitetura Deconstrutivista. **Revista Caramelo**. São Paulo, n. 5, p. 51-60. 1992.



SESSÃO 5

25 set 2024

LINA BO BARDI E O OFÍCIO DO ENSINO

Lina Bo Bardi and teaching profession

Lina Bo Bardi y el arte de enseñar

Palavras-chave: Lina Bo Bardi; ensino de arquitetura; educação; FAU USP; Universidade da Bahia.

Maria Alice Messias

Arquiteta e Urbanista pelo IAU.USP
Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP
E-mail: mariaalicemessias@usp.br
Currículo Lattes: lattes.cnpq.br/7385020066015609
Orcid: orcid.org/0000-0002-1984-9894

Aline Coelho Sanches

Doutorado em Composizione Architettonica pelo Politecnico di Milano
Professora Doutora do IAU.USP
E-mail: alinecoelho@sc.usp.br
Currículo Lattes: lattes.cnpq.br/5939046169120461
Orcid: orcid.org/0000-0001-6458-0938

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tratará da trajetória da arquiteta Lina Bo Bardi (1914-1992) e o ofício do ensino durante o período de 1947, quando da fundação do Museu de Arte de São Paulo, até 1992, ano de sua morte. Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender o papel e perfil da arquiteta enquanto incentivadora da educação para a cultura. Lina apostou durante toda sua vida na importância da educação como transformadora da sociedade. Casada com Pietro Maria Bardi (1900-1999), vieram para o Brasil em 1946 trazendo consigo, além de obras de arte, o desejo de se inserir nos campos da Arte e Arquitetura no país.

Lina é amplamente conhecida por seu trabalho junto aos museus que criou, mas esse perfil não pode ser lido isoladamente, pois se insere em um perfil mais complexo, conjuntamente a esse lado professora de arquitetura e outros que serão estudados nesse trabalho, que compõem uma figura promotora que via a arte como transformadora do homem¹.

2. OBJETIVO

O objetivo geral dessa pesquisa é compreender o papel e perfil de Lina Bo Bardi enquanto incentivadora da educação para a cultura.

Têm-se como objetivos específicos:

- a) investigar e analisar a atuação de Lina Bo Bardi como professora de Arquitetura no Brasil na FAU USP e na Universidade da Bahia;
- b) mapear as características de Lina como professora, observando continuidades e rupturas em sua trajetória;
- c) iluminar a produção didática escrita da arquiteta referentes ao Instituto de Arte Contemporânea, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, Universidade da Bahia, Museu de Arte Moderna da Bahia, Parque Lage, entre outros.
- d) enquadrar esse traço do perfil de Lina na história do ensino de artes e arquitetura no Brasil e no papel das mulheres nesse processo.

Convém destacar que uma etapa importante para realização dos objetivos é registrar e analisar os relatos de ex-alunos e colaboradores da arquiteta que ainda estejam vivos e possam contribuir com essa memória, continuando assim o trabalho realizado durante Iniciação Científica *O ensino de Arquitetura na trajetória de Lina Bo Bardi* realizada com financiamento Fapesp processo nº 2021/04741-1 entre os anos de 2021 e 2022, em que foram entrevistados o arquiteto Marcelo Ferraz, o arquiteto Marcelo Suzuki, a coreógrafa e bailarina Lia Robatto e o professor e arquiteto Julio Katinsky.

¹ Sobre a ideia da ambição educacional dos museus, o design e as artes gráficas e as relações entre as artes nos edifícios transformarem a vida dos homens, ver SANCHES, Aline Coelho. **Artistic Migration: Reframing Post-War Italian Art, Architecture, and Design in Brazil**. Londres: Routledge, 2024.

Interessa então, construir um perfil de Lina Bo Bardi como figura promotora da educação em diversas instâncias, a partir do aprofundamento em materiais de arquivos, de entrevistas e consolidação desse aspecto que verificamos como uma lacuna na historiografia no que se refere à trajetória da arquiteta. Além disso, o trabalho se junta aos esforços de recuperação da história do ensino de Arquitetura no país e do papel das mulheres nesse processo, quase nunca mencionado, a partir de questões colocadas pelo presente.

3. MÉTODO

Para o cumprimento dos objetivos deste trabalho, estão sendo utilizados os métodos da pesquisa histórica, construída a partir da identificação, sistematização e análise de fontes primárias e secundárias. A partir desse processo de coleta de materiais, as fontes documentais são cruzadas.

Como fontes primárias, estão sendo investigados documentos originais, periódicos da época, cartas, relatos de outros arquitetos, entre outros. Os acervos do Instituto Bardi e da FAU USP, em São Paulo, e da Universidade Federal da Bahia e Museu de Arte Moderna da Bahia, em Salvador, levantados pelo Laboratório Urbano, interessam de forma central à pesquisa. Também será consultado o acervo do MASP. Processos administrativos pertencentes à FAU USP como o exemplificado pela Figura 1 formam importante base documental da pesquisa.

Outra importante fonte primária é constituída pelas entrevistas com perguntas semiestruturadas que serão realizadas com ex-alunos e colaboradores de Lina, e, também pesquisadores e profissionais que possam contribuir com a temática. Tal procedimento foi submetido e aprovado pela Plataforma Brasil, mediante o Comitê de Ética da Ufscar.

Como fontes secundárias, são utilizados trabalhos que abordaram a trajetória pessoal da arquiteta Lina Bo Bardi, tanto de caráter biográfico como de análise de sua produção escrita e arquitetônica. Serão selecionados, ainda, trabalhos sobre o ensino de Arquitetura no Brasil no século XX e sobre o fazer historiográfico.

Figura 1: Processo 56.1.10805.1.7 da FAU USP, referente ao afastamento de Lina por motivo de viagem ao exterior em 1956

71 4

PROC. N.º 10805/56

Br. 1 We

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITORIA

56-1.10805-1-7 CX: 72
1025

INTERES : ACHILLINA BO BARDI

INTERESSADO:

ABERTURA: 03DEZ87-18:13 SETOR : FAU

TITULO : D/47356/FAU

DATA 8.8.56

ASSUNTO : AFASTAMENTO

CLASSIFICAÇÃO

CLASSIFICAÇÃO

DISCRIMINAÇÃO

r viagem ao

estrangeiro, a fim de completar trabalhos de pesquisa j/a Institutos Superiores da Itália e França.

REFERENCIA: D-473/56-FAU.

PROC. N.º 10805/56

ARQUIVO

DATA 28-8-56

N.º DE ARQUIVO 3400

CAIXA N.º 72

Fonte: Arquivo da Universidade de São Paulo, 1956.

4. CONSIDERAÇÕES PARCIAIS E PRÓXIMOS PASSOS

A pesquisa está se direcionando a cumprir os objetivos a que se propõe no estágio intermediário em que se encontra. Durante a escrita dos capítulos, procurou-se construir a narrativa da atuação de Lina Bo Bardi no país, destacando os momentos em que atuou como educadora e enquanto promotora da educação para a cultura.

Optou-se por seguir a sequência cronológica dos acontecimentos, em alguns agrupamentos que respondem aos objetivos da pesquisa. Divide-se em introdução, com apresentação da pesquisa e dos antecedentes italianos de Lina, segue-se o capítulo que abarca o “O projeto

didático do MASP", dividido nas esferas do museu, da revista e dos cursos. Em seguida, **"Ensino de Arquitetura: Universidade de São Paulo e Universidade da Bahia"**, quando a arquiteta esteve inserida nos corpos docentes da FAU USP e da Escola de Belas Artes da Universidade da Bahia. Continuando a cronologia baiana, **"Museus, escolas e universidade"** aborda as escolas criadas nos museus em Salvador e o Parque Lage no Rio de Janeiro. Por fim, **"Outros espaços de formação"** mostra uma Lina que ensinava à sua maneira.

Lina Bo Bardi foi uma personagem que se confrontou com distintos grupos ao passar por instituições tão diversas como MASP, onde tinha certo controle, até FAU USP e Universidade da Bahia, inseridas dentro de um sistema de ensino, além de outros aqui mencionados. Ao longo dessas passagens, é preciso encarar a arquiteta com seu caráter multifacetado, que acompanha um processo de maturidade e de inserção no Brasil e sua cultura, rompendo com a Achillina Bo da Itália e da Universidade de Roma ao renegar a tese que escreve para o concurso da FAU em 1957, a *Contribuição propedêutica ao ensino da teoria da arquitetura*, mas que também mostra continuidades de seu passado das quais não é possível desvencilhar-se.

Para os próximos passos da pesquisa prevê-se a realização das entrevistas, que já estão autorizadas pela Plataforma Brasil; a busca por outros alunos de quaisquer das instituições por onde Lina passou que possam dar depoimentos; em termos de bibliografia, pretende-se aprofundar a leitura e escrita no que se refere à teoria do fazer historiográfico e da história oral, visto que as entrevistas vão tomar parte maior do trabalho a partir do próximo momento. Deve-se inserir fontes a respeito dos cenários das cidades de São Paulo e Salvador nos momentos em que Lina passa por esses contextos urbanos.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de São Paulo (FAPESP) – processo nº 2023/06059-9. Agradeço à Fatima Maria N. L. L. Mininel pelo auxílio na consulta aos processos da FAU USP. Agradeço ao Instituto Bardi por possibilitar a consulta ao acervo de documentos.

REFERÊNCIAS

BO BARDI, Lina. **Contribuição propedêutica ao ensino da teoria da arquitetura**. São Paulo: Instituto Lina Bo; PM Bardi, 2002.

SANCHES, Aline Coelho. **Artistic Migration: Reframing Post-War Italian Art, Architecture, and Design in Brazil**. Londres: Routledge, 2024.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Reitoria. **[Processo 56.1.10805.1.7]: afastamento**. Interessado: Achillina Bo Bardi. São Paulo, 1956. [Não publicado.]

SÉRGIO FERRO E OS ESTUDOS DE PRODUÇÃO: PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA UMA NOVA ARQUITETURA

Sergio Ferro and Production Studies: Pedagogical Proposals for a New Architecture

Sérgio Ferro y los Estudios de Producción: propuestas pedagógicas para una nueva arquitectura

Palavras-chave: Arquitetura; Estudos de Produção; Pedagogia Crítica; Economia Política; Sérgio Ferro.

Lara Melotti Tonsig

Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela USP
Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP
E-mail: lalitamt@gmail.com
Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1310162206802510>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3021-6131>

João Marcos de Almeida Lopes

Doutor em Filosofia e Metodologia das Ciências pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar
Professor titular do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - IAU.USP
E-mail: jmalopes@sc.usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9454329212153701>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9999-2473>

1. INTRODUÇÃO

O estudo sobre as propostas pedagógicas de Sérgio Ferro no campo da arquitetura integra um projeto mais amplo de pesquisa focado nos Estudos de Produção, o TF/TK – Translating Ferro, Transforming Knowledges (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2024), o qual aborda as inter-relações entre arquitetura, construção e economia política. Ferro é conhecido por uma abordagem crítica e única, que considera que a prática arquitetônica — o ato de projetar e desenhar — só pode ser compreendida plenamente quando colocada em um contexto mais amplo de construção e produção econômica (FERRO, 2010). No Brasil dos anos 1960 e 1970, Ferro já estava atento às questões da alienação do trabalho e das relações de produção capitalistas na arquitetura, propondo uma pedagogia que coloca o trabalho e a construção no centro do aprendizado arquitetônico (FERRO, 1994). Além disso, Ferro introduz uma crítica estrutural sobre a divisão entre concepção e execução que caracteriza a prática da arquitetura moderna, um aspecto que, para ele, contribui para a alienação dos arquitetos em relação ao processo produtivo (FERRO, 1979). Este trabalho, portanto, investiga as implicações pedagógicas de suas ideias, que buscam provocar reflexões críticas nos futuros profissionais sobre a sua formação e o papel social da arquitetura.

2. OBJETIVO

O objetivo central desta pesquisa é ampliar a compreensão sobre os Estudos de Produção em arquitetura a partir de uma perspectiva pedagógica crítica, fundamentada nas reflexões e práticas de Sérgio Ferro. Ao articular aspectos teóricos e práticos, este estudo visa não apenas documentar as experiências pedagógicas de Ferro, mas também contribuir para a construção de um modelo de ensino que questiona as implicações políticas e sociais da arquitetura enquanto instrumento de reprodução do capital. A pesquisa busca, assim, fomentar uma pedagogia que permita aos estudantes desenvolverem uma compreensão crítica da prática profissional e que contribua para a formação de arquitetos comprometidos com transformações sociais significativas. Este trabalho foi elaborado com base em uma série de conversas e entrevistas realizadas com Sérgio Ferro ao longo de 2023, que possibilitaram um entendimento aprofundado sobre a evolução de seus fundamentos pedagógicos e metodológicos.

3. MÉTODO

A metodologia deste estudo fundamenta-se em entrevistas qualitativas e na análise de conteúdos documentais relacionados à trajetória de Sérgio Ferro, além de uma revisão bibliográfica de textos que tratam de suas propostas pedagógicas e críticas à prática arquitetônica. As entrevistas conduzidas com Ferro, baseadas em uma abordagem semiestruturada, buscaram explorar não apenas suas ideias e práticas pedagógicas, mas

também a forma como ele concebeu suas experiências didáticas no contexto histórico e político da época.

Para estruturar a análise, foi adotada uma abordagem de pesquisa qualitativa com foco em categorias temáticas, como: "a crítica à divisão entre projeto e construção," "a alienação do arquiteto frente ao processo produtivo," e "a pedagogia crítica e transformadora no ensino de arquitetura." Cada uma dessas categorias é explorada com o intuito de identificar como Ferro procurou, por meio de suas práticas de ensino, engajar os estudantes na compreensão da arquitetura como um campo inseparável da produção e das dinâmicas econômicas e políticas da sociedade capitalista.

4. RESULTADOS OBTIDOS/ESPERADOS

Os resultados preliminares desta pesquisa indicam que a abordagem de Sérgio Ferro oferece uma perspectiva transformadora e radical para o ensino de arquitetura, que questiona diretamente a função instrumental que a arquitetura desempenha na reprodução do capital. Ferro argumenta que a arquitetura, ao ser desvinculada do processo de construção e relegada à fase de concepção, acaba por reforçar a exploração do trabalho e a extração de mais-valia no processo produtivo. A pesquisa sugere que, ao trazer esses elementos para o contexto pedagógico, é possível construir uma formação profissional que não apenas capacita o arquiteto tecnicamente, mas que também desenvolve nele uma consciência crítica quanto às implicações sociais e econômicas de sua prática.

Com base nas entrevistas e análise documental, percebe-se que Ferro propõe uma pedagogia em que os estudantes são incentivados a participar ativamente do processo de construção, seja por meio de oficinas práticas, seja por projetos colaborativos que aproximem o arquiteto dos trabalhadores da construção civil. Este contato direto com o processo produtivo permite aos estudantes desenvolverem uma compreensão mais ampla sobre o papel social da arquitetura, reconhecendo-a não apenas como um campo técnico ou estético, mas como uma prática inserida em um sistema de produção e exploração.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições pedagógicas de Sérgio Ferro abrem caminhos para uma reflexão profunda sobre o ensino de arquitetura no Brasil e suas potenciais implicações transformadoras. A partir de uma crítica marxista (MARX, 2013) ao sistema capitalista e à divisão do trabalho na construção civil, Ferro propõe uma formação que prepara os arquitetos para desafiar as práticas convencionais do mercado e para pensar criticamente sobre o papel da arquitetura na sociedade.

Ao final deste estudo, espera-se que as ideias de Ferro possam inspirar novos modelos de ensino em arquitetura, que promovam uma formação alinhada com os valores de justiça

social e consciência política. Em um contexto global onde a construção civil é um dos setores mais exploradores e ambientalmente impactantes, a pedagogia crítica de Sérgio Ferro surge como uma resposta necessária para a formação de profissionais que desejam atuar de maneira transformadora e comprometida com as questões sociais e econômicas de seu tempo.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao apoio e à colaboração de Sérgio Ferro e Ediane Lobão, e de todas as instituições e colegas envolvidos que possibilitaram a realização deste trabalho. Reconhecemos especialmente o apoio das instituições financiadoras e das equipes de pesquisa que contribuíram para o desenvolvimento do projeto: CAPES pela bolsa concedida, FAPESP e ARCH pelo financiamento do projeto TF/TK, Universidade de Newcastle e Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP pelo apoio.

REFERÊNCIAS

FERRO, Sérgio. **O canteiro e o desenho**. São Paulo: Nobel, 1979.

_____. **Programa para polo de ensino, pesquisa e experimentação da construção (1994)**. In: Arquitetura e Trabalho Livre, org: ARANTES, P. São Paulo, Cosac Naify, 2006.

_____. **A história da arquitetura vista do canteiro** – três aulas de Sérgio Ferro. São Paulo: GFAU, 2010.

MARX, K. **O Capital** - Livro I – crítica da economia política: O processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013 [1867].

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Instituto de Arquitetura e Urbanismo. **TFTK: Translating Ferro / Transforming Knowledges of Architecture, Design, and Labour for the New Field of Production Studies**. São Carlos, 2024. Disponível em: <https://tftk.iau.usp.br>.

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO: ESTUDO ANALÍTICO DO PROJETO DE ARQUITETURA E CONSTRUÇÃO

Brasiliiana Library Guita and José Mindlin at the University of São Paulo: An Analytical Study of the Architectural and Construction Project

Biblioteca Brasiliiana Guita e José Mindlin de la Universidad de São Paulo: Un Estudio Analítico del Proyecto Arquitectónico y Constructivo

Palavras-chave: Brasiliiana; Eduardo de Almeida; Patrimônio

Mariana de Oliveira Pereira

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela IAU.USP

E-mail: mariana.oliveira12@usp.br

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2202377307701344>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-3190-8360>

Paulo Yassuhide Fujioka

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela FAU.USP

Professor doutor do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - IAU.USP

E-mail: pfujioka@sc.usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2324840218928687>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2113-6778>

1. INTRODUÇÃO

Durante muitas décadas, José Mindlin (1914-2010) e sua esposa Guita (1916-2012) colecionaram livros sobre todos os assuntos que interessavam aos dois estudiosos. Assim, o futuro acervo da Biblioteca Brasileira foi sendo montado na biblioteca particular do casal, cujos livros eram adquiridos por meio de trocas e visitas a sebos, totalizando cerca de 40.000 volumes, constituído por obras de literatura, história, relatos de viajantes, manuscritos históricos e literários, documentos, periódicos, mapas, livros científicos e didáticos e iconografias. Nesse viés, o professor István Jancsó, concebeu, junto com José Mindlin, o conceito de um grande edifício da USP capaz de abrigar e manter as duas importantes coleções Brasileiras da Universidade: a do Instituto de Estudos Brasileiros e a de José e Guita Mindlin.

A Biblioteca Brasileira, enquanto instituição da Universidade de São Paulo, foi projetada por Eduardo de Almeida e Rodrigo Mindlin com o objetivo de abrigar e unificar, num mesmo espaço, o acervo do casal na forma de uma biblioteca universitária especializada em pesquisa acadêmica, permitindo o acesso da população e a ampla difusão do conhecimento. Seu partido arquitetônico foi definido, desde o início, por um eixo longitudinal em galeria, configurando uma grande nave para a qual confluem as distintas funções, nos andares superiores. A pesquisa buscou identificar a evolução da tipologia das bibliotecas, bem como a influência da arquitetura moderna paulista e a obra de Eduardo de Almeida na concepção da BBM, sendo a Biblioteca uma representação da cultura e da arquitetura brasileira.

2. OBJETIVO

O objetivo desta pesquisa é fazer um estudo analítico do projeto e construção da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, por meio de levantamento de mapas, fotografias, desenhos técnicos, diagramas e entrevistas, considerando a evolução da tipologia arquitetônica das bibliotecas ao longo da história, e sua influência no projeto e na construção da Biblioteca Brasileira.

3. MÉTODO

O processo de pesquisa constituiu-se no levantamento de dados bibliográficos sobre a evolução histórica e tipológica da arquitetura de bibliotecas; no levantamento de dados sobre a história da BBM e seu acervo; levantamento de dados sobre o projeto arquitetônico e sua construção. Além disso, o levantamento inclui a análise gráfica das plantas, cortes, elevações e detalhes, levando em conta o contexto urbano, histórico e geográfico, bem como a implantação e o contexto urbano, geográfico e histórico, os acessos, o programa, a circulação, a articulação volumétrica, a estrutura, os fechamentos, a iluminação natural e o partido arquitetônico.

4. RESULTADOS OBTIDOS/ESPERADOS

A pesquisa foi desenvolvida com base em quatro eixos que embasaram a análise projetual: a história e a evolução da tipologia das bibliotecas, a Arquitetura Paulista Moderna no século XX, a obra e a vida de Eduardo de Almeida e a concepção da Biblioteca Brasileira. Nesse viés, o estudo da evolução da tipologia das bibliotecas objetivou o entendimento da organização atual das bibliotecas universitárias de pesquisa acadêmica. O estudo da Arquitetura Paulista Moderna e da obra de Eduardo de Almeida, contribuíram para entender as influências e inspirações para o partido e desenvolvimento do projeto do Complexo Brasileira. Desse modo, a partir do estudo dos desenhos técnicos foram produzidos estudos e diagramas visando entender o partido e o funcionamento do edifício, de forma a entender sua relação espacial com o campus e suas relações internas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

José e Guita Mindlin formaram um acervo de cerca de 60 mil volumes, sendo a maior coleção particular do gênero, dividida em quatro eixos: assuntos brasileiros, literatura em geral, livros de arte, e livros como objeto de arte em virtude de seus traços tipográficos. A coleção é de extrema importância para a memória Brasileira, necessitando, portanto, de um edifício à altura. Com a doação para a Universidade de São Paulo, Mindlin garantiu que sua coleção não fosse desfeita após sua morte, e que seu legado fosse preservado e estudado.

A concepção de Eduardo de Almeida levava em conta uma permeabilidade do olhar à biblioteca, sem funcionar como uma barreira para quem percorre o campus, tanto visual quanto física, de forma que a rampa e a praça coberta entre os prédios funcionam como um ponto de encontro, passagem e um espaço de apropriação pelos estudantes. Quanto à disposição do programa, Eduardo de Almeida e Rodrigo Mindlin setorizam o espaço de forma que as funções técnicas se dessem no embasamento, sem acesso do público geral, o que garante a segurança do acervo. No térreo se encontram as duas grandes rampas, bem como a Praça Coberta, que longitudinalmente integra os edifícios do Complexo Brasileira (Ver Figura 1). O auditório circular se eleva sobre o espelho d'água, um elemento que remete a cultura arquitetônica brasileira, uma vez que a relação com a água é importante sobretudo para o acesso feito pela rampa que se eleva sobre ela, tanto quanto pelo reflexo.

Concebida por diversas camadas que se desvelam até o acervo, Rodrigo Mindlin utiliza a analogia das camadas de uma cebola para explicar o funcionamento estrutural da Biblioteca. A primeira camada é o véu perimetral, consistindo em brises instalados descolados da fachada para filtrar a luz solar, colaborando para a proteção do acervo. Assim, a segunda camada é o vazio entre os brises, a terceira, as paredes de concreto e os caixilhos. A quarta são as áreas de trabalho, circundando o anel principal, que é o local onde os livros ficam armazenados. Por último, há o vazio gerado pelo anel dos livros, cujos níveis não coincidem com os níveis dos pavimentos, sendo feitos em estrutura metálica de aço atirantado na

cobertura, diferente da caixa principal, que é feita de concreto. Ademais, horizontalmente, a utilização da laje nervurada permite o vencimento de grandes vãos, gerando uma grande permeabilidade do espaço graças à planta livre, permitindo um deslocamento linear de um lado ao outro, bem como a flexibilidade de layout do mobiliário pode atender às demandas de utilização dos pisos em diferentes momentos. Quanto à iluminação, ocorre majoritariamente pela iluminação natural proporcionada pelo lanternim, bem como pelas grandes aberturas na caixa de concreto protegidas pelos brises.

Figura 1: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin



Fonte: ARCHDAILY. Biblioteca Brasileira / Eduardo de Almeida + Mindlin Loeb + Dotto Arquitetos. 2013.

Em conclusão, a Biblioteca Brasileira é parte importante da própria coleção por trazer elementos da cultura e do imaginário brasileiro, bem como por evocar elementos fundamentais da arquitetura brasileira, como a transparência do olhar e do espaço, os espelhos d'água, os materiais aparentes, sobretudo a contraposição do peso do concreto e da leveza e transparência do vidro e do breeze. Assim, Eduardo de Almeida e Rodrigo Mindlin conseguiram capturar a essência carregada pela Coleção Brasileira, de forma a construir um edifício que retomasse o início da biblioteca, na casa do casal, homenageando a trajetória e o trabalho de uma vida de Guita e de José Mindlin.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais e a minha família. Ao meu orientador, Paulo Fujioka, a Ana Laura Barbosa, a Gabriela Romanini e a equipe do IAU, que possibilitaram a realização dos estudos. E, por último, a equipe da Biblioteca Brasileira e ao Rodrigo Mindlin Loeb, cujo trabalho é fundamental para a existência de uma coleção Brasileira tão fantástica.

REFERÊNCIAS

- ARCHDAILY. **Biblioteca Brasileira / Eduardo de Almeida + Mindlin Loeb + Dotto Arquitetos**. [S. l.], 9 abr. 2013. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-107652/biblioteca-brasiliana-slash-rodrigo-mindlin-loeb-plus-eduardo-de-almeida>. Acesso em: 14 out. 2023.
- ARQUIVO EDUARDO DE ALMEIDA**. [S. l.]. [S.d.]. Disponível em: <https://arquivoeduardodealmeida.com.br/>. Acesso em: 5 mar. 2024.
- BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. **Brasil Arquiteturas após 1950**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.
- BIBLIOTECA BRASILIANA**. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/>. Acesso em: 4 nov. 2023.
- FIGUEIREDO, Alessandra; IWAMIZU, Cesar Shundi; SILVA, Helena Ayoub. **Eduardo de Almeida: Arquiteto**, volume único. 1ª. ed. [S. l.]: BEÍ, 2023.
- FRAMPTON, Kenneth. **Studies in Tectonic Culture: The Poetics of Construction in the XIXth and XXth Century Architecture**. Cambridge: The MIT Press, 2001.
- GUERRA, Abílio; GIMENEZ, Luis Espallargas. **Eduardo de Almeida**. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2006.
- HERTZBERGER, Herman. **Lições de Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- IWAMIZU, César Shundi. **Eduardo de Almeida: Reflexões sobre estratégias de projeto e ensino**. Tese de Doutorado. 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-29102015-102522/pt-br.php>. Acesso em: 31 ago. 2024.
- PEVSNER, Nikolaus. **Historia de las Tipologias Arquitectonicas**. Barcelona: Gustavo Gili, 1980.
- SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**, volume único. 2ª. ed. São Paulo: EDUSP, 2002.
- ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. 6ª. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

ENTREGADORES DE MERCADORIA, PLATAFORMAS DIGITAIS E ESPOLIAÇÃO URBANA: NOVAS RELAÇÕES TERRITORIAIS DE TRABALHO EM SP.

Delivery workers, digital platforms and urban spoliation: new territorial labor relations in São Paulo

Repartidores, plataformas digitales y expolio urbano: nuevas relaciones laborales territoriales en São Paulo

Palavras-chave: Entregadores de plataforma; Quadrante Sudoeste; Gestão do território; Divisão territorial do trabalho; Segregação urbana

Bruno Sangali

Graduando em Arquitetura e Urbanismo
Graduando em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP
E-mail: bruno.sangali@usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7497787179373678>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3996-5144>

Cibele Saliba Rizek

Doutora em Sociologia pela FFLCH.USP
Professora Titular no IAU.USP
E-mail: cibelelr@uol.com.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0540870380815135>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7871-5730>

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo procura discutir os objetivos, métodos e resultados da Iniciação Científica *Transformações do trabalho e das condições de vida urbana dos entregadores plataformizados da Zona Sul da RMSP*, viabilizada via bolsa FAPESP entre fevereiro de 2023 e fevereiro de 2024.

A pesquisa tem por objeto de estudo as relações territoriais estabelecidas na cidade de São Paulo a partir do fenômeno da “plataformização do trabalho”, tratando mais especificamente do modelo de entrega de mercadorias, cujas atividades são realizadas em territórios geolocalizados.

A atualidade com a qual nos defrontamos dialoga diretamente com análises realizadas pelos sociólogos Lúcio Kowarick (1979) e Francisco de Oliveira (1972) ao longo dos anos 70. Ambos os autores buscavam entender a cidade pela lente das especificidades de um modelo periférico de acumulação e modernização, evidenciando as condições de vida do trabalhador como aspecto central. A precarização dessas condições, que vai além das relações de emprego ou salariais, manifesta-se na reprodução não-assegurada da força de trabalho, o que se torna evidente pela ausência de políticas públicas eficazes para elementos essenciais como moradia e transporte.

Essa base argumentativa evidencia como a precariedade se revela nas formas contemporâneas de exploração e espoliação do trabalhador pelas plataformas digitais. Estas práticas, que condicionam jornadas exaustivas e a transferência de custos e riscos das tarefas para o próprio trabalhador, reconfiguram a teoria da “espoliação urbana” proposta por Kowarick (1979) no contexto da produção industrial dos anos 70, quando a Zona Sul era o polo socioeconômico de uma São Paulo fordista.

Porém, com a reconversão econômica das décadas subsequentes, a centralidade produtiva desloca-se do sul para o oeste, constituindo a região de valorização que Flávio Villaça (2011) alcunha como Quadrante Sudoeste, que permanece como a de maior fluxo socioeconômico da metrópole. Este deslocamento reconforma fluxos dos trabalhadores que moram no sul: se no auge da produção fabril estavam submetidos ao trabalho operário das plantas industriais, em locais fixos e próximos de suas residências, hoje precisam se locomover de suas moradias para as regiões centrais, em que o emprego terciário ocupa grande parte do setor econômico da cidade.

Mesmo com a mudança de setores, a espoliação urbana continua a operar nas práticas de trabalho, que se dão nos fluxos. O que se atualiza é que, ao invés da fábrica, os entregadores estão submetidos às formas territoriais de dominação através das estratégias de produção das plataformas, que valoram a partir da precariedade das condições de trabalho e de vida urbana dos entregadores.

2. OBJETIVOS

O objetivo central da pesquisa é desvelar transformações de dinâmicas territoriais de trabalho, tomando como objeto de estudo as formas pelas quais os entregadores de mercadoria plataformizados atualizam características da produção industrial da Zona Sul de SP dos anos 70. Com isto, através de um jogo de permanências e modulações, pretende-se refletir sobre a reconfiguração do conceito de “espoliação urbana” (KOWARICK, 1979) na relação entre fluxos e usos do urbano pelos trabalhadores.

Essa relação é intensamente presente no Quadrante Sudoeste de SP (VILLAÇA, 2011; FIORAVANTI, 2023; TELLES; CABANES, 2006), território de alta valorização que se constitui como repositório de novas formas de exploração e espoliação do trabalho, agora viabilizadas por plataformas digitais. A investigação dos fluxos e usos do urbano nessa centralidade multidistrital de SP visa também identificar as estratégias que permitem a concentração espacial e socioeconômica das empresas nesse vetor, conformando fluxos territoriais de trabalho que reproduzem segregação urbana.

3. MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

A pesquisa tomou corpo a partir do cruzamento de referências teórico-conceituais com dados empíricos primários e secundários, subsidiados pelo bolsista de Iniciação Científica e por Fioravanti, 2023 através de atividades de campo. Para analisar as relações entre território e trabalho, as pesquisas de campo acompanharam relatos de cicloentregadores de mercadoria vinculados à empresa iFood, que trabalham no Quadrante Sudoeste e moram em bairros periféricos da Zona Sul.

Em um primeiro momento, o estudo baseou-se em literatura acadêmica, buscando identificar diálogos entre a economia política da urbanização industrial de SP (KOWARICK, 1979; OLIVEIRA, 1972) e a transformação territorial contemporânea, impulsionada pela reestruturação do trabalho e da produção (TELLES, CABANES, 2006; VILLAÇA, 2011). Esta transformação é absorvida nas estratégias das empresas de aplicativo para gestão do território (TOZI, 2023), capturando serviços de trabalhadores informalizados para realizar entregas no espaço urbano, o que reitera a precariedade das condições de trabalho e de vida (ABÍLIO *et al.*, 2021; FIORAVANTI, 2023).

Essas fundamentações foram validadas em campo em julho de 2023, analisando a rede de pontos de apoio e de retirada de bicicletas da iFood Pedal no vetor sudoeste de valorização de SP. Este vetor, composto por avenidas comerciais e corporativas como Berrini, Faria Lima e Paulista, constitui-se por infraestrutura cicloviária e estações de aluguel de bicicletas da Bike Itaú, aspectos que viabilizam fluxos socioeconômicos de serviços de entrega (FIORAVANTI, 2023).

4. RESULTADOS E PERCEPÇÕES

As incursões a campo revelaram mudanças significativas na configuração dos pontos de retirada de bicicletas e de apoio aos entregadores. As bases da iFood Pedal, que anteriormente operavam em estruturas temporárias e improvisadas, foram completamente desativadas, enquanto as estações da Bike Itaú absorveram a demanda de aluguel de bicicletas mediante pagamento de planos semanais, uma condição que também existia na lógica de retirada da iFood Pedal¹.

Com exceção do ponto de apoio, que contava com infraestruturas de uso dos entregadores, como bancos, armários, banheiros, água e espaços para guardar marmitas, os espaços de retirada de bicicletas eram marcados pela completa ausência de mobiliário urbano e estruturas de sombreamento, o que causava aos entregadores cansaços físicos e mentais nas filas de retirada de bicicletas (FIORAVANTI, 2023).

As percepções de campo nos permitiram identificar alguns resquícios destas dinâmicas territoriais no vetor sudoeste. Dois novos pontos de apoio surgiram em relação aos outros oito erodidos do espaço (Figuras 1 e 2). O ponto na Rua Teodoro Sampaio oferece algum suporte básico, como bancos e bebedouros, mas está situado em uma área comercial de alta circulação de veículos e nenhuma infraestrutura cicloviária, dificultando o acesso dos entregadores ao local. Na Avenida Faria Lima, a nova base de retirada está sublocada em um estacionamento e é constituída por estruturas desmontáveis e de baixo custo, das quais se ausentam “infraestrutura de apoio” ou de descanso aos trabalhadores.

Figuras 1 e 2 - À esquerda, fachada do ponto de apoio na Rua Teodoro Sampaio; à direita, base de retirada na Avenida Faria Lima, sublocada em estacionamento.



Fonte: autores, jul. 2023.

Além desses pontos, espaços de descanso continuam a se formar em áreas próximas a restaurantes e shoppings centers, contando com infraestrutura limitada e excludente. Essas mudanças refletem uma reorganização espacial que aumenta a espoliação urbana, condicionando trabalhadores residentes de bairros periféricos da Zona Sul a percorrer

¹ Até os dias atuais, o site da iFood Pedal ainda mantém informações sobre cinco pontos de apoio ou de retirada de bicicletas nas regiões de influência do vetor sudoeste (IFOOD; TEMBICI).

distâncias maiores e gastar mais tempo e dinheiro com deslocamentos, evidenciando a exploração crescente de suas condições de trabalho.

5. CONCLUSÃO

O cruzamento entre percepções de campo e referencial teórico revela que os entregadores da Zona Sul reiteram o jogo de permanências e modulações do trabalho antes ancorado pela produção industrial, contexto pelo qual fixou-se o conceito de espoliação urbana (KOWARICK, 1979). Não é difícil concluir que os serviços disseminados pelas plataformas, como a iFood, operam uma nova espoliação urbana, agora deslocada do setor secundário para o terciário, da Zona Sul para o Quadrante Sudoeste, das fábricas para as ruas. Os fluxos gerados nesse quadrante revelam um trabalho sem localização fixa, com intenso uso das vias para entregas e espaços comerciais para repouso, resultando em condições de precariedade na vida urbana.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos imensamente à FAPESP pelo fomento à pesquisa de Iniciação Científica (Processo 22/12715-3) e os pesquisadores do projeto ANR-FAPESP (Processo 21/04086-3) pelas contribuições geradas nas discussões.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, L. C.; AMORIM, H.; GROHMANN, R. Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 23, n. 57, 26-56, Mai-Ago 2021. Disponível em: <doi.org/10.1590/15174522-116484>.

FIORAVANTI, L. M. Espaço urbano e plataformas digitais: deslocamentos e condições de trabalho dos cicloentregadores da metrópole de São Paulo. **Geousp**, São Paulo, v.27, n.2, mai-ago 2023. Disponível em: <doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2023.201427.pt>.

IFOOD; TEMBICI. **Onde encontrar**. Disponível em: <ifood.tembici.com.br/onde_encontrar>.

KOWARICK, L. **Espoliação urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

OLIVEIRA, F. D. **A economia brasileira: crítica à razão dualista**. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.

TELLES, V. D. S.; CABANES, R. **Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

TOZI, F. A cidade e as novas desigualdades algorítmicas urbanas. In: TOZI, F. **Plataformas digitais e novas desigualdades socioespaciais**. São Paulo: Editora Max Limonad, 2023.

VILLAÇA, F. São Paulo: segregação urbana e desigualdade. **Estudos Avançados 25 (71)**, São Paulo, 37-58, Abr. 2011. Disponível em: <doi.org/10.1590/S0103-40142011000100004 >.

AVANÇOS TECNOLÓGICOS NA CONSTRUÇÃO CIVIL: SISTEMAS CONSTRUTIVOS ADOTADOS POR GRANDES EMPRESAS CONSTRUTORAS E SITUAÇÃO DO EMPREGO FORMAL NO SETOR

Technological advances in civil construction: construction systems adopted by large construction companies and the situation of formal employment in the sector.

Avances tecnológicos en la construcción civil: sistemas constructivos adoptados por las grandes empresas constructoras y la situación del empleo formal en el sector.

Palavras-chave: Avanços tecnológicos; Construção Civil; Wood Frame; Sistemas Construtivos; DATecs.

Giovana Grandim de Almeida

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela IAU.USP
E-mail: giovana_almeida@usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5594233207514363>
Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-5692-7474>

Lúcia Zanin Shimbo

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela EESC.USP
Professora Livre-Docente do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - IAU.USP
E-mail: luciashimbo@usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3448342105966223>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1097-8091>

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca compreender os avanços tecnológicos na construção civil a partir de 2014 até 2022, além da situação do trabalho formal no setor. Ao longo de seu desenvolvimento, o estudo enfatizou as inovações tecnológicas nas grandes construtoras de capital aberto, e as alterações que elas poderiam acarretar nos sistemas estruturais utilizados por essas empresas. Além disso, através da análise bibliográfica foi possível compreender a fundo alterações nas formas de produção habitacional que vinham ocorrendo há alguns anos, com ênfase na gestão da produção como forma de otimização. A princípio, a partir da análise de Baravelli (2014), nota-se que a alvenaria estrutural não foi completamente substituída no setor da construção por grandes empresas de capital aberto, mas sim mais racionalizada, ou seja, há uma maior padronização na linha de produção dentro do canteiro do obras. Seguindo essa linha, a partir de Shimbo e Baravelli (2022), passa-se a abordar a hipergestão da produção, a qual confirmou a padronização e racionalização da produção, baseados principalmente em seus três níveis de controle, sendo eles, setorial, gerencial, corporativo. Quanto à análise das empresas, foi utilizado o estudo documental, a partir da análise dos relatórios trimestrais das empresas, com ênfase na Tenda e na Alea, sua marca. Tal direcionamento proporcionou a compreensão de questões financeiras gerais das empresas, além do entendimento de seus sistemas estruturais. Nesse sentido, a Tenda Construtora, que utiliza como sistema estrutural parede de concreto armado moldado in loco, destacou-se pela conexão com sua marca Alea, a qual trabalha com o sistema em Wood Frame. A partir disso, através da pesquisa documental das DATecs (Documentos de Avaliação Técnica), emitidos pela SiNAT (Sistema Nacional de Avaliação Técnica), foi possível analisar os principais sistemas construtivos que compõem a construção civil atualmente, com destaque para os sistemas estruturais mais presentes entre as DATecs. Por outro lado, a abordagem enfatizou as DATecs em madeira, a fim de melhor compreender o funcionamento do sistema em Wood Frame, e seu desenvolvimento na produção habitacional em larga escala no Brasil. Pensando na questão dos trabalhadores no setor, foi realizada a análise de base de dados a partir dos dados da PAIC (Pesquisa Anual da Indústria da Construção). A partir disso, foi possível compreender a quantidade de pessoal ocupado, o número de empresas ativas, salários e remunerações. Além disso, analisou-se de forma geral a oscilação entre os números de contratações a partir da crise, e a busca pela especialização da mão de obra com o avanço da tecnologia no setor. Desse modo, através da pesquisa foi possível obter informações a respeito do desenvolvimento da produção habitacional por grandes construtoras, além de uma breve análise a respeito da situação do trabalho formal. Também foi possível abordar a construção em wood frame e compreender o avanço da produção off-site a partir de 2014.

2. OBJETIVO

O objetivo geral da pesquisa é analisar as alterações nos sistemas construtivos utilizados pelas empresas construtoras de capital aberto entre 2014 e 2022 e a situação do emprego formal na construção civil. Os objetivos específicos, por sua vez, buscam identificar e caracterizar os sistemas construtivos e os avanços tecnológicos promovidos por essas empresas, mapear o desempenho operacional e financeiro das empresas, identificar as inovações tecnológicas com ênfase nos sistemas construtivos em madeira.

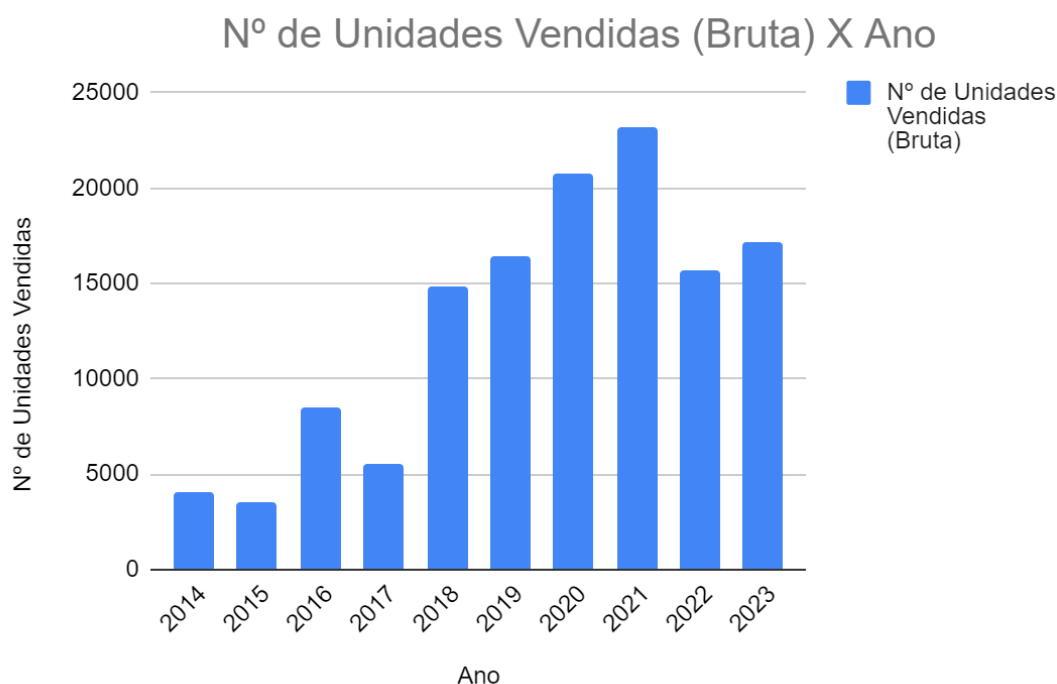
3. MÉTODO

Inicialmente realizou-se a pesquisa bibliográfica a fim de levantar estudos a respeito da organização do trabalho na construção civil, sistemas construtivos e inovações tecnológicas, produção habitacional no Brasil e políticas habitacionais. Após isso, foi feita uma pesquisa documental a partir dos relatórios das empresas construtoras de capital aberto, para identificar as alterações nos sistemas construtivos. Também realizou-se pesquisa documental a partir da análise das DATEcs (Documentos de Avaliação Técnica), a fim de compreender os sistemas construtivos inovadores que estão presentes na construção civil. Como outra estratégia, foi realizada a análise de base de dados secundários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com o intuito de analisar a situação do trabalho formal na construção civil.

4. RESULTADOS OBTIDOS/ESPERADOS

Como resultado dessa pesquisa, pode-se concretizar o avanço tecnológico que ocorre na construção civil atualmente. A pesquisa documental, através dos relatórios trimestrais das empresas construtoras, possibilitou compreender o desempenho operacional e financeiro das grandes construtoras. A partir de tais dados, foi possível relacioná-los ao momento financeiro do país a cada ano, a partir da crise de 2014, e ao avanço tecnológico e de gestão da produção presente na construção civil. Apesar da pesquisa abordar outras construtoras, destacou-se principalmente a Tenda Construtora e a Alea, sua marca, devido ao uso da madeira no sistema estrutural. Para isso, foram analisados dados a respeito do número de empreendimentos lançados, Valor Geral de Vendas (VGV), com destaque para os anos de 2021 e 2023, número de unidades vendidas por ano e Lucro Líquido, o que evidenciou um crescimento exponencial da construtora Alea, desde sua fundação em 2020, além de uma alta no número de empreendimentos entre 2021 e 2023 pela Tenda. Isso é visto na figura 1 abaixo.

Figura 1: Número de unidades vendidas pela Tenda Construtora por ano.



Fonte: Autoral, a partir dos relatórios trimestrais da Tenda Construtora, 2024.

Quanto ao resultado das DATEcs, percebeu-se que em sua maioria são de paredes de concreto armado moldado in loco, porém atualmente há a presença de 2 DATEcs ativas em madeira, uma da construtora Tecverde e outra da Alea. Como ponto importante de percepção, nota-se que as DATEcs em madeira ainda estão em processo de transição para a norma ABNT, por isso seguem ativas, enquanto que a maioria das DATEcs de concreto estão vencidas, muitas vezes por já possuírem uma norma ABNT. Aprofundando a análise nos processos construtivos em wood frame, destaca-se a pré-fabricação e praticidade na produção, o que acarreta em menos mão de obra no canteiro de obras, e produção de aproximadamente 4 casas por dia, o que caracteriza uma produção off-site, fora do canteiro, com sua montagem in loco. Quanto ao trabalho no setor da construção civil, nota-se uma queda de pessoal ocupado a partir da crise de 2014. Aprofundando essa análise, a partir de Shimbo e Baravelli (2022), fica evidente que passa a ocorrer um controle de custos baseado na subcontratação de serviços especializados, dando mais espaço a uma pequena parcela de engenheiros, por exemplo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A referida pesquisa buscou compreender o avanço da construção habitacional em larga escala no Brasil, a fim de aprimorar o conhecimento acerca dos novos métodos de gestão da produção e sua relação com os avanços tecnológicos que cercam a construção civil. Além disso, a partir da percepção da intensidade da produção em Wood Frame no país, buscou-se melhor entender o funcionamento desse sistema off-site e a produção de seus componentes. Também foi estabelecida a relação com a maneira como tais alterações na produção refletem na situação do trabalho no setor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade de São Paulo e ao Programa Unificado de Bolsas, pela oportunidade de realizar esta pesquisa que muito auxiliou em meu aprendizado. Agradeço também à minha orientadora Prof.^a Dr.^a Lucia Zanin Shimbo pelo apoio e ensinamento desde o começo.

REFERÊNCIAS

BARAVELLI, José Eduardo. **Trabalho e tecnologia no programa MCMV**. Orientador: Erminia Terezinha Menon Maricato. 226 p. Tese (Doutorado). Escola de Engenharia de São Carlos, USP, São Carlos, 2014

ESPÍNDOLA, Luciana. **O Wood Frame na produção de habitação social no Brasil**. Orientadora: Prof.^a. Dra.^a Akemi Ino. 331 p. Tese (Doutorado). Instituto de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Carlos, 2017.

INO, Akemi; SHIMBO, Lucia. **Projetar e construir com madeira**. 1 ed. São Paulo: Blucher, 2023.

OLIVEIRA, Melissa. **Mercado de trabalho na construção civil: O subsector da construção de edifícios durante a retomada do financiamento habitacional nos anos 2000**. Orientador: Mariana de Azevedo Barretto Fix. 169 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

QUAGLIO, Jaqueline. **Produção em escala da habitação e racionalização de canteiros de obra**. Orientador: Lúcia Zanin Shimbo. 225 p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Carlos, 2018.

SHIMBO, Lúcia. **Habitação social, Habitação de mercado: a confluência entre Estado, empresas construtoras e capital financeiro**. Orientador: Cibele Rizek. 363 p. Tese (Doutorado). Escola de Engenharia de São Carlos, USP, São Carlos, 2010

SHIMBO, Lúcia, & BARAVELLI, José Eduardo. (2022). **Construção sem urbano: a hipergestão da produção habitacional de empresas de capital aberto no Brasil**. Revista Brasileira De Estudos Urbanos E Regionais, 24(1). <https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202239>

TRAJETÓRIAS DE VIDA: TRANSFORMAÇÕES NAS CONDIÇÕES DE TRABALHO E NA EXPERIÊNCIA URBANA DOS TRABALHADORES DE PLATAFORMAS LOCAL-BASED.

Life trajectories: transformations in the working conditions and urban experience of local-based platform workers.

Trayectorias de vida: transformaciones en las condiciones laborales y experiencia urbana de los trabajadores de plataformas local-based.

Palavras-chave: trabalho plataformizado; precariedade; espaço e fluxos urbanos

Yuri Ramos Martins

Graduando em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU
E-mail: yrijgh@usp.br
Currículo Lattes: lattes.cnpq.br/9677782627319657

Cibele Saliba Rizek

Doutora em Sociologia pela FFLCH.USP
Professora Titular de Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP
E-mail: cibeleSr@uol.com.br
Currículo Lattes: lattes.cnpq.br/0540870380815135
Orcid: orcid.org/0000-0002-7871-5730

1. INTRODUÇÃO

Este projeto de Iniciação Científica visa dar continuidade à pesquisa financiada pela bolsa de pesquisa Projetos Integrados para Pesquisas em Áreas Estratégicas (PIPAE) da Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade de São Paulo (Zonas cinzentas e território: transformações do trabalho e das condições de vida urbana dos trabalhadores de plataforma: contrapontos e aproximações). Para alcançar esses objetivos, o projeto se propõe a realizar um levantamento bibliográfico baseado em pesquisas anteriores e colaborações com o grupo de pesquisa a que ele se conecta (ANR FAPESP Zonas cinzentas e Território A transformação do trabalho e a figura emergente do trabalhador de plataforma: uma comparação França-Brasil), a fim de identificar novas perspectivas e compreender os movimentos emergentes, com foco específico nos motoboys.

O foco da pesquisa é investigar as interações entre territórios urbanos e as formas de trabalho mediado por plataformas digitais na Região Metropolitana de São Paulo, utilizando o conceito de zonas cinzentas (Azaïs, 2019), visando analisar as transformações atuais nas práticas laborais com destaque às figuras emergentes, os trabalhadores local-based (Machado; Zanoni, 2022), e delimitou-se como objeto os motoboys, em uma dimensão exemplar de um trabalho jovem, negro e periférico (Abílio, 2020; Ikuta e Monteiro, 2021). Essa análise se baseia na compreensão das trajetórias individuais que levam os trabalhadores a optarem por essas alternativas de geração de renda, buscando identificar as conexões e intersecções que permeiam esse fenômeno.

Ao examinar a constituição e o surgimento dos trabalhadores de plataforma no mercado de trabalho, percebe-se sua relevância como peça-chave na compreensão das relações entre trabalho e cidade. Dessa forma, o projeto se concentra em entender como essas novas formas de trabalho influenciam a produção e reprodução das desigualdades e formas de segregação socioespacial, especialmente no contexto das dinâmicas entre o centro e a periferia urbana. Além disso, a pesquisa busca compreender as interações entre trabalho e vivência urbana, explorando as diferentes formas de experimentação do espaço urbano e a geografia dos deslocamentos laborais, e suas implicações no processo de produção do espaço, compreendendo as trajetórias individuais que levaram os trabalhadores a optarem por essas alternativas de geração de renda.

2. OBJETIVO

Este projeto tem por objetivo geral sistematizar e analisar as trajetórias dos trabalhadores de plataforma emergentes, com foco na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP). Além disso, busca-se compreender e analisar como essas trajetórias se entrelaçam com o atual processo

de reestruturação territorial e produtiva. Reconhecendo o trabalhador como figura central na configuração das redes de sociabilidade, pretende-se identificar os vínculos entre as transformações do trabalho e a produção do espaço urbano.

3. MÉTODO

Nesta pesquisa exploratória, utilizamos métodos de pesquisa bibliográfica e documental, combinando análises quantitativas e qualitativas para construir um banco de referências abrangente. Esse acervo inclui textos de autores nacionais e estrangeiros, pesquisas, indicadores e mapeamentos sobre o trabalho em plataformas, além de estudos que relacionam a precariedade das condições de trabalho e vida dos trabalhadores de plataforma com aspectos como moradia, acesso a serviços e relações com territórios de trabalho e moradia. Também foram consideradas pesquisas que analisam as transformações na experiência urbana e as novas dinâmicas de segregação em contextos nacionais e internacionais. As referências coletadas, incluindo notícias, reportagens, teses, dissertações e artigos, foram sistematizadas por meio de fichas de leitura, permitindo a identificação de interlocuções teóricas e metodológicas. As reuniões do grupo de pesquisa, focadas em discussões sobre leituras e o objeto empírico, foram essenciais para confrontar e refinar o banco de referências, promovendo diálogos sobre o trabalho de plataforma e seus impactos urbanos.

4. RESULTADOS OBTIDOS

A pesquisa revelou a complexidade das interações entre plataformas digitais, trabalho e espaço urbano na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP). A análise detalhada permitiu identificar os elementos fundamentais que moldam a rede urbana contemporânea, marcada pela constante reconfiguração das estratégias empresariais e pelas dinâmicas socioeconômicas em curso. A investigação, estruturada em etapas distintas, explorou a fragmentação urbana característica da cidade neoliberal e as trajetórias individuais dos trabalhadores de plataforma, destacando três principais eixos de análise: a fragmentação e a dinâmica dos fluxos urbanos; as relações entre esses fluxos e os pontos de pouso, com foco nos motoboys; e os perfis e trajetórias ocupacionais dentro das plataformas digitais na dinâmica da cidade.

Além disso, a pesquisa reconheceu as plataformas digitais como agentes que impulsionam processos que transcendem o mercado de trabalho, abrangendo aspectos como financeirização, globalização das cadeias produtivas e políticas neoliberais. No contexto urbano, essas plataformas foram vistas como responsáveis por transformações morfológicas significativas, resultantes de intervenções privatizantes e financeirizadas, realizadas tanto pelo capital privado quanto pelo Estado. Exemplos dessas transformações incluem a criação

de pontos de pouso, novos usos do espaço urbano, e a transitoriedade permanente dos trabalhadores em fluxo constante.

Portanto, o estudo enfrentou os desafios de categorizar as mudanças e continuidades no mundo do trabalho e nas relações urbanas em São Paulo, contribuindo para uma compreensão mais ampla das interações entre tecnologia, trabalho e espaço urbano, e identificando os desafios e oportunidades que emergem nesse contexto de disputa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa destacou a complexidade das interações entre plataformas digitais, trabalho e espaço urbano na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP). As plataformas revelam-se centrais na reconfiguração da cidade neoliberal, evidenciando fragmentação urbana e novas formas de segregação, particularmente entre motoboys. Esses trabalhadores, inseridos em fluxos contínuos, enfrentam precariedade e vulnerabilidade, refletindo desigualdades intensificadas pela financeirização e globalização.

Os resultados contribuem para compreender como tecnologias digitais afetam o trabalho e a configuração urbana. Destaca-se a necessidade de políticas públicas que abordem essas realidades para reduzir desigualdades e promover uma cidade mais justa. A pesquisa reforça a importância de continuar explorando as interações entre trabalho, tecnologia e urbanismo para enfrentar os desafios emergentes.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem aos fomentos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo grupo de pesquisa a qual a pesquisa se conecta.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, L. C. **Plataformas digitais e uberização: Globalização de um sul administrado?** Contracampo, Niterói, 2019. 12-26.

ABÍLIO, L. C. **Uberização: do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado.** Psicoperspectivas: individuo y sociedad, 2019. 1-11.
42

AZAÏS Ch., 2019, « **Hybridation** » in **Les zones grises des relations de travail et d'emploi. Un dictionnaire sociologique**, M.-Ch. Bureau, A. Corsani, O. Giraud, F. Rey (dir.), Buenos Aires, Ed. Teseo, <https://www.teseopress.com/dictionnaire/>, p. 213-225, <https://www.teseopress.com/dictionnaire/>

AZAÏS Ch., 2016, **“Luta contra o desemprego e a pobreza, qual segmentação em curso? Exemplos europeus e brasileiro em perspectiva”**, Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 6, n. 1, jan.-jun., pp. 27-49. DOI <http://dx.doi.org/10.4322/2316-1329.013>

AZAÏS Ch, DIEUAIDE P. KESSELMAN D., 2017, **« Zone grise d’emploi, pouvoir de l’employeur et espace public : une illustration à partir du cas Uber »**, Industrial Relations / Relations Industrielles, Vol 72, n°2, p. 433-456. DOI <https://doi.org/10.7202/1041092ar>

IKUTA, C. Y.; MONTEIRO, G. P. **Perfil dos motoboys e entregadores de mercadoria**. Revista Ciências do Trabalho. 2021. p.1-11.

MACHADO, S.; ZANONI, A. P. **O trabalho controlado por plataformas digitais no Brasil: dimensões, perfis e direitos**. Curitiba: UFPR - Clínica Direito do Trabalho. 2022.

TELLES, V. **Mutações do trabalho e experiência urbana**. Tempo social, n. 18. V. 01. 2006, p. 173-95; Cabanes, R. et al., **Saídas de emergências: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo**. São Paulo, Boitempo, 2011.

TECELAGEM NO TRIÂNGULO MINEIRO E RESISTÊNCIA: SUAS INTERLOCUÇÕES COM A ARTE, O DESIGN E A ARQUITETURA

Weaving in Triângulo Mineiro and Resistance: connections with Art, Design and Architecture

Tejeduría en Triangulo Mineiro y Resistencia: Conexiones con el Arte, el Diseño y la Arquitectura

Palavras-chave: Triângulo Mineiro; Tecelagem; Cultura Popular; História da Arquitetura; Design

Ariel Luís Romani Lazzarin

Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP
Doutorando em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP
E-mail: allazzarin@usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1077994854085483>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4686-8791>

Carlos Alberto Ferreira Martins

Doutor pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura - Universidad Politécnica de Madrid
Professor titular do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - IAU.USP
E-mail: cmartins@sc.usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7689101674915215>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4321-2057>

1. INTRODUÇÃO

A Tecelagem Manual no Triângulo Mineiro, prática com origem ligada à colonização do território mineiro a partir do século XVII, chegou à segunda metade do século XX como aquilo que Lina Bo Bardi chamou de “(...) *um contra-artesanato ciente de todas as possíveis mudanças, marcado pelo esforço humano*” (BARDI, 1975).

Em Minas Gerais desenvolveu-se uma tecnologia dominada por mulheres que, pela necessidade, teciam “para o gasto”¹ e de forma utilitária. Segundo Claudia Renata Duarte (2011, p.1806), na segunda metade do século XVIII a produção de tecidos de forma manual já extrapolava os limites do consumo próprio e passava a ser exercida comercialmente em toda a Capitania do Estado. Deve-se considerar dentro do processo de produção têxtil em Minas Gerais a abertura das primeiras indústrias a partir de 1968, que chegaram ao Triângulo Mineiro em 1920 e que, mesmo com sua atividade curta na região, impactaram na produção caseira com a apresentação de novas formas de consumo e trabalho (DUARTE, 2001, p.1807).

Diante de expressiva expansão agrícola, é conhecido o grande processo de urbanização pelo qual passou a região a partir dos anos 1950, o qual além de apresentar novas oportunidades na cidade, obrigou que fossem abandonados muitos teares, ferramentas e as condições de obtenção da matéria prima possibilitada pela vida no campo (DUARTE, 2001, p.1807). Aí localizou-se um dos grandes riscos vividos por essa prática, uma vez que, para Lina Bo Bardi artesanato é

(...) a expressão de um tempo e de uma sociedade, um trabalhador que possui um capital mesmo modesto, que lhe permita trabalhar a matéria-prima e vender o produto acabado, com lucro material e satisfação espiritual, sendo o objeto projetado e executado por ele mesmo (BARDI, 1958 in RUBINO, 2009, p. 107).

Este estudo considera imprescindível a presença de Edmar de Almeida nesse contexto, que entre os anos 1960 e 1970 retornou ao Triângulo Mineiro e a conviver no Sítio Santo Antônio, na zona rural de Uberlândia. Nesse período o artista já acumulava sólida formação e a partir de sua íntima relação com o cerrado mineiro e proximidade com as tecedeiras da região, desenvolveu trabalhos como a obra “Crucifixo”, executada no ano de 1973 em homenagem à Dom Pedro Casaldáliga².

O artista não foi o único a ser instigado por esses modos de fazer populares na região, esteve acompanhado pelo amigo Flávio Império, também interessado “(...) *pela pesquisa desse tipo*

¹ Termo utilizado pelas tecedeiras e apresentado no documentário Tecelagem Manual no Triângulo Mineiro, de 1984 e produzido pela extinta Fundação Nacional Pró-Memória.

² Dom Pedro Casaldáliga nasceu na Espanha e mudou-se para o Brasil em 1968. Durante a ditadura militar, em 1973, encontrava-se em São Felix do Araguaia, Mato Grosso.

de produção artesanal, que faz parte do universo da 'cultura popular brasileira'”, o que “(...) sem dúvida evidencia seu interesse e curiosidade quanto às manufaturas de subsistência que resistiam aos avanços do progresso industrial” (GORN, 2004, p.49). Junto com o amigo Edmar, Flávio produziu três trabalhos de vídeo em Super-8: “Colhe, corda, fia, tece”, “As tecedeiras de Uberlândia – MG” e “Tecidos artesanais de Edmar de Almeida”, os quais foram expostos no Museu de Arte de São Paulo - MASP, em 1975. Na produção aparecem paisagens, técnicas populares de fiação e manifestações religiosas na forma de arte popular captadas durante os percursos pela região.

O “Crucifixo” foi também a conexão entre Edmar e Lina Bo Bardi, apresentados pelo amigo em comum, Flávio, através desse trabalho que representava as convergências entre os interesses do artista mineiro e da arquiteta ítalo-brasileira.

No início dos anos 1970 iniciaram as viagens da arquiteta ao sertão de Minas Gerais, para visitar o amigo no Sítio Santo Antônio, conhecer o trabalho que ele desenvolvia com as tecedeiras e explorar o cerrado. Trabalharam juntos na Exposição “Repastos - Edmar e as tecedeiras do Triângulo Mineiro”, realizada no MASP em 1975. Além do “Crucifixo”, foram confeccionadas outras tapeçarias a partir do desenho de Edmar e trabalho de tecedeiras. Com caráter etnográfico, a exposição configurou-se como um grande ambiente e recebeu o prêmio de Melhor Exposição do Ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

Lina descreveu o trabalho desenvolvido no Triângulo Mineiro reconhecendo que “(...) as técnicas de fiação, tecelagem e tintura, os materiais ligados à natureza e não sucedâneos, indicam apenas a possibilidade duma civilização que procura saídas que não são aquelas do ‘consumo’” (BARDI, 1975). Sua atuação na região seguiu com o projeto (1976) e construção da Igreja Divino Espírito Santo do Cerrado (1982), formulando uma nova proposta à condição de subdesenvolvimento brasileiro.

Também em 1976, o Centro Nacional de Referência Cultural – CNRC, coordenado por Aloísio Magalhães, iniciou importante pesquisa sobre a Tecelagem Manual no Triângulo Mineiro, resultando no documentário “Tecelagem Manual no Triângulo Mineiro” e na publicação “Tecelagem Manual no Triângulo Mineiro – Uma Abordagem Tecnológica”, os quais apresentam um registro dos ambientes, técnicas e matérias primas identificados, como um inventário.

Como desdobramento, o Centro de Fiação e Tecelagem³ inaugurado em 1988 em Uberlândia, abrigou importantes investigações e ações formativas integrando o design à vida de adultos, que encontraram a possibilidade de se reconectar a práticas tradicionais e exercer o ofício com condições de trabalho adequadas, e de jovens, que puderam experimentar a tecelagem como formação técnica e profissional no contraturno escolar.

³ O Centro de Tecelagem foi projetado pelo escritório Andrade Guerra Arquitetos.

2. OBJETIVOS

2.1. Geral

Investigar a tecelagem manual no Triângulo Mineiro considerando suas transformações provocadas pelas estratégias nacionais político-culturais e pelo importante debate teórico sobre o processo de revisão crítica do movimento moderno em arquitetura, arte e design.

2.2. Específicos

- 2.1.1 Situar o processo em investigação dentro de um contexto histórico de produção artesanal, contribuindo com a caracterização de um panorama nacional sobre práticas resistentes;
- 2.1.2 Aprofundar as pesquisas sobre as origens desse modo de fazer que abrange toda a região do Triângulo Mineiro;
- 2.1.3 Considerar os debates internacionais no campo da arte, do design e da arquitetura do século XX para uma leitura ampla sobre a pertinência das transformações e permanências identificadas no caso em estudo;
- 2.1.4 Interpretar as ações e contribuições de agentes que ainda não foram considerados parte dos processos de transformação dessa produção na região, inserindo suas contribuições na historiografia;
- 2.1.5 Traduzir no campo teórico a prática contemporânea resistente na Região.

3. MÉTODO

O trabalho utiliza a pesquisa histórica, que permite uma narrativa holística do fenômeno, o acesso aos conteúdos necessários para a comprovação da hipótese, a interpretação durante o constante processo de avaliação, a organização e análise dos fatos e exige rigor no tratamento das evidências a partir dos precedentes teóricos. Associado a ela, o método de pesquisa de campo é importante, considerando o acesso a dados da pesquisa em seu próprio ambiente, sua análise e interpretação.

4. AFIRMAÇÕES PRELIMINARES

A Tecelagem Manual no Triângulo Mineiro, como ação cultural, provocou impactos decisivos na história da arte, do design e da arquitetura, não somente por meio da arte têxtil, mas como conteúdo de uma reflexão sobre possibilidades ao subdesenvolvimento brasileiro. Embora parcialmente oculta na historiografia, a tecnologia da Tecelagem Manual no Triângulo Mineiro, desde os anos 1970, influenciou importantes debates pela construção de uma identidade nacional e preservou-se como prática em escala regional até o início do

século XXI. Ainda, essa tradição teve papel preponderante na construção de relações de trabalho que influenciaram a busca por meios de produção condizentes com o meio natural, social e econômico em dado momento.

O Brasil revelou-se maior para Flávio Império e Lina Bo Bardi, por exemplo, que apresentados ao interior de Minas Gerais por Edmar de Almeida, perceberam em suas expedições que a cultura popular daquele lugar continha substâncias, saberes e costumes com alta capacidade de transformação social. Os modos de fazer dessa tradição da tecelagem na referida região, associados ao esforço de técnicos e artistas, constituíram campo de trabalho que pode ser diretamente relacionado a experiências internacionais do design e da arquitetura que ocorreram desde o final do século XIX.

Pesquisas e conexões culturais, técnicas e econômicas geraram conteúdo para artistas e arquitetos, tendo como produto, além de extensa produção artesanal, a criação do Centro de Fiação e Tecelagem em Uberlândia, não somente como preservação de uma tradição, mas como possibilidade de emancipação ao progresso a qualquer custo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A consolidação de uma estrutura capaz de apresentar os argumentos obtidos para comprovação da hipótese de que a tecelagem manual no Triângulo Mineiro traduz a resistência de um modo de produção artesanal influenciada pelos debates teóricos no campo das artes, do design e da arquitetura na segunda metade do século XX no Brasil, ainda depende da análise de dados e documentos levantados na pesquisa.

Atualmente, a pesquisa documental, com destaque para a análise de documentos obtidos junto ao Arquivo Central do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, indica a obtenção de importantes subsídios para a construção da tese em desenvolvimento, a qual consolida a confluência de diferentes atores no estabelecimento de um importante caso de resistência sociocultural.

REFERÊNCIAS

BARDI, Lina Bo. **Repasseos exposição-documento. Edmar José de Almeida e as tecedeiras do Triângulo Mineiro.** São Paulo: Museu de Arte de São Paulo “Assis Chateaubriand”, 1975.

DUARTE, Claudia R. A transdução do passado: dos panos funcionais aos tecidos simbólicos. In: Seminário Internacional História do Tempo Presente, I, 2011, Florianópolis. **Anais.** Florianópolis: UDESC, 2011. p.1804-1818.

GORNI, Marcelina. **Flávio Império: arquiteto e professor.** Dissertação de Mestrado, EESC-USP, 2004.

RUBINO, Silvana Barbosa. e GRINOVER, Marina. **Lina por escrito – Textos escolhidos de Lina Bo Bardi.** São Paulo, Cosac e Naify, 2009. 208p.



SESSÃO 6

30 out 2024

UMA AVENTURA NA CIDADE - VOLUME 2 DA CARTILHA DA CIDADE

An Adventure in the City - Volume 2 of the “Cartilha da Cidade”

Una Aventura en la Ciudad - Volumen 2 de la “Cartilha da Cidade”

Palavras-chave: Cartilha da Cidade; Educação Urbana; Direito à Cidade.

Brenda de Castro França

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU-USP

E-mail: brendaf@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9469158558524652>

Gabriela Correia Silva

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU-USP

E-mail: gabrielacorreiasilva@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7437496395853847>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-8153-080X>

Sabrina Helena de Freitas

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU-USP

E-mail: brihfreytas@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2096854723124045>

Miguel Antonio Buzzar

Doutor em estruturas ambientais urbanas pela FAUUSP

Professor titular do IAU-USP

E-mail: mbuzzar@sc.usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2534049526509532>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6251-0338>

1. INTRODUÇÃO

O Projeto de Pesquisa e Extensão Cartilha da Cidade tem como objetivo incentivar o debate sobre a cidade, sua dinâmica e seus desafios, aprofundando o conhecimento sobre o espaço urbano e os serviços públicos. A iniciativa busca contribuir para uma compreensão crítica da vida urbana, promovendo a autonomia política e social de seus moradores. O foco é tornar o conhecimento sobre a produção da cidade mais reflexivo, fortalecendo a dimensão social e cultural, além de incentivar a vivência urbana.

Tendo em vista a formação cidadã de seus participantes, o Projeto busca abordar o direito à cidade enquanto um direito social. Para isso, são promovidas atividades, como oficinas urbanas, para diferentes níveis de instituições educacionais (creches, ensino fundamental, médio e superior). Nessas oficinas, a cidade e sua produção são discutidas com o intuito de sensibilizar os participantes sobre a complexidade da vida urbana (Buzzar *et al*, 2023).

Além disso, o projeto busca garantir que o conhecimento gerado no ambiente universitário seja disseminado para todas as esferas da sociedade, ao passo que também adquire conhecimento de ambientes para além do acadêmico. Isto pois, as cidades são espaços em que múltiplos agentes atuam, por meio de conflitos e interações, produzindo e estruturando a vida urbana.

Através das oficinas urbanas realizadas percebeu-se a importância de explorar esses temas relacionados ao cotidiano citadino já no ensino básico, pois a compreensão de como a vida na cidade se estrutura, tanto social quanto fisicamente, contribui para a formação de indivíduos cientes das questões e situações urbanas. Assim, estimula-se desde cedo a formação cidadã e o entendimento dos direitos e deveres dos habitantes urbanos. A ênfase nos direitos é fundamental, visto que o direito à cidade é, por vezes, negligenciado (Freitas; Fachi; Franco, 2023).

É nesse contexto que se justifica a atuação do Projeto de Pesquisa e Extensão Cartilha da Cidade, especialmente com a elaboração de seu Volume 2, “Uma Aventura na Cidade”, voltado para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental 1. O material apresenta a cidade como fruto das ações e comportamentos humanos, ressaltando a importância da compreensão de seu funcionamento e produção, além de incentivar a percepção dos leitores como cidadãos ativos.

2. OBJETIVO

A criação do segundo volume da cartilha, intitulado "Uma aventura pela cidade" (Figura 1), foi concebida com o objetivo de oferecer às crianças uma experiência mais emocional e envolvente, que estabelecesse uma conexão direta com as suas vivências diárias. Além disso,

o intuito é fomentar um senso crítico mais apurado em relação à cidade que as cerca, especialmente no que diz respeito a questões urbanas e cívicas.

Figura 1: Capa do livro *Uma Aventura na Cidade* - Volume 2 da Cartilha da Cidade



Fonte: Projeto de Pesquisa e Extensão Cartilha da Cidade, 2023.

3. MÉTODO

O Volume 2 da Cartilha da Cidade, “Uma Aventura na Cidade”, está sendo elaborado seguindo o princípio de aproximação do leitor com a história. Para isso, são trabalhadas questões urbanas relacionadas ao cotidiano dos cidadãos e criados personagens com os quais o público infantil possa se identificar, promovendo uma reflexão sensível desses leitores sobre a cidade.

Para dar ludicidade à história e aos cenários urbanos, optou-se pela utilização de ilustrações em aquarela em conjunto com imagens reais, criando, assim, um visual atraente e divertido para as crianças. Além disso, foram desenvolvidas as figuras dos personagens e suas características, bem como os equipamentos públicos que comporiam a cidade fictícia.

Como a intenção é abranger diferentes públicos, a história está sendo produzida de forma colaborativa por todos os membros do grupo, através de reuniões que incluem momentos de troca de ideias, debates e escrita coletiva.

3.1. A história

A história contada em “Uma Aventura na Cidade” surgiu a partir de discussões do grupo acerca de temáticas urbanas e da necessidade de torná-las interessantes para crianças da Educação Infantil, tendo em vista que a educação a respeito do urbano é uma ferramenta imprescindível para a formação de cidadãos.

De modo a contemplar o universo infantil e dialogar diretamente com seu público, o Volume aborda a história de três crianças - Gabi, Chico e João (Figura 2) - em uma aventura pela cidade e suas descobertas. Gabi, uma menina de 12 anos que mora em um condomínio e que gosta de inventar brincadeiras, de aprender coisas e de aventuras; Chico, que tem 10 anos de idade e mora no mesmo condomínio que a Gabi e que adora questionar “o porquê” de tudo; e João, que tem 9 anos, mora no bairro próximo ao condomínio da Gabi e do Chico e que adora brincar e praticar esportes na rua de sua casa.

Figura 2: Personagens do Livro *Uma Aventura na Cidade* - Volume 2 da Cartilha da Cidade



Fonte: Projeto de Pesquisa e Extensão Cartilha da Cidade, 2023.

Desde o início, a história aborda a saída de Gabi e Chico do condomínio em que vivem e suas aventuras pela cidade a partir de uma outra perspectiva, a do João. O reconhecimento de elementos como a biblioteca, o posto de saúde, o ponto de ônibus, entre outros, é importante para que o leitor entenda elementos que compõem a cidade e que sua percepção seja instigada no que se refere à situação desses equipamentos públicos, além de incentivar a aproximação da história do Volume para com a cidade em que vivem.

Ademais, no fim do Volume são propostas atividades para que a questão urbana seja melhor trabalhada e desenvolvida com o público infantil.

4. RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se que esse material possa auxiliar na formação cidadã de seu público, para que este entenda o funcionamento da cidade e seu papel na sociedade como cidadãos ativos, de modo a incentivar que os indivíduos entendam a estrutura, os serviços, o funcionamento e as práticas que constituem a cidade. Além disso, espera-se com este material ajudar os participantes a desenvolver um senso de pertencimento e responsabilidade como membros da sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da cidade desempenha um papel importante ao introduzir questões referentes ao ambiente urbano na educação infantil, pois as crianças são expostas, desde cedo, a novas ideias, conceitos e vocabulário, permitindo-lhes compreender o ambiente em que vivem e a relação que têm com ele.

Outro importante fator diz respeito ao desenvolvimento do senso crítico em relação à cidade por meio da educação urbana, que auxilia na formação de cidadãos mais conscientes, envolvidos e preparados para participar ativamente da transformação dos espaços urbanos. Neste sentido, o Volume busca instigar uma consciência cívica já no público infantil, sob a pretensão de fazê-lo entender, à sua maneira, seus direitos e deveres em meio a cidade em que vivem.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às pós-graduandas Fernanda Millan Fachi e Juliana Martes Martins Braga e ao professor Miguel Antonio Buzzar pelo auxílio na elaboração do Volume 2 do livro Cartilha da Cidade. Suas orientações e contribuições são fundamentais no desenvolvimento deste projeto.

REFERÊNCIAS

BUZZAR, Miguel Antonio *et al.* **Cartilha da Cidade**. 2. ed. São Carlos: IAU/USP, 2023. 60 p.

FREITAS, Verônica de; FACHI, Fernanda Millan; FRANCO, Diandra Rodrigues. Cartilha da Cidade e o Jogo 'Agentes Urbanos e a Cidade Participativa'. In: **18º Café com Pesquisa**, 2023, São Carlos. Café com Pesquisa. São Carlos: Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2023. p. 27-31.

HARVEY, David. **O Direito à Cidade**. Lutas Sociais, São Paulo, v. 29, p. 73-89, jul-dez, 2012. Semestral. Tradução: Jair Pinheiro.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. Tradução de Rubens Frias. São Paulo: Editora Centauro, 2001. 146 p.

PROJETO CARTILHA DA CIDADE. Disponível em: <http://cartilha.iau.usp.br/>. Acesso em: 23 maio 2023.

CENTRO ABERTO: AS ESTRATÉGIAS PÚBLICAS DE REQUALIFICAÇÃO DA ÁREA CENTRAL DE SÃO PAULO.

Open Center: Public Strategies for the Redevelopment of São Paulo's Central Area.

Centro Abierto: Estrategias Públicas para la Requalificación de la Área Central de São Paulo.

Palavras-chave: Espaço Público; Espaço Livre; Programa Centro Aberto; Esfera Pública; Alteridade.

Priscila Soares Batista

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela USJT
Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela IAU.USP)
E-mail: psbatista@usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2071727032748480>
Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-7959-2802>

Manoel Rodrigues Alves

Pós-Doutor pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Universidade de Servilha (ESP)
Professor em Arquitetura e Urbanismo do IAU.USP)
E-mail: mra@sc.usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7815309672113678>
Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-6935-0477>

1. INTRODUÇÃO

A cidade de São Paulo passou por diversas transformações que influenciaram seu arranjo contemporâneo e, conseqüentemente, a atual configuração de seu centro histórico. Destaca-se que a área central histórica foi gradualmente abandonada pela classe alta ao longo da evolução urbana, enquanto novas centralidades surgiram. Observa-se também um aumento na preferência pelo espaço privado em detrimento do espaço público, justificada pela busca por segurança e pelo desejo de permanecer entre "iguais". A estigmatização da classe baixa pela elite intensifica o medo e desejo de afastamento do "outro", dificultando o diálogo entre diferentes classes. Apesar dessa realidade, reconhece-se que a área central apresenta grandes potencialidades, como oferta de emprego, comércio, transporte, patrimônio cultural e histórico. Ademais, é um espaço de apropriação significativa pela classe mais baixa. Contudo, o espaço público requer a presença da alteridade para se configurar como um ambiente democrático e legitimado. Quando se prioriza a convivência entre "iguais", há uma ausência de conflito e debate com o "outro", o que se distancia do conceito original de espaço público. (CALDEIRA, 2011; VILLAÇA, 2001).

Os espaços públicos, como locais democráticos, desempenham um papel fundamental na expressão física da democracia, sendo espaços de encontro e interação para a cidadania. Esses locais não apenas permitem debates e trocas de ideias, mas também reafirmam a importância da pluralidade social ao possibilitar o confronto e o debate de diferentes pontos de vista, essenciais para a manifestação da vida pública (DEUTSCHE, 1997; BRASH, 2019; ALVES, 2020).

Nesse contexto, a investigação sobre a efetividade do Programa Centro Aberto em promover a alteridade e a participação popular busca revelar não apenas a importância de espaços públicos inclusivos, mas também a urgência de políticas urbanas que resistam à espetacularização e à criação de espaços consensuais e homogêneos, reafirmando o papel fundamental dos espaços públicos como cenários de interação social ativa e expressão democrática.

2. PROGRAMA CENTRO ABERTO

No ano de 2013, teve início um debate aberto na sede da prefeitura de São Paulo sobre os espaços públicos do Centro da cidade, resultando no relatório intitulado "Centro, Diálogo Aberto". Esse relatório foi resultado de uma série de três workshops com o objetivo de desenvolver o projeto de "Requalificação" das áreas centrais da cidade de São Paulo, por meio de intervenções temporárias. O objetivo dessas intervenções era incentivar a apropriação dos espaços, observando as ações e reações dos usuários para possibilitar a implantação de intervenções permanentes.

Os seminários foram realizados em parceria com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, a Subprefeitura da Sé e São Paulo Urbanismo, contando com a participação de diversos agentes da sociedade, como técnicos, servidores públicos, especialistas, moradores e estudantes. Entre os participantes estavam Helle Sørholt e David Sim (convidados do escritório Gehl Architects).

Durante o workshop, foram formadas 11 equipes multidisciplinares, cada uma encarregada de um espaço, com o objetivo de analisar e apresentar hipóteses de intervenção. Foram estabelecidas as seguintes etapas:

1. Identificação de problemas e potencialidades da área central
2. Levantamento de Campo
3. Elaboração de hipóteses de transformação (debate e projeto).

Foram selecionados 12 critérios para analisar a qualidade dos espaços, divididos em três categorias: proteção, conforto e prazer.

Posteriormente, de acordo com a publicação do relatório intitulado “Centro Aberto: Experiência na Escala Humana”, em 2014 foram selecionadas duas áreas para intervenções temporárias: o Largo São Francisco e a Praça do Ouvidor Pacheco e Silva; e o Largo Paissandu e Avenida São João. As estratégias de implementação foram:

1. Proteção e priorização de pedestres e ciclistas: Implementação de sinalização e ciclovia.
2. Suportes à permanência nos espaços públicos: Instalação de pontos de encontro e áreas para descanso e lazer.
3. Novos usos e atividades: Comerciais, culturais e de atividade física.

Foram realizadas coletas de dados antes e durante a intervenção, com pesquisas quantitativas e qualitativas, visando analisar as mudanças no comportamento dos usuários. As análises se basearam em quatro categorias:

1. Aumento de atividades.
2. Número de pedestres.
3. Menos travessias fora da faixa.
4. Entrevistas para compreender os usos do local e a percepção de segurança.

Após essas experiências temporárias, iniciou-se a implementação de intervenções permanentes, com base nos dados levantados. Foram implantadas intervenções permanentes no Largo São Francisco, Largo do Paissandu, Rua Galvão Bueno, Largo São Bento e Praça General Osório.

O Programa Centro Aberto chama a atenção por estabelecer um método de experimentação temporária antes de sua implantação definitiva, com o objetivo de compreender seu impacto nos locais de intervenção. Além disso, em seu discurso, enfatizava-se a participação popular, o que levanta a questão se essa meta foi verdadeiramente alcançada.

Desde a intervenção, uma série de acontecimentos na sociedade pode ter influenciado os espaços públicos. Inicialmente, em 2018, houve a troca de governo, o que influenciou as políticas de atuação que estavam em vigor, iniciativas de reintegração de posse em algumas ocupações do centro, a pandemia da COVID 19 e o aumento da população em situação de rua. Além disso, o cenário da Cracolândia exacerbou o medo e a insegurança. Em maio de 2022, operações na Praça Princesa Isabel dispersaram dependentes químicos e moradores de rua pelo centro da cidade, gerando pequenos focos. Em resposta, houve um aumento no contingente de policiais militares e guardas civis, frequentemente resultando em conflitos.

Atualmente algumas áreas encontram-se novamente subutilizadas e fechadas, como é o caso do Largo São Bento e São Francisco. E áreas como o Largo General Osório e Largo do Paissandu, estão com equipamentos degradados e sem manutenção, além da exclusiva apropriação por pessoas em situação de rua. A exceção observada foi a Rua Galvão Bueno, na qual devido à característica de comércio popular local, percebe-se a integração da intervenção ao cotidiano, principalmente em horários comerciais.

3. MÉTODO

Devido à impossibilidade de realizar o método de pesquisa de campo, uma vez que muitos dos espaços do Programa Centro Aberto não são mais locais de permanência e não possuem as mesmas atividades e características atualmente, optou-se pela pesquisa de natureza exploratória teórica. O método principal adotado será a pesquisa histórica das cinco áreas selecionadas para a implantação do Programa Centro Aberto na área central da Cidade de São Paulo: Largo São Francisco, Largo do Paissandu, Rua Galvão Bueno, Largo São Bento e Praça General Osório.

A abordagem metodológica qualitativa da pesquisa histórica exploratória permite aprofundar a compreensão de um fenômeno ou problema específico. Ela envolve a interpretação do evento por meio da análise de fontes primárias e secundárias, além da formulação e/ou validação de hipóteses. Essencialmente, essa abordagem integra teoria e prática, possibilitando confrontar a conceituação teórica com os dados e questões observadas.

Complementarmente, será utilizado o método cartográfico para mapear as interações, atividades, sentimentos, percepções, conflitos e reivindicações identificados na análise dos dados.

Para alcançar os objetivos específicos estabelecidos, serão utilizadas as seguintes ferramentas: revisão e aporte bibliográfico, análise documental, observação, entrevistas semiestruturadas e cartografia.

4. RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se validar a iniciativa de experimentação e consulta à população como uma contribuição significativa para futuras intervenções nos espaços públicos. O Programa Centro Aberto surgiu de uma governança disposta a experimentar no espaço público, buscando validar suas propostas. Ações como os Parklets, a Avenida Paulista aberta e o Uso de Lazer do Minhocão exemplificam esse tipo de experiência. Além disso, almeja-se reafirmar o papel e a importância da requalificação dos espaços públicos, especialmente que promovam a alteridade e co-criação popular, fundamentais para a construção de espaços público democráticos. A principal contribuição da pesquisa será a compreensão desse tipo de intervenção, incorporando diferentes autores e perspectivas sobre o tema, e gerando reflexões para futuras políticas públicas de requalificação.

REFERÊNCIAS

- ALVES, M. R. Public Spaces, Spaces of Public Domain: icons of a contemporary simulacrum? In: **Co-creation of Public Open Places. Practice-Reflection-Learning**. 1ed. Lisboa: CeiED - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, v. 1, p. 71-84, 2020.
- BRASH, J. Public space, legitimacy and democracy. **Urbanities**, 9, 111-118, 2019.
- CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. 3ª ed. São Paulo: EDUSP/Editora 34, 2011.
- CIDADE DE SÃO PAULO. **Centro Aberto: Experiências na Escala Humana**. São Paulo, Gestão Urbana, 2015.
- CIDADE DE SÃO PAULO. **Centro, Diálogo Aberto**. São Paulo, Gestão Urbana, 2013.
- DEUTSCHE, R. **Evictions: Art and Spatial Politics**. Cambridge, MA: MIT Press, 1997
- VILLAÇA, F. J. M. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp/Lincoln Instituto, 2001.

CERTIFICAÇÃO AMBIENTAL DE EDIFÍCIOS NO BRASIL: LEED E SUAS RELAÇÕES COM OS PORTFÓLIOS DE FUNDOS DE INVESTIMENTO IMOBILIÁRIO

*Environmental Certification of Buildings in Brazil: LEED and its Relationship with
Real Estate Investment Fund Portfolios*

*Certificación ambiental de edificios en Brasil: LEED y sus relaciones con las
carteras de Fondos de Inversión Inmobiliaria*

Palavras-chave: certificação ambiental de edifícios, LEED, Fundos de Investimento Imobiliário.

Isabela Martins Fernandes

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP

E-mail: isabelamfernandes@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8581687008134683>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-9498-9084>

Lúcia Zanin Shimbo

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela EESC.USP

Professora Livre-Docente do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - IAU.USP

E-mail: luciashimbo@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3448342105966223>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1097-8091>

1. INTRODUÇÃO

A variável ambiental surge como um elemento estimulante para o mercado imobiliário, uma vez que as novas tentativas de conciliar os problemas ambientais, econômicos e políticos proporcionam novas demandas no setor da construção civil. Todavia, uma abordagem realmente crítica deve considerar as condições materiais de reprodução social que são profundamente desiguais ao espaço urbano (Acseirad, 2007).

A produção de edificações é, nesse sentido, abrangida no debate sobre a preocupação com o desenvolvimento sustentável, de modo que surgem métodos para avaliar o desempenho ambiental dos edifícios, como as certificações ambientais. Estas, entretanto, apesar de serem qualificadoras de edificações no que tange ao desempenho ambiental, tornam-se produtos da lógica mercantil e ferramentas para o aumento de ganhos no mercado imobiliário (Grazziano, 2019).

Dentre os diversos selos de certificação, o principal sistema aplicado em contexto brasileiro é o LEED (Leadership in Energy and Environmental Design), que também apresenta grande reconhecimento metodológico internacional (Bueno, Rossignolo, 2013). No Brasil, alguns edifícios certificados pelo LEED integram portfólios de Fundos de Investimento Imobiliário (FIIs), que permitem analisa-los também dentro da discussão mais ampla dos processos de financeirização urbana.

Nessa lógica, os FIIs surgem como um mecanismo de financiamento do setor imobiliário e passam a se constituir como um mecanismo de reprodução do capital por meio da prospecção e capitalização de rendas. Em vista disso, a lógica da produção do espaço urbano se modifica a partir da financeirização. A certificação LEED, nesse sentido, torna-se elemento desse processo, visto que, além de ser um padrão técnico que visa suprir requisitos ambientais nos edifícios, potencializa ganhos financeiros dos edifícios que lastreiam ativos imobiliário-financeiros.

Sendo assim, o contexto brasileiro de produção das cidades admite uma abordagem que articula a certificação ambiental de edifícios, os Fundos de Investimento Imobiliário e o processo de financeirização. Por conseguinte, a sustentabilidade e a certificação ambiental de edifícios devem ser compreendidas nas questões estruturais que orientam os processos de acumulação no capitalismo, tal qual a financeirização urbana.

2. OBJETIVOS

A pesquisa realizada procura relacionar a discussão sobre certificação ambiental na construção civil e os processos de financeirização urbana. Nessa perspectiva, o objetivo geral é analisar os edifícios que possuem certificação Leadership in Energy and Environmental Design (LEED) e que integram portfólios de Fundos de Investimento Imobiliário no Brasil. Os objetivos específicos, por sua vez, consistem em identificar os agentes promotores, possíveis

predominâncias geográficas, nichos de mercado e usos, bem como as características urbanísticas, arquitetônicas e construtivas desses imóveis.

3. MÉTODOS

3.1. Pesquisa bibliográfica

Consiste na leitura e análise de referências sobre a sustentabilidade na arquitetura e urbanismo, a certificação ambiental de edifícios, a financeirização urbana e os Fundos de Investimento Imobiliário.

3.2. Pesquisa documental

É o levantamento de informações a partir de documentos fornecidos pelas instituições Green Building Council Brasil (GBC Brasil) e US Green Building Council (USGBC) acerca dos empreendimentos LEED.

3.3. Análise de base de dados secundários

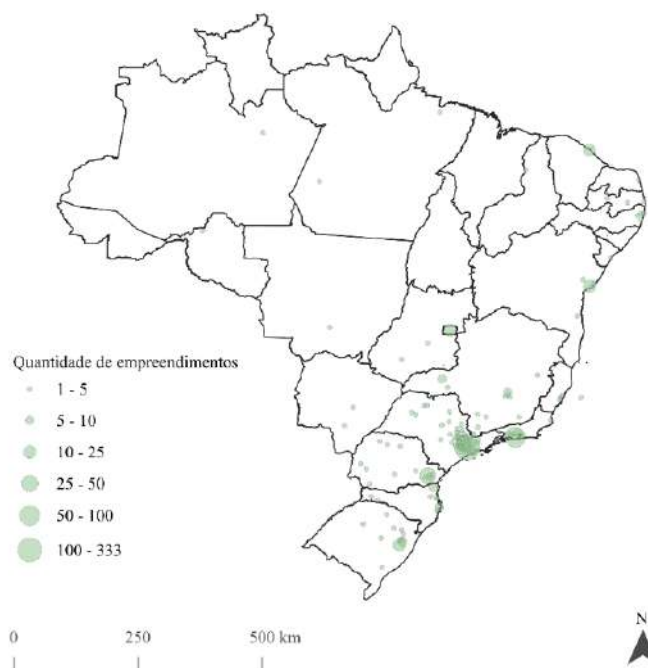
Baseou-se na coleta, sistematização e análise de dados sobre os Fundos de Investimento Imobiliário em bases disponibilizadas pela B3 (mercado de capitais brasileiro) e por pesquisas imobiliárias.

4. RESULTADOS OBTIDOS

Em um primeiro momento, foram analisados os dados dos empreendimentos certificados pelo LEED, os quais correspondem a 948 empreendimentos de 2007 até 2023. Os resultados obtidos a partir dessa amostra consistem no mapeamento geográfico dos empreendimentos, em que se observa uma alta concentração na região Sudeste do Brasil, com 77,3% dos empreendimentos certificados. Além disso, destaca-se o acúmulo de empreendimentos na região metropolitana de São Paulo, com 45,7% dos empreendimentos certificados.

Além disso, em relação aos usos e nichos de mercado, apresentam maior expressividade os usos de escritório (47,7%), comerciais (18,1%) e logística (17%). Em relação aos proprietários, nota-se a expressividade do restaurante Madero, correspondendo a 69,6% dos empreendimentos certificados de comércio, fazendo com que o número de empreendimentos nesse nicho aumente significativamente.

Figura 1: Distribuição dos empreendimentos certificados no território brasileiro (2023)



Fonte: Elaborado pela autora a partir da base de dados da GBC Brasil sobre o LEED

Em um segundo momento, para identificar a articulação entre os certificados de sustentabilidade e o complexo imobiliário-financeiro, analisaram-se os empreendimentos certificados que integram portfólios de FIIs, os quais correspondem a 84 empreendimentos, sendo 52 de escritórios e 32 de galpões de logística. A partir da análise, observou-se que 10% e 17% dos empreendimentos certificados como escritórios e galpões de logística, respectivamente, integram portfólios de FIIs.

Em relação ao mapeamento, há uma concentração geográfica na região sudeste, com 92% dos escritórios e 91% dos galpões de logística. Já em relação aos agentes, percebe-se a forte atuação da gestora BTG Pactual, a qual aparece tanto nos FIIs de lajes comerciais (13,5%), quanto nos logísticos (15,6%). Além disso, em relação às outras características, observa-se que 79% dos empreendimentos de escritório e 91% dos empreendimentos de logística são classificados como A+, além de uma concentração dos empreendimentos certificados como Ouro para escritórios (63%), enquanto para galpões de logística a divisão é proporcional entre Certificado (38%), Prata (31%) e Ouro (31%).

A partir do nível de certificação, analisaram-se como ativo financeiro quatro edifícios de escritório e três de logística. Para escritórios, as características predominantes são: os materiais das suas fachadas - metal, como bronze e cobre - e as suas alturas, que chegam próximas aos 100 metros. Já em relação aos galpões de logística, o padrão construtivo consiste em uma modulação de aproximadamente 22m x 22m e pé direito de aproximadamente 12 metros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apontado por Kurnaz (2021) os investidores podem buscar a certificação como ferramenta de valorização, uma vez que existem padrões de investimento – critérios para a localização, para as características, para o uso – os quais possibilitam uma comercialização mais vantajosa. Sendo assim, os resultados apresentados reforçam padrões de investimento apresentados por Magnani e Sanfelici (2022), com o setor de escritórios dando lugar para o crescimento do setor varejista e de logística no complexo imobiliário-financeiro.

Além disso, a análise dos edifícios como ativos financeiros e suas características arquitetônicas embasam a discussão de que há padrões construtivos, os quais muitas vezes derivam dos próprios critérios para a certificação LEED, que promovem a valorização o imóvel como ativo financeiro, como já abordado por Kurnaz (2021).

Conclui-se, portanto, que os empreendimentos certificados se concentram no mercado de alto padrão, dificultando a popularização do certificado que são elementos que passam a integrar cada vez mais os processos de financeirização urbana.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Prof.a Assoc. Lucia Zanin Shimbo pela dedicação e instrução na realização deste trabalho, ao CNPq pelo fomento que tornou essa pesquisa possível e aos meus pais por sempre me apoiarem.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. **Vigiar e unir: a agenda da sustentabilidade urbana**. Revista VeraCidade, v. 2, n. 2, p. 1–11, 2007.

BUENO, C.; ROSSIGNOLO, J. A. **Análise dos sistemas de certificação ambiental de edifícios residenciais no contexto brasileiro**. Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online), [S. l.], n. 17, p. 6-22, 2013. DOI: 10.11606/issn.1984-4506.v0i17p6-22.

GRAZZIANO, Raphael. **Virtualidades e contradições no espaço sob padrões globais: LEED® e arquitetura corporativa em São Paulo**. 2019. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. DOI: 10.11606/T.16.2019.tde-11122019-122755.

KURNAZ, Ahmet. **Green building certificate systems as a greenwashing strategy in architecture**. International Journal of Natural and Applied Sciences. 4. 73-88, 2021.

MAGNANI, Maira; SANFELICI, Daniel. **O e-commerce e os fundos imobiliários logísticos estratégias de captura de rendas imobiliárias**. Cadernos Metrópole, v. 24, p. 173-198, 2022. DOI: 10.1590/2236-9996.2022-5307.

AS CONTRADIÇÕES NA INDUSTRIALIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO E A PRÉ-FABRICAÇÃO LEVE COMO ALTERNATIVAS PARA AS CIDADES DE PEQUENO PORTE

Contradictions in Construction Industrialization and lightweight prefabrication as alternative for small cities

Contradicciones en la industrialización de la construcción y prefabricación ligera como alternativa para ciudades pequeñas

Palavras-chave: Canteiro de obras; Cidades de pequeno porte; Economia política; Industrialização da construção; Pré-fabricação leve.

Renan Duarte Specian

Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Goiás - UFG

Mestrando em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP

E-mail: renanspecian@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8468583771308729>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-9584-9452>

João Marcos de Almeida Lopes

Doutor em Filosofia e Metodologia das Ciências pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Professor titular do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - IAU.USP

E-mail: jmalopes@sc.usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9454329212153701>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9999-2473>

1. INTRODUÇÃO

A industrialização da construção é um conceito complexo e frágil, composto por definições e entendimentos diversos e muitas vezes contraditórios. Para além do fato da construção “tratar-se de uma manufatura especial, que envolve uma expressiva e extensa aplicação de mão-de-obra intensiva” (Lopes, 2020, p.93), o próprio canteiro de obras é uma “estrutura produtiva especial, isso porque, [...] na construção civil é a linha de produção que se move para gerar o produto que nasce imóvel, o contrário da fábrica, onde é o produto que caminha na linha de produção (Idem, Ibidem). Gerando um interesse pela investigação da construção que vai para além da sua concepção, voltada para a sua produção.

A partir de um recorte histórico que busca remontar os processos facilitadores do que poderia ser o início dessa industrialização da construção, percebe-se uma conexão entre os acontecimentos ligados à Revolução Industrial, à colonização europeia e a um incremento pelo aumento de produção, incentivados pelos novos usos de materiais como ferro, vidro e concreto. A resposta encontrada pelo momento histórico passa pela utilização da pré-fabricação como estratégia de aumento de produção e facilitação de escoamento, alterando as disposições organizacionais de projeto e a sua relação com o canteiro de obras.

Ao compreender onde essa arquitetura é praticada, suas potencialidades e contradições, almeja-se identificar possibilidades para a utilização da pré-fabricação aplicada a um contexto social e sustentável em cidades pequenas, buscando em meio às pautas capitalistas reguladoras, uma possível reaproximação entre as relações de canteiro e projeto arquitetônico. Partindo do pressuposto que é possível unir a lógica da produção em série da industrialização à uma produção de pequena escala, a partir da utilização de um processo parcial de pré-fabricação leve, promovendo maior flexibilidade e racionalidade na produção da forma arquitetônica e na escolha de materiais, sem o uso de equipamentos pesados.

Bruna (1976) define a industrialização como um processo associado aos conceitos de padronização e de produção em série. Para ele, o que gera a indústria não é unicamente a sua mecanização, na verdade, é “uma decidida vontade de repetir para a qual a máquina contribui com o instrumento material e a organização como método para executá-la” (Bruna, 1976, p.21). Dentro desse processo, organiza-se a “pré-fabricação dos elementos de uma construção, que constitui uma fase de industrialização” (Bruna, 1976, p.19).

Percebemos aqui uma grande complexidade no entendimento do conceito, isso pois, não há necessariamente uma 'industrialização' da construção, mas sim uma indústria da construção (Chemillier, 1980), o que marca a diferença entre a produção industrial prévia de componentes para a construção civil e a industrialização do canteiro. Para Ferro (2006) a pré-fabricação no canteiro não é indústria. A industrialização dos componentes não tem nada a ver com a industrialização do canteiro. O que se pode ter são produtos mais sofisticados, elaborados industrialmente (Ferro, 2006, p. 23).

De acordo com Ferro (2006) a análise da arquitetura como produto da Economia Política pode revelar dimensões ocultas das formas como a sociedade organiza a produção dos meios de sua existência. “Ao estudarmos um determinado país do ponto de vista da sua economia política, começamos por analisar a sua população, a divisão desta em classes, a cidade, os diferentes ramos da produção, a exportação e a importação, a produção e o consumo [...] (Marx, 1859, p. 19. A partir dessa lógica, Ferro identifica na industrialização da construção a sua própria contradição econômica:

A industrialização e o avanço tecnológico, introduz contradições bem conhecidas: se bem que diminua a manutenção da força de trabalho, possibilitando delicioso aumento na taxa de sua exploração, aumenta a composição orgânica do capital, diminuindo criminosamente a taxa de lucro. A máquina substitui operários, e, como o lucro vem da força de trabalho não-paga, frequentemente é preciso aumentar a produção [...], para produzir o mesmo lucro absoluto (Ferro, 2006, p. 29)

Para ele, a “A industrialização da construção é viável tecnicamente, como provam, desde meados do século XIX, o Palácio de Cristal de Londres ou a implantação da cidade de Cheyenne nos EUA. Ela provocaria, entretanto, um desastre econômico” (Ferro, 1988, p. 15). Ou seja, a construção deve permanecer manufatureira, baseado na responsabilidade da mais-valia gerada na construção civil de controlar a queda tendencial da taxa média de lucro.

A tentativa de aliar a pré-fabricação para uma escala reduzida, pensando na dificuldade de disponibilidade de materiais e de sistemas mecanizados e/ou industrializados nas pequenas cidades, provoca ainda uma contradição com os materiais que são majoritariamente utilizados na indústria da pré-fabricação, como o concreto armado, ferro e vidro. O que motiva a busca por entender se seria possível pensar ali alguma 'industrialização', uma vez que a provisão de grandes fábricas de componentes não necessariamente promovem maior adequação dos sistemas tecnológicos, voltados para a construção, à estas realidades.

2. OBJETIVOS

O objetivo principal é identificar como a pré-fabricação leve pode ser pensada em cidades de pequeno porte, a partir da análise comparativa das contradições nos processos produtivos em usinas fixas de grandes centros urbanos com os exemplos de pré-fabricação leve realizados no Brasil. Para atingi-lo será necessário: Analisar e compreender o contexto histórico de surgimento da industrialização da construção e da pré-fabricação; Identificar e mapear os principais exemplares de pré-fabricação leve no Brasil a partir de nível de industrialização; Identificar as contradições e semelhanças entre as usinas de pré-fabricação e o canteiro convencional a partir de seu processo produtivo e do produto final.

3. MATERIAIS E MÉTODO

A princípio, a pesquisa possui um núcleo teórico mais evidente, em razão disso, entende-se que o mais coerente com o processo de levantamento de referencial teórico e documental seja através de uma pesquisa de caráter quali-quantitativa. Será adotado uma metodologia de busca por contradições a partir dos métodos de Peirce em Ferro. Para atender a essa metodologia “podemos escolher uma grade, um filtro que só deixa sobressaírem algumas categorias de elementos. Esses elementos podem, então, ser classificados e comparados” (Ferro, 2016, p. 13).

Serão analisados os referenciais teóricos que discutam de forma crítica o surgimento e desenvolvimento da industrialização da construção civil e da pré-fabricação, buscando encontrar as contradições e discordâncias a partir do comparativo entre os diferentes contextos de implantação embasado pela crítica a Economia Política. Posteriormente partiremos para um levantamento das experiências significativas de pré-fabricação leve realizadas no Brasil, a fim de identificar os diferentes níveis de industrialização dos exemplares que se assemelham a estes princípios, como por exemplo, os materiais alternativos e os projetos arquitetônicos de Sérgio Ferro.

O levantamento bibliográfico e a pesquisa documental serão direcionados para a produção de dois elementos estruturantes para identificação dos signos: a ficha comparativa de análise e a entrevista semi-estruturada, sistematizando questões e tópicos comparativos para realização da pesquisa de campo. É imprescindível que a pesquisa de campo componha a análise como uma exemplificação da discussão teórica de algo que já ocorreu na prática, levando as questões da pré-fabricação para um patamar de discussão que vai além da técnica construtiva, direcionando um olhar para a sua produção e impactos sociais

4. RESULTADOS ESPERADOS

A hipótese da pesquisa considera que é possível unir a lógica da produção em série da industrialização à uma produção de pequena escala, a partir da utilização de um processo de pré-fabricação leve, promovendo maior flexibilidade e racionalidade na produção da forma arquitetônica e na escolha de materiais, sem o uso de equipamentos pesados, “manufatura ideal articulada à pré-fabricação simultânea de componentes” (Ferro, 1988, p.8).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre as contradições da aplicação da pré-fabricação, principalmente quando pensadas no contexto de cidades sul-americanas de pequeno porte, é um dos pontos chaves para repensar os seus conceitos e avaliar as potencialidades a partir dos contextos de implantação. Turner e Turner (1972), identificam a importância para a autonomia de construir que os componentes industrializados permaneçam separados e discretos, e que

eles não sejam extensivamente combinados antes de chegar ao usuário, isso pois limitaria as opções de execução em canteiro como também aumentaria o custo de produção.

A resposta, portanto, seria a utilização de um processo parcial de pré-fabricação, promovendo uma flexibilidade na produção da forma arquitetônica e na escolha de materiais. Essa variação permitiria a viabilidade da construção sem o uso de grandes equipamentos e com o incremento de uma mão de obra não especializada, colaborando assim com o contexto local de implantação. “Assim, aproveitando sobretudo as características de leveza e flexibilidade do material, o que facilita seu transporte manual ou mecânico temos orientado o seu emprego na pré-fabricação e industrialização [...]” (Lima, 1984, p.23) Como dito por Lelé sobre a potencialidade da utilização de um sistema leve.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

BRUNA, Paulo Júlio Valentino. **Arquitetura, industrialização e desenvolvimento**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1976.

CHEMILLIER, P. **industrialización de la construcción**. Idioma: Espanhol. Editora: Técnicos Associados. 1980. Barcelona. ISBN-10: 8471462117 ISBN-13: 978-8471462114

FERRO, Sérgio. **Arquitetura e trabalho livre**. Coleção Face Norte, volume 09. São Paulo, Cosac Naify, 2006.

FERRO, Sérgio. **O concreto como arma**, In: revista Projeto, n. 111, jun., 1988.

Ferro, Sérgio. **Michelângelo. Arquiteto e escultor da Capela Médici**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

LIMA, João Filgueiras. **Escola transitória**. Brasília, MEC/CEDATE, 1984.

LOPES, J. M. de A. . **Pensamento em construção: Excurso sobre as possíveis maquinações metodológicas de Sérgio Ferro para orientar Estudos de Produção em Arquitetura, Projeto e Trabalho**. arq.urb, [S. l.], n. 29, p. 91–100, 2020. DOI: 10.37916/arq.urb.vi29.483. Disponível em: <https://revistaarqurb.com.br/arqurb/article/view/483>. Acesso em: 15 set. 2024.

MARX, Karl. **Introdução a contribuição à crítica da economia política**. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1859/contcriteconpoli/introducao.htm#topp>. Acesso em: [10 de setembro de 2024].

TURNER, I; TURNER, J. **Industrialized housing: The opportunity and the problem in developing areas**. In association with OSTI, the organization for social e technical innovation. Cambridge, Massachusetts, prepared for the U.S Agency for international development. January, 1972. disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Industrialized_Housing/GWypxYdmdkUC?hl=ptBR&gbpv=1&dq=inauthor:%22Ian+Donald+Turner%22&printsec=frontcover. Acesso em: 30 de julho de 2023.

ESTRANHA CONVIVÊNCIA: ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA E PARQUES EÓLICOS

STRANGE COEXISTENCE: LAND REFORM SETTLEMENTS AND WIND FARMS

EXTRAÑA COEXISTENCIA: ASENTAMIENTOS DE REFORMA A TIERRA Y PARQUES EÓLICOS

Palavras-chave: Habitat; Assentamentos de reforma agrária; Parques eólicos; Rio Grande do Norte.

Jéssica Bittencourt Bezerra

Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UFRN
Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU USP
E-mail: jessica.bittencourt@usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5796484199392439>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2852-0628>

João Marcos de Almeida Lopes

Doutor em Filosofia e Metodologia das Ciências pela UFSCAR
Professor Titular no IAU USP
E-mail: jmalopes@sc.usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9454329212153701>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9999-2473>

1. INTRODUÇÃO

O aumento do consumo de eletricidade e a pressão para reduzir o uso de combustíveis fósseis destacam a necessidade de uma política de diversificação da matriz energética no Brasil nas últimas décadas. Neste contexto, a energia eólica surge como uma alternativa promissora para mitigar as mudanças climáticas, mas sua implementação, se realizada sem planejamento, pode causar distúrbios na dinâmica fundiária e injustiças socioambientais. Assim, os impactos sobre as comunidades rurais e as desigualdades no controle territorial revelam inconsistência do discurso sustentável.

A proposta deste projeto é investigar os impactos dos empreendimentos de energia eólica nos habitats dos assentamentos de reforma agrária no Rio Grande do Norte, considerando sua dinâmica econômica, ambiental e a vida cotidiana dos assentados. A pesquisa abrangerá desde a criação dos assentamentos e a operação dos parques eólicos, até o momento atual. A reflexão foi iniciada pelo município de João Câmara, que tem 27,7% de seu território composto por assentamentos de reforma agrária e é líder em produção de energia eólica no estado. O estudo começa no assentamento Maria da Paz e se expandirá para outros assentamentos e municípios do RN, focando no objeto deste estudo: a relação entre a implementação dos parques eólicos e a sua influência no espaço do habitat de assentamentos de reforma agrária no Rio Grande do Norte.

O avanço dos empreendimentos de energia renovável, especialmente os parques eólicos, tem transformado o meio rural e a vida das comunidades, gerando relações contraditórias entre os envolvidos. Enquanto a mídia, governantes e parte da sociedade promovem uma visão hegemônica de que a energia eólica traz apenas benefícios, ambientalistas e pesquisadores questionam os impactos negativos sobre a fauna, flora e a vida humana nas áreas afetadas.

Mais de duas décadas após a conquista da terra pelos trabalhadores rurais do semiárido potiguar, e os conflitos no campo persistem, com novas dificuldades surgindo, como a exploração dos territórios por empresas de energia eólica. Esse contexto torna urgente a investigação ao perceber o Projeto de Lei 3266/21, que modifica a Lei da Reforma Agrária para permitir a exploração de assentamentos por empresas de energias renováveis. Aprovado no Senado, o projeto agora tramita na Câmara dos Deputados.

Diante desse cenário, surgem questões importantes: como devemos abordar a necessária substituição da matriz energética, predominantemente baseada em combustíveis fósseis, frente aos distúrbios causados pela energia eólica? Quais são os impactos das empresas do setor eólico no cotidiano e no habitat dos moradores dos assentamentos rurais, especialmente os de reforma agrária? Nossa hipótese é que, mesmo localizados fora desses assentamentos, os parques eólicos provocam diversas interferências que afetam o habitat, a vida cotidiana, a dinâmica econômica agropastoril e o meio ambiente.

Este Projeto de Pesquisa visa, portanto, aprofundar a crítica e o conhecimento sobre sustentabilidade, focando no impacto das novas alternativas de energia nos territórios rurais, especialmente em áreas de reforma agrária.

2. OBJETIVO GERAL

Investigar os impactos imediatos e secundários dos empreendimentos de energia eólica nos habitats dos assentamentos de reforma agrária em municípios do Rio Grande do Norte, tanto no microcosmo de suas parcelas, abordando as estratégias de vida cotidiana de seus assentados, como nos seus entornos, alcançando a dinâmica econômica agropastoril regional e o contexto ambiental mais geral.

2.1. Objetivos específicos

Dessa forma, tem-se como objetivos específicos (1) Entender a luta pela terra no estado do Rio Grande do Norte a partir da Constituição de 1988; (2) Investigar a realidade socioambiental dos assentamentos antes e depois da chegada dos parques eólicos; (3) Compreender como os assentados, através de suas militâncias e demais moradores, avaliam as mudanças estruturais de seus habitats após a implementação desses empreendimentos; (4) Entender o papel contraditório do estado que, no passado incentivou a reforma agrária, e atualmente, é também o que favorece a entrada de parques eólicos na região.

3. MATERIAL E MÉTODO DE PESQUISA

A tese será estruturada com base na revisão do referencial teórico-metodológico, permitindo a construção de variáveis e categorias de análise sobre a relação entre parques eólicos e assentamentos de reforma agrária no Rio Grande do Norte. Visitas de campo e entrevistas abertas e semiestruturadas captarão oposições e expressões afetivas ou simbólicas na fala dos entrevistados (LEFEBVRE, no prelo [1970], p. 165). A investigação começa pelos assentamentos do município de João Câmara, e ao longo do desenvolvimento da pesquisa, serão selecionados os outros municípios do RN. Para isso, o ponto de partida será investigar como as empresas do setor eólico se espacializam no habitat e influenciam na vida cotidiana dos moradores de assentamentos de reforma agrária no Rio Grande do Norte atualmente.

A pesquisa, porém, não pode se restringir aos espaços físicos. É preciso entender esta relação complexa segundo o ponto de vista dos próprios assentados, através de suas militâncias e demais moradores. Para isto, será levada em consideração a técnica da Palavra do Habitante (RAYMOND et al., 2001) através de entrevistas com perguntas abertas, de modo a não induzir o entrevistado a respostas pré-determinadas. Posteriormente, serão conduzidas entrevistas semiestruturadas com outros agentes envolvidos, como

representantes de empreendimentos, lideranças de sindicatos, o próprio MST, e órgãos como INCRA e ANEEL.

Tem-se a intenção de, a partir da aplicação das entrevistas e da posterior sistematização dos dados por meio da tabulação, formar um banco de dados sobre os assentamentos visitados. A análise não deve se restringir à descrição dos fatos, mas deve considerar contradições e possibilidades observadas durante o trabalho de campo. Com a evolução da pesquisa, é essencial integrar dados quantitativos aos qualitativos e costurá-los.

A compreensão do processo envolve decompor a realidade, relacionando partes fragmentadas para chegar à totalidade, e posterior sistematização. Assim, busca-se discutir um dos conflitos fundiários mais relevantes no Brasil, examinando os impactos socioambientais das energias renováveis em áreas rurais e nos assentamentos de reforma agrária.

4. RESULTADOS ESPERADOS

O desenvolvimento deste projeto visa contribuir para o avanço da crítica e do conhecimento das estratégias relacionadas à sustentabilidade em termos gerais e, mais especificamente, do impacto dessas novas alternativas de produção de energia quando investidas nos territórios rurais, particularmente em áreas de reforma agrária. Procura-se, assim, desvendar como, o mesmo estado que promove a distribuição de "terra para quem nela trabalha", a supressão das condições objetivas de sustentabilidade ambiental e, particularmente, de reprodução dos assentados que dela dependem.

Pesquisas sobre os efeitos dos parques eólicos no território estão sendo realizadas em diversas áreas do conhecimento. No entanto, o tema ainda é pouco explorado na Arquitetura e Urbanismo, especialmente no que diz respeito ao habitat neste contexto. Assim, analisar a espacialização dos empreendimentos eólicos nas proximidades de assentamentos de reforma agrária pode ser uma forma de compreender as atuais disputas territoriais e conflitos de reforma agrária no Brasil.

REFERÊNCIAS

Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL). **Sistema de Informações de Geração (SIGA)**. Brasília, DF, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/aneel/pt-br>>. Acesso em: mar. 2024.

BEZERRA, Jéssica Bittencourt. **Apropriação em Movimento** – do mutirão habitacional ao cotidiano do assentamento Maria da Paz. 2021. 184f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

BORGES, Amadja Henrique. **MST, habitats em movimento**: tipologias dos habitats dos assentamentos originários do MST nos estados de SP e RN. Tese (Doutorado) – FAU/USP, 2002.

CERQUEIRA, Maria Cândida Teixeira de. **Reconstituindo o desenho do habitat de reforma agrária**: legado e possibilidades para o estado. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

CHESNAIS, François. **A Mundialização do Capital**. São Paulo: Editora Xamã, 1996.

FREITAS, Hélen. Eólicas miram lotes da reforma agrária para expandir energia dos ventos no Rio Grande do Norte. **Repórter Brasil**, São Paulo, 05 de jan. de 2024. Disponível em: <<https://reporterbrasil.org.br/2024/01/eolicas-reforma-agraria-rio-grande-do-norte/>>. Acesso em: 23 de abr. de 2024.

HARVEY, David. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.

LOPES, J. M. de A.; LENZI, C. C.; BORGES, A. H. O habitat da “não cidade” como um problema para a Arquitetura e Urbanismo. **Paranoá**: cadernos de arquitetura e urbanismo, v. 17, n. 17, 2017. Disponível em: <periodicos.unb.br/index.php/paranoa/article/view/11744>. Acesso em: abr. 2021.

RISCO - **Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo** - Publicação: Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP). Volume/Ano v21 (2023) - Edição Temática “Habitat Rural” ISSN 1984-4506 (online: <https://www.revistas.usp.br/risco/issue/view/13202/2750>).

SARAMAGO, Rita de Cássia Pereira. **ARQUITETURA SUSTENTÁVEL?** Quando o discurso não mais sustenta um futuro para a prática arquitetônica. São Paulo: Editora Annablume, 2024. 420p.

TRALDI, Mariana. **Novos usos do território no semiárido nordestino**: implantação de parques eólicos e valorização seletiva nos municípios de Caetité (BA) e João Câmara (RN). 2014. 232f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.



SESSÃO 7

27 nov 2024

NECESSIDADES HABITACIONAIS E LANÇAMENTOS RESIDENCIAIS EM CIDADES MÉDIAS DO INTERIOR PAULISTA

Housing needs and residential project launches in medium-sized cities in the interior of São Paulo

Necesidades habitacionales y lanzamientos residenciales en ciudades medianas del interior paulista

Palavras-chave: necessidades habitacionais; Programa Minha Casa Minha Vida; lançamentos residenciais.

Letícia Kiatake Creppe

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP

E-mail: leticia.creppe@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7067674067389732>

Lucia Zanin Shimbo

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela EESC.USP

Professora Livre-Docente no IAU.USP

E-mail: luciashimbo@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3448342105966223>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1097-8091>

Everaldo Santos Melazzo

Doutor em Geografia pela UNESP

Professora Livre-Docente no UNESP Presidente Prudente

E-mail: everaldo.melazzo@unesp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5123023776386296>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1702-7010>

1. INTRODUÇÃO

O recente relançamento do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) em 2023, que havia sido substituído pelo Programa Casa Verde e Amarela, em vigor desde o fim de 2020, recolocou no centro do debate o modelo de financiamento habitacional destinado às famílias de baixa e média renda para aquisição de residência própria, voltado à minimização do déficit habitacional, numa tentativa de superar os desafios das dinâmicas socioespaciais urbanas e de fomentar a construção civil. Entretanto, mesmo com a implementação dessas políticas, as dinâmicas das cidades de médio e grande porte mantêm um cenário marcado por fragmentação socioespacial urbana e necessidades habitacionais crescentes.

Enquanto o déficit habitacional diz respeito apenas à falta ou inadequação do estoque urbano de moradias no Brasil, as necessidades habitacionais englobam, além do próprio déficit habitacional, outros aspectos, como carências habitacionais. Estas incluem inadequações relativas à edificação, regularização fundiária e infraestrutura urbana, que muitas vezes não são contabilizadas quando se fala apenas na insuficiência de moradias. Tais variáveis ampliam a complexidade do problema, introduzindo a atuação de uma série de agentes e fatores que dificultam a provisão de habitação adequada no Brasil.

Martim Smolka e Luciana Ostos, no seminário internacional “Pesquisa do Déficit e Inadequação Habitacional no Brasil: avanços e desafios”, defendem que há três fatores principais que dificultam o enfrentamento das necessidades habitacionais: o acesso à terra urbanizada, a tecnologia e o acesso ao crédito. Os elevados preços da terra, resultantes de oferta insuficiente de terra urbanizada, impactam diretamente a sua distribuição desigual, que, por sua vez, é responsável por gerar direta e indiretamente necessidades habitacionais. Além disso, grande parte das famílias com renda de até 3 salários-mínimos depende frequentemente de empregos informais, não possuindo, portanto, acesso à mecanismos formais de crédito bancário. Essa condição dificulta o acesso às formas de financiamento habitacional, afastando essas famílias da possibilidade de aquisição da moradia própria.

Para além do déficit e das necessidades habitacionais, a compreensão das dinâmicas imobiliárias é fundamental para o estudo dos processos de produção do espaço urbano das cidades brasileiras. Embora articuladas aos grandes programas habitacionais nacionais e aos processos macroeconômicos, essas dinâmicas se manifestam de forma heterogênea nas diferentes localidades. Tais diferenças são determinadas, principalmente, pela atuação dos diversos agentes e processos, como: os agentes da produção imobiliária e das ofertas imobiliárias; o mercado fundiário e imobiliário; a disponibilidade de crédito e de financiamento; e os processos de financeirização do imobiliário. A análise das dinâmicas imobiliárias torna-se, assim, indispensável para compreender tanto os processos locais quanto as interações intermunicipais.

2. OBJETIVO

A partir dos anos 2000, o lançamento do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) trouxe um impacto significativo na produção e no financiamento habitacional em larga escala no Brasil, alterando as dinâmicas imobiliárias das cidades de grande e médio porte. Apesar de sua contribuição para a redução de parte das necessidades habitacionais, essas ficaram longe de serem supridas por completo, uma vez que a oferta do programa não priorizou as faixas de renda mais baixas, que concentram as famílias em situação de vulnerabilidade habitacional.

Assim, a pesquisa busca entender as dinâmicas imobiliárias de cidades de médio porte do interior paulista, identificar as necessidades habitacionais e analisar a oferta de lançamentos residenciais articulados ao Programa Minha Casa Minha Vida desde 2010. O recorte territorial da pesquisa abrange as cidades de Ribeirão Preto, São Carlos, São José do Rio Preto e Piracicaba. A partir dessa delimitação, torna-se possível estabelecer comparações entre as municipalidades, considerando suas distintas formações socioespaciais, dinâmicas imobiliárias e fundiárias e as diferentes formas pelas quais o poder público tem lidado com as questões habitacionais.

3. MÉTODO

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi empregada uma abordagem quantitativa, complementada pelos métodos de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e análise de base de dados. As principais fontes de dados utilizadas incluem o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Sistema de Habitação (SISHAB) do Portal de Dados Abertos do Ministério do Desenvolvimento Regional e a pesquisa imobiliária produzida pela empresa Geolmóvel, que monitora o desenvolvimento imobiliário nas cidades brasileiras e fornece dados sobre lançamentos, tipologias, padrão e agentes financeiros.

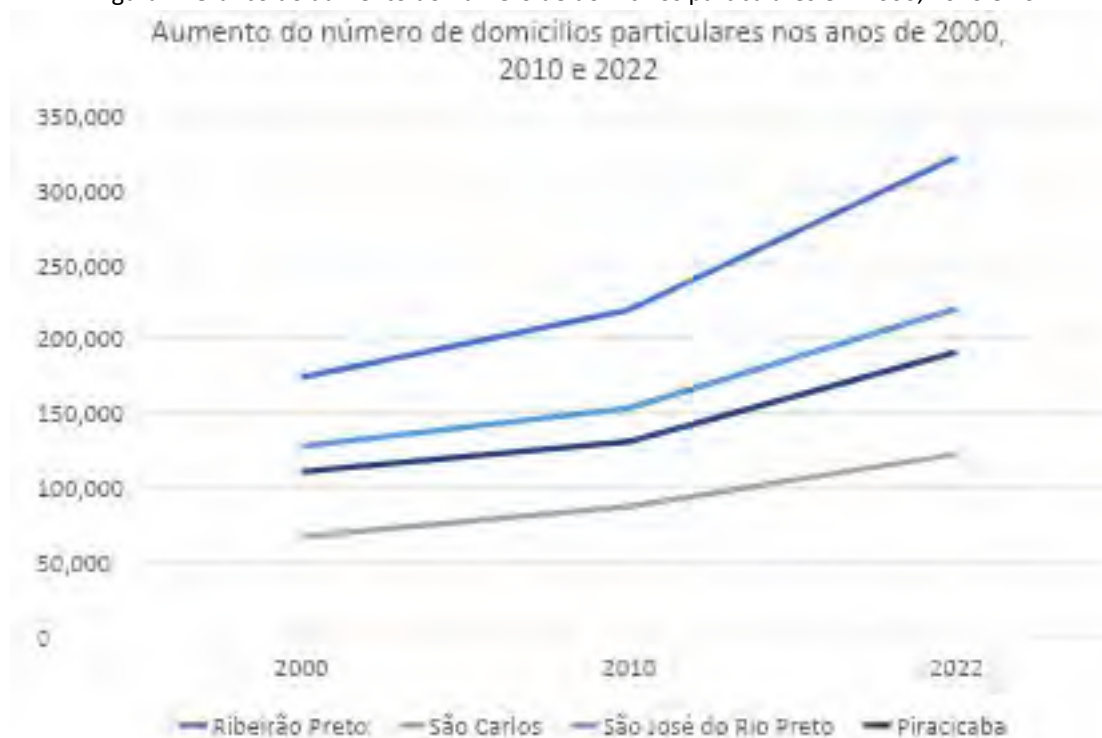
A partir da combinação das diferentes bases de dados, foi possível então estabelecer relações entre padrões espaciais, como o crescimento do número de domicílios particulares, o mapeamento da oferta imobiliária e dos empreendimentos financiados pelo programa Minha Casa Minha Vida. A análise integrada permitiu identificar como a expansão habitacional está distribuída no território, revelando como a concentração de novos empreendimentos e a articulação às políticas públicas de financiamento habitacional impactam na configuração socioespacial das cidades paulistas de médio porte.

4. RESULTADOS OBTIDOS

A partir das fontes de dados utilizadas, foi possível identificar que as quatro cidades estudadas — Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Piracicaba e São Carlos — apresentam escalas diferentes em termos de produção imobiliária. Ribeirão Preto lidera no número de

unidades habitacionais lançadas, seguida por São José do Rio Preto, Piracicaba e, por último, São Carlos, reflexo proporcional ao tamanho dos distritos e à sua população. Segundo dados do IBGE, entre 2010 e 2022, houve um aumento médio 45% no número de domicílios particulares nas quatro cidades paulistas estudadas, cerca de duas vezes maior do que o registrado entre 2000 e 2010 (Figura 1).

Figura 1: Gráfico do aumento do número de domicílios particulares em 2000, 2010 e 2022



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2023.

A análise dos dados fornecidos pela Geolmóvel revelou que, em média, 47% de toda a produção habitacional corresponde à tipologia vertical. Além disso, uma maioria significativa dos empreendimentos residenciais mapeados nos municípios é classificada como padrão econômico, totalizando aproximadamente 64%. Esse segmento utiliza estratégias de padronização e economia de escala, sendo voltado à produção de imóveis de até R\$ 200.000,00 para famílias com renda entre três e dez salários mínimos (SHIMBO, 2010, p. 24).

Nas quatro cidades estudadas, os agentes com maior número de unidades lançadas durante o período analisado foram caracterizados como empresas de capital fechado, de grande porte e de atuação regional. Em três das cidades, o grupo incorporador MRV Engenharia e Participações S.A., destacou-se com a maior participação, correspondendo a uma média de 18% da produção total registrada. Na cidade de São José do Rio Preto, por sua vez, a liderança ficou com o grupo Pacaembu Construtora, que registrou 19% da produção habitacional total.

A partir das análises realizadas com dados obtidos do SISHAB, foi possível identificar que uma média de 41% do total das unidades habitacionais lançadas desde 2006 nos quatro municípios são oriundas do programa Minha Casa Minha Vida, totalizando uma parcela considerável de toda a produção habitacional mapeada. Entretanto, dessa porção, apenas uma pequena parte (Ribeirão Preto: 6%; São Carlos: 12%; São José do Rio Preto: 12%; Piracicaba: 11%) foi destinada à Faixa 1 do Programa – modalidade direcionada a famílias com renda mensal de até R\$ 2.640,00, com foco em atender as populações mais vulneráveis, oferecendo subsídios mais elevados e condições facilitadas de financiamento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescimento exponencial do número de lançamentos imobiliários nas cidades médias brasileiras na última década evidencia a superprodução habitacional voltada aos setores sociais médios através do segmento econômico. Embora o PMCMV apresente uma atuação considerável nessa dinâmica, apenas uma parcela limitada de seus imóveis é destinada às faixas de renda mais baixas e às populações mais vulneráveis, o que indica uma discrepância entre a capacidade desses subsídios de contribuir para a minimização das necessidades habitacionais e a realidade da sua implementação. Somado a isso, após mapeada a localização dos empreendimentos PMCMV destinados às populações de baixa renda, constatou-se que estão frequentemente situados em áreas periféricas e distantes dos centros urbanos, contribuindo significativamente para reforçar a segregação socioespacial e a marginalização social desses grupos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao CNPq pelo apoio financeiro que viabilizou a criação do Observatório Nacional de Monitoramento e Avaliação das Dinâmicas Imobiliárias e Fundiárias (junho/2023) – projeto ao qual está vinculada esta pesquisa. Agradeço também ao prof. Dr. Everaldo Santos Melazzo, coordenador do projeto, e à prof.^a Dr.^a Lucia Zanin Shimbo, que me orientou e me apoiou durante todo o desenvolvimento da pesquisa.

REFERÊNCIAS

OSTOS, L. M. B.; SMOLKA, M. O. Mercado de terras urbanas e déficit habitacional: procedência e providências. In.: SANTOS, E. C. (Org.). **Ensaio e Discussões sobre o Déficit Habitacional no Brasil**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2022.

SHIMBO, L. Z. **Habitação social, habitação de mercado: a confluência entre estado, empresas construtoras e capital financeiro**. Orientadora: Cibele Saliba Rizak. 2010. 361 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2010.

ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA EM SÃO PAULO: HABITAÇÃO SOCIAL, ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE E A PRODUÇÃO DA CIDADE

*Contemporary Architecture in Sao Paulo: social housing, spaces of sociability
and urban production*

*Arquitectura contemporánea en São Paulo: vivienda social, espacios sociales y
la producción de la ciudad*

Palavras-chave: condensador-social; sociabilidade; multifuncionalidade; habitação social;
cidade

Beatriz Varani Eleutério

Aluna de Graduação no Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU) - USP

E-mail: biaave@usp.br

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8433037819794646>

Givaldo Luiz Medeiros

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela FAU - USP

Docente e Pesquisador no IAU - USP

E-mail: givaldo@sc.usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6524762393863750>

1. INTRODUÇÃO

A produção arquitetônica contemporânea no estado de São Paulo exhibe determinadas particularidades que evidenciam a persistência de concepções sobre o projeto de edificações ao longo das gerações e é pensando nas relações de produções recentes e passadas, que este projeto de iniciação científica se baseia. Tendo como recorte temporal aproximado o início dos anos 2000, mapeiam-se projetos arquitetônicos de conjuntos habitacionais realizados no estado de São Paulo, inseridos em áreas de adensamento urbano, passíveis de serem consideradas como centralidades intraurbanas. A pesquisa centrou-se na busca por produções que trouxessem consigo uma herança da arquitetura paulista no traçado dos projetos e na construção da própria cidade, tanto numa concepção da configuração urbana de espaços livres compartilhados e integrados com o entorno, quanto num caráter sistêmico da organização em rede de equipamentos públicos, que contribuem para a compreensão da relação entre arquitetura e cidade.

As obras a serem comentadas buscam analisar esta relação, imediata ou mediata, singular ou sistêmica, no âmbito urbano, tanto sua urbanidade interior, à luz do reconhecimento do desenvolvimento cultural do campo disciplinar quanto dos vínculos perceptíveis entre as distintas gerações. Para tal, as implicações da arquitetura e urbanismo na produção da cidade serão consideradas ao longo deste estudo, abrangendo contextos que podem ser identificados como centralidades urbanas, ou como elementos de uma rede, atuando como condensadores sociais ou como qualificadores do espaço urbano. Ou seja, tratam-se de edifícios que “[...] abraçam a diversidade da metrópole e revigoram a vida pública na contemporaneidade.” (Villac, 2018, p. 1)

Num recorte temático focado nos projetos de habitação social, busca-se compreender a relação entre produções contemporâneas no estado de São Paulo de escritórios como MMBB, Boldarini, H+F, Escritório Paulistano, entre outros e suas aproximações e deslocamentos de ideias e princípios adotados por um conjunto de arquitetos paulistas, com destaque para Vilanova Artigas. A relação entre as duas gerações de arquitetos se dá, principalmente, pela formação: Artigas formou-se em 1937 como engenheiro-arquiteto na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (Poli/USP) e em 1943 participa da criação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da mesma instituição. Anos mais tarde, identifica-se uma geração de arquitetos que, formados pela FAU, carregam na elaboração de seus projetos “o legado moderno”, nos quais “o trabalho dos mestres - Artigas, Maitrejan e Paulo Mendes da Rocha - nunca deixou de ser referência” (Milheiro; Nobre; Wisnik, 2006).

2. OBJETIVO

A presente pesquisa buscou analisar o desenvolvimento da arquitetura contemporânea no estado de São Paulo, desde aproximadamente o início do século XXI, tomando por base suas implicações na produção da cidade, abarcando exemplos de conjuntos habitacionais de

interesse social, com ênfase nos espaços de sociabilidade, inseridos em áreas de adensamento urbano e passíveis de serem consideradas como centralidades intraurbanas.

3. MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

A investigação teve caráter bibliográfico e sintético-analítico, envolvendo aproximações sucessivas para a definição do objeto de estudo e compreendeu as seguintes etapas: levantamento bibliográfico; levantamento da produção arquitetônica contemporânea, com enfoque para a produção de conjuntos habitacionais de interesse social, a partir de sua veiculação em periódicos (Monolito, Projeto, 2G, Vitruvius), mídias digitais (Instagram, ArchDaily), concursos ou premiações de entidades de classe (IAB-SP); identificação de obras de interesse; seleção de estudos de caso para análise e elaboração de sínteses e análises gráficas e textuais. A investigação envolveu pesquisa e análise de textos de referência, desenhos sintético-analíticos e reflexão crítica sobre o material reunido, à luz da bibliografia de apoio.

Após o período inicial de levantamento da produção vinculada à temática e da seleção das obras mais representativas, a pesquisa envolveu uma análise detalhada dos seis estudos de caso escolhidos.

4. RESULTADOS OBTIDOS

Um aspecto relevante da pesquisa envolveu a análise da influência contemporânea da Escola Paulista – sobretudo de Artigas e dos princípios que culminaram na criação da FAU-USP (1969), bem como de projetos, também de sua autoria, como o Edifício Louveira e o Conjunto Habitacional Zezinho Magalhães Prado – e do conceito de condensadores sociais retomado por Villac (2018). Nesse processo, foi possível identificar escolhas projetuais que intensificam as relações entre arquitetura e cidade, potencializando, dessa forma, a sociabilidade e as interações coletivas nos espaços. Revelou-se fundamental, no decorrer das análises, entender as relações entre o espaço projetado e sua potencialidade de instigar apropriações coletivas, abrigando certa multifuncionalidade e servindo como indutor das demais relações sociais, para além da função primordial de moradia, restrita à convivência entre moradores e seu próprio núcleo familiar.

Com base nessas premissas, partiu-se para a análise pormenorizada de seis estudos de caso: Conjunto Alexandre Mackenzie (2010), Residencial Corruíras (2011) e Residencial Duarte Murtinho (2016), projetos do escritório Boldarini Arquitetos, Conjunto Habitacional Jardim Edite (2013) do escritório MMBB em parceria com o escritório H+F, Conjunto Habitacional Real Parque (2012) do Escritório Paulistano e Conjunto Habitacional Heliópolis - Gleba G (2011) de Biselli Katchborian Associados.

Sem perder de vista o ponto em comum entre todos os projetos selecionados - a criação de espaços comuns e públicos, voltados para a sociabilidade de seus moradores e a inserção dos edifícios no contexto urbano e social -, foi possível abordar a sobreposição de usos, principalmente no projeto do Jardim Edite, que associa o programa habitacional com equipamentos básicos como UBS, creche e restaurante-escola; bem como o adensamento e a verticalização do programa habitacional, vencendo topografias acentuadas, nos casos do Real Parque, Heliópolis, Corruínas e Duarte Murtinho, em que a criação de passarelas, circulações horizontais e níveis intermediários fazem a conexão entre interior dos conjuntos e a rua.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÕES

Como ponto chave de todo o percurso da pesquisa, tomou-se como princípio norteador a busca por projetos que não se esgotam em si mesmos; que buscam impulsionar, a partir de seus espaços físicos, interações, integrações e sociabilidades; edifícios que somam ao seu valor arquitetônico também um valor social. Propostas projetuais que não isolam os edifícios do entorno físico já existente e que o integram à própria cidade, usando diferentes estratégias, também foram objeto de interesse.

No entanto, no desenvolvimento da pesquisa foi possível também refletir sobre a apropriação, de fato, de quem habita os conjuntos. Entender essa relação próxima entre o projeto e o cotidiano dos moradores torna-se importante, inclusive para compreender como o espaço vai, constantemente, passando por mudanças e adequações.

De qualquer modo, isso não tira o valor de se priorizar, ao projetar um edifício, espaços que contêm esse caráter coletivo e que buscam dar aos moradores a possibilidade de se apropriarem deles. Intervenções físicas nas paredes externas são constantemente observadas quando se vê imagens e fotografias dos conjuntos citados acima; os espaços mudam e a ocupação das pessoas é o que os torna vivos e socialmente relevantes.

Portanto, é notória a necessidade de não perder de vista o intuito de buscar projetar, levando em consideração como elemento norteador, a relação harmônica entre cidade e casa; cidade e sociedade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao meu orientador, Professor Givaldo Luiz Medeiros que, além de tornar possível a realização desta minha primeira pesquisa de iniciação científica, me proporcionou um período interessante de muito aprendizado, investigação e desbravamento de assuntos e temáticas que se mostraram de grande interesse para mim o que foi fundamental para as escolhas que fiz em minha graduação, no pós-pesquisa. Além disso, não

posso deixar de agradecer ao IAU e à USP pela oportunidade de, com o fomento da bolsa, me incentivarem e me darem a oportunidade de desenvolver um projeto de iniciação científica que me interessasse tanto e que me permitisse entender quais caminhos posso continuar buscando, mesmo após sua finalização.

REFERÊNCIAS

MILHEIRO, Ana Vaz; NOBRE, Ana Luiza; WISNIK, Guilherme. **Coletivo: 36 projetos de Arquitetura Paulista**. 1. ed.. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

VILLAC, Maria Isabel. Condensador social: uma questão para a vida pública contemporânea. **Oculum Ensaios**, v.15, n.1, p.99-110, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.puc-campinas.edu.br/oculum/article/view/3743/2582>>. Acesso em: 16 ago. 2023.

ANÁLISE DE PROJETOS DE HABITAÇÃO ASSINADOS POR ESCRITÓRIOS DE ARQUITETURA: A ATUAÇÃO DA MAGIK JC

Analysis of housing projects signed by architectural offices: the activity of Magik JC

Análisis de proyectos de vivienda firmados por oficinas de arquitectura: la actividad de Magik JC

Palavras-chave: qualidade; projeto; habitação.

Daniel Nardini Marques

Bacharel Arquitetura e Urbanismo pelo IAU USP
Mestrando em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU USP
E-mail: daniel.nardini.marques@usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0036512178327377>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9631-931X>

Lucia Zanin Shimbo

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela EESC
Professora Livre-Docente no IAU.USP
E-mail: luciashimbo@usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3448342105966223>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1097-8091>

1. INTRODUÇÃO

Este resumo apresenta parte dos resultados da pesquisa de mestrado intitulada “Projeto de arquitetura nos programas federais de habitação (2009-2024)”, que tem como objetivo principal investigar possíveis melhorias qualitativas decorrentes do projeto de arquitetura, a partir da análise das concepções arquitetônicas de implantação e das unidades habitacionais. A pesquisa possui caráter qualitativo e utiliza como métodos revisão bibliográfica, pesquisa documental, análise de projetos e estudo de caso. O recorte apresentado neste resumo busca problematizar o que é chamado de “qualidade da arquitetura” nos projetos da incorporadora Magik JC com base nos requisitos quantitativos definidos pela literatura a partir da análise de dois empreendimentos, os edifícios Bem Viver Marquês de Itu e Bem Viver Brigadeiro Luís Antônio (em São Paulo, SP), na escala da unidade habitacional.

2. ANÁLISE DE PROJETOS DE HABITAÇÃO ASSINADOS POR ESCRITÓRIOS DE ARQUITETURA: A ATUAÇÃO DA MAGIK JC

A padronização tipológica marcou a política habitacional brasileira desde 2009 e, ainda que muitas mudanças tenham sido realizadas nos programas, o resultado arquitetônico e urbanístico dos empreendimentos, em sua maioria, continua sendo a repetição do “carimbo”. No entanto, é possível verificar a atuação, dentro dos programas federais de habitação, de uma incorporadora que busca, ao menos em sua narrativa, incluir boa localização, projeto de arquitetura assinado e bom custo-benefício de seus produtos: a Magik JC.

A empresa foi fundada em 1972, possui mais de 185 empreendimentos construídos e tem como principal local de atuação a cidade de São Paulo. A partir do lançamento do Programa Minha Casa Minha Vida, a empresa direcionou seu foco para o segmento econômico e conseguiu entregar 2.000 unidades habitacionais nos primeiros anos do Programa (Magik JC, 202-). Em 2016, a Magik JC passou por uma reestruturação organizacional, com a entrada de um novo CEO, e uma reestruturação comercial. Com isso, a empresa aumentou a atuação no PMCMV, mas com uma nova linha de produtos: a Bem Viver.

A Bem Viver tem como objetivo unir três características nos empreendimentos: boa localização, arquitetura de qualidade e preços acessíveis. A boa localização foi definida como os bairros da região central da cidade de São Paulo, que possui grande oferta de equipamentos, serviços, transporte e trabalho; para a boa arquitetura, a empresa contrata escritórios de arquitetura reconhecidos pelas mídias especializadas para atuarem nos empreendimentos; e para chegar a preços acessíveis, a Magik JC utiliza as regras do PMCMV. A Bem Viver conta, até o final de 2023, com 16 empreendimentos já finalizados e entregues, quatro empreendimentos em obras e dois empreendimentos em fase de lançamento, sendo todos edifícios verticais.

Dentre os empreendimentos da Magik JC, destacamos dois: o Bem Viver Marquês de Itu, projeto do arquiteto Isay Weinfeld, e o Bem Viver Brigadeiro Luís Antônio, que tem projeto arquitetônico do escritório MMBB. Os dois empreendimentos foram finalizados em 2022 e tiveram repercussão em plataformas especializadas de arquitetura e urbanismo.

Tomando como base a análise de projetos, propomos caracterizar a qualidade arquitetônica desses empreendimentos e identificar possíveis melhorias nos projetos decorrentes da participação dos arquitetos. A análise de projetos foi realizada na escala da unidade habitacional a partir das considerações de Pedro (2001).

O edifício Bem Viver Marquês de Itu possui 17 pavimentos e um total de 123 unidades habitacionais; e o Bem Viver Brigadeiro Luís Antônio possui 121 unidades habitacionais. Os dois edifícios foram construídos em paredes estruturais de blocos de concreto, posteriormente rebocadas e pintadas. As paredes internas das unidades habitacionais não são estruturais. A análise das plantas não indica o uso de modulação, mas o uso de alvenaria estrutural sugere que o edifício está modulado a partir das dimensões dos blocos. As quatro unidades analisadas não prevêem possibilidades de alteração dos ambientes e as possibilidades de alteração de layout são restritas.

No Marquês de Itu, a unidade de um dormitório possui uma área total de 26,00m² e a unidade de dois dormitórios possui 34,00m². No Brigadeiro Luís Antônio, a unidade de um dormitório possui 24,50m², e a unidade de dois dormitórios possui 34,50m². As Tabelas 1 e 2 apresentam as áreas úteis das unidades de um e de dois dormitórios, respectivamente, e também os valores referenciais indicados por Pedro (2001).

Tabela 1: Cálculo de áreas úteis - unidades de um dormitório.

Ambiente	Marquês de Itu - Área útil (m²)	Brigadeiro - Área útil (m²)	Área útil mínima (m²)
Dormitório	7,05	7,50	10,5
Banheiro	3,28	2,56	4,0
Sala	9,85	8,29	11,0
Cozinha	2,83	3,92	4,5
Total	23,01	22,27	30,0

Fonte: elaborada pelos autores, 2024.

Tabela 2: Cálculo de áreas úteis - unidades de dois dormitórios.

Ambiente	Marquês de Itu - Área útil (m²)	Brigadeiro - Área útil (m²)	Área útil mínima (m²)
Dormitório 1	7,35	7,50	10,5
Dormitório 2	5,10	5,00	5,0
Escritório	2,14	1,74	1,5
Banheiro	2,75	2,56	4,0
Sala	7,90	6,24	14,0
Cozinha	4,02	5,60	5,0
Circulação	0,78	1,45	2,0
Total	30,04	30,09	42,0

Fonte: elaborada pelos autores, 2024.

No edifício Marquês de Itu, a área útil por morador na unidade de um dormitório é de 11,50m² e na unidade de dois dormitórios é de 10,01m²; no Brigadeiro Luís Antônio, na unidade de um dormitório, a área útil por morador é de 11,13m², e na unidade de dois dormitórios é de 10,03m². Esses valores estão abaixo do mínimo recomendado por Pedro (2001), o que pode levar, segundo o autor, a níveis ruins de isolamento acústico e dificuldade para mobiliar os ambientes.

A análise das áreas mínimas, figura 1, mostra que em ambas as unidades do Marquês de Itu as dimensões no dormitório com cama de casal são as mínimas, com uma pequena interferência na unidade de dois dormitórios. Na unidade de dois dormitórios, há também interferências entre as áreas para as cadeiras da mesa de jantar e área de uso da cozinha, mas tal sobreposição é aceita pela norma. Destaca-se que a mesa recebeu um banco ao invés de cadeiras em uma das laterais, o que justificaria uma área mínima menor do que a prevista na NBR 15575. A unidade de um dormitório também apresenta uma problemática na mesa redonda, já que as áreas são menores do que a mínima. Destaca-se que nas duas unidades as dimensões das mesas de jantar são menores do que as colocadas pela NBR 15575.

Figura 1: Análise de áreas nas unidades do Bem Viver Marquês de Itu.



Fonte: elaborada pelos autores sobre imagem da planta, 2024.

A análise das unidades, na figura 2, do Brigadeiro Luís Antônio mostra questões semelhantes às do Marquês de Itu: as dimensões nos dormitórios são as mínimas colocadas pela NBR 15575 e há sobreposições nas áreas mínimas de uso das mesas de jantar, o que é aceito pela norma na área da cozinha, mas dificulta o uso na área da sala. Observa-se que a unidade de um dormitório possui um móvel linear que atravessa cozinha, a sala de jantar e a sala de estar e pode funcionar como um elemento de conexão entre os ambientes.

Figura 13: Análise de áreas nas unidades do Bem Viver Brigadeiro Luís Antônio.



Fonte: elaborada pelos autores sobre imagem da planta, 2024.

3. CONSIDERAÇÕES

Ao analisarmos a narrativa da Magik JC, notamos que a arquitetura de qualidade nos empreendimentos está atrelada à assinatura de escritórios de arquitetura e urbanismo. No entanto, ao analisar os projetos arquitetônicos dos empreendimentos a partir de parâmetros estabelecidos pela norma NBR15575 e pela literatura especializada, foi possível observar diferenças entre tais parâmetros e os projetos da incorporadora. Observou-se que os dois edifícios possuem plantas muito semelhantes. Nas entrevistas realizadas, foi possível verificar que as plantas são definidas pela incorporadora: são os produtos habitacionais já elaborados previamente. Desse modo, as plantas das unidades repetem-se nos edifícios, como uma forma de padronização, e garantem maior controle nas etapas de construção, como adotado na produção em massa da habitação (Shimbo, 2010; Bernis, 2008). A análise da escala da unidade mostrou que as unidades possuem dimensões (área útil dos ambientes, área útil por morador e áreas mínimas) que respeitam apenas o mínimo estabelecido pela NBR 15575 e pela literatura (Pedro, 2001). Também mostrou que os ambientes são pensados de forma monofuncional, os layouts propostos geram interferências nos acessos às janelas, não são flexíveis e possibilitam poucas adaptações do mobiliário.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

REFERÊNCIAS

ABNT, Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 15575-1: Edificações habitacionais** — Desempenho Parte 1: Requisitos gerais. Brasil, ABNT, 2013.

BERNIS, Frederico M. **O arquiteto despachante. A participação do arquiteto na produção habitacional de massa**. Dissertação de mestrado – Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

MAGIK JC. **Bem Viver Brigadeiro**. Disponível em: <https://magikjc.com.br/empreendimento/bemviver-brigadeiro/>. Acesso em: 15 jul. 2024.

MAGIK JC. **Bem Viver Marques de Itu**. Disponível em: <https://magikjc.com.br/empreendimento/bem-viver-marques-de-itu/>. Acesso em: 15 jul. 2024.

MAGIK JC. **Saiba um pouco mais sobre a gente**. Disponível em: <https://magikjc.com.br/empresa/>. Acesso em: 15 jul. 2024.

PEDRO, João B. **Programa Habitacional. Habitação**. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 2001.

SHIMBO, Lúcia Z. **Habitação social, habitação de mercado: a confluência entre estado, empresas construtoras e capital financeiro**. Tese de doutorado - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade São Paulo, São Carlos, 2010.

HISTÓRIA DA HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL: CLASSE, GÊNERO E RAÇA

History of Social Housing: class, gender and race

Historia de la vivienda social: clase, género y raza

Palavras-chave: história da habitação de interesse social; arquitetura moderna; classe; gênero; raça

Beatrice Volpato Teixeira

Bacharel em Arquitetura e Urbanismo
Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela IAU.USP
E-mail: beatrice.teixeira@usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9384945996319335>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8933-3386>

Aline Coelho Sanches

Doutorado em Composizione Architettónica pelo Politecnico di Milano
Professora Doutora do IAU.USP
E-mail: alinecoelho@sc.usp.br
Currículo Lattes: lattes.cnpq.br/5939046169120461
Orcid: orcid.org/0000-0001-6458-0938

Joana D’Arc de Oliveira

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP
Pós-doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela FAU.USP
E-mail: joanadarcoliveira@usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9412303406727941>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4122-0523>

1. INTRODUÇÃO

A história da arquitetura moderna é objeto de grande parte dos estudos feitos no campo de conhecimento de teoria e história da arquitetura. O esforço de pesquisadores e grupos de pesquisa demonstra que o tema está longe de ter se esgotado e que o interesse se renova por motivos diversos.

Calculando a distância temporal entre os dias de hoje e o período do tema em questão, pode-se considerar que o intervalo de tempo é grande suficiente para um afastamento saudável para criar critérios de análise menos apaixonados, mas, ao mesmo tempo, perto suficiente para colher relações diretas entre o movimento moderno e a prática contemporânea.

A necessidade de se continuar pesquisando e formulando sobre o tema se liga também à importância que a arquitetura moderna brasileira teve e ainda tem não só em território nacional, mas também internacional. Consolidando, assim, a produção brasileira de arquitetura dentro do hall de referências da arquitetura, mesmo a produção sendo representante de um país periférico, ou seja, fora do eixo central e hegemônico do desenvolvimento econômico, social e político do atual quadro mundial.

Outro motivo que justifica tamanho esforço em continuar no tema é o reconhecimento de que a produção de conhecimento feita até agora ainda deixa diversas lacunas que não se podem ignorar. Nascimento (2012) constrói seu trabalho dentro da hipótese de que as arquiteturas das escolas e conjuntos habitacionais ficaram de fora da historiografia, criando uma narrativa que se condiciona a pensar que a arquitetura moderna não tem uma discussão social. Zein (2020), ao definir o que é um cânon e seu papel dentro da história da arquitetura moderna, também descreve a falta de plasticidade, a resistência à críticas e mudanças e os vazios nas tramas que passam a ser naturalizados justamente pelo caráter de “lei pétrea” que se estabelece ao entrar para o status de cânon.

Sendo assim, há uma necessidade legítima de investigar e restituir a história da arquitetura moderna que se aprende e que se passa adiante pelo ensino e pesquisa, porém dentro de perspectivas não abordadas anteriormente, seja por descompromisso consciente ou inconsciente dos agentes que investigaram e escreveram a história, seja pelo nascimento de novas hipóteses e questionamentos vindos com o atual contexto social, político e econômico que vivemos.

1.1. Raça, gênero e classe

Como citado previamente, Nascimento (2012) já apontou a supressão dos temas sociais dentro da história da arquitetura moderna dentro das produções canônicas ao falar especificamente da ausência da produção habitação de interesse social. Existem contextos sociais que dão base às escolhas metodológicas que geram o interesse ou desinteresse às

pautas sociais, tanto que na historiografia no geral há uma mobilização contemporânea para que se revelem essas pautas.

Diante deste contexto, raça, gênero e classe¹ são três categorias invisíveis, mas que deixam rastros da maneira de se produzir a história, afinal, o ponto de vista masculino, branco e colonizador europeu foi estabelecido como ponto neutro para cumprir com a agenda patriarcal, racista e colonizadora, deixando de lado fatos e perspectivas de grande parcela da população que pertence às camadas sociais oprimidas.

O principal objetivo deste trabalho é, portanto, analisar como o debate de gênero, raça e classe entrou e se apresentou na história da arquitetura. Por isso, o foco não é em que trabalhos não inseriram os debates relacionados aos marcadores sociais, mas em quais eles aparecem (mesmo que de maneira suplementar) e como se desenvolveram ao longo do tempo.

Como consequência disso, é possível especificar o objetivo pela elaboração de um mapeamento que demonstre qual o debate de hoje e como chegamos a ele, a ordem de chegada e desenvolvimento das temáticas, as condicionantes da inserção dos temas e qual a relação entre a produção teórica e a ação dos movimentos sociais. Logo em seguida, será possível observar como os historiadores operaram dentro dessas perspectivas, se eles e elas trouxeram outro significado às obras e se é possível observar algum tipo de tendência para o futuro das pesquisas e das produções historiográficas.

2. METODOLOGIA

Para a pesquisa histórica, o desenvolvimento do trabalho passa por revisão bibliográfica, escolhendo os livros base para análise. A escolha dos livros baseia-se na temática (história da arquitetura moderna) e na capilaridade que o material tem no ensino de história da arquitetura e sua presença nas principais bibliotecas das universidades. Com a escolha e a revisão feitas, há coleta de dados e fichamentos sistemáticos para criação de um quadro comparativo para triangular as informações e obter os resultados de encontrar sincronias ou assincronias de interesse dos objetivos e da conclusão do trabalho.

Paralelamente, dois periódicos de história da arquitetura (Thésis e Docomomo) foram selecionados com o fim de investigar como é a produção atual diante da perspectiva de gênero, raça e classe. Os artigos que centralizam o debate nestes temas ou que abordam de maneira tangencial também são fichados de maneira sistemática. Esta etapa consegue trazer informações como: a recorrência da publicação de artigos com a temática, qual suas abordagens e a quais materiais recorrem como referência bibliográfica.

¹ Aqui entende-se por “classe social” a análise marxista de divisão entre os possuidores e não possuidores dos meios de produção.

A escolha de integrar na análise os artigos de periódicos vem com a intenção de ter acesso a produção científica mais atual e que é feita por pesquisadores de diferentes níveis de formação. Estes artigos serão submetidos a uma categorização temática desenvolvida em 2018 em um projeto de iniciação científica. A ideia é testar se a classificação se demonstra correta e se ela pode servir de base para a criação de um quadro de classificação de temáticas sobre raça dentro do campo de conhecimento da arquitetura.

Quadro 1: Vertentes apresentadas em Volpato (2018)

A	Estado da arte/ revisão histórica	Ligada ao campo da teoria e história da arquitetura e urbanismo, revisão de materiais selecionados em busca de analisar as ausências e presenças da participação das mulheres na arquitetura e no urbanismo. Sendo possível focar em avaliações qualitativas ou quantitativas.
B	Profissão/Estudo da prática	Estudo da vida profissional das mulheres arquitetas e quais as suas especificidades, pensando quais elementos atrapalham e ajudam em sua carreira e, além disso, influenciam na sua maneira de projetar.
C	Propositivo	Trabalhos que tem como atividade fim propor medidas, seja de planejamento urbano, de arquitetura, paisagismo ou de políticas e que tenham como central a questão de gênero.
D1	Análise Projetual com foco arquitetônico	Analisa projetos, construídos ou não. Sobre como levou em consideração as questões de gênero no processo projetual, seus processos e métodos, materialidade e processo de construção.
D2	Análise Projetual com foco nas questões sociais	Analisa projetos construídos e suas implicações sociais. Estudos de pós-ocupação, de vínculo com a antropologia e áreas correlatas.
E	História da arquitetura e cidade	Identificar e reconhecimento da contribuição das mulheres arquitetas, contemporâneas ou não, no campo de arquitetura e urbanismo, retomar de certas figuras femininas importantes para a história da arquitetura, avaliar a contribuição das mulheres/de uma arquiteta para um momento específico da história da arquitetura, ou mesmo ela como um todo, mas relacionando com movimentos e críticas.

Fonte: Volpato, 2018, p. 15 e 16

3. RESULTADOS OBTIDOS/ESPERADOS

A investigação e a sistematização dos resultados pretende transformar as informações em um conjunto de conteúdo organizado que dê base para estudar sobre a arquitetura moderna a partir das perspectivas de classe, gênero e raça. O compilado de informações também dará a possibilidade de comparar referências e comparar a inclusão e exclusão de fatos importantes para a história da arquitetura.

REFERÊNCIAS

NASCIMENTO, Flávia Brito do. Historiografia e habitação social: temas e lugares por meio dos manuais de arquitetura brasileira. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo**, São Carlos, n. 16, p. 06-16, jul. 2012. Semestral. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/risco/article/view/73469>. Acesso em: 03 out. 2021.

VOLPATO, Beatrice. **Gênero e Arquitetura, Mulher e Arquitetura**: o Estado da Arte. Orientadora: Dra. Aline Coelho Sanches. 2018. 41 f. Relatório de iniciação científica (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo da USP, São Carlos, 2018.

ZEIN, R. V. O vazio significativo do cânon. **VIRUS**, São Carlos, n. 20, 2020. [online]. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus20/?sec=4&item=1&lang=pt>. Acesso em: 27 out. 2024.

CIDADE QUE EDUCA - TRANSFORMANDO RUAS, BAIRROS E PESSOAS

Cidade que Educa - transforming streets, neighborhoods and people

Cidade que Educa - transformando calles, barrios y personas

Palavras-chave: educação; cidadania; participação ativa.

Joana Regina de Lima Ramos

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP

E-mail: joana.regina01@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4424830259446069>

Julia Beatriz Estevan

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP

E-mail: estevanjulia@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2302859246970375>

Amanda Saba Ruggiero

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP

Professora doutora do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU.USP)

E-mail: amandaruggiero@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7636515765220320>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8483-0359>

1. INTRODUÇÃO

As Cidades Educadoras tiveram sua origem em 1990, a partir do I Congresso Internacional de Cidades Educadoras, onde várias cidades se uniram para melhorar a qualidade de vida de seus habitantes por meio de projetos colaborativos. Em 1994, o movimento foi formalizado com a criação da Associação Internacional das Cidades Educadoras (AICE), que visa promover os princípios da Carta das Cidades Educadoras, fomentar ações concretas entre as cidades-membro e influenciar decisões de governos e instituições internacionais.

Essas cidades se tornam educadoras ao reconhecerem a responsabilidade de educar seus habitantes, além das funções tradicionais como economia, política e serviços. A educação na cidade não se limita às escolas, mas se estende aos espaços urbanos, com o objetivo de promover igualdade, cidadania e desenvolvimento pessoal para todos. O conceito de cidade educadora, como descreve Paulo Freire, implica em uma educação comprometida com a transformação do espaço urbano e a inclusão social.

Um exemplo prático desse conceito é o Projeto Cidade que Educa, em São Carlos-SP, que busca transformar a Vila São José em um espaço mais seguro e acessível. O projeto é desenvolvido por um grupo de pesquisa das universidades USP e UFSCar, e envolve intervenções urbanas para melhorar a mobilidade e a qualidade de vida dos moradores, promovendo a educação e o desenvolvimento da comunidade. Esse tipo de ação exemplifica como as cidades educadoras integram a educação ao seu planejamento urbano e social.

2. OBJETIVO

Baseado nos conceitos de “Cidades Educadoras”, o projeto tem como objetivo geral promover a cidadania e a participação ativa da comunidade. De modo que se busca explorar e requalificar espaços públicos do município de São Carlos-SP. Já os objetivos específicos contemplam atividades colaborativas com três escolas locais e a comunidade do entorno, e a partir da identificação das necessidades da área, foi dado início a elaboração de uma horta comunitária, pista de caminhada e uma travessia mais segura entre a escola e um equipamento de saúde. Esses objetivos buscam não só melhorar a infraestrutura local, mas também proporcionar uma maior relação de pertencimento do espaço público e dos moradores.

3. MÉTODO

A primeira etapa consistiu na realização de um diagnóstico da área por meio de visitas e diálogos com a comunidade. Foi elaborado um mapeamento dos pontos críticos e dos principais equipamentos públicos. A partir disso, foram realizadas oficinas colaborativas com alunos e membros das escolas para discutir e elaborar propostas de intervenção pertinentes. O projeto necessitou da aprovação da Prefeitura Municipal para a realização das propostas e,

sua efetiva execução, foi conduzida de maneira colaborativa, com o suporte de voluntários, moradores, alunos e membros do grupo de pesquisa. Além disso, mídias digitais foram utilizadas para registrar as atividades e para sua divulgação.

4. RESULTADOS

Os resultados do projeto "Cidade que Educa" incluem a pintura da pista de caminhada (ver Figura 1), que foi atingida com a colaboração de membros do projeto e da comunidade, e a proposta de implantação de uma horta comunitária, com execução já iniciada e materiais já armazenados. Também está prevista a criação de uma travessia segura, projetada para aumentar a segurança dos alunos e melhorar a mobilidade entre a escola estadual e a Unidade Básica de Saúde. O projeto se destacou pela abordagem colaborativa e pela integração eficaz com as escolas locais, resultando em propostas que atendem diretamente às necessidades da comunidade. Esta experiência se consolida como um modelo piloto promissor, com potencial para ser replicado em outras áreas de São Carlos, promovendo a requalificação de espaços públicos e o fortalecimento do sentimento de pertencimento da população, por meio do envolvimento com as universidades e a participação ativa da comunidade.

Figura 1: oficina da pista de caminhada



Fonte: autoria própria, 2024.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resumo, o Projeto Cidade que Educa é uma iniciativa inovadora e essencial no contexto da urbanização contemporânea, integrando os princípios da "Cidade Educadora" e promovendo o envolvimento ativo da comunidade. O projeto visa transformar fisicamente os espaços públicos, fortalecer o sentimento de pertencimento e promover a coesão social, como evidenciado nas ações realizadas no bairro Vila São José. Através de oficinas participativas e intervenções urbanas, ele demonstra como a educação pode transcender as salas de aula, permeando o cotidiano e contribuindo para uma cidade mais inclusiva e formadora.

O grupo de Cultura e Extensão do projeto se consolidou como um pilar importante de reflexão crítica sobre cidadania e participação ativa, incentivando a comunidade a adotar um olhar mais atento aos debates urbanos. A flexibilidade nas atividades permitiu atender a públicos diversos, criando um ambiente dinâmico de troca de conhecimentos e experiências. O sucesso inicial das ações no bairro serve como um piloto promissor para a expansão do projeto, com a intenção de alcançar toda a cidade e consolidar São Carlos como uma verdadeira "Cidade Educadora", conforme os princípios da Carta das Cidades Educadoras.

Além de enriquecer a formação dos participantes, o projeto impulsiona o desenvolvimento urbano sustentável, alinhando-se às necessidades da população local. Ele também ressalta a importância de uma abordagem integrada e sustentável na gestão urbana, considerando a cidade não apenas como um espaço físico, mas como um palco de conflitos urbanos que exigem soluções coletivas. Essa experiência tem sido transformadora, contribuindo significativamente para minha formação, tanto em arquitetura quanto como cidadã. Em última análise, o Projeto Cidade que Educa representa uma ferramenta fundamental para a conexão entre as universidades e a comunidade, promovendo o envolvimento ativo e impactando positivamente a vida das pessoas, ao mesmo tempo em que impulsiona projetos urbanos mais sustentáveis e conscientes.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos imensamente ao apoio financeiro do Programa Unificado de Bolsas, através da vertente de Cultura e Extensão vinculada ao Projeto "CIDADE QUE EDUCA - Transformando ruas, bairros e pessoas", que possibilitou tantas trocas e aprendizados durante sua vigência. Agradecemos também aos nossos amigos e familiares, com um agradecimento especial à Amanda Saba Ruggiero, orientadora do projeto, pela orientação sempre solícita e pelo auxílio contínuo nas atividades. Desde o início, ela proporcionou diversas reuniões com o grupo de pesquisa, criando um ambiente rico e diversificado de conhecimento.

Neste ano de participação como bolsistas, os ganhos foram significativos, tanto no plano pessoal quanto no comunitário. Foi extremamente gratificante ver as ações planejadas ao longo do ano saírem da teoria e se concretizarem na cidade, com grande adesão e participação da comunidade. O trabalho colaborativo adotado pela equipe permitiu que todos contribuíssem de maneira significativa em cada etapa do processo, criando um ambiente acolhedor e estimulante para o surgimento de novas ideias. Além disso, os retornos positivos recebidos após a realização das ações foram muito satisfatórios e recompensadores.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE CIDADES EDUCADORAS. Associação Internacional de Cidades Educadoras. Disponível em: <https://www.edcities.org/pt/>. Acesso em: 12 abr. 2024.

DAS CIDADES EDUCADORAS. Carta. [s.l.: s.n.], 2020. Disponível em: https://www.edcities.org/wp-content/uploads/2020/11/PT_Carta.pdf. Acesso em: 08 mar. 2024.

FARMÁCIA VIVA. Farmácia Viva São Carlos. Disponível em: <https://farmaciavivasaocar.wixsite.com/viva>. Acesso em: 31 ago. 2024.

GADOTTI, Moacir. A escola na cidade que educa. **Cadernos Cenpec** | Nova série, v. 1, n. 1, 2006.

ARQUITETURA E AS CIDADES EDUCADORAS

Architecture and the Educating Cities

Arquitectura y las Ciudades Educadoras

Palavras-chave: Cidades educadoras; Educação; Arquitetura.

Guilherme Alves de Souza

Arquiteto e Urbanista pelo IAU.USP

Mestrando em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP

E-mail: guilhermeasouza@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9537186191603175>

Amanda Saba Ruggiero

Pós-Doutorado e doutorado pela FAU-USP

Docente do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU.USP)

E-mail: amandaruggiero@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7636515765220320>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8483-0359>

1. INTRODUÇÃO

1.1. Projeto Cidade que Educa

Esta pesquisa decorre das experiências feitas em São Carlos a partir de 2022 nas quais o pesquisador se envolveu diretamente com uma ação proposta pelo projeto de extensão “Cidade que Educa”. Este, por sua vez, partiu da demanda de membros da comunidade por melhorias na infraestrutura do bairro Vila São José em São Carlos. A ineficiência do poder público trouxe representantes comunitários à universidade, onde procuravam apoio para encontrar alternativas para a solução dos problemas que impactavam o cotidiano daquela comunidade. A parceria com a universidade reuniu arquitetos e artistas num grupo multidisciplinar que se empenhou em construir uma ponte entre a comunidade universitária, a comunidade local e o poder público municipal. Desde o início, pelo conhecimento dos idealizadores do projeto sobre o conceito de cidades educadoras (CIDADES EDUCADORAS, 1990; FREIRE, 1993; GADOTTI, 2006), houve a perspectiva de empregar alguns desses conceitos no projeto, sobretudo pela oportunidade do contato com instituições de ensino de diferentes graus. Assim, o projeto “Cidade que educa” propõe atividades e ações em parceria com a comunidade. Arquitetos, artistas, alunos da graduação em arquitetura e do curso de gestão ambiental da UFSCar se mobilizaram para realizar as leituras participativas da área a fim de planejar melhorias de baixo custo, para ampliar a mobilidade, a segurança e o convívio nos espaços públicos da área em questão, que envolve duas quadras onde se concentram serviços públicos, e também os problemas identificados pela comunidade.

Figura 1: Crianças pintam percurso de caminhada durante oficina do Projeto Cidade que Educa



Fonte: autor, 2024.

1.2. Cidade educadora

Para Paulo Freire, a cidade pode ser educadora na medida em que a educação é permanente, “na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem de sua finitude” (FREIRE, 1993). Assim, entende que a continuidade educativa do ser humano se materializa também na cidade. E a cidade, por sua vez, educa ao transmitir conhecimento e aprendizado por meio de sua conformação. Para Moacir Gadotti (2006), é necessária uma “pedagogia da cidade”, pela qual se aprende com a cidade. Uma pedagogia “para nos ensinar a olhar, a descobrir a cidade, para poder aprender com ela, aprender a conviver com ela” (p. 6).

Podemos falar em cidade que educa quando ela busca instaurar, com todas as suas energias, a cidadania plena, ativa, quando ela estabelece canais permanentes de participação, incentiva a organização das comunidades para que elas tomem em suas mãos, de forma organizada, o controle social da cidade (Gadotti, 2006).

O termo “cidade educadora” foi cunhado na década de 1990 a partir das primeiras reuniões organizadas pelo que viria a ser a Associação Internacional das Cidades Educadoras (AICE). A “Carta das Cidades Educadoras” articula preceitos de várias declarações e manifestos anteriores que tratam de direitos humanos, direito à educação e direito à cidade. Propondo a construção de governanças que reconheçam a importância da educação tanto na forma de governar quanto na forma de habitar a cidade. A AICE é bastante abrangente ao registrar seus ideais, abordando diversos temas constituintes da vida na cidade, porém tudo isso cria um cenário utópico de uma cidade educadora, inclusive pela forma de escrita, descrevendo uma cidade no presente.

2. OBJETIVO

Mas quem faz as praças das nossas cidades? Seriam os arquitetos agentes possíveis na articulação e construção de espaços educativos? Nos perguntamos: como os arquitetos e artistas podem em sua prática incluir esse discurso, e trabalhar por uma cidade que ativamente reflita sobre a mensagem que sua existência transmite, já que segundo Freire:

[...] há um modo espontâneo, quase como se as Cidades gesticulassem ou andassem ou se movessem ou se dissessem de si, falando quase como se as cidades proclamassem feitos e fatos vividos nelas por homens e mulheres que por elas passaram, mas ficaram, um modo espontâneo, dizia eu, de as Cidades educarem.

E além disso, mostrar para a própria sociedade que ocupa aquele espaço que a praça, o espaço público, a calçada e a rua à ela pertence, poderia ser melhor? Ao fazê-lo, indagamos novamente: em nosso trabalho os arquitetos, artistas e cientistas mostram que a cidade poderia ser melhor, e alguém da comunidade o compreende, quem está educando é a cidade ou o projeto? Essa questão revela a necessidade de compreensão de uma tomada de posição de nosso projeto enquanto atividade extensionista, considerando o quão baseado na universidade o projeto está desde sua criação.

Não vemos a construção de uma cidade educadora como algo simples, mas nela nos empenhamos. Não só pela importância de se manter a reivindicação e manifestação de descontentamento com o que acontece com as cidades brasileiras, mas pela necessidade de ação. Ação que não exime os governos de sua responsabilidade, mas que chama a atenção para as necessidades das comunidades, ao mesmo tempo em que encoraja a sociedade a agir por seus interesses, e se conscientizar de seus direitos e de seu poder enquanto cidadãos ativos.

3. MÉTODO E FERRAMENTAS DE PESQUISA

A pesquisa constitui um estudo conceitual. Estudo conceitual, pesquisa conceitual, ou argumentação lógica, compreende as pesquisas científicas de cunho teórico ou conceitual. Desta forma, os argumentos se distanciam de dados concretos, e se baseiam em teorias e conceitos pré-existentes. Não são baseados em ordem empírica, mas da assimilação de teorias, essas sim construídas a partir de métodos mais tradicionais de pesquisa (JAAKKOLA, 2020; MACINNIS, 2011; GROAT; WANG, 2013). A pesquisa portanto não se propõe a princípio a empenhar estudos de caso, nem mesmo do projeto “Cidade que Educa”, que ainda está em curso. Como a pesquisa ainda encontra-se em processo de qualificação, as ferramentas de pesquisa bibliográfica, modelo conceitual, revisão sistemática e entrevista, são perspectivas do que se pretende utilizar até o momento de defesa.

4. RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se produzir uma contribuição ao campo da relação entre educação e cidade, sobretudo na possível contribuição da arquitetura para esse debate e para essa prática. Por se tratar de um estudo conceitual, os resultados serão obtidos na medida em que as associações conceituais entre os temas trabalhados forem se construindo num modelo que se adeque aos objetivos da pesquisa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa iniciou-se no ano de 2024 com o título “Urbanismo tático e a Cidade Educadora”, com a entrada do pesquisador no PPGAU-IAU. Ao longo deste ano, entretanto, a leitura de uma primeira bibliografia revelou a importância de manter o foco no conceito de cidades educadoras, mantendo o jovem conceito de urbanismo tático de lado, até que se mostre oportuno trazê-lo de volta. A pesquisa, após se aprofundar na discussão sobre cidades educadoras, se empenhará em trazer um viés da arte na cidade como uma alternativa para sua implementação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Profa. Amanda Saba Ruggiero pelo cuidado e atenção, à comissão do Café com Pesquisa pela oportunidade de discutir este trabalho, e toda a equipe do Projeto Cidade que Educa, que inspira esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

CIDADES EDUCADORAS. **Carta das Cidades Educadoras**. Declaração de Barcelona, 1990.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1993, p. 24.

GADOTTI, M. A escola na cidade que educa. **Cadernos CENPEC**, n. 1, p. 133 – 139, 2006.

GROAT, L. N.; WANG, D. **Architectural research methods**. 2. edition ed. New York, USA: Wiley, 2013.

JAAKKOLA, Elina. Designing conceptual articles: four approaches. **AMS Review**, v. 10, n. 1, p. 18-26, 2020.

MACINNIS, Deborah J., A Framework for Conceptual Contributions in Marketing. **Journal of Marketing**, v.75, 2011.

A LUTA PELO DIREITO À CIDADE NAS OCUPAÇÕES POR MORADIA NA CIDADE DE SÃO CARLOS

The struggle for the right to the city in housing occupations in the city of são carlos

La lucha por el derecho a la ciudad en las ocupaciones por vivienda en la ciudad de são carlos

Palavras-chave: Ocupações Urbanas; Assentamentos Rurais; Luta por Moradia; Regularização Fundiária, Lideranças.

Alice de Paula Gomes

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP

E-mail: alicepgomes@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1169500426493879>

Lucia Zanin Shimbo

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela EESC

Professora Livre-Docente no IAU.USP

E-mail: luciashimbo@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3448342105966223>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1097-8091>

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa aborda as ocupações por terra e moradia em cidades pequenas e médias, destacando a invisibilidade dessas ocupações e suas lutas, especialmente fora do contexto das grandes metrópoles (Leonelli, 2022). O texto visa analisar os processos de luta pela regularização fundiária, tanto no âmbito rural quanto no urbano, na cidade de São Carlos (SP). Além de uma perspectiva histórica, a pesquisa aprofundou-se na análise de quatro ocupações atualmente identificadas na cidade: duas urbanas, a Ocupação em Busca de Um Sonho e a Ocupação em Busca de Uma Moradia; e duas rurais, o Acampamento Capão das Antas e o Acampamento 3 de Janeiro. As análises permitem compreender similaridades e diferenças entre elas em relação à localização, infraestrutura, dinâmicas, além dos atores envolvidos, disputas e amparos legais em suas lutas.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, foi possível compreender a importância do papel das lideranças femininas nas ocupações, assumindo a frente na luta pela regularização fundiária e pelo acesso à terra e à moradia. Nesse contexto, foram realizadas entrevistas, durante as visitas de campo, com cinco mulheres das ocupações estudadas, com o objetivo de compreender a história de cada ocupação a partir do ponto de vista singular de uma moradora.

2. OBJETIVO

A pesquisa tem como objetivo geral analisar as ocupações em São Carlos (SP), especialmente a Ocupação em Busca de um Sonho (OBUS), Acampamento 3 de Janeiro, Ocupação em Busca de uma Moradia (OBUM) e Assentamento Capão das Antas. Os objetivos específicos da pesquisa procuram identificar e caracterizar tais ocupações, principalmente a partir de 2010, compreendendo seu histórico de formação e inserção no espaço urbano; identificar as iniciativas de luta pela permanência, de regularização fundiária e ou de remoção de tais ocupações; analisar a inserção e o papel das mulheres no movimento por terra e moradia, bem como sua atuação como liderança dentro das ocupações.

3. MÉTODO

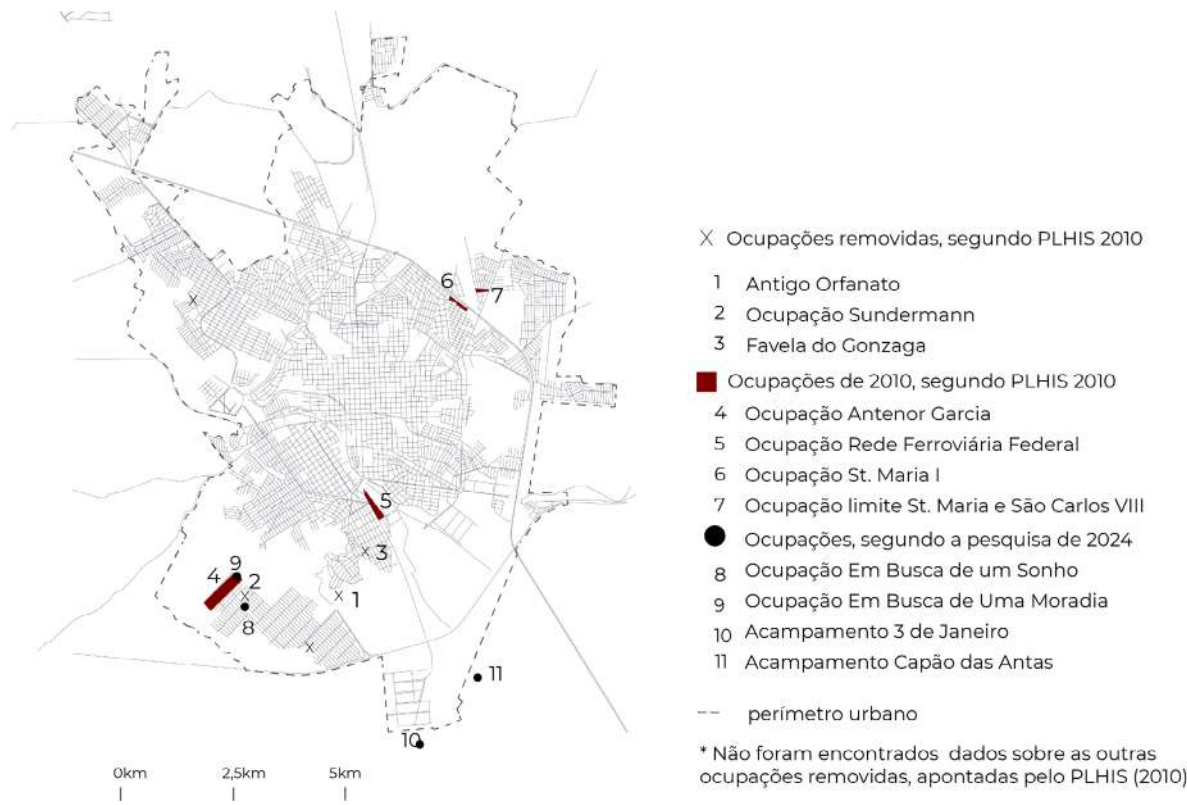
Para a realização desta pesquisa, foi realizada uma revisão bibliográfica, incluindo estudos que discutem o histórico e a evolução dos movimentos sociais urbanos no país, as ocupações em cidades médias e o papel da mulher em cargos de liderança nesse contexto de luta. Concomitantemente, a pesquisa documental propiciou a identificação de dados sobre o déficit habitacional e as ocupações em São Carlos, obtidos através do Plano Local de Habitação de Interesse Social (PLHIS) e do relatório "Desconformidades em Busca de Uma Moradia", produzido pela Assessoria Técnica Maitá (2023). A análise de base de dados secundários complementou essa busca a partir do Censo de 2022 do IBGE, bem como dados

fornechos pela Fundação João Pinheiro sobre as características dos domicílios na região. Além da pesquisa documental, o estudo incluiu visitas de campo nas ocupações por terra e moradia estudadas em São Carlos. Nessas visitas, foram realizadas entrevistas com cinco mulheres que exerceram ou exercem cargos de liderança nos movimentos, proporcionando uma perspectiva singular sobre as dinâmicas dessas ocupações e a luta pela regularização fundiária.

4. RESULTADOS OBTIDOS/ESPERADOS

Foi realizado um mapeamento das ocupações urbanas e rurais de São Carlos que contém as ocupações identificadas pelo PLHIS em 2010 e as ocupações identificadas pela pesquisa em 2024.

Figura 1: Mapa das ocupações de São Carlos de 2010 e 2024.



Fonte: Gomes, 2024.

A partir das visitas de campo, entrevistas e da pesquisa documental, foi possível documentar a trajetória das ocupações investigadas nesta pesquisa, abrangendo desde suas origens e motivações até o papel das lideranças na luta pela moradia, os processos de remoção e o diálogo com o Poder Público em busca da regularização fundiária. Além disso, as entrevistas com cinco lideranças femininas evidenciou não apenas o desafio de garantir a regularização

fundiária e a melhoria das condições de vida, mas também o impacto do engajamento dessas mulheres no fortalecimento da coesão social e na criação de um espaço político de resistência. A pesquisa revelou, ainda, a carência de políticas públicas efetivas para a regularização fundiária e a pouca participação do poder público na resolução dos problemas das ocupações.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe uma invisibilidade das ocupações urbanas e rurais em cidades pequenas e médias por parte do poder público, resultando em poucas informações sobre a luta por moradia e os processos de regularização ou reintegração de posse.

Ao longo da pesquisa sobre a origem e os processos de regularização das ocupações, ficou evidente a distinção entre os atores envolvidos: nas ocupações urbanas, há a presença de assessorias técnicas, o MTST e o diálogo com a prefeitura; já nas ocupações rurais, o diálogo é predominantemente com o INCRA. No período do surgimento das ocupações analisadas, destacam-se os efeitos do desmonte do PMCMV, em 2016, e da Lei de REURB, que redirecionaram as ocupações urbanas para a luta pela permanência, em vez do acesso a programas habitacionais.

Por fim, acompanhando a trajetória das cinco mulheres atuantes na luta por terra e moradia, é possível compreender a respeito da inserção das mulheres na luta por moradia. A presença dessas lideranças não apenas fortalece a confiança e a mobilização entre os moradores, mas também transforma as ocupações em espaços de engajamento político para as mulheres.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa Unificado de Bolsas de Estudos para Apoio à Formação de Estudantes de Graduação (PUB-USP), que financiou a presente pesquisa. À orientação da Profª Dra. Lúcia Zanin Shimbo e à coorientação da doutoranda Tatiane Boisa Garcia. Às lideranças femininas que contribuíram com o caminhar desta pesquisa, compartilhando sua trajetória de vida.

REFERÊNCIAS

BREDA, Thalles Vichiato. **Changes in Contemporary Brazilian Housing Policy: The Dismantling of Social Housing and Grassroots Mobilization.** Metropolitcs.

_____. **O campo da política habitacional no último desmanche: ocupações, movimentos sociais e ativismo identitário.** Tese (Pós graduação em Sociologia) - Departamento de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. Bauhaus-Universität Weimar. São Carlos, 2023.

BARROS, Mariana (Org.) **Formas precárias de habitação em cidades do interior paulista: contexto, ações e desafios para o campo de ATHIS.** São Paulo, SP: Associação Projeto Gerações, 2022.

GARCIA, Tatiane Boisa; AGUIAR, Maiara Oliveira Silva. **Os conflitos pela terra:** processos jurídicos e administrativos de assentamentos precários em Ribeirão Preto. In: SHIMBO, Lúcia Zanin (Org.). A cidade em portfólio: Superprodução da habitação e fronteiras da financeirização imobiliária. Rio de Janeiro, Letra Capital, No prelo.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (INCRA). **Assentamentos.** Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/reforma-agraria/assentamentos>. Acesso em: 13 nov. 2024.

SAVAREGO, Júlia Aricó. **Grupos de pesquisa e o saber científico.** Cuidado e resistência frente às políticas de expulsão: o tratar da terra e sua centralidade para a luta do Acampamento Capão das Antas (São Carlos-SP), p. 145. 2022

PLHIS, Plano Local de Habitação de Interesse Social. Etapa 2. Diagnóstico - Parte 2: Necessidades e oferta habitacionais. São Carlos, 2010. Disponível em: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/plhis-sao-carlos.html>

VIANA, Larissa de Alcantara. **Chão, pó, poeira:** a produção social do espaço a partir de ocupações recentes na cidade de São Paulo. 2020. Tese (Doutorado em Habitat) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, University of São Paulo, São Paulo, 2020. doi:10.11606/T.16.2020.tde-01042021-232909. Acesso em: 2024-08-30.

A PAISAGEM COMO ALIMENTO NA CIDADE CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO DOS FUNDOS DE VALE EM BAURU-SP

Landscape as food in the contemporary city: a study of valley bottoms in Bauru-SP

El paisaje como alimento en la ciudad contemporánea: un estudio de los fondos de valle en Bauru-SP

Palavras-chave: Arquitetura da Paisagem; Fundos de Vale; *Lost Landscapes*; Paisagens Produtivas.

Ryller Chrystian de Andrade Veríssimo

Especialista em Planejamento Urbano e Políticas Públicas pela FAAC.UNESP

Mestrando em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP

E-mail: ryllerverissimo@usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3425901042572004>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2264-7425>

Luciana Bongiovanni Martins Schenk

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela EESC.USP

Professora Doutora no IAU.USP

E-mail: lucianas@sc.usp.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3384491853267540>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7944-7782>

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa se desenvolve a partir de uma conjuntura de desafios socioculturais, ambientais e urbanos — balizados pela relação entre alimento e cidade — e intensificados pelo movimento acentuado da urbanização, que ocasionou o elevado crescimento demográfico urbano¹ e a difusão do modelo de cidade dispersa (SPOSITO, 2009). Essa discussão se insere no âmbito global ao incorporar o agravamento da crise climática, associado às preocupações a respeito da segurança alimentar, que atestam a necessidade de um modelo de desenvolvimento sustentável e salutar para as cidades.

Em função do quadro problemático mencionado, fomenta-se o desejo de conquista de áreas de projeto que sejam capazes de construir possíveis alternativas de planejamento e projeto de paisagem, mitigando os conflitos entre a expansão urbana e as lógicas da natureza. Nessa jornada, o campo disciplinar da Arquitetura da Paisagem se apresenta como um meio profícuo para compreender os processos contemporâneos enfrentados pela cidade e a produção espacial, social, política e cultural da paisagem.

Através dessas considerações, os vazios urbanos se mostram como lugares alternativos para o devir. Como espaços do possível, da potência, da expectativa, em si carregam uma sensibilidade singular e, de algum modo, representam resistência a tendências homogeneizantes. A ideia, portanto, não busca a apropriação desses espaços obsoletos, a fim de propor intervenções que os funcionalizem radicalmente, mas, na verdade, de estabelecer um paradigma que os mantenham como espaços de resistência, de liberdade, de integração entre história e memória (SOLÀ-MORALES, 2002).

Essas ponderações, que podem ser recorrentes em várias cidades, são trazidas para um recorte de estudo, em uma cidade média brasileira, investigando os fundos de vale em Bauru/SP. Ao analisar esses espaços livres no presente, na situação de vazios urbanos, é possível associá-los às chamadas *Lost Landscapes*², que dizem respeito aos processos que as paisagens sofrem no decorrer do tempo, alterando suas dinâmicas, tidas como desafios na articulação com a contemporaneidade, marginalizadas na cultura da sociedade atual. Essa falta de interesse resulta, de modo progressivo, na degradação desses espaços livres (HÄYRYNEN, 2014).

A compreensão desse movimento, e o consequente desejo de reabilitar esses espaços para a dinâmica urbana, busca preservar a memória desses lugares e ressignificar essas paisagens. Ao evidenciar potenciais para futuros desejados, agencia-se a ideia de Paisagem Produtiva. O

¹ A ONU estima que até 2050 cerca de 70% da população do planeta será urbana. Ver em: NAÇÕES UNIDAS. ONU prevê que as cidades abarcarão 70% da população mundial até 2050. **ONU NEWS**, 2019. Disponível em: < <https://news.un.org/pt/story/2019/02/1660701>>. Acesso em: 10 dez. 2023.

² Locução com significado metafórico e conceitual no original, ainda busca consolidar sua tradução para a língua portuguesa, foi o tema discutido na Conferência Internacional da Associação Italiana de Arquitetura da Paisagem e da Assembleia Geral da IFLA Europa 2023. Ver em: IFLA EUROPE. **Resolution 'LOST LANDSCAPES'**, 2023.

conceito alinha estratégias para uma paisagem sistêmica, com diferentes tipos de usos engendrados na multiescalaridade, incluindo produção de alimentos, mobilidade sustentável, lazer, educação e saúde (BOHN e VILJOEN, 2005).

2. OBJETIVOS

O estudo busca compreender os processos contemporâneos enfrentados pelos espaços livres em Bauru-SP, sobretudo os fundos de vale, transitando entre conflitos, desafios e potencialidades, visando consubstanciar a relação entre alimento e cidade, e, concomitantemente, investigar possíveis alternativas para mitigar os problemas de origem sociocultural, ambiental e urbana, transformando as *Lost Landscapes*, sob a ótica da Paisagem Produtiva.

3. METODOLOGIA

Para estruturar este estudo, vem sendo desenvolvida uma pesquisa de caráter exploratório, adotando como método o estudo de caso (YIN, 2001, p.32). Dessa forma, adota múltiplas fontes de evidência e ferramentas: materiais bibliográficos e documentais, que permitem a construção de um panorama histórico e contemporâneo sobre a relação alimento e cidade, bem como as agendas globais, documentos e políticas públicas; e as observações diretas que articulam procedimentos de leituras e interseccionam informações de distintas naturezas que conspiram na compreensão da paisagem e permitem o trânsito das escalas do plano ao fenômeno (SCHENK e LIMA, 2019).

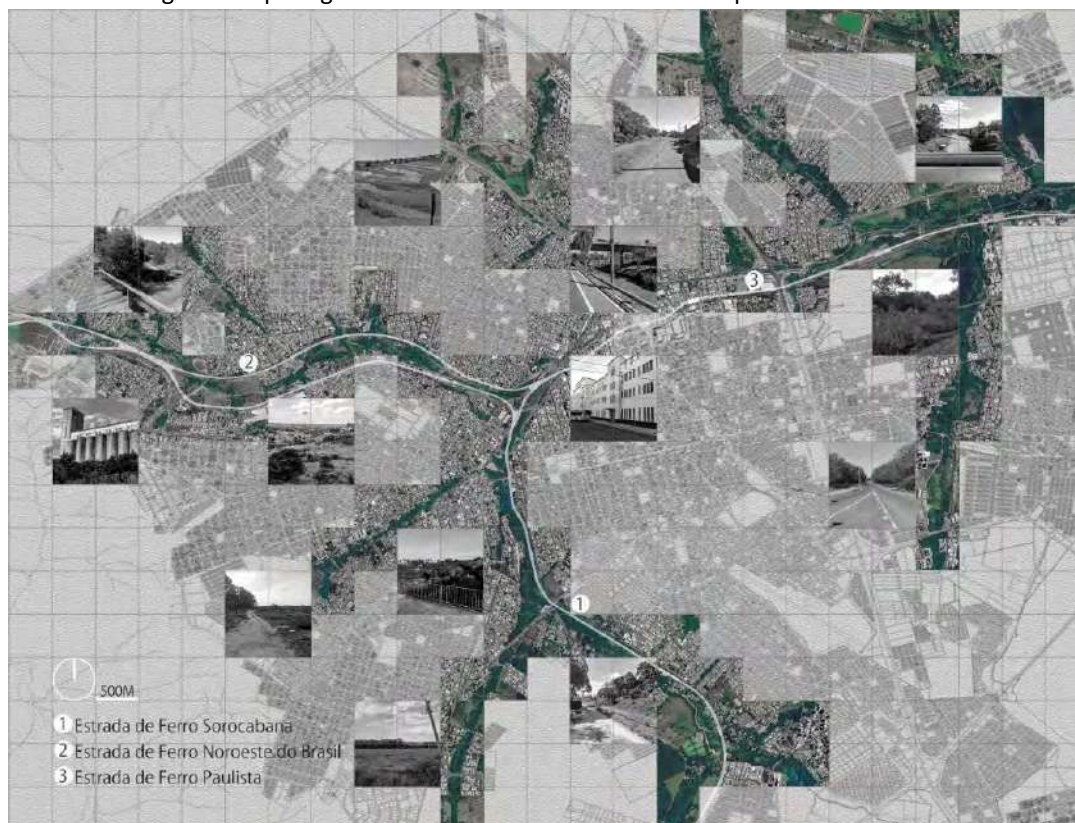
4. RESULTADOS PARCIAIS E CONSIDERAÇÕES

A pesquisa se desdobra sobre um fenômeno contemporâneo, mas antes foi necessário estabelecer um breve panorama histórico que enfatizou que a relação entre alimento e cidade não é uma questão inaugural e ganhou amplitude sobretudo a partir da Revolução Industrial. Na cidade densa, insalubre e movida pela mecanização, houve um distanciamento entre o alimento e as pessoas, afastando a imagem dos quintais produtivos, das hortas e pomares domésticos (MUMFORD, 1961).

Nesse percurso, destacam-se as figuras de dois pioneiros que representaram, de alguma forma, uma resistência a esse processo. Ebenezer Howard e Leberecht Migge atuaram respectivamente no Reino Unido na viragem do século XX e na Alemanha no início do século XX, abordando a relação entre alimento e cidade, envolvendo aspectos sociais, urbano-rurais e políticos. Dos *greenbelts* de Howard (1996) ao ideal de autossuficiência de Migge (1919), essas questões ainda não foram superadas na atualidade. Tem-se um interesse renovado que desponta hodiernamente através de ideias como as Paisagens Urbanas Produtivas Contínuas

(CPULs³), termo cunhado pelos arquitetos Bohn e Viljoen (2005). Essa discussão tem ganhado robustez em conferências, agendas e compromissos globais, reiterando um esforço na busca por alternativas aos desafios relatados⁴.

Figura 1: A paisagem dos fundos de vale em Bauru-SP: potências e desafios



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024; a partir de Mapa Base da SEPLAN Bauru, 2013; Imagens de Satélite e de Street View do Google Earth Pro, 2024; fotografias de acervo do autor, 2024.

Ao estabelecer um recorte nos fundos de vale em Bauru (Figura 01), o estudo encontra áreas que possibilitam articular essas demandas com os aspectos da paisagem local. Ao longo da história, os fundos de vale foram tidos como empecilho aos vetores de expansão da cidade, através da imposição de um traçado quadriculado que desconsiderou a sua morfologia, ocasionando a fragmentação urbana, reiterada com a chegada das ferrovias e, depois, das rodovias (CONSTANTINO, 2005; GHIRARDELLO, 2020).

Dessa forma, a obsolescência das estruturas ferroviárias contribuiu com a imagem de *Lost Landscapes*. Por outro lado, evidencia-se esses espaços como potência de transformação, criando Paisagens Produtivas. Trata-se de um **planejamento com a paisagem** que tem como

³ **Continuous Productive Urban Landscapes.**

⁴ A exemplo, a exposição universal Expo Milano, em 2015, abordou a temática *Nutrire il Pianeta, Energia per la Vita*; e o 53º Congresso Mundial do IFLA, em 2016, abordou o tema *Tasting the Landscape*, que estão em consonância com as estratégias da *Food and Agriculture Organization* e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, inseridos na Agenda 2030 da ONU.

elemento estruturante os fundos de vale e que se capilariza pelos terrenos baldios, pelos quintais, pelas zonas industriais abandonadas ou subutilizadas, pelos espaços educacionais e de saúde, pelos terrenos públicos e pelas franjas periféricas — unindo, a um só tempo, benefícios socioeconômicos-culturais-ambientais.

Portanto, a discussão se delinea a partir da possibilidade de transição de *Lost Landscapes* para Paisagens Produtivas, em um movimento que é dinâmico e viável através de políticas públicas transversais que considerem a paisagem como elemento fundamental do processo de planejamento. Para tanto, os passos futuros vão ao encontro da ideia de compreender e analisar possíveis espaços para que essa transformação ocorra, permitindo assim que se crie subsídios para que possam ser destinadas novas diretrizes para esses espaços livres.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

- BOHN, K; VILJOEN, A. Carrot and City: The Concept of CPULs. *In*: VILJOEN, André (org) . **Continuous Productive Urban Landscapes**: Designing urban agriculture for sustainable cities. Oxford: Architectural Press, Elsevier, 2005, p. 01-15.
- CONSTANTINO, N. R. T. **A construção da paisagem de fundos de vale**: o caso de Bauru. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- GHIRARDELLO, N. **Bauru em temas urbanos**. Tupã: Editora ANAP, 2020
- HÄYRYNEN, M. Lost landscapes: degraded landscape as anti-landscape. *In*: NYE, D. E.; ELKIND, S. (orgs.). **The Anti-Landscape**. Amsterdam: Brill | Rodopi, p. 149-158, 2014.
- HOWARD, E. **Cidades-Jardins de amanhã**. Tradução: Marco Aurélio Lagonego, Introdução: Dácio Araújo Benedito Otoni. São Paulo: Hucitec, 1996.
- LEBERECHT, M. **Jedermann Selbstversorger** – Eine Lösung der Siedlungsfrage durch neuen Gartenbau, Jena: Verlag Eugen Diederichs, 1919
- MUMFORD, L. **The City in History**: its origins, its transformations, and its prospects. New York : Harcourt, Brace & World, 1961.
- SCHENK, L. B. M.; LIMA, M. C. P. B. de. O Método Cartográfico no projeto da Arquitetura da Paisagem. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 26-40, 2019
- SOLÁ-MORALES, I. **Territórios**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002.
- SPOSITO, M. E. B. **Urbanização difusa e cidades dispersas**: perspectivas espaço-temporais. *In*: REIS, N. G. Sobre dispersão urbana. São Paulo: Via das Artes, 2009. p. 38-54.
- YIN, R. K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. 2ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

CIDADE E ÁGUA NA AMAZÔNIA: URBANIZAÇÃO DAS ÁREAS ÚMIDAS EM MACAPÁ-AP

City and water in the amazon: urbanization of wetlands in Macapá-AP

Ciudad y agua en el amazonas: urbanización de las áreas húmedas en Macapá-AP

Palavras-chave: Planejamento Urbano; Políticas Públicas; Palafitas; Cultura Ribeirinha.

Ana Paula Cascaes Rodrigues

Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU.USP
E-mail: ana.cascaes@usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6546956298155894>
Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-2405-5080>

Jeferson Cristiano Tavares

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela EESC.USP
E-mail: jctavares@usp.br
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0229983783255719>
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2482-0380>

1. INTRODUÇÃO

Considerando a região amazônica e suas cidades, o primeiro aspecto mais comumente associado a este contexto é o ambiental, a importância da preservação, da utilização mais consciente e equilibrada de seus recursos naturais e o desenvolvimento sustentável. Contudo, o aspecto ambiental é uma das diversas nuances que compõe o panorama da região amazônica. As questões ambientais por si só não são o único elo que se destaca na realidade vivida por seus habitantes, existem outras proximidades que compõem o contexto regional, como: a morfologia única destas cidades quase sempre entrecortadas por extensos e numerosos cursos d'água, ou seja, a relação cidade e água, os traços marcantes dos povos tradicionais da floresta que ainda possuem influência e os padrões de urbanização diferenciados que intrigam e engendram debates sobre a conciliação entre o meio urbano e o meio natural.

Entre as muitas aproximações que existem entre as cidades amazônicas brasileiras a que será discutida com mais ênfase neste trabalho é a relação entre a cidade e o rio e os principais reflexos desta relação nos níveis cultural, social e ambiental levando em conta também questões como saúde, bem-estar, políticas públicas e infraestrutura urbana. Em meio a esta relação tão singular entre os rios e tecidos urbanos a questão habitacional possui grande impacto, pois existe um movimento significativo de ocupação de áreas úmidas por parte da população mais pobre destas cidades, o que por sua vez faz surgir grandes assentamentos conhecidos como comunidades urbanas pelo IBGE. Estas ocupações surgem da dificuldade de acesso ao mercado formal de terras, resultando no ato de habitar áreas mais baratas ou *non aedificandi*, geralmente áreas de vulnerabilidade ambiental protegidas por lei. E deste conflito entre rio e moradia resulta uma série de questões como: contaminação dos rios, saneamento precário, falta de segurança e infraestrutura adequada de mobilidade, precariedade habitacional e inundações causadas pela mudança de regime de chuvas e aterramento de áreas úmidas.

Dentro desse panorama este trabalho objetiva compreender os tecidos urbanos em áreas úmidas a partir do contexto da cidade de Macapá, capital do Amapá, discutindo a hipótese de que as ocupações em áreas úmidas na Amazônia correspondem a uma base cultural e social característica, o que por sua vez permite inferir que esta questão ultrapassa aspectos habitacionais, configurando-se na verdade como uma estrutura de cidade, um padrão de urbanização próprio e que possui importância em escala regional, mesmo com as dificuldades sociais e ambientais que envolvem a questão.

Este trabalho está dividido em três partes que contemplam três escalas diferentes: regional, local e comunidade. Na dimensão regional objetiva-se compreender a trajetória de urbanização da região amazônica, desde a sua origem no período colonial até os dias atuais, pois serão estas reflexões de aporte histórico que irão auxiliar no reconhecimento de

proximidades dentro deste território, tanto de potenciais quanto de dificuldades, gerando discussões que irão fornecer percepções iniciais para introduzir as questões e desafios que permeiam as cidades amazônicas.

Um dos pontos marcantes desta trajetória são os traços colonialistas envolvidos a maioria dos projetos pensados para o território amazônico, que se pautam na exploração dos recursos naturais e aumento do poderio econômico de um grupo específico, de maior poder aquisitivo, deixando para trás danos sociais, ambientais e econômicos aos habitantes da própria região (Becker, 2013). Nota-se assim, que apesar do tempo transcorrido a história atual da Amazônia continua transpassada por conflitos, exploração, descaracterização e desterritorialização de seus povos tradicionais.

Na segunda parte o ponto de destaque é a dimensão local que visa o aprofundamento no contexto do recorte territorial, a cidade de Macapá, que possui uma geografia peculiar com uma dinâmica interessante entre tecido urbano e a água, pois a cidade encontra-se no meio de duas grandes bacias hidrográficas que tem como característica a presença das chamadas áreas de ressaca, espaços úmidos que funcionam como “reservatórios naturais de água, caracterizados por um ecossistema complexo e distinto, sofrendo os efeitos da ação das marés, por meio da rede formada de canais e igarapés e ciclos sazonais da chuva” (Portilho, 2010, p. 3).

Neste item a ênfase é na trajetória da urbanização de Macapá, com destaque na origem e desenvolvimento da dinâmica de ocupação das áreas úmidas, destacando as particularidades que envolvem a questão. No caso de Macapá tais particularidades partem de processos específicos que precisam ser compreendidos no âmbito local, pois nesse contexto tais áreas possuem funções ambientais, sociais e culturais, mesmo estando submetidas a problemas ambientais e sociais, dentre eles fatores segregacionistas, tal como as favelas em outras cidades do Brasil.

Historicamente a ocupação das áreas de úmidas em Macapá iniciou-se com o crescimento urbano acelerado, impulsionado pela criação do Território Federal do Amapá em 1944 e uma série de outros projetos de desenvolvimento econômico. Entre eles um dos principais foi o projeto ICOMI, a Indústria de Mineração e Comércio que trabalhou na exploração de manganês no Amapá de 1957 a 1998. Todas essas novas iniciativas fizeram de Macapá uma espécie de “terra das oportunidades” o que por sua vez ocasionou movimentos de migração, principalmente do Estado do Pará, incluindo a capital, mas particularmente as ilhas próximas de Macapá habitadas por comunidades ribeirinhas (Ferreira, 2008). Esta ação teve reflexo direto sobre o crescimento das ocupações em áreas úmidas.

Por fim, a última parte que ainda se encontra em construção, pretende-se abordar a escala da comunidade por meio do estudo de quatro ocupações em áreas úmidas da cidade de Macapá, permitindo a imersão no cotidiano dos moradores destes espaços, proporcionando uma visão mais aprofundada da questão, demonstrando as tipologias que envolvem estes

espaços e que referem-se principalmente à forma como evoluíram, ao nível de antropização e à morfologia destes tecidos urbanos, para buscar compreender mais claramente as características e particularidades deste tipo de ocupação no contexto amazônico.

2. OBJETIVOS

Como já foi brevemente citado na introdução, esta pesquisa objetiva compreender a relação cidade e água no território amazônico, analisando origens, motivações e características do processo de urbanização de áreas úmidas, a partir do recorte territorial da cidade de Macapá - AP. Deste direcionamento central surgem outros objetivos importantes para o desenvolvimento deste trabalho que envolvem as escalas já mencionadas (regional, local e comunidade). Estes são: entender a trajetória da urbanização amazônica para estabelecer proximidades tanto de potenciais quanto de problemáticas entre as cidades deste contexto; compreender como ocorreu historicamente a ocupação de áreas úmidas (áreas de ressaca) dentro do contexto urbano de Macapá - AP; analisar como o Estado tem atuado em relação às ocupações em áreas úmidas de Macapá-AP e ponderar sobre potencialidades, precariedades e o aspecto cultural deste padrão de urbanização.

3. MÉTODO

A metodologia utilizada utilizará a abordagem histórica para entender as transformações dos padrões de ocupação sobre as áreas úmidas no contexto regional e no estudo de caso sobre Macapá, além de pesquisa de campo, para realizar levantamentos e coleta de dados in loco para compreender os reflexos do processo histórico de ocupação na contemporaneidade.

As principais ferramentas serão a revisão bibliográfica, com o levantamento de pesquisas existentes como artigos, dissertações e teses sobre as ocupações em áreas úmidas no território amazônico; análise documental, com levantamento de dados e imagens históricas, jornais de época, planos diretores e instrumentos de políticas públicas principalmente nas áreas de habitação, saúde e meio ambiente; observação sistemática e não-participante, com levantamento de campo para a observação do modo de vida nas áreas úmidas e entrevistas semiestruturadas realizadas com os habitantes das áreas para captar suas percepções sobre a questão e como se relacionam com espaço.

O método que será utilizado para analisar os dados das entrevistas será a análise de conteúdo, uma ferramenta de pesquisa qualitativa que irá auxiliar a identificar e quantificar palavras chaves que envolvam assuntos e/ou conceitos em comum que forem observados durante as entrevistas realizadas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho visa contribuir com reflexões sobre o padrão de urbanização amazônico e a valorização do mesmo, repensando ações como a importação desmedida de modelos arquitetônicos e de planejamento urbano incompatíveis com a realidade das cidades amazônicas e suas áreas úmidas, vislumbrando possibilidades futuras de discussões de infraestruturas, tecnologias e estratégias de planejamento mais adequadas ao contexto das questões socioambientais que envolvem o cotidiano destas cidades, construindo uma nova relação entre meio natural e meio urbanizado.

REFERÊNCIAS

BECKER, Bertha. **A urbe amazônica**: a floresta e a cidade. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2013.

DE SOUZA, Luana Rocha. **Cartografia das controvérsias**: entre ação direta e luta institucional na produção de uma ocupação informal em palafitas na cidade de Macapá (AP). Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura, e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2019. Orientação: Prof. Dr. Frederico Canuto.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. **Amazônia**: estado, homem, natureza. Belém: Edições CEJUP, 1992.

MACAPÁ. Lei n. 026, de 20 de janeiro de 2004. **Plano diretor de desenvolvimento urbano e ambiental de Macapá**. Diário Oficial do Município, Macapá, 2004.

MATSUNAGA, Melissa Kikumi. **Quando a água vira cidade**: urbanização e moradia em Macapá, AP. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – UFRJ. Rio de Janeiro, 2021. Orientação: Profa. Dra. Eliane da Silva Bessa.

MENDONÇA, Letícia Scheer et al. Palafita: A vida sobre as águas da cidade de Macapá. In: [Organização Jodival Mauricio da Costa]. **Estudos urbanos e regionais no trópico úmido: pensando a cidade amazônica na contemporaneidade**. Macapá: UNIFAP, 2016. pp. 9 – 22.

PANDOLFO, Clara. **Amazônia Brasileira**: ocupação, desenvolvimento e perspectivas atuais. Belém: Edições CEJUP, 1994.

PORTILHO, Ivone. **Áreas de Ressaca e Dinâmica Urbana em Macapá/AP**. Tese (Doutorado em Geografia). UNESP. Rio Claro, 2010.

SIMONIAN, Ligia. Palafitas, estivas e sua imagética na contemporaneidade urbano rural da Pan-Amazônia (Paper 267). **Papers do NAEA**. Belém: Vol. 1, N. 1, pp. 4 a 27, 2010.

TOSTES, José Alberto; DA JUSTA, Antônio Feijão; MOURA, Cássia Ingrid Rosa. A paisagem cultural da cidade de Macapá: o rio comanda a vida. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**. Tupã: Vol. 5, N. 34, pp. 119 – 131, 2018.

